César Costa
O Guerreiro de
Aukazland

O Guerreiro de Aukazland

César Costa

Edição Digital
2014

Copyright © 2014 César Costa

Título: O Guerreiro de Aukazland

Revisão: César Costa

Capa: Mila Wander

Diagramação: César Costa

Edição Digital

Costa, César

O Guerreiro de Aukazland / César Costa

350 p.; II.

1. Literatura brasileira; 2. Fantasia; 3. Romance; I. título

César Costa

http://www.cesarcosta.tk

Índice

Sinopse
Sobre o Autor
Capítulo 1 - O Nascer de Um Guerreiro
Capítulo 2 - Rumo ao Desconhecido
Capítulo 3 - Cavernas e Corredores
Capítulo 4 – Um Estranho Habitante
Capítulo 5 - Inesperada Companhia
Capítulo 6 - A Floresta Secreta
Capítulo 7 – Reencontro
Capítulo 8 – Doce e Amarga Vingança
Capítulo 9 - A Caminho da Vila do Sol
Capítulo 10 – Vagas Lembranças
Capítulo 11 – Rumando Para Casa
Capítulo 12 – O Livro da Genealogia
Capítulo 13 – Caminhos Cruzados
Capítulo 14 – Recomeços
Capítulo 15 - O Chefe do Conselho
Capítulo 16 – A Guerra dos Povos

Sinopse

Neste livro, um jovem guerreiro chamado Pistorius se vê obrigado a lutar para escapar das mais adversas situações. Após perder sua família, ele se descobre sozinho no mundo e parte rumo a terras desconhecidas procurando por seu último parente vivo.

Com estranhos poderes, esse jovem consegue superar obstáculos e mostrar seu valor a cada combate, criando assim uma legião de admiradores por onde passa. Orientado pelo mago Kitle, Pistorius embarca em uma aventura que tem como objetivo encontrar um cristal que será uma arma fundamental para evitar a eclosão de uma guerra.

Quando todas as peças parecem se encaixar prepare-se, pois será revelada uma nova pista que levará Pistorius a saber a verdade sobre si, sua família e sobre o destino do mundo.

.

Sobre o Autor

César Rodrigo Mendonça da Costa nasceu em 14 de Dezembro de 1980, na cidade de Resende-RJ, onde vive atualmente com a esposa e seus dois filhos. Bacharel em Sistemas de Informação, flerta com a escrita desde a adolescência, compondo músicas, escrevendo contos, poemas e outras histórias que vão da fantasia ao romance policial. Vencedor do Concurso de Novelas Históricas/ Bahia-2012, com o livro "2 de Julho - Uma História de Liberdade", além desse, é também autor dos livros “O Guerreiro de Aukazland”, "O Sequestro", "Lado A e Lado B - Retalhos de Uma História de Amor", "Estocolmo, Segredos de Uma Vida" e "Os Casos Ocultos de Sherlock Holmes". Participa das coletâneas: Em Contos de Amor, com o conto "Face a Face" Com o Amor, A Morte do Outro Lado da Luneta, com o conto "A Emboscada", Do Céu ao Inferno, com o conto "O Filho da Serpente", Os Matadores Mais Cruéis Que Conheci II, com o conto "A Testemunha", Histórias Para Ler No Cemitério, com o conto "O Mistério da Senhora Woodson", Antologia Tupãense, com o conto "O Contrato", Nova Literatura Brasileira, com o poema "Pensamentos Sobre Um Amor" e do Micro Contos de Humor IV, com o micro conto "A Primeira Vez". Tem na leitura e em séries televisivas o seu hobby.

Além do prêmio de Novelas Históricas, recebeu o prêmio Macedo Miranda/2013 como destaque na área de literatura.

Capítulo 1 - O Nascer de Um Guerreiro

Meu nome é Pistorius, sou apenas um velho agora e, finalmente, tenho a possibilidade de trocar a espada pela pena para registrar as coisas que vi e vivi, de modo a permitir que minhas futuras gerações possam saber quem eu sou. Apesar de já haver passado muitos anos desde os fatos que irei relatar, ainda consigo, com algum esforço, recordar como tudo aconteceu. Era apenas um jovem com dezenove anos, porém naquela época, essa já era a idade suficiente para um rapaz como eu se tornar um guerreiro. Minha mãe e eu vivíamos em uma aldeia muito isolada, um lugar de pessoas hospitaleiras e pacatas, uma vila chamada Aukazland. Levávamos uma vida boa, cercados de amigos que, devido à convivência harmoniosa que tínhamos, eram como uma parte de nossa família.

Tínhamos uma vida normal e pacata, nosso dia a dia não exigia mais do que as tarefas no campo, cuidar dos animais, caçar, pescar. As mulheres da vila passavam seu tempo cuidando da casa e ensinando as crianças a fazerem os serviços domésticos: Sim, até mesmo os garotos em Aukazland aprendiam a cuidar de um lar, cozinhar, costurar, fabricar peças de argila, entre outras coisas. Isso era necessário devido ao fato de que muitos acabavam partindo para as guerras e precisavam saber como realizar as tarefas mais básicas. Os homens da vila, por sua vez, além de proverem o sustendo do lar, ensinavam as crianças como combater, manejar espadas, lanças, fundas, arco e flecha. Essa educação, no entanto, não era dada às meninas, consideradas puras e sagradas demais, para serem corrompidas com o ensino da arte de matar e guerrear. Eventualmente, após adultas, as que quisessem poderiam aprender tal atividade.

Aukazland era um lugar fundado por antigos guerreiros, na verdade, os melhores que já caminharam por esta Terra. Pelo menos foi isso que sempre aprendi. Entretanto, apesar da grandeza de seus fundadores, não era um local de grande importância para nossa civilização. Não era um grande centro de comércio, ou ainda um ponto de passagem importante para os viajantes. Porém, era uma vila próspera, com muitas fazendas, criação de gado, galinhas, porcos e toda espécie de animais. Frequentemente, pequenas caravanas partiam de lá, rumo a Neoland e os homens retornavam repletos de peças de ouro, prata, bronze e cobre. Sua segurança era reforçada por alguns dos melhores homens da cidade, devido aos inúmeros grupos de ladrões e assassinos que circulavam pelas estradas.

Enfim, de um modo geral, posso afirmar que tínhamos uma vida tranquila, sem muitas regalias, mas não existia pobres entre nós, não necessitávamos de líderes que nos governassem, pois todos se respeitavam e conheciam os limites de sua liberdade. Não consigo pensar num lugar melhor onde pudesse ter vivido meus primeiros dezenove anos de vida. Contudo, apesar de toda paz e harmonia que gozávamos, aprendi que o mundo não é e jamais será um lugar perfeito onde poderemos viver tranquilamente até voltarmos ao pó e reencontrarmos nosso Criador... E aqui se inicia a história de como deixei de ser um simples rapaz num vilarejo, para me tornar um dos mais aclamados guerreiros da atualidade.

- Assassinos! – gritou o atalaia, dando o aviso para que todos se preparassem.

- Corram todos, eles estão chegando! – gritou outro.

A correria pela vila logo se tornou um caos. As pessoas tentavam recolher-se em suas residências, procuravam fugir para os campos, enfim livrar-se da ameaça que se aproximava. Eu estava deitado, descansando após ter cuidado do gado durante toda a manhã, quando minha mãe entrou quase sem fôlego em casa.

- Pistorius, meu filho, corra para bem longe para se salvar!

Ela pegou minhas mãos e me ergueu. Saímos correndo pela rua, uma enorme nuvem de poeira havia

se formado. Várias pessoas corriam e muitas nos esbarravam. Logo fui arrastado por uma pequena multidão. Minha mãe soltou minha mão, dizendo que seguisse para a floresta, pois ela precisava voltar à nossa casa, mas logo estaria comigo.

- Mãe? Mãe? Onde estás que não consigo ver-te? – gritei enquanto era empurrado na direção oposta.

Ouvi-a gritar alguma coisa, mas não conseguia compreender o que dizia, apenas compreendi que ela insistia para que eu fugisse sem olhar para trás.

- Mãe!? Mããããããããeeee! – gritei, na esperança de que ela me ouvisse e me acompanhasse.

Naquele dia, fomos atacados por um grupo de ladrões, eram muitos, cerca de cinquenta. Poderíamos ter resistido ao ataque se estivéssemos de sobreaviso, mas a surpresa foi uma arma poderosa a serviço do inimigo. Eram liderados por um homem muito cruel, pois matava mulheres e crianças sem nenhuma piedade. Jamais ouvira falar daquele sujeito e gostaria que as coisas tivessem permanecido dessa maneira. Os bandidos foram impiedosos, atacaram homens, mulheres, crianças e idosos, não pouparam qualquer um a que tiveram a chance de matar. Como uma caravana de homens havia partido recentemente, o contingente estava muito diminuído, e não foi capaz de fazer frente a tamanho massacre.

Os invasores saquearam tudo e ainda levaram algumas mulheres, provavelmente para transformá-las em suas escravas. Quando se deu por satisfeito, o bando partiu, deixando apenas alguns poucos vivos para trás, pois não foi de seu interesse vasculhar as matas ao redor em busca de sobreviventes. Por sorte ou azar, não sei, um dos que não pereceu nesse dia fui eu. Não que me orgulhe disso, pois tive que agir como um covarde, correr e me esconder, mas pensei que, se minha mãe sobrevivesse, ela precisaria mais de mim vivo do que morto. Corri até minha casa que ardia em chamas, provavelmente o fogo que minha mãe fizera para cozinhar alguns alimentos havia se espalhado com a confusão. Vi algo caído num canto de um dos cômodos. Com algum esforço diminuí um pouco as chamas, usando o cobertor com o qual me cobria quando a confusão começou e, com a ajuda de uma haste de madeira, empurrei para longe das chamas aquilo que vira em meio ao incêndio.

Tive uma visão horrível. Era o corpo queimado de uma mulher. As lágrimas escorreram automaticamente pelo meu rosto, comecei a tremer, senti as pernas falharem e meu coração ficou apertado. Não me restavam mais dúvidas: Minha mãe havia morrido. Sentei-me no chão e lamentei. Meus gritos ecoaram pela vila vazia e destruída. Simplesmente não saberia o que fazer, nem para onde ir. Com minha mãe assassinada por um grupo de ladrões, e não tendo um pai, pois este havia falecido logo que nasci, eu não possuía nenhum outro parente. Peguei uma vasilha e tentei abafar o fogo jogando areia sobre ele, mas era tarde demais, a casa já começava a se cair, pois as chamas haviam abalado suas estruturas.

Saí de casa, antes que o fogo terminasse de se espalhar e caminhei cabisbaixo pela vila. Estava tudo desolado! O som do clamor, do choro e do ranger de dentes, se espalhava pelo lugar. Os poucos sobreviventes lamentavam pelos seus mortos e por suas vidas destruídas. Nada fazia lembrar o feliz povoado que antes existia ali. Meu peito ardia, minha cabeça doía e meus olhos lavavam meu rosto com as lágrimas. Contudo, apesar de todo meu sofrimento, só conseguia pensar em uma coisa: Vingança... Mas, como? Eu era apenas um rapaz inexperiente e sequer sabia de quem se tratavam os animais responsáveis por tamanho desastre.

Sem família, casa e opções, recordei-me que uma vez minha mãe havia falado sobre um parente que ainda nos restava. Um tio que morava num lugar distante, além das terras do norte, segundo as últimas informações que ela recebera do paradeiro dele e de sua família. Nas condições em que me encontrava, restava-me apenas um caminho a seguir: Buscar abrigo com meu tio, isso se ele ainda morasse no mesmo lugar e se eu conseguisse chegar até ele, visto que não havia viajado muito em minha vida e, ainda assim, quando o fizera fora apenas para lugares próximos.

Decidido a seguir essa ideia, fui até os fundos de minha casa, agora completamente destruída pelo incêndio, peguei uma pequena pá de madeira, que estava junto às demais ferramentas e pus-me a cavar, até que encontrei uma grande caixa de madeira enterrada. Terminei de cavar de modo a desobstruí-la, retirei a pesada tampa e vislumbrei a excepcional vestimenta. Retirei da caixa e vesti a armadura de meu pai, feita de um metal muito duro, trabalhada com ouro e muitos detalhes em prata. Felizmente, por estar escondida, ela não havia sido pilhada pelos bandidos, nem prejudicada pelas chamas.

Como eu tinha boa estatura e um excelente preparo físico, a armadura de meu pai serviu-me com certa precisão. Dentro da grande caixa, peguei também a espada, que não ficava atrás da armadura, em beleza e detalhamentos. Preparando-me da melhor maneira que pude, buscando orientar-me pelo sol e pelas estrelas, parti então em direção às terras do norte. Naquela altura, eu não poderia imaginar, mas estava prestes a enfrentar uma dura jornada que me traria grandes surpresas e desafios.

Após caminhar por alguns dias, racionando a parca provisão que consegui reunir, cheguei a Neoland, uma aldeia muito maior e mais desenvolvida que o vilarejo aonde eu vivia. As notícias já haviam chegado até ali, e os homens de Aukazland já haviam retornado para o que restara de seus lares. Encontrei com alguns deles pelo caminho e expliquei-lhes melhor o que havia acontecido. Desesperados, partiam para lá, tentando reencontrar suas família e o que sobrara de suas posses.

Além de maior e mais desenvolvida, Neoland de forma alguma era tão calma, ordeira e hospitaleira como Aukazland. Havia muito mais pessoas andando pelas ruas, muitos tipos estranhos, pessoas de caras carrancudas, criaturas de outras raças como Orcs, Ogros, Trolls e todo o tipo de seres que jamais pudera imaginar. No local onde estava, acontecia uma espécie de feira na rua, as moscas infestavam o lugar que estava repleto de todo tipo de carnes, ervas, verduras, vegetais e especiarias. Uma verdadeira confusão, à qual eu não estava acostumado.

Um pouco perdido e estonteado pelo ambiente, deparei-me com um senhor, visivelmente já de bastante idade. Sendo um velho, imaginei que seria a pessoa mais adequada a me dar informações sobre o lugar, que me espantava quanto mais eu permanecia ali. Sem jeito, aproximei-me do senhor e o indaguei:

- Com licença, acabo de chegar à aldeia e não conheço nada por aqui. O senhor poderia me informar algum lugar onde eu poderia encontrar algo para comer? – o homem olhou-me de cima a baixo, de modo estranho.

- Tens dinheiro? Nesta cidade pode-se conseguir tudo com dinheiro! - disse ele.

- Sim, disponho de alguns recursos, mas não muito. O senhor sabe ou não de algum lugar? Viajo há dias, estou cansado e com fome!

- Certo, meu rapaz, tu podes caminhar cerca de cinquenta passos ao norte e entrar numa pequena rua à esquerda. Lá haverá um lugar bem apropriado para saciares tua fome. – o velho tinha um brilho estranho no olhar.

Sem querer me demorar na presença de tão estranha figura, agradeci pela informação e recomecei minha caminhada contando meus passos para saber quantos eu já havia dado. Após percorrer a distância indicada pelo estranho velho, cheguei a tal rua que ele me dissera. Caminhei desconfiadamente, pois se tratava de um lugar bastante escuro e estranho, com aparência sombria e um cheiro de podre, quase insuportável. Quanto mais me aprofundava, mais sentia que algo estava errado. O local era ladeado por casas velhas e pobres o que lhe dava um aspecto ainda mais sinistro àquele lugar. Aos poucos a rua foi ficando mais estreita, até que percebi se tratar de um beco sem saída. Fiquei em estado de alerta. Escutei passos vindos de trás de mim. Imaginando que o velho me seguira, abaixei-me e peguei um toco de madeira podre que estava aos meus pés. Num gesto rápido, virei-me enquanto falava:

- Velho maldito! Mandou-me para uma emboscada... Tome isso...

Atirei o pedaço de madeira em direção a quem estava atrás de mim. Um estranho homem, que não o velho, atirou-se ao chão e rolou, desviando-se do objeto lançado em sua direção. Instintivamente, saquei a espada de meu pai, enquanto o homem levantou-se, puxando também sua arma, e começamos a lutar. Era um sujeito de estatura média, mas muito forte. Vestia trapos sujos e malcheirosos, bastante adequados ao lugar. Tinha um olhar furioso e confuso, mas certamente decidido a conseguir de mim tudo o que pudesse. Como um jovem guerreiro, havia recebido algum treinamento em minha aldeia, porém jamais havia enfrentado um verdadeiro combate e muito menos havia tido a oportunidade de derramar sangue humano. Apesar de não vacilar, eu tremia da cabeça aos pés, e meu adversário, certamente, percebia o meu nervosismo e inexperiência, o que só aumentava sua confiança.

- Quem és tu? - indaguei.

- Alguém que terá o prazer de tomar seu dinheiro, sua bela armadura e a sua espada.
Esses artigos devem valer uma fortuna no mercado da cidade. – ele falava num tom debochado.

- Não tenho dinheiro. - repliquei.

- Claro que tens, o velho me disse. Achas que sou algum tolo? Façamos assim, dê-me o dinheiro e tudo mais que tens de valor, e então deixá-lo-ei partir com sua vida.

- Não tenho dinheiro já disse, e jamais permitiria que alguém tomasse a arma e vestimenta de meu falecido pai, esta é a única recordação que possuo. Tudo o que desejo é rumar em paz para as terras do norte, em busca de meu tio, meu único parente vivo. Deixe-me passar e esqueceremos que isto aconteceu! – falei, retirando a coragem não sei de onde.

- Dê-me seu dinheiro ou vou mandá-lo para o inferno junto com seu pai, vais morrer, maldito! – o homem demonstrava impaciência.

Duelávamos com vigor, nossas espadas se chocavam enquanto gritávamos o diálogo travado anteriormente. Estava surpreso com minha desenvoltura até ali, mas após mais algumas trocas de golpes, senti meu corpo arder como nunca sentira antes em minha vida. Olhei para a espada do meu oponente e vi que estava banhada em sangue. Por um segundo desconcentrei-me do combate, corri os olhos por meu corpo com certa ansiedade e percebi, então, que havia recebido um golpe em minha barriga, que não parava de sangrar.

Apesar de feita com muito esmero, a armadura não era projetada para cobrir todo o corpo, somente peito, ombros e as laterais. Originalmente, havia uma cota de malha presa na parte que cobria o abdômen, mas eu não a possuía. Talvez fora construída dessa maneira, para evitar o excesso de peso e aumentar a mobilidade de quem a usava. Muito assustado e tomado de imensa ira senti, pela primeira de muitas vezes em minha vida, uma estranha sensação, que me percorreu todo o corpo. Eu não sabia o que estava acontecendo, mas encarei um homem horrorizado, quando finalmente levantei meu olhar.

- O que é isso? Seus olhos... Tu és de outro mundo?

Soltei minha espada, que caiu com um pesado baque no chão, retirei minha armadura com alguma dificuldade, pois o ferimento doía bastante, corri até o ladrão, que a essa altura me olhava atônito e, com um só golpe, enfiei a mão em seu peito, arrancando-lhe o coração. Com espanto, vi o corpo inerte de meu oponente cair ao chão. Ainda assustado, peguei minha espada e saí correndo desesperado, deixando para trás a armadura que não aguentaria carregar e um rastro de sangue no chão. Caminhei, tentando estancar o sangramento com minhas mãos, mas não parecia ajudar em muita coisa. Não sabia para que lado caminhar, para pedir ajuda e, depois de andar por um tempo, já sem forças, caí ao solo.

Sem saber o que havia acontecido, onde estava e quanto tempo se passara, acordei confuso, com o rosto coberto de areia e envolto por uma poça de sangue. Sem erguer a cabeça, que doía bastante, olhei para o lado e vi um lobo grande e cinzento, que lambia meu sangue espalhado pelo chão. Como se acordasse de uma grande embriaguez, levei minha mão até o ferimento e apalpei minha barriga. Nada! O corte havia sumido...

- Deves estar tentando compreender o que aconteceu... Isso eu posso te responder! – ouvi a voz, seguida de uma maléfica gargalhada.

Olhei para o lado e vi o maldito velho que me enviou para a emboscada. Sentei-me, sacudindo a cabeça, como se tentasse acordar de um sonho ruim. Reparando um pouco mais no velho, vi que ele estava diferente da primeira vez em que nos encontramos. Ele não usava mais os mesmos trapos, nem estava com o corpo envergado. Contudo, apesar da mudança de vestimenta e postura, seu rosto era inconfundível.

Agora ele usava uma vestimenta preta e comprida que ia até os pés. Embora seus trajes não estivessem muito limpos, o que era normal para um lugar como aquele, conservavam um brilho estranho, como se ele emanasse uma espécie de energia. Tinha na mão direita um grande cajado que ia do chão até a ponta de seu nariz. Devia ter em torno de um metro e oitenta e cinco, visto que não era muito menor do que eu, que tenho um e noventa. O sujeito tinha também olhos negros e profundos, que contrastavam com seus cabelos grisalhos. Após analisá-lo, levantei-me e procurei pela minha espada, mas não a encontrei. Irritado, corri para cima do velho quando, de repente, senti meu corpo todo ser paralisado.

- Quem és tu, velho maldito? O que está acontecendo?

- Calma, rapaz. Meu nome é Kitle, sou um velho mago. O que aconteceu contigo é bem fácil de explicar. Foste ferido e já estavas para morrer, quando lhe dei um elixir da vida. Agora... Deves-me um favor! – ele soltou uma gargalhada, novamente.

- Eu não te devo nada, solte-me e verás... Vou acabar contigo!

- Está bem, então tu podes ficar aí parado para o resto de sua vida. Adeus!

- Ei, aonde pensas que vais? Volte aqui, velho miserável! – estava tão irado que sequer conseguia refletir direito.

Kitle começou a se afastar, senti que aquele seria meu fim. Se ele partisse, ficaria ali petrificado até morrer de fome. Resignando-me com a situação, não pude fazer outra coisa que não concordar com o sujeito.

- Está bem, o que queres que eu faça? – cedi.

- Muito bom, rapaz, sábia decisão. Preciso que vás até um lugar chamado “Taverna dos Trolls” e que converses com um sujeito chamado Burlet. Diga-lhe que eu o enviei e ele saberá do que se trata. – o velho tornou a virar-se para partir.

- Espere! Como vou saber quem ele é?

- Saberás, meu jovem, garanto-te que saberás!

Como num piscar de olhos, o velho desapareceu, galopando velozmente em um belo cavalo que estivera parado ao seu lado enquanto conversava comigo. Segundos após sua saída, recobrei meus movimentos e, ainda com o corpo dolorido e meio atordoado, comecei a caminhar sem rumo. Tudo o que eu queria era encontrar meu tio nas terras do norte, viver sossegado com sua família e tentar ser o mais feliz que pudesse sem a presença de muitos de meus entes queridos. Entretanto, agora eu “devia” um favor a um velho mago e precisava falar com alguém que eu não fazia ideia de quem seria, sobre algo que eu sequer sabia do que se tratava. O pior de tudo foi que o velho partiu, levou minha espada consigo e

minha armadura estava desaparecida.

Andando, cheguei a um descampado aonde havia um homem aleijado que, vendo-me, veio até mim. Olhou-me de cima abaixo, sorriu e, com o jeito de falar dos vendedores, disse:

- Queres comprar algo? Tenho de tudo, de punhais até machados. Tenho espadas, cimitarras e tudo que um homem pode sonhar.

- Eu até gostaria, mas não tenho dinheiro. – respondi.

- Oh, jovem rapaz! Isso não é nada, vamos fazer assim... Vês aquele homem ali à frente? Ele é um gladiador e luta por dinheiro, é um bom lutador, mas já está velho e tem um ponto fraco... Os cotovelos não são muito bons. Faremos o seguinte, lutas com ele, eu aposto alto em ti e, se ganhares, dou-te algumas peças de prata e uma espada. O que achas?

- O senhor nunca me viu lutar antes, como pode confiar tanto assim?

- Ora, meu rapaz, és jovem e podes fazer qualquer coisa. Aceitas minha oferta?

- E se eu perder, o que acontece?

- Nada! Nada pode acontecer aos mortos!

O homem saiu de perto de mim e foi falar com o gladiador, seu nome era Sargus e havia algum tempo que não era derrotado. Não muito diferente da maioria dos homens daquele povoado, ele tinha a pele escura e altura mediana, ombros largos, braços grossos e fortes, parecia um monstro, tinha também as mãos enormes com dedos grossos e calejados. Apesar de minha relutância, a luta foi combinada para dali à uma hora, mas havia um problema...

- Sabe, estou com um pouco de fome, onde poderia comer algo? – perguntei ao aleijado.

- Tudo bem, rapaz, vou te levar a um bom lugar, o melhor que temos, e fica bem perto daqui. Chama-se “Taverna dos Trolls”!

Entramos na taverna e reparei que havia muitas pessoas, Trolls e toda a espécie de criaturas esquisitas. Era um lugar muito estranho e sombrio, tinha um aspecto sujo e não parecia nada acolhedor. Não que eu esperasse um ambiente melhor num lugar com o nome de “Taverna dos Trolls”, mas de qualquer forma nunca imaginara que pudessem existir lugares assim. Olhando ao redor, à procura do tal Burlet, reparei em alguns Trolls, anões e homens que estavam sentados em uma mesa jogando algum jogo, certamente apostando dinheiro, pois todos tinham peças de prata e ouro ao seu lado e estavam com uma expressão muito séria em seus rostos, o que os tornava ainda menos amigáveis. Em outro canto da taverna, havia um grupo de homens com longas barbas e elmos estranhos... “Esses devem ser os tais Vikings de que tanto se fala ultimamente” – pensei. Eles estavam já muito embriagados e cantavam alegremente, o que na verdade ajudava a descarregar um pouco o clima pesado daquele ambiente hostil.

Havia ainda aqueles que preferiam jogar dardos ou apenas conversar. Vez ou outra aconteciam algumas brigas, que eram rapidamente interrompidas por fortes Trolls que faziam a guarda do lugar. Pude ver também algumas mulheres que se ocupavam em divertir os homens que ali estavam. Havia especialmente um grupo grande de mulheres com aqueles vikings que estavam cantando, acho que sua cantoria e alegria atraíam a atenção delas, ou estas simplesmente estavam à procura de uma experiência nova com gente vinda de fora. Ao mesmo tempo em que aquele ambiente me assustava, também me fascinava. Eu nunca imaginara viver uma experiência dessas e, para mim, tudo era uma grande novidade, todas aquelas pessoas, música, barulho, confusão, começaram a despertar novos sentimentos dentro de mim... Uma espécie de liberdade!

Seguindo meu guia, sentei-me num banco em frente ao belo balcão. Em seguida, tomei um pouco de vinho e comi um pernil, que me haviam sido trazidos pelo taverneiro a mando do aleijado que me

acompanhava. Não sei se estavam muito bons ou se estava com muita fome, mas, com grandes dentadas e grandes goles, devorei o que foi posto à minha frente. Apenas observava o movimento quando me lembrei de minha missão e pensei: “Estranho, o velho disse que eu reconheceria Burlet, mas não consigo imaginar por que!” Virei para o homem que me acompanhava e perguntei:

- Onde está o Burlet que não o vejo?

- Burlet? Conheces o Burlet? Pelos céus, porque não me disseste isso antes? – o aleijado fez cara de assustado e cuspiu o vinho de sua boca.

- Mas... – tentei replicar.

- Ei, bom homem, pode dar mais um pernil para o meu garoto aqui, ele é amigo do Burlet! Vá chamá-lo e diga que um grande amigo dele está aqui e quer lhe falar. – o aleijado precipitou-se.

- Ei! Espere um pouco...

- Não se preocupe, rapaz, sei o que estou fazendo...

- Eu não conheço esse tal Burlet, nunca o vi em minha vida!

- O quê? Estás louco? Disseste-me que o conhecias e agora ele já está vindo, se descobrir que houve um engano certamente irá me matar!

- Eu não disse nada, tu o disseste!

Quando olhei para o lado, nem pude acreditar, o maior ser que eu já vira em minha vida parou do meu lado. Era um Troll de dois metros e meio de altura e certamente a criatura mais forte que já estivera diante de mim. Ainda mais forte que o gladiador com quem eu teria que lutar em breve. Tinha também uma enorme cicatriz no olho esquerdo, vestia roupas finas, nem parecia um Troll se comparado aos demais de sua raça presentes na taverna. Pelo horror nos olhos dos que o viam, certamente era muito temido e respeitado por todos os presentes. Visivelmente era o dono do lugar, uma vez que todos se dispunham a servi-lo assim que apareceu. Chegando perto do taverneiro, perguntou:

- Onde está o tal que diz ser meu amigo? – falou com voz áspera e forte.

- Não sei quem é, mas foi este aleijado que me pediu que o chamasse. – disse o taverneiro.

- O que queres, imbecil? Seu aleijado enrolador, o que queres desta vez?

- Este rapaz... Este rapaz está procurando o senhor. – ele apontou para mim.

- O que queres comigo, rapazinho?

- Bom, alguém me enviou aqui, o nome dele é Kitle!

- Kitle?! – indagou o aleijado assustado.

- Kitle?! – disse Burlet. - Venha comigo, rapaz, siga-me.

Burlet levou-me até uma sala que ficava nos fundos da taverna, deixando o aleijado do lado de fora, fechou a porta. Era uma sala bonita, bem diferente da taverna que deixara para trás de mim, tinha boa iluminação, prateleiras e estantes devidamente organizadas. O lugar tinha um aspecto limpo, certamente bem mais limpo que a parte dianteira de onde havíamos saído. No centro, vi uma enorme mesa rodeada por belas cadeiras trabalhadas com muito esmero e o máximo de perfeição que eu já vira em minha vida. Estando a sós comigo, indicando-me uma das cadeiras à mesa e puxando uma para si, sentamo-nos e começamos a conversar.

- Quer dizer então, que tu és o homem que Kitle enviaria a mim? Isso é muito curioso, não pareces ser mais do que um rapaz, embora tenhas um belo porte físico, vê-se muito bem. Qual seu nome?

- Pistorius.

- Sua idade?

- Dezenove.

- De onde vens?

- Sou de um pequeno vilarejo ao sul.

- Bom, um rapaz tão jovem como tu deve ser muito valente para aceitar o trabalho de Kitle. Contudo, vamos ao que interessa, pois tenho ainda muitos negócios a tratar e, embora Kitle mereça toda minha consideração, meus negócios são ainda mais importantes do que os dele. Pode parecer estranho, mas parece que já o vi em algum lugar, meu rapaz... O que isso importa, não é verdade? Voltemos aos negócios. Ao leste daqui, existe uma floresta bem fechada de onde poucos saíram vivos e ainda os que conseguiram, ficaram loucos ou aleijados como esse imbecil que está aí fora, ele perdeu o braço ao fazer um serviço lá. Existe uma besta que é guardiã de um cristal, não sei por que, mas esse artefato interessa a Kitle, parece que possui alguma propriedade mágica...

- Espere! Por que fazes esses favores a Kitle? – perguntei.

- Digamos que devo a ele algumas coisas. Contudo, apenas indico o caminho e provenho o armamento necessário... Eu não vou junto.

- O quê? Queres dizer que eu vou sozinho?

- Não, podes escolher mais três pessoas para irem contigo, mas pense bem, é um serviço arriscado! Continuando... O cristal parece ser bem importante para Kitle, portanto se não queres ter um inimigo implacável pelo resto de sua vida, não faça gracinhas com ele. Não deves tocá-lo, nem tentar usá-lo e, em hipótese alguma, podes permitir que o alcancem antes de ti. Após tê-lo em suas mãos, não deves dá-lo a ninguém a não ser eu mesmo ou Kitle.

Alguém bateu à porta e ouviu-se uma voz vinda do lado de fora:

- Pistorius, sua luta, vamos! – gritou o aleijado.

- Tenho que ir, preciso fazer algo. – falei.

- Espero-te e a teus escolhidos aqui, amanhã de manhã. – ele acenou a cabeça.

Chegara a hora da luta, eu estava um pouco nervoso e inseguro, mas o aleijado disse que seria fácil, só acertar com força suficiente nos frágeis cotovelos de Sargus e a luta estaria praticamente vencida, uma vez que ele não conseguiria mais me atacar com grande eficiência... Moleza para alguém que, há pouco, matara um homem.

A praça estava lotada de gente, pessoas se aglomeraram à nossa volta, quando uma trombeta foi soada pelo organizador da luta. Todos pareciam muito excitados e nos olhavam como se estivessem ansiosos para assistir a um enterro. Abriu-se um grande círculo no meio daquela multidão e ali fomos colocados frente a frente, Sargus e eu. Ele olhou bem em meus olhos, passou o dedo indicador no pescoço de um lado a outro, apontou para mim e disse:

- Espero que tenhas amigos para chorar em seu enterro!

- Tenho amigos suficientes para carregar meu prêmio por esta vitória! – respondi.

- Comecem a luta! – alguém gritou.

- Quem colocou essa criança para lutar comigo? – indagou Sargus com uma risada.

- Criança? Veremos! – respondi.

Sem esperar, parti para cima de Sargus com toda a força e dei-lhe um chute no peito. Ele pegou minha perna, torceu e jogou-me no chão. Ia pisar em minha cabeça, mas desviei e consegui escapar.

Levantei-me e acertei um golpe em suas costas desequilibrando-o. Ia acertar-lhe mais uma vez, mas ele virou-se rapidamente e defendeu meu golpe. Sargus deu-me um soco no rosto que me desequilibrou e eu caí para cima da multidão, que berrava satisfeita. Levantaram-me e eu meio tonto retornei ao centro do círculo para enfrentar meu oponente mais uma vez. Ele veio para cima de mim, mas consegui desviar com um giro. Meu adversário ficou meio atordoado e não viu quando aproveitei para dar um soco em seu cotovelo direito e...

- Aaaaahhh, minha mão! – gritei – Maldito aleijado, disse que era seu ponto fraco, mas é duro como uma pedra!

- Ele disse isso? Esse aleijado sempre faz isso com todos, como podes ser tão ingênuo? Minhas juntas são recobertas de aço, paguei bem caro para consegui-las. – Sargos soltou uma enorme gargalhada.

Corri para cima do aleijado com o intuito de matá-lo, mas o povo que fazia um círculo à nossa volta não permitiu que eu passasse, queriam ver sangue. Voltei-me para o meu oponente e estava com uma raiva tão grande que algo começou a acontecer. Senti o sangue ferver em minhas veias, fui tomado de uma súbita força que emanava de dentro de mim. Corri para cima de Sargus e, quando ia atacá-lo, alguém jogou uma espada para ele. Só então percebi que o aleijado havia combinado com ele para que me vencesse e ficassem com o dinheiro da aposta. O forte homem tentou me cortar com a espada, que percebi tratar-se daquela que fora do meu pai. “Maldito Kitle, tudo não passa de um jogo” – pensei.

- Devolva a espada de meu pai! – gritei para Sargus.

- Vamos fazer assim, vou entregá-la bem no meio das suas tripas. Lute rapaz!

A essa altura, minha raiva tornara-se ainda maior. Olhei para Sargus e, atrás dele, pude enxergar Kitle e o aleijado no meio da multidão. Olhei bem profundamente nos olhos do gladiador. Assustado, ele olhou para trás e disse:

- Modiat (esse era o nome do aleijado), não me falastes nada sobre isso! O que é aquilo nos olhos do rapaz?

Modiat olhou assustado para Kitle que abriu um sorriso e gritou:

- Acaba com ele, meu rapaz!

Sargus olhou novamente para mim. Com enorme assombro no olhar, somente colocou a espada à sua frente, como quem espera pela morte iminente. Corri até ele e, com um só golpe, quebrei a espada de meu pai e atravessei seu abdômen, espalhando suas entranhas pelo chão. As pessoas começaram a gritar e a correr assustadas. Modiat ajoelhou-se pedindo clemência, dizendo que não sabia de nada daquilo e que estava do meu lado.

- Faço qualquer coisa que quiseres! – exclamou o aleijado.

- Conheces bem a floresta a leste daqui, não é? – falei, erguendo-o pelo pescoço.

- Sim, conheço muito bem. – falou um pouco sufocado.

- Quero que venhas comigo até lá!

- Sim, sim, tudo o que quiseres. Só não me mate, por favor!

- Onde está o maldito Kitle?

- Estás à minha procura, rapaz? – ouvi a voz atrás de mim.

- Maldito Kitle, armaste tudo isso! O que afinal de contas...

- Eu só queria testá-lo, é impressionante o poder que tens. O que é aquilo nos seus olhos e como podes fazer essas coisas? Olhe para esse homem no chão, está feito em pedaços!

- Não sei como acontece, só fico com muita raiva e perco o controle, então sinto com se fogo corresse em minhas veias e então... O resto, todos já sabem!

- Muito bem, rapaz, precisas aprender a dominar isso, é uma grande arma contra seus oponentes.

- Kitle, preciso encontrar mais duas pessoas para irem comigo até a floresta. Onde poderei conseguir pessoas com coragem suficiente?

- O problema é seu, rapaz. – disse ele, virando-se e sumindo.

Eu precisava de reforços para empreender tão complicada e perigosa jornada e o meu prazo já estava terminando. Tudo o que eu tinha, a partir daquele momento, era Modiat. Ele era um homem, embora muito esquisito, não muito alto, na verdade parecia bem pequeno. Era um pouco encurvado, daqueles seres bem furtivos que costumam esgueirar-se pelas sombras, tinha os olhos castanhos, embora estivessem com uma constante tonalidade avermelhada o que lhe dava um aspecto ainda mais sinistro. Faltava-lhe o braço esquerdo, mas isso não parecia afetar sua habilidade para enganar as pessoas com quem fazia negócios. Preocupado em como completar nossa equipem, visto que não conhecia ninguém em Neoland, virei-me para o aleijado e perguntei:

- Modiat, onde podemos encontrar duas pessoas para irem conosco até a floresta?

- Muito simples, rapaz, é só fazeres com que alguém lhe deva um favor...

- O que queres dizer?

- Vê aquele Ogro ali adiante?

- Sim.

- E se a pedra no alto daquela casa, caísse de repente em cima dele e tu o salvasses? Será que ele te ficaria grato?

- Entendo... Boa ideia!

Depois de algum tempo, Modiat subiu no telhado da casa com alguma dificuldade e, esperando o momento certo, empurrou com uma alavanca uma grande pedra que ficava no topo da chaminé. Corri até o Ogro e, saltando sobre ele, o empurrei, livrando-o de ser esmagado. Ainda atordoado, ele disse:

- O que aconteceu? Quem és tu?

- Aquela pedra quase te matou, mas eu te salvei. – falei, apontando para a pedra.

- Muito obrigado, rapaz, devo-lhe minha vida. Essas malditas casas velhas caindo aos pedaços, foi muita sorte minha estares passando por aqui. Devo-te um favor!

- O que é isso! Não foi nada, não me deves nada!

- Nós Ogros temos um código de honra, se alguém nos salva a vida, servimos a ele até que possamos salvar-lhe também a vida algum dia.

- Hum, interessante, nunca ouvi falar que Ogros tivessem códigos de honra ou coisas assim... Para ser bem sincero, a maioria dos Ogros parece não gostar muito de regras.

- Não julgue todas as castas, baseado pela maioria. Muitos de nós temos sim um grande senso de amizade e respeito às normas. Pena que a maioria não aja dessa forma. Todos nos olham com maus olhos, mesmo antes de saber a que casta pertencemos. Posso te garantir que da casta de onde venho, temos costumes ordeiros e cumprimos com nossos códigos de honra e leis. E volto a repetir, salvaste minha vida, agora devo proteger a sua.

- Bom, se é assim que desejas que as coisas sejam, acredito em suas palavras, pode me acompanhar. Estou precisando mesmo de alguns homens corajosos e de valor para me ajudarem a realizar um serviço.

- Não é nada ilegal, não é? – perguntou o Ogro, curioso.

- Até onde eu sei, não. – respondi.

- Bom, sendo assim, então estou sob suas ordens. – disse o Ogro.

- Qual seu nome? – perguntei.

- Barukz, seu servo!

- Muito bem, Barukz, meu nome é Pistorius. O que temos que fazer é...

Após explicar a Barukz o que deveríamos fazer, resolvemos procurar um lugar para passar a noite. Apenas Modiat era da cidade, então resolvemos que ficaríamos na pensão em que ele costumava dormir. Como Barukz e eu não tínhamos dinheiro, o aleijado ficou responsável por pagar nossa estadia, afinal ele estava me devendo muito. No dia seguinte, cheguei até a "Taverna dos Trolls" com os dois homens que arranjara. Quando Burlet nos viu deu uma enorme gargalhada e disse:

- Rapaz, esses são os homens que tu escolheste para te ajudar? Um aleijado e um Ogro burro?

- Cale sua boca, maldito Troll, vou lhe mostrar quem é burro! – gritou Barukz.

- Fique quieto, Ogro idiota! Tu estás no meu território agora e tome cuidado, pois sabes bem que os Trolls não gostam muito dos Ogros, e veja quantos Trolls temos aqui. Uma palavrinha minha e tu já eras!

- Burlet! – interrompi. – Estou com um pequeno problema, não consegui o terceiro homem que me faltava e pensei se não poderia levar um de seus empregados.

- Rapaz, sinto muito, mas eu e meus homens não nos metemos nos negócios de Kitle, só passo as ordens e o resto é contigo. Tome! Aqui tem uma espada e botas, mais um machado para o Ogro fedorento e uma cimitarra para o inútil do aleijado, provisão para dez dias...

- Dez dias!? Vamos ficar lá todo esse tempo? – exclamei.

- Bom, na verdade deve ser mais, mas não creio que possas carregar mais do que isto, tome!

- Ótimo, vamos pessoal, uma longa jornada nos espera!

- Ei, Pistorius. – disse Burlet. – Venha aqui no canto um pouquinho.

- Sim, fale.

- Vais mesmo levar esses dois imbecis contigo?

- Foi o melhor que pude arrumar em tão pouco tempo.

- Pobre rapaz, foi um prazer conhecê-lo.

- Ainda vais ouvir falar muito de mim...

- Espero que sim, tu és um bom rapaz, tolo, mas um bom rapaz. Boa sorte!

- Não preciso de sorte, o que eu preciso eu já tenho! – mostrei-lhe meu punho e minha espada.

Partimos em direção à Floresta das Sombras, como era chamada. Eu não imaginava o que nos esperava adiante, mas logo no inicio de nossa jornada pude ter uma ideia do que viria pela frente... Saímos da cidade e, após caminharmos por algum tempo, chegamos a uma trilha um pouco isolada. Andávamos a passos largos para aproveitar o fôlego inicial, mas aquela trilha obrigou-nos a caminhar mais cautelosamente.

Enquanto passávamos por essa trilha, fomos surpreendidos e atacados por um grupo de salteadores conhecidos como os Dorks (como me informou Modiat, mais tarde). Eles eram cinco, nós apenas três, mas não nos intimidamos. Sacamos nossas armas e nos preparamos para acabar com aqueles malditos ladrões.

Barukz pegou seu machado, partiu para cima de um deles e começou a lutar ferozmente. O ladrão deu um golpe com uma vara no rosto do Ogro que caiu no chão. Corri para ajudá-lo, mas fui atacado pelas costas. Virei-me para ver meu oponente, que tentou me acertar com sua espada. Consegui desviar-me do golpe, mas não o suficiente, pois a espada passou de raspão e cortou o meu braço. Começamos a duelar. Meu adversário era muito habilidoso, mas, finalmente, com um golpe de sorte, consegui derrubar sua espada e ele, assustado, recuou um pouco.

Enquanto isso, Modiat tentava se esquivar dos golpes de um imenso gigante que portava uma clava repleta de espinhos. Ao se inclinar para frente para dar um golpe, o gigante abriu sua guarda, então Modiat passou entre suas pernas e deu-lhe um golpe na virilha que quase decepou sua perna. O enorme oponente, perdendo as forças, caiu ao solo. Modiat subiu em suas costas, ergueu sua cimitarra e, com alguns golpes, cortou-lhe a cabeça.

Ao mesmo tempo, meu primeiro oponente estava vencido. Após derrubar sua espada e ele ter recuado assustado, dei-lhe um soco no rosto e, dando um golpe com o punho de minha espada, seu joelho foi quebrado. Parti então para cima de um sujeito muito estranho, com orelhas pontudas. Vindo para onde me dirigia, Barukz gritou:

- Não o ataque, Pistorius, ele é um Elfo. Cuidado!

Olhei para o Elfo e vi que seus olhos estavam esbranquiçados. Atordoado e aterrorizado, parei e contemplei a cena, ouvi um grito e olhei para o lado. Barukz acabara de cortar um homem ao meio com seu machado. Outro ladrão correu assustado e se embrenhou na mata. Modiat correu atrás dele, mas o chamei de volta e pedi que ficasse.

Éramos nós três e o Elfo, agora. Ele olhou para o ladrão com o joelho quebrado, que estava caído no chão, colocou a mão no bolso de sua capa, de lá retirou um pequeno rato e o jogou na direção do bandido caído, que começou a gritar. Em poucos segundos, o rato o matou, entrando por sua boca e lhe devorando as entranhas.

- Se esperam sair daqui com vida, acho melhor que me entreguem todas as suas coisas. – disse o Elfo.

- Cale-se, imbecil, não vês que somos três contra um? – gritei.

- Três, o quê? Três idiotas é o que vejo! Um garoto, um Ogro burro e um homem aleijado. Vós não sois páreo para mim! Sinto muito, mas terei que...

O Elfo pulou à nossa frente e, fazendo um gesto com as mãos, completou:

- Destruí-los!

Uma rajada de raios saiu de suas mãos e veio em nossa direção. Pulei para o lado, mas fui atingido numa perna, senti um estranho formigamento, aparentemente sem maiores consequências. Modiat, sendo atingido fortemente no peito, caiu desacordado no chão e Barukz, saltando para o lado com grande agilidade, não foi atingido.

- Elfo maldito, veja o que fizeste, vais morrer! – gritou Barukz.

Os dois começaram a lutar, Barukz com seu machado e o Elfo com uma espada que tirara da cintura. Vez ou outra o estranho ser soltava alguma espécie de poderes mágicos que atordoavam o Ogro e davam-lhe alguma vantagem na luta. Corri até Modiat e certifiquei-me de que ainda estava vivo. Nesse momento, ouvi um grito estridente, olhei para o lado e vi que Barukz havia cortado uma das mãos do Elfo que havia perdido a sua espada. Nessa hora, aconteceu algo que jamais vira em minha vida. No lugar da mão perdida pelo Elfo, surgiu outra, feita de alguma espécie de metal. Agora ele usava aquela mão de metal para se defender dos ataques de Barukz, além de usar sua espada. Num momento de descuido do Ogro, a

mão do ladrão foi encostada sua cabeça, matando-o com alguma espécie de força sobrenatural. Tremendo muito, Barukz caiu e, depois de alguns segundos se debatendo, ficou imóvel. Olhando para mim, o Elfo disse:

- E então, garoto, estamos um contra um. O que dizes agora?

- Digo que precisarei matá-lo sozinho!

- Venha, faça o seu melhor!

O Elfo partiu para cima de mim e começamos a lutar sem armas. A essa altura, o corte no meu braço e o machucado em minha perna nem me atrapalhavam, pois a raiva era tanta que não havia tempo para sentir dor. Lutamos por algum tempo, eu sempre evitava a mão metálica, pois vira o que acontecera com Barukz. Acertei-lhe alguns golpes que o derrubaram no chão, mas cada vez que eu o derrubava, ele flutuava para longe de mim e punha-se novamente em pé. Eu não conseguia compreender como aquele maldito fazia tais coisas, nunca vira um ser de sua raça antes e não fazia ideia de como eram poderosos. Em alguns instantes da luta, meu oponente liberava rajadas de um estranho poder que deixava-me um pouco imobilizado, desse modo ele adquiria alguma vantagem. Duelávamos de igual para igual, mas eu já estava bastante fatigado. Nesse momento, a mão metálica do Elfo tocou em minha cabeça... Senti como se uma forte luz brilhasse diante de meus olhos, meus poucos dezenove anos de vida passaram por completo em minha mente, meu corpo perdeu as forças e caí ao solo.

Comecei a vagar por um estranho universo, era uma dimensão escura e fria, parecia uma cidade normal, mas tudo era negro e caótico, um lugar realmente assustador. Tinha a sensação de estar fora de meu corpo, flutuando num universo sem leis que me fizessem voltar ao chão. Olhei tudo à minha volta. “Estou morto” – pensei. Tudo parecia ser tão... Diferente. Comecei a meditar: “Se estou morto, provavelmente encontrarei Barukz por aqui, talvez meus pais”.

- Barukz! Pai, mãe!

Nada, não ouvia ou via ninguém, tudo girava em torno de mim. Deparei-me uma passagem escura e resolvi atravessá-la. O lugar tornara-se mais familiar para mim agora, parecia ser a minha aldeia, mas da forma como era antes de ser atacada por aqueles malditos ladrões. Comecei a ver meus medos, meu passado, meus sentimentos... Vi um homem estranho aproximar-se, dar ordens a muitos soldados montados em seus cavalos. Todos estavam com máscaras, mas dentre o tumulto formado, vi um homem retirar sua cobertura e tomar um gole de água. Vislumbrei uma mulher correndo com uma expressão muito grande de sofrimento. Ela gritou, mas não pude discernir o que dizia. Fiquei desesperado e comecei a correr na direção daquela mulher que me parecia muito familiar...

Eu corria, gritava, tentava alcançá-la, mas todos os meus esforços eram em vão. Aquela imagem apagou-se de repente da minha frente e vi um homem. Não sabia quem ele era aquele, mas estava sozinho. Tinha uma criança no colo e caminhava apressadamente. Ele parou, olhou ao redor como se esperasse alguém ou como se não quisesse que alguém o visse. Colocou a criança no chão, pronunciou algumas palavras, que mais uma vez não pude discernir e fez um círculo ao redor dela. Como aconteceu com a imagem da mulher, aquela criança também me parecia familiar.

Após fazer esse círculo, o homem olhou novamente para os lados, parecia estar muito preocupado. Vindo de algum lugar, outro homem chegou, eles apertaram as mãos e o recém-chegado pegou a criança, montou em seu cavalo e partiu. Uma nova imagem turva formou-se à minha frente, fiquei confuso. Uma colina apareceu, percebi um menino correndo sozinho... Não parecia estar fugindo, não, definitivamente não estava fugindo, mas sim brincando, pois dava saltos e parava para mexer com algumas borboletas. Mais uma vez formou-se um borrão e vi tudo escuro. Só então, percebi que estava viajando no universo de minha mente. “Elfo miserável” – pensei. – Como pode ter tal poder?

Lembrei-me das coisas que eu fizera com meus últimos oponentes, como teria conseguido aquilo? Busquei a resposta dentro de mim e descobri que toda a vez que eu concentrava minha mente apenas no ódio contra meus oponentes, por algum motivo, liberava um poder especial capaz de destruir qualquer coisa. Pensei mais uma vez na mulher que gritava, quem poderia ser? O tal homem com a criança, e o outro que chegou para pegá-la, quem seriam? Eu estava muito confuso, mas se aquilo era uma viagem dentro da minha cabeça, como tais imagens foram parar lá dentro? Eu as presenciara, de certo que sim, do contrário não as veria...

Despertei ouvindo a gargalhada de alguém. Olhei para cima e vi o Elfo que me atacara, ele estava em pé ao meu lado e observava-me. Quando despertei, percebi que talvez as coisas não tivessem saído como o inimigo esperava, pois foi grande sua surpresa ao ver-me abrir os olhos. Foi então que notei que toda aquela viagem em meu interior havia durado apenas alguns segundos. Arregalando os olhos, o Elfo disse:

- Vais morrer, garoto, eu disse que tu e os teus não eram páreo para mim. Pararei de ser piedoso. Podes ter escapado da primeira vez, mas a segunda será ainda mais forte e, certamente, fatal. Vais arrepender-te de teres cruzado meu caminho e de teres a ousadia de enfrentar-me. Prepare-se para morrer, desgraçado!

Num salto, levantei-me do chão, olhei para o Elfo, concentrei-me com todo o ódio possível que eu sentia por ele naquele momento e... Nada! Não senti a estranha energia que me dava imenso poder. Tentei por mais uma vez concentrar-me, pensei em todas as pessoas que odiava, mas nada aconteceu novamente. Um pouco confuso e desconcertado, peguei minha espada e parti para cima do meu oponente, ele puxou também sua espada e recomeçamos o duelo. Espantava-me a habilidade dele, pois todos os outros haviam sido vencidos facilmente, mas com ele era diferente. Cortei o pé direito do Elfo com um golpe certeiro, mas, para meu espanto, outro pé metálico surgiu em seu lugar. Comecei a ficar ainda mais preocupado, pois aparentemente a cada parte cortada do corpo do Elfo um novo órgão metálico surgiria. Se continuasse agindo assim, em breve criaria um monstro praticamente indestrutível. Enquanto me preocupava em como fazer para eliminar aquele temível adversário, Modiat acordou e gritou:

- Pistorius, tens que atingi-lo na cabeça, é o único meio!

- Em que parte da cabeça? – indaguei.

- Não sei... Corte-a fora!

- Muito bem. – disse o Elfo. – Pode vir, aqui está minha cabeça. Só acho que não será tão fácil arrancá-la.

Corri para cima de meu adversário, que combateu-me ferozmente. Lutamos corpo a corpo por alguns minutos. Minhas esperanças de vencê-lo tornavam-se cada vez menores até que, num determinado momento da luta, onde nenhum dos dois levava vantagem, o Elfo deu um grito ainda mais estridente que o primeiro, quando fora atingido na mão e cuspiu sangue. Desesperado, tentou agarrar algo em suas costas e, girando à minha frente, pude ver o que o incomodava: Uma flecha cravada em sua coluna. Fiquei olhando parado para o Elfo sem entender o que estava acontecendo e sem saber o que fazer, quando ouvi uma voz de mulher ordenar:

- Vamos, mate-o!

Olhei para cima de uma árvore e vi uma bela moça que me olhava de modo aflito, com um ar de comando e com arco e flecha nas mãos. Fiquei parado, admirando-a espantado. Gesticulando nervosamente ela insistiu:

- Mate-o, depressa, antes que ele se recupere!

Sem hesitar, olhei mais uma vez para o Elfo, corri em sua direção e, com um só golpe, cortei-lhe a cabeça que, caindo, rolou entre as folhagens. Qual não foi o meu espanto, ao ver o corpo sem cabeça correr e atirar-se em cima de mim. Coloquei minha espada em minha frente para proteger-me e esta acabou penetrando-lhe o coração. Foi o fim do maldito Elfo. Tornei a olhar para a bela moça que me ajudara num momento tão difícil. Ela tinha boa estatura, era uma mulher forte, com cabelos castanhos encaracolados, olhos castanhos também, com certeza era uma linda moça. Mas, quem seria? De onde viera? Porque me ajudara? Qual seu nome? Muitas dúvidas pairavam no ar. Ao mesmo tempo eu me frustrava por não ter descoberto o que me levava a ter tamanho poder. Eu pensava que houvera descoberto o segredo, mas não funcionara contra o Elfo. Qual seria a origem e o motivo que desencadeava tal poder em mim?

Aproximei-me da jovem que, a essa altura, havia, com um salto, descido da árvore e indaguei-lhe:

- Qual o seu nome?

- Miriam. – respondeu-me a moça. – E o seu, qual é?

- Meu nome é Pistorius. De onde vieste? Quem és tu?

- Calma, rapaz, porque tantas perguntas? Digamos que sou uma amiga.

- O que queres?

Nesse momento lembrei-me de Barukz que, aparentemente, estava morto e, virando-me, corri até ele. Percebi que não havia morrido, provavelmente estava experimentando a mesma sensação que eu passara, mas talvez de alguma forma mais intensa, pois tinha movimentos involuntários dos músculos e começava a delirar. Miriam aproximou-se e perguntou-me se poderia ajudar, afastou-me de perto do Ogro e derramou alguma espécie de líquido em sua boca que o fez tremer e suar bastante. Depois de alguns minutos, Barukz levantou-se e começou a lutar com alguma espécie de inimigo imaginário até, por fim, dar-se conta de que estava acordado.

Contou-nos que tivera alguma espécie de sonho bem estranho, mas não entrou em muitos detalhes, disse apenas que viu e lembrou-se de muitas coisas das quais não gostaria de se recordar. Estranhou a presença de Miriam, mas logo lhe agradeceu a ajuda após tudo ser explicado.

Conversei com a moça, contei-lhe um pouco de minha vida e ela relatou-me um pouco da sua. Disse-me que era uma espécie de andarilha, sempre buscando conhecer novas amizades e lugares. Tinha apenas dezessete anos e saíra de casa bem pequena, pois não suportava as atitudes de seu pai, que era um comerciante de rum e estava sempre embriagado. Contei-lhe o que acontecera com meus pais e o que precisava fazer agora. Convidei-a para se unir a nós, e ela aceitou prontamente. Começamos a caminhar rumo à Floresta das Sombras e nem imaginávamos o que nos aguardava...

Capítulo 2 - Rumo ao Desconhecido

- Bom, agora que todos estão bem e já sabemos o que temos que fazer, tentaremos cruzar esta floresta o mais rápido possível e evitar, ao máximo, qualquer confusão. Temos provisões apenas para dez dias, devemos procurar o que comer pelo caminho e usar as provisões apenas quando for estritamente necessário. Se tudo der certo, estaremos de volta em quinze, no máximo vinte dias. Contudo, para que isso seja possível precisamos permanecer juntos e ser leais uns aos outros...

- Rapaz, pode confiar em mim. Sabes bem que te devo uma, se não fosse por sua bravura e coragem eu nem estaria aqui hoje. – Barukz cortou a minha fala.

- Modiat!

- Sim?

- Tu que és o maior conhecedor desta floresta, e tens mais experiência dentro dela, para que lado achas que devemos nos dirigir? – inquiri.

- Pistorius, serei honesto contigo. Não conheço esta floresta, Kitle não a conhece, ninguém conhece verdadeiramente este lugar.

- O que queres dizer? – perguntei.

Com um olhar profundo e pensativo, Modiat continuou:

- Esta floresta é amaldiçoada, ela nunca é igual. Vês aquela pequena árvore?

- Sim. – respondi.

- Vá até lá e toque-a!

- O que vai acontecer?

- Toque-a! – insistiu Modiat.

Aproximei-me da árvore e, ao tocá-la, não senti nada. Eu pegava as folhas e os galhos, mas era como se eu tentasse apalpar o vento, parecia que a árvore se desmaterializava à medida que percebia que seria tocada, deixando apenas uma sombra, uma ilusão para os olhos. Era algo curioso, pois a árvore estava ali e eu podia vê-la, mas não podia tocá-la. Que estranha magia seria aquela? O que tudo aquilo significava? Percebendo meu espanto, Modiat prosseguiu:

- Compreendes agora o que eu digo, Pistorius? Como eu falei, não há ninguém que conheça esta floresta, ela nunca é igual. Estranhos feitiços foram realizados aqui e as árvores herdaram poderes que, basicamente, são resíduos das magias aqui realizados. Cada novo feitiço é incorporado por uma nova semente ou broto que está por crescer, resumidamente: Essas árvores podem absorver os efeitos das magias que são realizadas dentro dos limites desta floresta. Espero que todos possam compreender a importância dessas coisas e pensem duas vezes antes de tomarem decisões. Espero também que todos nós estejamos preparados para o que está por vir.

- Está bem, para mim já chega de conversa. Se temos que ir a algum lugar estranho, matar uma maldita besta e pegar um inútil cristal, que seja logo! Quanto mais rápido formos, mais rápido estaremos de volta. Tenho negócios importantes a tratar depois da minha volta e não quero prorrogar ainda mais o que tenho que fazer. – apressou-se Barukz.

- Concordo com ele. – disse Miriam. – Devemos nos apressar em partir, para que possamos voltar assim que for possível.

- Certo! É bom ver que todos estão dispostos a prosseguir nessa jornada, terei muito prazer em, ao

voltar, dizer a Burlet que eu realmente escolhi as pessoas certas para me ajudar. – falei, com grande alegria e esperança ao olhar para aquele corajoso grupo.

Não imaginávamos as coisas que iriam acontecer dali pra frente. Começamos a caminhar apressadamente. Àquela altura, estávamos muito apreensivos e ninguém atrevia-se a abrir a boca. Caminhávamos rápido e em silêncio, observando atentamente a tudo que estava ao nosso redor. O dia mal havia começado, os raios do sol iluminavam-nos o caminho e criavam as mais estranhas sombras.

Apesar de não haver nenhum vento e as árvores estarem completamente paradas, muitas sombras se moviam pelo chão, criando um espetáculo de formas que, ao mesmo tempo, nos deixava admirados e assustados. Com grande conhecimento a respeito do assunto, Modiat sempre nos explicava os estranhos mistérios e feitiços que faziam da Floresta das Sombras um lugar tão sombrio. Contou-nos um pouco mais a respeito das lutas que haviam sido travadas ali há muitos anos, disse-nos que aquela floresta inóspita fora um dia, na verdade, o centro da civilização que agora a margeava, mas a quantidade de feitiços lançados tornou impossível a continuidade da vida ali. Por isso, a floresta tornara-se tão temida, além da magia que a rodeia, muitos diziam que os espíritos dos mortos continuavam rondando por ela.

- Esperem, fiquem todos em silêncio! – comandei. – Parece-me que vi alguém ou alguma coisa mover-se atrás daquela rocha!

As sombras continuavam se mexendo e se agitando ininterruptamente e sua excitação parecia aumentar cada vez mais. Inesperadamente, Miriam deu um grito:

- Aaahhh! Algo me pegou, socorro! Estou afundando na terra! O que é isso Modiat? Modiat...

Caindo de joelhos no chão e balançando a cabeça, Modiat exclamou:

- Senhor, tende piedade de nós!

- O que está acontecendo? – gritou Barukz.

- Os Homens-sombra! – concluiu Modiat, com voz fúnebre. – Estamos perdidos! – e atirou-se ao solo clamando por clemência.

Corri para junto de Miriam e, sem saber o que fazer para enfrentar aquele inimigo invisível, comecei a bater com minha espada ao redor dos pés dela, que continuava afundando na terra. Enquanto isso, Barukz girava seu machado desesperadamente, cortando árvores, plantas e tudo o que estivesse ao alcance de sua arma. Muitas coisas estranhas aconteceram naquele momento, algumas árvores pareciam gemer e gritar, a mata agitou-se intensamente, animais correram e se esconderam, mais alguns Homens-sombra apareceram do nada.

- Modiat! O que estás fazendo? – gritou Barukz. – Como podemos acabar com esses monstros? Levante-se e faça alguma coisa, seu imbecil!

De repente, algo se materializou à minha frente. Tinha forma humana, mas era completamente escuro, não era possível ver-lhe as feições, nem sequer os olhos. Aquela criatura estendeu a mão e pegou uma sombra no chão, que se transformou em uma espada ou coisa parecida, e partiu para cima de mim. Enquanto duelávamos, outros seis ou sete Homens-sombra também se materializaram e partiram para cima de Barukz, Miriam e Modiat.

Lutamos ferozmente contra aqueles seres, mas nada parecia afetá-los, pois cada vez que lhes dávamos um golpe com a espada, nada acontecia, e cada vez que conseguíamos desarmá-los, apenas esticavam o braço e pegavam outra sombra que se transformava em uma nova arma em suas mãos. Assim como eu, Barukz fazia tudo o que podia para acabar com os Homens-sombra, mas seu machado não parecia fazer muito efeito.

Após muito sacrifício, Miriam conseguiu se desvencilhar daquilo que a puxava para baixo e, tudo o

que pôde fazer, foi correr e tentar ficar longe do alcance dos inimigos que a atacavam, pois seu arco e flecha não poderiam nem ao menos mantê-los afastados.

- Pistorius, Pistorius, onde estás?

- Aqui, Modiat, erga-se do chão e lute!

- Não posso, não adianta! Enquanto for dia, eles estarão aqui... Aaahhh!

- Modiat, responda! O que houve? O que tem o dia? Modiat!

- Luz! – pensei alto. – Enquanto houver luz, haverá sombras!

- Barukz! – gritou Miriam. – Ajude Modiat, ele está sendo levado pelos Homens-sombra!

- Já tenho problemas demais aqui, tem três desses monstros me atacando!

- Modiat, Miriam, Barukz... Vamos correr para a mata fechada, onde não haja a luz do sol!

- Modiat está sendo morto! – gritou Miriam. – Já foi levado, não posso vê-lo!

- Corram, corram.

Corremos o mais rápido que pudemos floresta adentro. Os Homens-sombra nos seguiram, mas, um por um, foram desaparecendo à medida que a floresta ficava mais densa e fechada. Por fim, nos livramos deste obstáculo, ainda que exaustos pelos combates infrutíferos e pela fuga desenfreada. Havíamos perdido muitas horas e muita energia nessa luta sem fim contra os Homens-sombra. Paramos para descansar, comer e decidir a melhor forma de prosseguir. Agora sem Modiat, nosso guia.

- O que foi aquilo? - indagou Miriam.

- Não sei, mas o maldito Modiat não fez nada para ajudar, ainda acabou morto e agora estamos sem um guia! – exclamou o Ogro.

- Reclamar não vai ajudar em nada agora, Barukz, temos que prosseguir o mais rápido possível, pois só temos provisões para dez dias. – falei.

Andamos apreensivos, imaginando qual seria a próxima surpresa que nos aguardava. O dia transcorreu sem maiores incidentes, apenas Barukz caiu de uma árvore tentando pegar algumas frutas o que nos proporcionou um pouco de divertimento e descontração. Também pisei num buraco e acabei ficando preso por um tempinho até conseguirem me desentalar. Miriam disse que parecia ser uma toca de basilisco, ainda bem que nenhum apareceu. Matamos ainda alguns animais esquisitos que apareceram em nosso caminho, mas nada que tenha nos atrapalhado ou causado muito perigo.

Minha mente ocupou-se, a maior parte do tempo, das coisas que Modiat dissera a respeito dos encantamentos da floresta e das propriedades que esta possuía, tudo o que fora dito consumia muito de minhas energias, devido ao constante exercício mental que eu realizava. Cheguei a comentar algumas vezes com meus companheiros a respeito de minhas preocupações e eles me revelaram que haviam meditado nessas coisas tanto quanto eu. Estávamos realmente muito impressionados com tudo relacionadas à floresta e à nossa missão. A noite estava começando a chegar então resolvemos parar, comer um pouco mais e repousar um pouco.

Antes de finalmente pararmos para descansar, resolvemos que cada um de nós ficaria acordado por um período de três horas e nos revezaríamos pela ordem: Barukz ficaria de vigília nas três primeiras horas, eu nas subsequentes e Miriam nas últimas três. Cada um dormiria, assim, durante seis horas. Usamos uma ampulheta que, sabiamente, nos fora dada por Burlet para medirmos o tempo. Começaram então as três primeiras horas de vigília que seria realizada por Barukz, e elas transcorreram tranquilamente.

Veio então a troca de turnos e era minha vez de vigiar. O Ogro me acordou com alguma dificuldade,

pois eu estava com muito sono e não queria levantar-me. Uma vez que eu estava acordado, Barukz dormiu rápida e ruidosamente. A quarta hora da noite (minha primeira de vigília) também se passou tranquilamente, mas quando estávamos na quinta hora, um enxame de grandes insetos nos atacou. Nunca vira semelhantes criaturas, pois tinham seis asas, que faziam um ruído ensurdecedor, mediam o tamanho de um humano recém-nascido e, aparentemente, estavam famintos.

- Miriam, Barukz, acordem, vamos, acordem!

- O que houve? – perguntou Miriam, dando um salto do chão.

- Ah, deixe-me dormir, Pistorius.- resmungou Barukz.

- Olhem o tamanho desses insetos estranhos, matem-nos!

Começamos a matar os malditos insetos, que pareciam vampiros à caça de nosso sangue. Miriam agora usava a cimitarra deixada por Modiat, a qual pegou enquanto fugíamos dos Homens-sombra. Eu usava minha espada e Barukz, ainda sonolento, tentava usar seu machado. Ele foi cercado por cerca de dez insetos e cansado por ter dormido apenas uma hora, tentava livrar-se daquela praga. Miriam e eu estávamos ocupados demais com nossos próprios “bichinhos”.

Havia dezenas, talvez centenas daqueles insetos que pareciam mosquitos-vampiros. Olhando ao redor, vi vários mosquitos-vampiros caídos no chão e que Miriam permanecia em pé, mas Barukz também estava caído em meio a dezenas daqueles bichos. Corremos até o Ogro e vimos que estava, apesar de vivo, muito mal. Alguns insetos continuaram nos atacando, mas muitos já haviam fugido ao ver vários outros dos de sua espécie, mortos. Após acabar com os últimos mosquitos-vampiros, tiramos Barukz do meio da pilha de bichos mortos e o levamos até um rio que corria próximo a nós.

Certificamo-nos de que levávamos todas as armas e provisões restantes, recolhemos a mochila de Barukz e todo o resto. Analisando a água e constatando que, de fato, seria boa para beber, demos ao nosso amigo. Como ele estava inconsciente, foi necessário que entornássemos em sua boca, segurando sua cabeça para que fizéssemos com que a água descesse pela garganta. Já devia estar amanhecendo, pois alguns pássaros e outros animais circulavam pela floresta e, curiosos, vinham até nós, observar os estranhos que tinham invadido sua floresta. Havia muita agitação na mata e, apesar de todos esses indicativos, não podíamos ter certeza do horário, pois perdemos nossa ampulheta que se partira durante a luta contra os mosquitos-vampiros.

- O que vamos fazer com ele? – indaguei.

- Vamos dar-lhe algum alimento e água, e esperar para ver se ele vai melhorar.

- O problema é que quanto mais demorarmos, mais dificuldades poderemos encontrar!

- Tudo bem, mas não podemos carregá-lo e nem deixá-lo aqui! Parece que ele perdeu muito sangue, olhe como está amarelo.

- Será que pegou alguma doença daqueles bichos?

- Não sei. – Miriam tinha ares de desapontamento.

- Acho que teremos que esperar aqui por um tempo até ele se recuperar. Espero que não demore muito...

Passamos boa parte daquele dia escondidos entre algumas árvores e pedras, a fim de evitarmos confusão. Barukz não reagia muito, mas dava a impressão de estar melhorando. Toda essa perda de tempo era muito ruim, porque poderíamos ter avançado bastante, no entanto, aproveitamos a doença do Ogro para dormir um pouco, primeiro Miriam e depois eu. Acordei com a moça deitada em meus braços, a pobrezinha não conseguira ficar acordada, devia estar realmente muito cansada. Para nossa sorte, nada

nos aconteceu, pois sabe-se lá por quanto tempo, ficamos sem um vigia. Olhei ao redor, minha cabeça estava doendo. Que horas seriam? O silêncio reinava na floresta, estava mais escura e sombria que normalmente. Não podia ver o céu. Seria dia, seria noite? Não tinha certeza, pois a floresta eram só trevas.

Comecei a pensar em minha casa, quando era mais jovem e vivia com minha mãe. Bons tempos aqueles, mas agora ela estava morta. Malditos ladrões. Minha mãe, eu amava tanto a minha mãe... E agora eu estava ali no meio da floresta, sozinho... Sozinho não, pois tenho amigos... Barukz. Olhei para o Ogro, que parecia um pouco melhor, mas ainda dormia. “Desculpe-me por tê-lo colocado nessa” - pensei. “Desculpe por tê-lo enganado, mas a ideia foi de Modiat, maldito aleijado. Nem fez nada para nos ajudar. Também havia Miriam...”.

Logo, observava a moça em meus braços. “Como ela é bonita – pensei. Tem os traços perfeitos, é ousada, forte, impetuosa, sábia”. Quase sem perceber, meus lábios estavam em contato com os de Miriam. Assustei-me. “Tudo bem, ela está dormindo, nunca saberá o que aconteceu”. Senti certa tristeza. Eu só queria estar com meu tio, minha mãe, meu pai. Como terá sido meu pai? Mamãe não falava muito dele, deve ter sido um homem bom, ou não. Talvez fosse um ladrão, um assassino... Assassino... Eu sou um assassino agora, e tudo por causa de um cristal... Cristal...

- O cristal! Ei, acordem, temos que pegar o cristal!

Miriam, assustada com meu grito, despertou com um salto e colocou-se em posição de defesa. Olhando ao redor muito confusa, constatou que nada acontecia. Olhou-me como que fazendo uma indagação com os olhos.

- Desculpe-me, Miriam! – falei. – Não era minha intenção assustá-la. Estava vagando em meus pensamentos e lembrei-me do cristal. Temos que partir, temos que encontrá-lo. Precisamos voltar logo, a única coisa que quero é encontrar meu tio e poder viver em paz, afinal. Devemos correr, correr...

- E deixar os outros para trás? – indagou Miriam indignada. – Barukz não está bem e Modiat? Talvez ainda esteja vivo. Tu tens coragem de deixa-lo para trás? Lembras-te do que disseste sobre fidelidade há pouco tempo, quando iniciamos nossa jornada? Devemos voltar e nos certificar de que ele está morto para então partir, afinal, além da obrigação que temos de salvá-lo, sabes muito bem que precisamos de toda a ajuda possível, tu mesmo disseste que o trabalho não seria nada fácil!

- Mas, Miriam, não temos tempo. O que vamos fazer? Tentarei carregar Barukz, mas Modiat certamente está morto! Não podemos ficar aqui parados, esperando para saber se o homem está vivo ou se o Ogro irá recuperar-se, não compreendes? Precisamos prosseguir, nossas vidas também estão em jogo, Modiat não fez nada para salvar-se, faremos nós o mesmo? Se voltarmos, poderemos morrer e, ainda que isso não aconteça, estaremos perdendo um tempo precioso. Além do mais, logo estaremos sem água e alimento.

- Isso não importa agora, Pistorius, o fato é que eles são nossos amigos e devemos ajudá-los, porventura eles não fariam o mesmo por nós?

- Meus amigos? Não sabes nada, Miriam, nem metade da história! Barukz é fiel realmente, mas o pobre foi enganado por Modiat...

- Enganado como? – perguntou Miriam com olhar reprovador.

- Não é nada, deixe isso para lá. Vamos prosseguir!

- Se quiseres ir, que vás sozinho. Eu vou ficar. – respondeu Miriam.

- Não vou deixá-la para trás, permaneceremos então, mas espero que tenhas certeza do que estás fazendo e que não te arrependas depois.

Desde aquele momento, ficou impossível saber a quanto tempo estávamos na floresta. Não sabia sequer por quantas horas teríamos dormido. Perdemos completamente a noção do tempo, pois naquela floresta amaldiçoada, a todo o momento, nos parecia ser noite. Apesar de discordarmos sobre o que deveríamos fazer, Miriam e eu concordamos em uma coisa: Era hora de comer.

Resolvemos esperar e ver o que aconteceria com Barukz, pois carregá-lo poderia piorar a situação. Miriam deu-lhe alguma espécie de chá para tentar ajudar em sua recuperação. Resolvemos dormir um pouco mais e depois comer novamente. Talvez mais um dia houvesse se passado, talvez dois, talvez nenhum. Saí para explorar um pouco a área, encontrei algumas frutas, um pouco de água, um tanto turva é verdade, mas era o melhor que tínhamos. Devíamos economizar nosso estoque de alimento.

Numa dessas explorações, escutei um ruído no meio da mata. Escondido na vegetação, aproximei-me do local para observar o que se passava. Vi um homem que andava, nervosamente, de um lado para o outro, mas mantive-me em silêncio. Inesperadamente, o sujeito foi atacado por duas criaturas. Instintivamente e sem sequer medir as consequências de meu ato, corri para socorrê-lo. Quando fui avistado, uma das criaturas veio ao meu encontro e começamos a lutar ferozmente. Os dois agressores tinham o corpo coberto por longos pelos, pareciam lobos embora andassem sobre duas patas. Ainda que não fossem muito altos, aparentavam grande força física. Exalavam um cheiro bastante peculiar, como o odor de algo estragado, sujo, como algum tipo de gordura animal misturado com algo velho e mofado. Travei uma dura batalha contra a criatura que, confirmando minha primeira impressão, era bem forte e possuía uma boa técnica de luta.

- O que, ou quem sois vós? – perguntei. – O que querem com esse homem?

Um, daqueles estranhos e curiosos seres, atingiu o homem e, pegando-o nos ombros, correu embrenhando-se na mata. Éramos apenas eu e a criatura que me atacava, agora. Embora eu insistisse em fazer perguntas, ela nada me respondia, tinha apenas uma respiração forte, ruidosa e ofegante, o que a tornava ainda mais assustadora. Com minha espada desferi alguns golpes que pareciam não surtir efeito em sua grossa pele, apesar de que a dor era evidente em suas reações. Com troncos de árvores caídos, paus e pedras a criatura me atacava. “Que espécie de monstro seria aquele? Quem seria o homem que a outra criatura levara? Seria Modiat? Miriam estaria bem? Será que Barukz se recuperara?”

Cheio de dúvidas e sendo atacado pelo Homem-lobo, como resolvi chamá-lo, concentrei-me mais em meu adversário que, aparentemente, não desistiria até que um de nós estivesse morto. Corri para cima dele com um grito, o Homem-lobo esquivando-se, atingiu-me em cheio no peito, fazendo com que eu cuspisse um pouco de sangue. Meio atordoado, virei-me e desferi um golpe que o acertou num dos braços. “Onde está minha estranha força nessas horas?” – pensei. Com um grunhido assustador, por causa do golpe que parecera surtir algum efeito pela primeira vez, a criatura virou-se e correu na mesma direção em que a primeira havia seguido ao levar o homem inconsciente. Ao me preparar para segui-lo, senti um forte impacto na cabeça e perdi a consciência.

Capítulo 3 - Cavernas e Corredores

Acordei numa estranha caverna, olhei ao redor, não conseguia enxergar muita coisa, pensei onde estaria e o que haveria acontecido, estava bem confuso. Lembrei-me do confronto com o Homem-lobo, minha cabeça doía. Tentei ver se havia alguém por perto, mas não conseguia enxergar mais que alguns palmos à minha frente, resolvi chamar para ver se havia alguém por perto:

- Tem alguém aí? – perguntei.

- Xiu! – ouvi em resposta. – Tu não queres que eles retornem, queres?

- Quem és tu? – perguntei.

Não obtive resposta. Ainda com uma forte dor na cabeça tentei levantar-me e só então percebi as correntes que me prendiam a uma rocha. Tentei forçá-las um pouco, mas sem nenhum sucesso, ainda mais que eu estava completamente sem forças e morrendo de fome. Imaginei quanto tempo eu deveria ter ficado ali, preso naquela caverna. Voltando-me para o lugar de onde viera a voz insisti:

- Quem és tu?

- Xiu! Quieto! Se eles voltarem, estaremos acabados, deixe-os sossegados. É melhor que eles estejam longe daqui.

- Eles? Quem são eles? – perguntei.

- Xiiiiiuuuu! – foi a resposta que recebi.

- Pelo menos, diga-me seu nome!

- Magnus, agora cale a boca!

O silêncio era quase absoluto na caverna, exceto por um gotejar incessante e alguns ruídos feitos por insetos. Uma brisa fria vinha de algum lugar, não existia luz e havia um cheiro horrível no ambiente, como se tivesse algo podre lá dentro, mas eu não poderia esperar por algo diferente, visto que o cheiro da própria criatura que eu enfrentara era quase tão horrível quanto o daquele lugar. Tentei descansar já que não havia como me livrar daquelas correntes. Sentei-me e recostei numa grande pedra. O que estaria acontecendo? Como estariam Barukz e Miriam? Miriam... Como é bonita... Enquanto vagava em meus pensamentos ouvi passos aproximando-se de onde eu estava. Escutei também grunhidos, como se alguém conversasse. Um brilho apareceu no interior da caverna, alguém carregando uma tocha. Pude distinguir um vulto segurando a fraca luz diante da enorme escuridão da caverna, e devo admitir que não era uma visão nada amigável e muito menos animadora.

- Levantem-se! - disse uma voz áspera e forte.

- Não ouviram? Levantem-se! – falou outro.

Ergui-me e, próximo a mim, ergueu-se também Magnus. Assustado, com fome e com frio eu já quase não tinha forças para ficar em pé. Pude ver um dos homens aproximar-se de mim, parecia ser alto, forte, truculento e, apesar de não lhe poder ver as feições perfeitamente, pude notar certo brilho de ódio no olhar que era refletido pela fraca luz que emanava da tocha.

- Vire-se de costas! – ele ordenou e eu me virei. – Sabes cavar? Prepare-se para cavar seu túmulo, imbecil. Achou que acertaria meu irmão sem sofrer nenhuma consequência por tal ato? Vire-se de frente! – ordenou novamente.

Virei-me, e então aquele enorme homem deu-me um soco no rosto. Caí e ele ordenou-me que tornasse a me erguer. Com ainda mais dificuldade, consegui colocar-me novamente de pé, mas sentia um imenso desejo de cair no chão e não me levantar nunca mais. Ele já havia soltado minhas mãos, porém

meus pés permaneciam presos pelas pesadas correntes. Ao nosso lado, o outro homem desacorrentava Magnus, mas não o agredia como estava acontecendo comigo. Ele sequer pronunciava qualquer palavra, a não ser as ordens que o prisioneiro deveria cumprir, como virar-se, esticar os braços, dobrar os joelhos e assim por diante.

- De joelhos! – ordenou-me a voz mais uma vez.

Ajoelhando-me, fui mais uma vez atingido pelo homem que me soltava as correntes, mas dessa vez com um forte chute nas costas que me derrubou no chão. Senti então minhas pernas erem soltas. Que alívio. As enormes correntes causaram-me hematomas que ainda viriam a demorar um tempo para serem curados.

- O que querem comigo? Para onde vão me levar?

- Ninguém mandou tu te envolveres, garoto, mas agora que machucaste meu irmão, a coisa virou pessoal. Vais aprender a não te intrometeres nos assuntos que não te dizem respeito, vou me encarregar pessoalmente para que a lição se torne inesquecível para ti, podes ter absoluta certeza disso!

- Seu irmão estava atacando um homem na mata, fiz apenas o que qualquer um faria se visse alguém em perigo, foi apenas minha obrigação. O que vai acontecer comigo, o que pretendem fazer?

- Não se preocupe, rapazinho, logo saberás!

Ouvi então novos passos ecoarem na caverna, o que poderia significar duas coisas: Ou meu sofrimento iria acabar ou iria aumentar ainda mais. Não sei ao certo quantos eram os homens que se aproximavam, mas certamente eram mais que dois ou três e, para minha sorte, confirmou-se a primeira hipótese.

- O que estão fazendo, imbecis? Porque tanta demora em trazer os prisioneiros? E esse caído no chão, qual o problema dele?

- Éééé... Não sei ao certo senhor! Parece que ele está muito fraco e não consegue se levantar.

- Certo. Dê a ele algo de comer e traga-o para junto dos demais, mas apresse-se com isso!

- Sim, senhor, desculpe, agora mesmo, senhor...

- Cale-se e faça isso logo!

- Sim, senhor! Levante-se, garoto, parece que estás com sorte hoje, mas não pense que deixarei que escapes.

Levantei-me com algum esforço e fui levado até um amplo salão. Aquele local não era muito diferente do restante da caverna, pois tinha um cheiro horrível de podre. O salão tinha algumas mesas muito grandes, todas feitas de um modo bem rústico, longos bancos continham inúmeras pessoas sujas e com aparência cansada que, silenciosamente, comiam o que lhes tinha sido dado em alguns pratos feitos também de maneira tosca. Em todas as paredes havia tochas penduradas o que dava uma iluminação maior ao local. Dois homens, em cada uma das saídas, guardavam as saídas e vigiavam os prisioneiros. Recebi um pouco de alimento que, pelo cheiro, aspecto e gosto, parecia estar estragado. Comi e bebi algo que me foi dado. Das outras pessoas que estavam dentro daquele salão, alguns comiam, outros apenas estavam sentados, mas todos aparentavam apatia e desânimo. De repente, alguns Homens-lobo entraram no salão. Assustado, ergui-me e, virando-me para um homem que estava ao meu lado, disse:

- O que são esses bichos?

- São homens, simplesmente homens! Vestem-se assim para inspirar terror em quem entra na floresta, mas não passam de ladrões e assassinos.

- Porque todos estão aqui? Porque aceitais serem subjugados por esses assassinos?

- O que podemos fazer? Os poucos que querem sua liberdade não são apoiados pela maioria, que teme ser morta, são todos uns covardes.

- Qual seu nome, meu amigo?

- Magnus e como te chamas?

- Magnus? Então eras tu que estavas no fundo da caverna comigo? Bem que sua voz me parecia familiar.

- Ah! Tu rapaz, tu que estavas lá?

- Sim, chamo-me Pistorius e tem mais uma coisa...

- O quê?

- Tu vais me ajudar a sair daqui!

Falando isso, pulei no pescoço de Magnus, derrubei-o no chão e comecei a tentar enforcá-lo. Pude reparar a surpresa em seu olhar, o espanto foi tanto que ele nem reagiu ao meu ataque. Vendo isso, os Homens-lobo que estavam no salão vieram nos separar. Ao aproximarem-se, roubei a espada de um deles e o feri mortalmente. Pondo-me em pé, comecei a duelar com outro Homem-lobo e, virando-me para Magnus, disse:

- Ande, levante-se e me ajude com esses ladrões!

Ainda um pouco assustado, Magnus levantou-se e, pegando uma das pernas da mesa que havia se quebrado na confusão, partiu para cima de outro Homem-lobo. A essa altura, vários Homens-lobo chegaram ao salão, muitos dos prisioneiros começaram a atacá-los mas outros, se acovardando, escondiam-se pelos cantos. Lutávamos ferozmente, corpos caíam no solo e coisas voavam pelos ares, gritos, gemidos. Eu nunca presenciara uma cena tão horrível, pior até mesmo que o ataque à minha aldeia. Muitos pegavam os pratos e atiravam na cabeça dos Homens-lobo, outros usavam qualquer coisa que pudesse cortar, rasgar ou ferir como armas para acabar com os malditos ladrões. Pensei em meu tio no norte. No cristal. Comecei a avançar em direção à saída do salão:

- Magnus, venha comigo, rápido!

Agora, com espadas em ambas as mãos, Magnus seguiu-me e ajudou-me com os homens que nos atacavam. Caminhamos com dificuldade em direção à saída e, de repente, uma forte trombeta foi ouvida. Silêncio. Podia-se ouvir um inseto voando. Por um segundo, que pareceu uma eternidade, todos pararam e o silêncio foi absoluto. Havíamos demorado demais. Logo após o soar da trombeta, o eco de dezenas de passos foi ouvido por toda a caverna. Passando pelo saguão, entrando pelo salão e vindo em nossa direção estava uma enorme frota munida de paus, fundas e espadas. Instintivamente, puxei Magnus pela roupa e o arrastei na direção contrária a da tropa, buscando a saída pela outra lateral. Uma cena indescritível iniciou-se naquele instante. Os Homens-lobo começaram a atacar e a dominar todos os prisioneiros. Rebelados ou não, eram atingidos por paus e pedras de maneira cruel. Por mais que os prisioneiros tentassem reagir, eram muitos os do exército que chegara.

- O que faremos, Magnus?

- E perguntas-me tu a mim? Quem começou tudo isso, afinal? E que ideia estúpida foi aquela de me atacar?

- Precisava de um motivo para os guardas se aproximarem, peço perdão, mas foi preciso. Cuidado, aí vêm eles!

Começamos novo combate com os ladrões que nos atacavam agora. Mais uma vez braços e cabeças voavam e rodopiavam pelo salão, muitos dos prisioneiros desistiram de nos ajudar, mas outros ainda

perseveraram, pois assim como Magnus e eu, estavam dispostos a morrer em busca de sua liberdade a viver para sempre naquelas cavernas como escravos dominados pelos Homens-lobo. A luta estava muito difícil e eu já estava perdendo as esperanças de vencê-la, quando aconteceu algo que mudaria a história daquele combate.

Estávamos cercados, havia dezenas, talvez centenas de inimigos à nossa volta. Desanimado, Magnus sussurrou:

- Acho que é hora de desistirmos, amigo.

- De que adianta desistirmos? De certo seríamos mortos como exemplo para os demais... Aaaahhhh!

Enquanto falávamos, fui atingido por uma pedra atirada com muita força em minha perna esquerda. Olhei para a direção de onde viera o objeto e ouvi outro grito, olhei para o lado e vi Magnus atingido por uma flecha, foi então que o ponto de virada desse combate começou. Um dos Homens-lobo, adiantando-se na multidão, apontou na minha direção e disse:

- Ei, reconheço esse rapaz! Ele esteve na "Taverna dos Trolls", é um órfão, um bastardo que nunca teve pai. Parece que vais poder conhecê-lo agora, rapazinho. Matem-no!

Ao ouvir essas palavras, ver Magnus ferido e ao sentir a iminência de nossa morte, comecei a sentir aquela mesma força estranha dominar todo meu corpo.

- O que é aquilo!? – exclamou um dos Homens-lobo.

- Vejam seus olhos! – continuou outro.

- Ele deve ser algum deus ou demônio! – disse um terceiro.

Com enorme fúria, parti para cima de um inimigo mais próximo, quebrei-lhe o pescoço e tomei-lhe a espada. Magnus, apesar de atingido, permanecia em pé. Tirando a flecha de seu corpo e pegando uma espada que joguei em sua direção, começou a atacar os guardas. Outros vieram para cima de mim, uns quatro ou cinco. Quebrando a perna de um deles tomei-lhe a espada e braços começaram a voar pelo salão, gritos, gemidos e ranger de dentes ecoavam pelas cavernas. Muitos começaram a fugir e vários presos, reanimados pelo que viam, começaram novamente a lutar por suas vidas e liberdade. Corpos caíam ao chão, homens corriam para todos os lados. Com minha espada e meu punho, movido por aquela estranha força, muitos de meus inimigos foram derrotados e mortos. Restavam já poucos que ainda nos enfrentavam, também muitos dos prisioneiros haviam corrido em busca de sua liberdade, quando mais uma vez a forte trombeta foi soada, mas num toque diferente do primeiro. Todos os Homens-lobo pararam e ao mesmo tempo correram para uma saída que, após a passagem do último homem, foi fechada.

Voltando ao meu estado normal, olhei ao redor e vi apenas Magnus ao meu lado. Pensamos que havíamos vencido o combate e começamos a caminhar em direção à passagem aberta do salão. Saímos por um corredor, estava um pouco escuro, peguei uma tocha e começamos a caminhar pelo estranho e, naquele momento, silencioso corredor.

- Acho que desistiram. – falei.

- Não sei. – replicou Magnus. – Isso não me cheira bem. Sinto algo no ar, esse silêncio não me engana.

- Sabe, Magnus, acho que seria bom se corrêssemos.

- Sim, vamos correr!

Começamos a correr pelos intermináveis corredores o mais depressa que podíamos. Nossos passos ecoavam pelas paredes e, não fosse isso, o silêncio seria total no interior infinito daquelas estranhas e escuras cavernas. Pude sentir uma brisa vinda de um dos corredores. "A saída deve ser por aqui" –

pensei. Virei naquela direção e Magnus me seguiu.

- Xiu! Pare, pare!

- O que foi, Pistorius?

- Ouça, vem de lá. O que será isso?

- Não ouço nada, Pistorius, deve ser o vento.

- Não, escute. Ouves? Passos, vêm atrás de nós. Estão nos seguindo!

Nem tivemos tempo de virar para olhar, uma gigantesca criatura atirou-se sobre nós e nos derrubou no chão. Senti uma forte dor nas costas. “Se não fosse jovem já teria morrido” – pensei. Fazendo uma alavanca com as pernas num instinto natural, Magnus e eu jogamos a criatura para trás e, sacando nossas espadas, nos preparamos para atacar. A criatura tinha um brilho vermelho no olhar, parecia ser bem alta, estava muito ofegante e, para não destoar de tudo o que já havíamos encontrado naquele lugar, tinha um cheiro insuportável. Não podíamos distingui-la plenamente por causa da escuridão na caverna, pois a tocha que carregávamos havia se apagado ao cair no chão.

- Pistorius, vamos atacar sem armas, pois nesta escuridão poderemos nos atingir e nos ferir. Além do mais, perdê-las e certamente precisaremos delas mais para frente.

- Tens razão Magnus, teremos que usar nossos próprios punhos desta vez, apesar de parecer que apenas nossos punhos não serão suficientes para derrotar a criatura.

Enquanto conversávamos, lutávamos e nos esquivávamos daquele estranho ser que nos atacava. A criatura, mais uma vez, investiu contra nós com mais fúria. Sabia que na escuridão possuía alguma vantagem. Com a vista um pouco mais acostumada ao breu, pudemos distinguir um vulto nos atacando. Defendemo-nos como pudemos. Magnus pôs-se de lado e eu ataquei a criatura frente a frente. Atingi-lhe alguns chutes e socos. Distraindo o monstro, Magnus pôde passar para trás dele e atacamos juntamente dos dois lados. Contrariando nosso acordo, mas sabiamente, meu companheiro de fuga sacou sua espada e a cravou nas costas da criatura que, por sua vez, ficou ainda mais enfurecida. Aproveitando-me da situação, saquei também minha espada e desferi alguns golpes na criatura que atacou-me também com suas garras. Acabou ferindo-me num dos braços, causando uma dor que, unida ao cansaço, impediu-me de continuar atacando. Magnus, percebendo que eu já não teria forças para duelar, atacou a fera. Joguei-lhe minha espada e desmaiei.

“Onde estou?” – pensei.

– Magnus? Magnus, estás aí? – balbuciei.

Acordei sem saber onde estava, onde Magnus estava, não conseguia enxergar nada, pois a escuridão era total. Meu corpo doía, passei a mão no braço, estava cortado e ardendo, mas aparentemente já não mais sangrava. “E agora? Perdi todos os meus amigos, não sei onde estou e sequer sei para onde ir”. – pensei. Levantei-me com dificuldade, apalpei as paredes e fui caminhando a passos lentos, seguindo na direção de uma leve brisa que podia sentir. Calculei que devia estar no mesmo corredor onde aquela gigantesca criatura nos atacara. Fiquei imaginando o que poderia ter acontecido com Magnus e porque teriam me deixado ali naquele corredor.

Andei por algum tempo, o quanto eu não sei, o silêncio era tanto que chegava a me preocupar mais do que se estivesse ouvindo os passos de um grande exército. Ora ou outra podia ouvir alguns ruídos, mas deveriam ser apenas sons carregados pelo vento, eu pensava. Depois de tanto caminhar, vi um raio de luz. Seria o sol? “Mas a floresta é muito fechada” - pensei. Mesmo na dúvida, andei rapidamente naquela direção. Cheguei ao que parecia ser um quarto para tratar de doentes ou coisa do tipo. Havia uma enorme criatura com faixas ao redor do corpo cobrindo seus ferimentos, pois havia sangue. Aproximei-

me vagarosamente, a criatura dormia. Era estranha, nunca tinha visto algo igual, certamente era de uma raça que nuca havia conhecido, pois suas características não me faziam lembrar nada que já tivesse visto ou ouvido falar. Ela tinha uma pele grossa, grandes mãos e dedos, o rosto um tanto deformado, parecia um Troll, mas definitivamente não o era, jamais chegaria a saber que espécie de bicho seria aquele.

Aparentemente não havia mais ninguém naquele quarto. Olhei ao redor, vi frascos de remédios feitos de ervas ou coisa do tipo. Peguei algo numa mesa, tinha um cheiro estranho, tirei um pouco, passei nos meus ferimentos, ardeu, mas foi bom. Aquilo deveria ajudar a cicatrizar, ou talvez não... “Tenho que sair daqui.” – pensei.

Ouvi um ruído, a criatura se mexeu na cama, devia ter acordado. Sem pensar, peguei um punhal e cravei-o em seu peito. O que quer que fosse aquilo, após receber meu golpe, gemeu, suspirou e morreu. Menos um problema, antes de qualquer outra coisa, sabia que precisava de algo para comer, pois estava faminto. Vasculhei o quarto, que tinha várias portinhas de armários presos nas paredes, tudo feito de maneira bem rústica, mas que, diante do resto das coisas que eu vira ali, mostrava-se um bom trabalho. Havia mais frascos e frascos de remédio, pelo visto deviam ter bastantes problemas com ferimentos. Havia alguns papéis pendurados nas paredes, certamente com algumas instruções, tinha também uma espécie de mapa que resolvi pegar e estudar rapidamente. Apesar de meu interesse em explorar um pouco mais o lugar, ainda estava com muita fome e, abrindo uma portinha, encontrei um pouco de pão. Cheirei, parecia normal, experimentei um pedaço, estava bom. Comi o mais rápido que pude, retirei o punhal do peito da criatura para levá-lo comigo, levei também o mapa que encontrara, um pouco mais do remédio e saí pelos corredores novamente. Pensei em levar a tocha que estava no quarto, mas não achei prudente. De algum modo eu teria que sair dali, embora não fizesse a menor ideia de como. Tentei olhar no mapa, mas sem a tocha ele não me seria de grande utilidade. E Magnus? Não podia sair dali sem ter certeza de que ele estava fora de perigo, afinal eu ainda estava vivo graças a ele.

Mais uma vez comecei a correr pelos corredores. “Nunca mais quero entrar em um corredor na minha vida” – pensei. Imaginei que Magnus pudesse ter sido preso e estivesse nos calabouços, mas não tinha muita certeza para que lado ficava o lugar. Diminui um pouco o passo, ouvi um ruído. Observei, parecia haver alguém se aproximando, carregava uma tocha. Esquivei-me e esgueirei meu corpo pela sombra, esperei algum tempo, a pessoa estava mais longe do que eu pensara, pois tive que aguardar um pouco mais até que ela se aproximasse. Estava muito ansioso e com os nervos cada vez mais à flor da pele, suava muito. Após tanto esperar, quem quer que fosse a pessoa que carregava a tocha aproximou-se e, quando passou por mim, saí da sombra e saltei sobre ela, imobilizando-a e tapando sua boca.

Capítulo 4 – Um Estranho Habitante

(Trechos tirados das anotações de Miriam).

- Pistorius, onde estás? – chamou Miriam.

O grito dela ecoou pela floresta. Em resposta, ouviu-se apenas o farfalhar de alguns galhos agitados pelo vento. Já fazia algum tempo que eu havia saído para procurar alimento e água e ainda não voltara. Aos seus pés, Miriam tinha Barukz ainda doente e nada parecia reanimá-lo. A moça fazia todo o tipo de esforços, mas, até aquele momento, todos tinham sido em vão. “Espero que Pistorius não tenha se perdido ou sido atacado por alguma criatura selvagem” – pensou Miriam. “Eu devia ter saído para procurar mantimentos dessa vez, afinal ele é pouco experiente nesses assuntos e, além do mais, é um menino muito infantil. Sei que tenho quase a mesma idade que ele, mas as mulheres amadurecem muito mais rápido... Menino tolo”. Ela ficou muito dividida entre ficar com Barukz ou procurar-me, pois ambos pareciam precisar de seus cuidados, uma vez que Miriam já imaginava que eu havia me metido em confusão.

Ela esperou o máximo que sua inquietude permitiu até que, depois de algum tempo, resolveu arrastar Barukz para baixo de uma árvore, cobri-lo com algumas folhas secas e, no rosto, com algumas plantas ainda verdes para facilitar sua respiração. Após certificar-se de que o Ogro estava o mais protegido e camuflado possível, saiu à minha procura pela floresta.

Andando cautelosamente, a moça seguiu na mesma direção em que me vira sair pela última vez. Aproveitou para, no caminho, encontrar algum alimento, afinal estava faminta. Apesar da dificuldade para seguir meus rastros, ela conseguiu delinear mais ou menos o caminho que eu houvera feito algumas horas antes de ser levado pelos Homens-lobo. Miriam observou que, em determinado ponto da mata, eu havia subido em uma árvore, pois alguns de seus galhos estavam quebrados e havia também frutas e cascas de fruta no chão ao redor dessa árvore. “Miserável, enquanto eu estava esperando faminta ele estava aqui se banqueteando” – pensou Miriam. Ela continuou em frente na mesma direção quando chegou ao local onde anteriormente eu me deitara para não ser visto pelos Homens-lobo que atacavam aquele desconhecido. “Preguiçoso, além de encher a barriga enquanto eu esperava, ainda deitou-se para descansar após o desjejum. Deixe-me encontrá-lo Pistorius... Você vai ver só!”

Nesse momento, Miriam percebeu que havia feito um julgamento errado, pois chegou ao local onde eu travara o pequeno combate e viu algumas folhas sujas de sangue, além de muitas marcas no chão, plantas e galhos quebrados e amassados. “Que estranho” – pensou ela. Nesse instante, enquanto pensava, algo ou alguém saiu correndo do meio do mato e, com um impulso, atirou-se em cima de Miriam. Num reflexo, puxou uma flecha e, meio pressionada, disparou na criatura que avançava sobre ela. A criatura deu um urro e caiu para o lado, ofegante. Miriam, recompondo-se do susto, levantou-se e constatou que a criatura era um tigre. Para aliviar o sofrimento do animal, ela preparou mais uma flecha em seu arco, mas, no momento em que ia dispará-la, ouviu uma voz vinda por trás.

- Pare! Não faça tal coisa, é apenas uma criatura inofensiva.

Muito assustada, a moça virou-se, apontando o arco e flecha para a pessoa que lhe falava. Ainda confusa, ela viu que se tratava de um homem pequeno, com uma longa barba cinza e, apesar da baixa estatura, muito corpulento. A voz era firme embora serena e seu olhar tinha um brilho de sabedoria. Aparentava ter certa idade e a profundeza do seu olhar parecia penetrar até o âmago de quem o fitava.

Sem pronunciar mais nenhuma palavra, o homenzinho passou ao lado de Miriam, que estava inerte devido à surpresa e à tranquilidade que aquele ser passava. O homem abaixou-se ao lado da criatura, pronunciou algumas palavras, arrancou a flecha que estava cravada no tigre e, passando algo no local da ferida, voltou a pronunciar algumas palavras que Miriam não pôde ouvir. Para seu espanto, o enorme

animal levantou-se e começou a andar ao redor do velho. Ao lado daquele homem o tigre nem de longe lembrava aquela fera que acabara de atacá-la, ao contrário, estava manso como um gatinho.

- O senhor... Quem é o senhor? – perguntou Miriam.

- Quem sou eu, minha jovem? Acho que eu deveria estar fazendo essa pergunta, a intrusa aqui és tu.

- Ah, sim, desculpe! Meu nome é Miriam, estou um pouco perdida. Sem querer parecer intrometida, o que o senhor fez com aquele tigre?

- Oh! Nada demais, apenas dei-lhe uma poção para ajudá-lo a se recuperar.

- Nada de mais? – retrucou Miriam. – O tigre estava prestes a morrer, acertei-lhe bem no coração. Como o senhor pode dizer que não foi nada de mais?

- Ah, minha bela jovem! Existem muitas coisas além dos conhecimentos de simples mortais. O que faz uma moça tão jovem e bela sozinha no meio de minha floresta?

- Sua floresta? Não sabia que uma floresta tinha dono, jamais ouvi falar de algo semelhante.

- Pois como bem vês, aqui está o dono destas terras. Como posso ajudá-la?

- Bom, na verdade o senhor poderia mesmo me ajudar. É impressionante o que fizeste com aquele animal. Tenho um amigo que está muito doente, foi picado por mosquitos-vampiros, se não estou enganada. Já faz algum tempo, mas não sei ao certo, pois perdi a noção das horas, dos dias e das noites. O senhor poderia ver meu amigo?

- Oh, minha jovem, na verdade estou um pouco ocupado no momento! Onde está teu amigo? Pois se ele estiver muito longe, temo não poder ajudá-lo, tenho assuntos sérios e urgentes a tratar. Estranhas criaturas têm circulado por estas matas ultimamente, temo ter maiores problemas.

- Por favor, senhor, eu lhe imploro! – disse Miriam. – Ele não está muito distante daqui, temo muito por sua vida, tentei de tudo o que me foi possível, mas até agora não tenho observado melhoras.

- Está bem, está bem, vamos ver teu amigo, mas, por favor, não me faça perder muito tempo, precisamos correr!

- Sim, ele está nesta direção. – a moça apontou o caminho atrás de si. – Pode seguir-me senhor... – Miriam fez uma pausa.

- Angillus Draovitz, mas pode me chamar apenas de Angillus.

Seguida pelo velho, Miriam refez o caminho de volta até o local onde deixara Barukz. Esforçando-se para se lembrar do lugar de onde saíra, ela seguiu as pistas que havia deixado na mata. Alguns galhos quebrados de maneira a indicar-lhe a rota e algumas pedras posicionadas estrategicamente também a auxiliavam na tarefa. O tempo estava passando e Miriam ficava cada vez mais nervosa e preocupada, não imaginava que houvesse se afastado tanto do local onde escondera o Ogro.

Vez ou outra, ela parava diante de uma árvore e imaginava que devia ter deixado alguma pista naquele local. Pensava, olhava ao redor, refletia um pouco mais e prosseguia, meio confusa. Foi quando, mais uma vez, ela parou e, virando-se para Angillus, disse:

- Não compreendo, deveria haver algum sinal aqui. Tenho certeza de que, mais ou menos neste ponto, quebrei e cruzei dois galhos nos ramos mais baixos de uma árvore.

Angillus virou-se para Miriam e, com um sorriso discreto no rosto, disse:

- A floresta, ela está brincando conosco! É isso que ela deseja, deixar-nos confusos e levar-nos à loucura, se possível.

- Como pode ser? – Miriam estava descrente.

- Ora, minha jovem, tens estado nesta floresta nos últimos dias e ainda não sabes que ela tem estranhos poderes, estranhas criaturas, vida e vontade próprias? Já deverias ter entendido que esta não se trata de uma floresta comum.

- Mas... – tentou replicar Miriam.

- Muitas árvores estão aqui agora, mas, daqui a pouco, estão lá e acolá e depois somem ou mudam de tamanho. Algumas retornam a ser sementes, enquanto outras crescem assustadoramente. – completou o velho, sem dar atenção à tentativa de protesto de Miriam.

- Então, o senhor está me dizendo que todas estas árvores estão encantadas?

- Veja bem, minha querida, todas não! Apenas algumas têm propriedades especiais, mas nenhuma possui todas as propriedades, cada uma tem sua peculiaridade.

- O senhor deve conhecer esta floresta muito bem, não é mesmo?

- Ninguém conhece este lugar. Eu apenas sou o guardião desta floresta, cuido para que algumas criaturas malditas não a destruam e para que forasteiros mal intencionados não a invadam. Por falar nisso, posso saber quais motivos trazem uma moça, como tu, a este lugar tão incomum?

Miriam ficou chocada com a pergunta. Jamais pensara na possibilidade de ser questionada por alguém, naquela floresta vazia e amaldiçoada, sobre qual o motivo de sua presença ali. Precisou pensar rápido em uma boa desculpa. Não podia demorar, pois Angillus a fitava curiosamente, como se espremesse a resposta de sua boca ou como se pudesse ler sua mente confusa naquele instante. Ainda incerta do que dizer, Miriam deixou escapar as primeiras palavras cautelosamente, pois sabia que não poderia revelar ou dar dicas do real motivo de sua incursão na Floresta das Sombras.

- Bom, na verdade... Estamos à procura de um amigo que está desaparecido... É isso!

- Hum... Poderia saber quantos amigos da senhorita estão em minha floresta?

- Sabe, é que estamos também um pouco perdidos. Um de meus amigos foi levado por um Homem-sombra e outro...

- Outro? Mais um? Quantos são, afinal?

- Bom, na verdade somos quatro.

- Que diabos os quatro estão fazendo nesta floresta? Certamente não vieram só dar uma voltinha e apreciar a paisagem! – o mago ficava mais desconfiado a cada segundo.

Ainda mais desconcertada, Miriam corou de vergonha, pois sabia muito bem que, se continuasse com as mentiras, o homem a desmascararia. Procurou então mesclar as mentiras com um pouco de verdade. Como que percebendo a hesitação de Miriam, Angillus pressionou ainda mais, pois era experiente o suficiente para reconhecer uma tentativa de enganá-lo.

- E então, minha jovem? Posso saber o *real* motivo de sua estada nesta floresta?

Miriam, ainda mais hesitante, enfim respondeu:

- Nada... Nada de mais, meu senhor, é verdade, juro pelas coisas mais sagradas em minha vida. Apenas estamos perdidos. Um desses meus amigos está à procura de um tio e nós o estamos ajudando a localizá-lo, nos conhecemos não faz muito tempo, mas somos já muito amigos e nos gostamos muito. Não do tipo de gostar homem e mulher, se é que o senhor me entende, mas apenas como amigos mesmo. E o outro que estava comigo, precisa de sua ajuda, pois está realmente muito doente, eu o deixei... Hum... Creio que não muito longe daqui. Se bem que agora já não sei onde estamos. Por favor, meu senhor, precisa acreditar em mim... Se demorarmos muito para ajudar meu amigo, já será muito tarde.

- Muito bem, senhorita, apesar de não ter muita certeza no que acreditar, sinto que és uma boa moça,

pareces estar muito confusa, mas posso sentir que não tens maldade. Deve ser minha mania, sabes bem como é... Viver sozinho neste lugar, sempre ter que desconfiar de todos os que se aproximam desta floresta magnífica... Muito bem, vamos continuar procurando por teu amigo que foi picado pelos mosquitos-vampiros. Por falar em seus amigos, como se chama o outro que está a procurar pelo tio?

- Porque tal pergunta, meu senhor? – indagou Miriam, um tanto preocupada com a decisão de dar o nome verdadeiro ou um falso.

- Bom, apenas curiosidade de um velho homem que não tem muitas pessoas para conversar aqui neste fim de mundo!

- O nome dele é Pistorius! – Miriam decidiu mentir apenas o que julgasse essencial.

- Hum... Nome interessante... Qual o sobrenome?

- Bom... – disse Miriam pensativa. – Não me recordo muito bem, ele disse-me apenas uma vez, mas se não estou enganada... Deixe-me pensar... Como disse, conhecemo-nos há pouco tempo.

- Sim.

- Então, senhor Angillus, deixe-me pensar... Pistorius... Bantus, não, definitivamente não. Trantus... Algo nesse sentido... Hum. Pistorius... Dan... Dan... Está vindo, espere... Pistorius Dantillus! – Gritou Miriam, como se tivesse acabado de realizar a descoberta do século.

- Tens certeza, minha jovem? É esse mesmo o nome, não pode haver um engano? Dantillus? Tens mesmo certeza?

- Sim, sim... Agora que pensei um pouco, tenho certeza, este é o sobrenome: Dantillus! O senhor me parece um tanto surpreso, já ouviu esse nome em algum lugar?

- Bom, senhorita, se estiveres correta nessa informação, creio estarmos falando do descendente de um dos maiores guerreiros que já caminhou sobre este solo. Marcus Dantillus!

- É sério? Quer dizer, o senhor tem mesmo certeza?

- Claro, minha jovem, conheci Marcus pessoalmente, inclusive éramos amigos. Contudo, já faz um tempo que não o vejo, muitos anos na verdade. Sabes alguma coisa a respeito dele? Esse moço, Pistorius, chegou a comentar algo?

- Não senhor, nada sei. Ao que me parece, Pistorius é o único da família vivo, além do tio a quem procura.

- Oh! Uma pena realmente, mas... Onde estava mesmo seu amigo doente?

- Oh! É verdade! – Miriam lembrou-se que Barukz a esperava. – Vamos andar rápido, por favor, ele não deve estar muito longe daqui.

Aceleraram ainda mais o passo à procura de Barukz. Miriam começou a gritar o nome do amigo em voz alta, para ver se ele, por acaso, havia recuperado a consciência e responderia. Nenhuma resposta vinha em retorno ao chamado, mas ela não desistia de continuar sua procura. Angillus começava a ficar impaciente, dizendo que precisava ir embora, pois tinha muitos assuntos importantes para tratar na floresta. Embora Miriam insistisse para que ele ficasse, o tempo realmente estava passando e, segundo o que Angillus lhe informara, já era noite, pois apesar de não se poder ver o sol ou o céu naquela mata fechada, o ancião conhecia muito bem o lugar e podia, com muita facilidade, saber as horas pela reação dos animais na floresta.

Miriam começou a se desesperar, pois o mago era, talvez, a última esperança de recuperação de Barukz. Ela quase corria e o velho homem se esforçava para segui-la, mas sentia cada vez mais dificuldade em fazê-lo. A dúvida era muito grande, assim como poderiam estar mais perto, poderiam ter-

se afastado do local correto. Angillus insistia em partir, dizendo que o amigo de Miriam certamente já estaria morto e que seria uma grande perda de tempo procurá-lo.

- Se quiseres, podes vir comigo, Miriam. Assim que puder, levar-te-ei para uma saída segura da floresta. Entretanto, insisto, e esta é minha palavra final, não tenho mais tempo a perder com esta procura infundada. Sinto muito, sei que te entristeces por teu amigo, mas tenho assuntos urgentes a resolver ainda antes do fim deste dia.

- Por favor, senhor, eu lhe imploro! – Miriam começou a chorar, desesperada. – Preciso encontrar meu amigo, ele certamente morrerá se eu o abandonar e jamais me perdoarei por ter feito tal coisa. Vamos procurar só mais um pouco, sei que ele não deve estar muito longe daqui.

- Como a senhorita pode ter certeza? Nem mesmo faz ideia de onde estás. Ele pode se encontrar a varias milhas daqui. Devo confessar que até mesmo eu estou meio confuso e não tenho certeza de onde estamos. É mais prudente irmos para minha casa agora e, quando for possível, farei o favor de guiar-te por caminhos seguros até o fim da floresta. Já lhe disse que não posso mais esperar ou continuar nessa busca sem fim.

Ao terminar essas palavras, Angillus escutou e fez um sinal de despedida com a cabeça, quando Miriam lhe respondeu que não iria com ele e não abandonaria seu amigo. Quando estava prestes a partir, a moça falou num tom mais alto:

- Espere! Fique quieto... Ouves? Ouves esse barulho?

- Sinceramente, não ouço nada, minha jovem. – disse Angillus, sem muito interesse.

- Como não? É uma respiração forte e pesada. Ele está aqui, por favor, não percebes? Ele está aqui! – Miriam andou silenciosamente em direção ao ruído.

Sentindo-se mal por não ajudar a moça, o mago a seguiu até o local de onde ela dizia estar vindo o barulho. Prestando um pouco mais de atenção, realmente passou a ouvir um ruído, mas não supunha que fosse a respiração de alguém como supusera Miriam. Andando com cautela, os dois chegaram ainda mais perto da origem do ruído.

- Deve estar aqui. – disse Miriam. – Atrás desta árvore, devo tê-lo deixado bem aqui.

- Com cuidado, minha filha, muito cuidado...

Ao afastar um galho de sua frente, a garota deu um salto para trás, quase caindo em cima do velho. Uma enorme serpente estava à sua frente, ameaçando saltar sobre as novas vítimas. Num gesto rápido, até mesmo impressionantemente rápido para alguém com a sua idade, Angillus saltou à frente da cobra e, antes que qualquer um soubesse o que estava acontecendo, pegou o réptil próximo à cabeça. Surpreendendo ainda mais Miriam, o velho começou a falar com a cobra, que se agitava nervosamente.

“Pelo visto este velho tem mais dons surpreendentes do que se pode imaginar”- Pensou Miriam. “Posso estar enganada, mas ele está conversando com a cobra e ela com ele e ambos parecem compreender-se”. Miriam continuou observando a cena, um pouco espantada, quando finalmente o velho soltou o réptil e voltou-se para ela.

- O que aconteceu? – perguntou Miriam.

- A serpente me informou que seu amigo está logo ali na frente, que está morto ou pelo menos assim aparenta e que, se quisermos salvar-lhe a carcaça, devemos nos apressar, pois os animais da floresta já o rodeiam.

No instante em que o velho mago falava, Miriam sacou sua espada e avançou em sua direção. Sem entender nada, Angillus desviou-se com extrema habilidade e, supondo estar sendo atacado, deu um golpe

em Miriam que, no mesmo instante, cortava a cabeça da serpente que atacava Angillus pelas costas. Miriam cuspiu sangue e caiu no chão ao lado do animal que matara.

Ao ver que a jovem havia acabado de salvar-lhe a vida, Angillus sentiu-se muito mal por haver desconfiado das intenções da moça, na verdade ele desconfiara dela desde o início e até a cobra dizer-lhe sobre a existência real de outra pessoa na mata ele desconfiara que a história de “um amigo” era apenas uma invenção de Miriam para, com algum propósito, enganá-lo.

O velho abaixou-se ao lado de Miriam e, estranhamente, adquiriu um ar muito mais jovial. Observou a moça por um instante e certificou-se de que ela ainda respirava. Sentiu-se na obrigação de encontrar o amigo dela e ajudá-lo a se recuperar. Aquele estranho habitante da floresta, mais uma vez, surpreenderia quem quer que, por ventura, o estivesse observando, pois com extrema facilidade, pegou a garota nos ombros e continuou a caminhada pela floresta. Conversou com um ou outro animal, buscando informações a respeito de Barukz e, depois de apenas alguns minutos, finalmente chegou ao local onde este estava em repouso...

Capítulo 5 - Inesperada Companhia

Quem quer que estivesse carregando a tocha, aproximou-se. Quando passou por mim, saí da sombra e saltei sobre ela, imobilizando-a e tapando-lhe a boca. A pessoa se debatia e gemia muito sob meu corpo, mas sem encontrar muita resistência, consegui imobilizá-la. A tocha permaneceu acesa e estava caída no chão ao nosso lado. Apanhei-a e iluminei o rosto de minha vítima. Com alguma surpresa, vi que se tratava de uma mulher. Achei muito estranho, pois até então eu não havia visto nenhuma mulher naquele lugar, até mesmo entre os prisioneiros. Observei-a, não parecia ser muito alta, tinha a pele morena bem clara, cabelos negros abaixo da altura dos ombros. Fiz sinal para que ela permanecesse em silêncio, pois do contrário, teria que matá-la. A mulher fez um gesto com a cabeça concordando em ficar calada. Então, retirei minha mão de sua boca e, apressadamente, ela disse:

- Por favor, não me mate nem me leve ao calabouço.

- Do que estás falando? - perguntei - Estou tentando fugir daqui e não prender alguém comigo.

- Mas... Então, tu não és um deles?

- Um deles quem? – perguntei mais uma vez.

- Um dos homens das cavernas, que andam vestidos com peles de lobos.

- Claro que não, pare de falar bobagens, tu que és uma deles.

- Eu? Desculpe-me, meu senhor, mas não sei do que estás falando! Insinuar que faço parte desse bando de animais? Não mesmo, de jeito nenhum, nem que fosse a minha última opção de vida. Juro-te que não sou uma deles.

- O que fazes aqui, então? Se não és uma deles, como andas tranquilamente pelos corredores com uma tocha acesa? Achas que sou algum idiota?

- Não, não é nada disso! Estou aqui à procura de meu irmão, ando com a tocha porque vi todos os homens da caverna saírem no encalço de um sujeito pela floresta.

- Um homem correndo pela floresta? Por tudo o quanto é mais sagrado, moça, diga-me como era esse sujeito que fugia!

- Bom, ele era alto, forte, não devia ter mais de trinta anos, tinha cabelos negros e compridos, amarrados em um rabo de cavalo. Eu estava escondida na copa de uma árvore, quando ele passou correndo por mim.

- Sim, sim, e o que mais? Que roupa trajava? Era branco, negro?

- Era branco. Vestia roupas cinza e... Ah! Sim, tinha barba.

“Magnus - pensei. - Sim, só pode ser ele, com certeza conseguiu escapar... Que ótima notícia!”.

- Quem és tu? De onde vens? Qual o teu nome? - perguntei.

- Calma, uma coisa de cada vez! - disse ela. - Eu sou apenas uma garota, ninguém que lhe ofereça risco algum. Moro na saída oeste da floresta, e meu nome é Lulika.

- Lulika? Um nome bastante incomum, é verdade. Qual o nome de seu irmão?

- O nome dele é Nikola! Ele é bem parecido comigo, por acaso não o vistes?

- Na verdade, não posso afirmar nada, desde que cheguei tudo tem sido uma grande confusão.

- E qual o teu nome?

- Oh! Perdão, meu nome é Pistorius.

- Por favor, senhor, ajude-me a encontrar meu irmão. Eu conheço um pouco estas cavernas, mas tenho muito medo de andar por aqui sozinha. Os homens saíram, contudo, podem voltar a qualquer momento, se me encontrarem aqui, não quero nem imaginar o que farão comigo. Preciso encontrar meu irmão, meus pais já estão cansados e minha tia está muito doente, sem meu irmão não duraremos muito tempo.

Mesmo precisando de cada minuto para reencontrar meus companheiros, pegar o cristal e levá-lo para Kitle, não pude resistir ao pedido de Lulika, pois sei que se fosse o inverso eu gostaria que alguém pudesse me ajudar. Apaguei a tocha para não sermos encontrados facilmente e prosseguimos andando através dos infindáveis corredores. Pelo menos, dessa vez, eu estava com alguém que conhecia mais ou menos o lugar e, após ajudá-la a encontrar seu irmão, ela poderia ajudar-me a chegar com segurança à Floresta das Sombras. Decidimos procurar primeiramente no calabouço. Começamos a descida pelas cavernas. Quando os guardas haviam me retirado daquele local, talvez pela fraqueza ou por qualquer outro motivo, eu não havia reparado que havíamos subido tanto.

Apesar de Lulika conhecer o lugar, volta e meia consultava o mapa que eu havia pego anteriormente e isso nos foi de grande valia. Toda vez que nos aproximávamos de alguma tocha, a moça aproveitava a luminosidade para fazer as consultas. Com certo esforço, chegamos ao calabouço. Com voz baixa para não chamar a atenção dos Homens-lobo que estivessem por perto, chamamos por Nikola, mas não ouvimos resposta positiva. Alguns prisioneiros nos pediam que os ajudássemos e, a tantos quantos nos foi possível, soltamos de suas correntes, mas os proibimos de nos acompanhar, pois não queria andar com várias pessoas, o que certamente me impediria de completar minha missão sem ser descoberto.

- E agora, aonde mais ele poderia estar? - perguntei.

- Não sei! - respondeu-me Lulika. - Eu costumava vir a estas cavernas antes desses monstros tomarem o lugar. Sei me orientar pelos antigos corredores, mas não faço ideia do que eles construíram aqui.

- Bom, há quanto tempo esses homens estão aqui, afinal?

- Não sei ao certo, mas, se não estou enganada, eles começaram a chegar há uns sete ou oito anos. Até então, este era um lugar muito mais tranquilo.

- Vamos olhar no mapa. Se ele não está no calabouço deve estar em algum lugar onde haja trabalho para ser feito. Olhe este ponto aqui no mapa. Percebes? Os corredores vêm até aqui e de repente não há mais nada, mas também não há uma parede fechando, ou terminando o caminho. Por outro lado, aqui neste ponto, e em mais estes cinco há paredes encerrando os corredores.

- Sim, e daí? O mapa não foi terminado, vai ver a pessoa que o estava desenhando teve outros afazeres e o concluiria mais tarde!

- Sim, é verdade, pode ser isso mesmo. Contudo, há outra possibilidade, não percebes? Raciocine um pouco mais... E se eles estivessem ampliando as cavernas? Certamente precisam de mais espaço, pois o grupo cresce cada vez mais, certo? Esse pode ser o local onde estão escavando para ampliar o lugar. E se eles estão fazendo isso, certamente se utilizam dos prisioneiros para realizar esse trabalho.

- Sim, lógico! Eu não havia pensado nisso! Muito bem, Pistorius, estou impressionada! Vamos correndo para lá então...

- Calma! Antes precisamos conseguir algo que comer, estou faminto e quase já não tenho forças para continuar. Olhe aqui no mapa. Ao invés de seguirmos reto por aqui, podemos desviar neste ponto – falei, enquanto indicava as posições no mapa - e chegar primeiro ao armazém, depois de sairmos de lá, poderemos retornar pela esquerda e encontrar o lugar da ampliação das cavernas.

- Sim, Pistorius, mas, por favor, sejamos rápidos. Não deve demorar muito até que aqueles homens retornem e tenho muito medo que nos façam algum mal ou ao meu querido irmão. Vamos pegar logo a comida e corramos para encontrá-lo.

- Lulika, quero deixar uma coisa bem clara. Sabes que existe a possibilidade de seu irmão estar morto, não é mesmo? – a moça respondeu que sim com um aceno de cabeça e eu continuei. - Então, iremos até o local das obras e, se ele não estiver lá, não poderemos continuar procurando. Além de insensato é muito inseguro para nós permanecermos tanto tempo dentro dos domínios dos Homens-lobo. Concordas?

- O que posso dizer? Certamente nada que eu diga o fará procurar por mais tempo, tudo o que posso fazer é orar para que meu irmão esteja realmente no lugar que dizes e que o encontremos com vida.

- Assim espero! Agora andemos e não percamos mais tempo, por favor, carregue o mapa, pois irei com uma adaga em punho para o caso de alguma emergência.

Após combinarmos o que faríamos, Lulika e eu recomeçamos nossa jornada pelos infindáveis, escuros e nauseantes corredores. Enquanto andávamos, eu não parava de pensar em Miriam, Barukz e, até mesmo, Modiat. Porém, agora tinha mais alguém com quem me preocupar, se não fosse por aquele novo amigo, que agora fugia sem rumo, certamente eu não estaria vivo até agora, como será que Magnus estava se saindo? Eu pensava muito mais em Miriam do que em qualquer outro de meus amigos. Será que estaria me apaixonando por ela? - eu me perguntava.

Eu não a havia beijado à toa, certamente ela era muito especial para mim agora. Olhando para o lado, vi Lulika tão frágil, mas ao mesmo tempo tão forte... Fiquei grato por poder ter alguém ao meu lado num momento tão difícil. Repensando um pouco sobre aqueles momentos, é impressionante notar que o Senhor do Céu e da Terra sempre me providenciava a companhia e ajuda necessárias ao longo de minha extenuante e assustadora jornada.

Certamente Lulika era uma moça de grande valor. Muito mansa e nobre, ela tinha olhos castanhos que deixavam transparecer a verdade e a inocência de uma jovem, sabia desde a hora em que iluminei seu olhar com a tocha que era uma moça decente em quem podia confiar. Certamente estava grata por encontrar quem a ajudasse, suas atitudes demonstravam isso, mas a essa altura, a companhia era muito mais útil a mim do que o contrários. Infelizmente, devido às circunstâncias, não podíamos conversar, mas me interessava muito a história daquela garota, algo fazia-me sentir próximo a ela. De imediato, por algum motivo inexplicável, senti um instantâneo amor por aquela garota, não uma coisa de homem-mulher, mas um sentimento fraterno muito forte.

Ao mesmo tempo, sentia-me feliz por, até aquele momento, não termos cruzado com nenhum Homem-lobo. Será que ainda estariam todos no encalço de Magnus? Isso não me parecia muito inteligente. Certamente eles haviam saído também por outros afazeres, de algum modo precisam sobreviver. Entretanto, minha maior preocupação era sair logo daquele inferno, cada vez eu gostava menos de corredores. Olhei para Lulika que, entendendo meu olhar, fez sinal positivo com a cabeça dizendo que estava tudo certo para prosseguirmos, ela estava com o mapa aberto e o consultava o máximo que a escuridão permitia. Finalmente, indicou-me que era hora de virar em um dos corredores. Nesse instante, minha tranquilidade passou, pois certamente o armazém não estaria abandonado, não conseguiríamos entrar e sair sem sermos notados. A tática era ver e eliminar rapidamente quem quer que estivesse com a corneta para dar aviso aos demais guardas e então eliminar os outros Homens-lobo que estivessem lá dentro.

Chegamos cautelosamente à entrada do armazém, ordenei a Lulika que esperasse num canto escuro, pois além de ser perigoso, ela nada poderia fazer pelo fato de estar desarmada. Sem recusas ela

obedeceu e encolheu-se em um canto escuro junto a uma parede de onde pudesse me ver quando eu entrasse. A ordem era que ela não interferisse em qualquer circunstância, pois era muito melhor um dos dois estar solto do que os dois presos. Uma vez combinados, dirigi-me sorrateiramente para a entrada do armazém, quando já estava chegando à porta, um homem se aproximou. Saindo das sombras agarrei-o e lhe cortei a garganta, o homem morreu sem produzir nenhum som. Larguei-o num canto e entrei no aposento alvo de minha empreitada.

Escondi-me atrás de um armário feito de modo tosco e observei o movimento. Havia ali menos gente do que eu esperava, mas ainda assim seria arriscado. Observei um homem que organizava algumas coisas em suas prateleiras, outro retirando mantimentos do estoque e mais dois perto do que parecia uma passagem de acesso para algum cômodo contíguo. Quatro no total. Será que haveria alguém em algum ponto que eu não enxergasse? – pensei. Ou estaria alguém além da passagem que eu vira? Bom, não haveria outra maneira de saber sem arriscar. Procurei observar um pouco mais, mas nenhum deles estava com uma corneta de aviso. Ou eles nunca esperariam um ataque naquele local e o responsável pela trombeta teria saído ou estaria em um canto mais reservado. Bom, como eu pensara antes, o único modo de descobrir essas respostas seria me arriscar.

Sem mais esperar, peguei a faca que estava comigo e atirei-a, acertando em cheio num dos homens que estava ao lado da passagem, pois aparentemente os dois eram os únicos armados. Ao me verem os outros cometeram um erro muito grande que acabou me beneficiando: Achando que, por serem três, poderiam dar facilmente conta de mim, não chamaram por reforço nem sequer anunciaram para o resto do “covil” que havia um intruso ali. O homem que cuidava da estocagem de alimentos foi o primeiro a correr para me alcançar, tentou me golpear com um facão, mas eu já havia arrancado uma das prateleiras do armário com a qual me defendi do golpe e rebati com um chute em seu joelho que fê-lo cair, com a mesma madeira desferi um golpe fatal em sua cabeça.

A essa altura, outro homem já partira para cima de mim. Eu já havia pego a arma de meu primeiro adversário e meu adversário estava com uma cimitarra que pegara em uma prateleira (ali não armazenavam apenas comida, mas também armamentos). Com o facão em uma mão e a madeira na outra, consegui vencer também este inimigo que acabou me ferindo em um dos dedos, mas nada grave. Os quatro que estavam ali não eram tão fortes como outros Homens-lobo que eu já enfrentara. Certamente, aquele era um dos últimos lugares onde esperavam que algum inimigo pudesse chegar, pois além da pouca precaução a guarda não era das melhores. O último homem, ao ver que eu havia derrotado seus três amigos, temeu não poder me vencer e fugiu.

Como não podia deixá-lo fugir, pois poderia dar o alarme para os demais, corri atrás do homem e lhe cortei a cabeça com o facão que eu havia conseguido. Escondi os quatro corpos para não chamar a atenção de quem passasse por ali posteriormente. Após o território estar limpo, chamei por Lulika e ela veio. Comemos algumas coisas, o suficiente para satisfazer nossa fome. Peguei algumas armas: espada, cimitarra, adaga e uma funda. Ordenei a Lulika que pegasse alguma arma para poder defender-se caso algo acontecesse comigo e ela não encontrasse seu irmão. Lulika e eu enchemos também nossos bolsos com o máximo de comida que pudemos, abrimos e bebemos uma garrafa de vinho. Decidi dificultar também a vida dos Homens-lobo destruindo tudo que nós não aproveitamos. Como se estivéssemos num momento de distração, nós estragamos, pisamos, rasgamos, quebramos e jogamos tudo no chão. Agora aqueles monstros estariam sem os mantimentos básicos para sua existência. Teriam que, mais uma vez, mostrar sua cara e correrem o risco de serem pegos. Se eu pudesse voltar antes, preveniria todos os habitantes das cidades vizinhas, mas agora tinha um trabalho muito importante a ser feito.

Estranhamente os corredores continuavam vazios, mas o medo me dominava quase completamente. Se demorássemos muito tempo ali, a noite viria e os homens retornariam, deixando as cavernas

superlotadas novamente. Fizemos o retorno conforme combinado, mas dessa vez fomos com uma tocha que pegamos no armazém, pois assim poderíamos andar, ou melhor, correr o mais rápido que nossas pernas e a pouca luz nos permitiam.

- Vamos Lulika, mais rápido! Estamos quase chegando, olhe no mapa mais uma vez, por favor.

- Sim, Pistorius, estamos seguindo na direção correta, segundo o mapa a área de ampliação das cavernas não está muito longe daqui. Vire neste corredor à direita!

- Não sei, mas esse silêncio e ausência de pessoas me deixa intrigado, isso não pode estar certo! Bom, melhor assim... Se não for uma emboscada... Melhor assim...

- Pistorius, consegues escutar esse barulho? – minhas companheira indagou.

- Sim, devemos estar perto. Minhas suposições mostraram-se corretas, esse é o som feito por diversos homens trabalhando com ferramentas pesadas. Certamente estão ampliando as cavernas. Deixe-me ver o mapa uma última vez... Cuidado! Oh droga!

Involuntariamente, ao trazer o mapa para perto da tocha, Lulika aproximou muito o papel do fogo e este acabou se incendiando. Tentamos apagar a pequena chama, mas ela consumiu o fino papel rapidamente. Tivemos que jogar o mapa no chão, pisoteá-lo e, ao término desse trabalho, tínhamos em nossas mãos apenas um papel sujo e imprestável. Naquela mesma hora apagamos a tocha, pois teríamos que tomar mais cuidado dali por diante. Estávamos entrando em uma zona de risco cada vez maior e não podíamos nos dar ao luxo de ser apanhados naquela situação. Ignorando o acontecido, pois não adiantava perder tempo nos lamentando, pusemo-nos mais uma vez em marcha, dessa vez, a última até atingirmos nosso objetivo. Desde o momento em que encontrara Lulika, já havíamos caminhado uma boa distância, contudo, as cavernas pareciam infindáveis e as horas estavam passando como a água de um riacho.

Depois de caminhar por mais alguns minutos, nos deparamos com um enorme buraco malformado em uma das paredes da caverna. Logo imaginamos que ali era o local das obras. Caso Nikola estivesse ainda vivo, certamente o encontraríamos ali. O barulho era ensurdecedor, não havia ninguém protegendo a entrada, todavia todo cuidado era necessário. Procurei enxergar o que existia do outro lado do buraco e mantive Lulika abaixada atrás de mim, embora ela insistisse em ver.

O plano foi praticamente o mesmo que o utilizado na visita ao armazém. Minha acompanhante ficaria escondida nas sombras sem chamar atenção, assim poderíamos ter sempre um de nós livre para ajudar o outro. Havia apenas uma pequena mudança nos planos: Ela deveria ficar com duas adagas, as quais pegamos no armazém e, caso algum guarda passasse por ali sozinho, deveria atacá-lo pelas costas e matá-lo, mas isso desde que ela não se expusesse a outros perigos.

Tudo combinado, peguei uma das espadas tomadas de um dos guardas e esgueirei-me pelas sombras densas da caverna. Como havia ali muito fogo e fumaça, certamente devido à forja dos metais, o calor era insuportável. Porém, pelo menos havia uma vantagem sobre o resto da caverna: O local não tinha aquele cheiro podre característico, e isso já era um grande alívio. Fiquei intrigado, até aquele momento não havia me ocorrido a ideia de como eu reconheceria Nikola sem nunca tê-lo visto. Ainda que eu o houvesse encontrado alguma vez, seria muito difícil localizá-lo. Por mais estúpido que isso possa parecer, encontrei apenas uma maneira de realizar minha tarefa: Chamando por seu nome. Contudo, imaginei que tal atitude atrairia demasiada atenção e seria impossível não ser descoberto. Refleti por instantes e cheguei à conclusão de que já que eu estava ali para salvar um homem, porque não aproveitar para salvar a todos os que conseguisse? Rapidamente tive que decidir minha tática, tentar agir sorrateiramente de nada adiantaria, a maneira mais provável de obter algum êxito seria criar uma grande confusão como fizera no refeitório.

Avancei sorrateiramente e aproximei-me de um dos homens que trabalhava ali, perguntei se ele

conhecia um rapaz chamado Nikola.

- Não sei ao certo. – respondeu-me o homem.

- Não sabes de ninguém que possa me informar?

- Não, desculpe!

- Responda-me só mais uma coisa, por favor. Quantos homens fazem a guarda deste lugar?

- Cerca de trinta. - falou.

- Quantos prisioneiros trabalham aqui?

- Por volta de cento e vinte homens.

- Cento e vinte? Isso dá quatro prisioneiros para cada guarda! Por qual motivo não fazeis nada? Poderiam acabar com eles facilmente!

- Sim, mas se fizéssemos algo, bastaria eles chamarem os outros que estão espalhados pelas cavernas e estaríamos acabados...

- E se eu lhe dissesse que não há ninguém aqui além desses trinta? E se eu lhe dissesse que a essa hora os demais estão espalhados por aí a procura de mais escravos, víveres e pilhando vilas?

- Falas sério?! - o homem ficou espantado. - Não há mais ninguém aqui além de nós?

- Nunca falei tão sério, podemos acabar com eles! - afirmei. - Claro que eles não esperam ser invadidos e, além disso, não imaginam uma reação de vossa parte, conseguiram enganá-los facilmente. Não há porque temer. Podemos nos livrar deles agora!

Ao terminar esta frase, vi um novo brilho incendiar o olhar daquele pobre homem. Eles haviam sido enganados, fizeram-nos acreditar que jamais poderiam ter uma chance de escapar, mas agora ele possuía a verdade. Naquele instante, surpreendendo-me, o homem ergueu-se e berrou em alto e bom som:

- Amigos, parem e prestem atenção em mim, por favor! - a atenção de todos voltou-se para o local onde estávamos. - Durante muito tempo fomos enganados, pensamos que estávamos cercados, mas este nosso amigo (ele apontou para mim) revelou-me que ninguém mais há nas cavernas neste momento além destes cerca de trinta homens que nos vigiam. Aqueles que quiserem sua liberdade, peguem o que tiverem à mão e vamos acabar com esses desgraçados!

Ao término dessas palavras de coragem, pude perceber duas reações distintas. Os guardas arregalaram os olhos e, puxando suas espadas, recuaram-se para se defender. Por outro lado, os prisioneiros pegaram paus, pedras, ferros, ferramentas e partiram furiosamente para cima dos guardas. Foi uma luta rápida, mas nem por isso menos sangrenta. A ferocidade dos prisioneiros era inominável, estavam realmente zangados pela condição em que haviam sido colocados e, agora que sabiam poder reverter a situação, não tinham o mínimo de piedade daqueles que os haviam maltratado. Pedras e paus voavam, os guardas tentavam defender-se com as espadas e atacar, mas as pedras chegavam de encontro aos seus corpos antes que suas espadas pudessem alcançar o adversário. Uma vez que os guardas caíam ao solo, eram decepados e mutilados com suas próprias espadas, facas e cimitarras.

“Grande erro.” - pensei. - "Como podem ter colocado poucos homens para vigiar um grupo tão grande de escravos? Nunca sequer supuseram que a verdade poderia surgir a qualquer momento? E ainda mais, nenhum dos homens possuía lanças para poder atacar de longe, apenas as espadas. Certamente os líderes desses homens não são muito inteligentes. Bom, melhor assim. Desse modo todos poderão escapar.”

No meio daquela confusão e euforia, repentinamente lembrei-me de Nikola, e Lulika. Será que ela estaria bem? Corri ao local onde a havia deixado, tive que passar por muitos homens, corpos e até

mesmo precisei matar um dos guardas que se pôs à minha frente. Finalmente alcancei a saída daquela caverna e qual não foi meu espanto ao ver a moça chorando num canto e um homem morto aos seus pés.

- Não pude fazer nada! – a mulher chorava desesperada. - Eu não tive culpa, este homem me atacou e tive que me defender!

- Está tudo bem, não se preocupe, ele teve o que mereceu! - confortei-a.

- Mas, mas... Ele nem era um dos Homens-lobo, era apenas um prisioneiro!

- Isso não faz diferença, se ele a atacou era um canalha como os Homens-lobo e, portanto, mereceu o fim que teve.

- Pistorius... E meu irmão? Tu o encontrastes?

- Naquela confusão não consegui, mas quando lembrei-me de ti resolvi ver como estavas. Contudo, ainda há esperança, voltemos e procuremos por ele, tu o encontrarás mais rapidamente do que eu e lá dentro já deve estar mais seguro.

Retornei ao local da obra, na companhia de Lulika, e percebi que a confusão já diminuíra bastante. Restaram poucos guardas vivos que estavam sendo zombados e maltratados pelos homens que haviam escapado. Lulika e eu começamos a gritar pelo nome de Nikola, mas apesar do ambiente estar mais calmo, o barulho ainda era intenso. Comecei a gritar pedindo silêncio, mas estava difícil. Depois de insistir um pouco mais e com a ajuda de alguns outros o silêncio finalmente se fez. Falei então:

- Amigos, queria vos dizer duas coisas. Primeiro gostaria de perguntar se há algum rapaz chamado Nikola aqui, pois esta moça, sua irmã o procura. - apontei para a mulher ao meu lado enquanto falava.

Dentre os muitos prisioneiros, um rapaz deu um salto afirmando tratar-se dele que eu estava indagando e, secando uma lágrima que insistiu em correr por seu rosto, chamou pelo nome da irmã. Ela correu ao seu encontro e o abraçou, criando uma cena que emocionou a todos os presentes. Contudo, aquele não era o momento para sentimentalismos. Chamando novamente atenção de todos, continuei:

- Homens, prestem atenção! Os Homens-lobo devem estar retornando em breve. Todos devem seguir o mais rapidamente possível na direção deste corredor à direita, continuar reto, virar novamente à direita por duas vezes e depois entrar à esquerda nos próximos dois corredores, para enfim chegarem à saída. Ajam rápida e organizadamente para não serem surpreendidos e para que todos ganhem sua liberdade...

No meio da multidão um homem gritou:

- Caro amigo! Agradecemos por sua ajuda, nunca o esqueceremos, mas decidimos ficar e nos armar com as próprias armas desses monstros. Libertaremos os demais que estão nos calabouços e enfrentaremos os malditos Homens-lobo que retornarão. Diga-nos o seu nome, para que saibamos a quem seremos eternamente gratos!

- Meu nome é Pistorius! – falei emocionado.

- Três vivas ao bravo guerreiro, Pistorius! - gritou um homem no meio da multidão.

- Viva! Viva! Viva! – responderam todos em uníssono.

- Estou muito agradecido, meus caros, mas sinto não poder ficar e ajudá-los nessa tão nobre tarefa. Alguns amigos meus estão nesta floresta e preciso encontrá-los. Cada minuto é precioso como um pote de ouro para os Leprechauns. Força, fé e coragem a todos e que possam vencer essa batalha. Lulika, é hora de cumprires tua parte e me tirares destas cavernas pelo caminho onde nos encontramos. Nikola, tu também deves voltar conosco, pois não é seguro para sua irmã voltar sozinha por esta sinistra floresta. Rápido, vamos, pois precisamos sair daqui antes do anoitecer.

Lulika e seu irmão, Nikola, caminharam pelo meio dos homens que batiam palmas e festejavam. Ao

aproximarem-se de mim, olhei bem para o rosto de Nikola e pensei que já o tinha visto em algum lugar, mas olhando para Lulika lembrei que ela mesma dissera serem ambos muito parecidos, deixei de lado os pensamentos e, virando-me para Nikola, disse:

- Parabéns, meu amigo, tens uma irmã de grande valor, não seria qualquer dama capaz de empreender tal busca e realizá-la de maneira tão louvável. Prazer em conhecê-lo.

- O prazer é todo meu, Pistorius. Obrigado por cuidar de minha irmã e ajudá-la não só a me resgatar, mas também a todos os outros.

- Não foi nada, realmente fico feliz em ter participado disso. Contudo, agora devemos seguir pelo caminho secreto por onde sua irmã entrou, pois não podemos nos deparar com os Homens-lobo que, em breve, retornarão. Afinal, eles terão a recompensa que mereceram por tantos anos de crueldade.

- Sim. Sigam-me! – Lulika tomou a frente do caminho.

Mais uma vez corremos pelos corredores, desta vez iluminados por três tochas visto que cada um carregava a sua, pois havia segurança para tal. Em minha mente eu apenas implorava par ser a última vez que precisaria estar em uma caverna correndo por enormes e infindáveis corredores, malcheirosos e sujos. Minha maior preocupação era conseguir sair dali antes que a guerra estourasse de vez e reencontrar os amigos que havia deixado para trás. Miriam, Barukz e Modiat... Será que ele ainda estaria vivo? Além disso, precisava obter alguma informação sobre Magnus.

- Estamos muito longe, Lulika?

- Na verdade não sei ao certo, mas duvido que faltem mais do que alguns metros. Sigamos correndo e logo estaremos lá.

- Muito bem, mas uma coisa me intriga... Onde essa saída dará exatamente?

- Vamos sair atrás de uma cachoeira no coração da floresta. Certamente essa passagem não é protegida, pois ninguém ou quase ninguém sabe que ela existe.

- Ótimo, melhor assim. Não gostaria que algum dos outros prisioneiros pudesse sair por lá e se juntar a nós. Um grupo muito grande atrairia mais a atenção de prováveis inimigos, só espero que não seja tarde demais...

- Tarde demais para quê? - perguntou-me Nikola.

- Para reencontrar meus amigos que estão em alguma parte desta floresta.

- Tu conheces bem esta floresta? – o rapaz indagou.

- Silêncio! - falou Lulika. - Estamos chegando, sem barulhos agora, por favor. Se houver alguém na cachoeira poderá ouvir o eco de nossas vozes pela caverna. Vamos seguir com cautela redobrada daqui por diante.

- Tens razão, já chegamos longe demais para botar tudo a perder. - Completei.

Finalmente ouvimos o barulho da queda d’água. Era um ruído maravilhoso, um som de liberdade e um ar fresco chegavam até nós, ampliando ainda mais a sensação de que estávamos finalmente longe das garras dos malditos Homens-lobo. Jamais me esquecerei daquela sensação maravilhosa de que nada poderia dar errado e de que nós éramos os donos do mundo, realmente algo indescritível. Não fazia ideia de quanto tempo eu havia ficado prisioneiro naquelas cavernas, mas foi suficiente para criar uma cicatriz em minha alma e minhas lembranças. Apesar do final compensador, foi uma experiência que eu esperava nunca mais se repetir em minha vida. Dali em diante, decidi lutar pela liberdade de tudo e de todos, pois esse é, sem dúvida, um dos maiores dons que os seres viventes possuem: A LIBERDADE!

- Finalmente! - exclamei. - Vejam a cachoeira, estamos livres. Livres!

Lulika, Nikola e eu nos abraçamos e comemoramos a nossa escapada, independente do que aconteceria dali para frente, tínhamos o coração leve por haver vencido aquela etapa tão difícil em nossas vidas. Fizemos juras de amizade eterna, aproximei-me da cachoeira, não era uma queda muito forte. “Verei o sol novamente”. - pensei. Contudo, ao colocar a cabeça para fora tive a triste decepção. A floresta era completamente fechada e escura! “Bom, não se pode ter tudo na vida”. - pensei. Com um sorriso, saí do caminho deixei Lulika guiar-nos, de modo a sairmos com segurança dali.

Capítulo 6 - A Floresta Secreta

Sons de insetos e animais na mata densa, um ambiente sinistro e assustador, gritos, gemidos dando um ar ainda mais demoníaco àquela floresta amaldiçoada. Um homem rompia a quietude da floresta, correndo num ritmo frenético. Atrás dele uma tropa enfurecida e disposta a pegá-lo de qualquer forma, afinal, se ele escapasse poderia denunciá-los e tudo estaria perdido. O homem olhava para trás, até aquele momento ainda não compreendia como conseguira passar por tantos homens. Porém, de uma coisa ele sabia, essa fuga milagrosa de nada lhe valeria se não tivesse forças e determinação suficientes para correr sem parar.

- Maldito! Peguem aquele maldito! - rompiam gritos pelo ar.

- Se não o pegarem, eu me encarregarei pessoalmente de matar cada um dos responsáveis pela fuga desse miserável! - bradou uma voz enraivecida.

Com o tumulto, os animais se agitaram ainda mais. Macacos gritavam e outros animais ferozes davam o ar de sua existência através dos sons furiosos que produziam como se soubessem que a mata estava sendo invadida por seres cruéis. O homem corria e corria, se vacilasse por um instante sequer, seria alcançado pela multidão que o seguia e sabe-se lá o que poderia lhe acontecer. A tropa, enraivecida, permanecia em seu encalço e se aproximava cada vez mais. Paus e pedras passavam zunindo por suas orelhas. Vez ou outra uma lança era jogada, mas nenhuma tentativa de pará-lo funcionara.

Depois de muito correr, o homem percebeu que mais à frente a floresta parecia diferente, as árvores, o clima e até os sons estavam diferentes. Essa linha imaginária não se encontrava muito longe e, ao se aproximar dessa área, o homem percebeu que até o ar era diferente do restante da floresta. Assim que ele atravessou essa fronteira invisível, percebeu que o líder da tropa se irritou mais ao ouvi-lo gritar:

- Dê o sinal!

Uma trombeta soou fortemente, silenciando a floresta. A tropa inteira parou e o líder ferozmente vociferou:

- Imbecis! Bando de idiotas, estúpidos e imprestáveis! Ele atravessou a fronteira, compreenderam? Vocês permitiram que ele atravessasse a fronteira! Muitas cabeças serão cortadas, disso todos podem ter certeza! Vamos voltar, sigam-me!

Após essas palavras a tropa deu meia volta, os homens começaram a retornar num ritmo lento e no mais absoluto silêncio, nenhum som, a não ser dos animais, foi escutado na floresta. O fugitivo ficou confuso e apreensivo, começou a pensar o que levara aquele exército a deixar de segui-lo. Sentiu um frio correr pela espinha, olhou em todas as direções, tudo parecia sossegado. Embora aquela área da floresta tivesse um quê de diferente, aquele local parecia ser tão comum, ou na verdade, tão incomum quanto a outra parte de onde viera. O que haveria de tão assustador ali que fizesse guerreiros se desviarem e retornarem no sentido contrário? No entanto, sua única certeza era que enquanto não retornasse para o outro lado da fronteira ele estaria livre das mãos de seus perseguidores. Certamente alguns vigias haviam ficado para trás na esperança dele retornar para o capturarem, então o homem tomou a decisão de permanecer por um tempo daquele lado da sombria floresta.

Ele então começou a observar a *nova* paisagem. As árvores eram mais altas, mais verdes, havia o canto de pássaros, mas apesar do clima menos tenso podia-se ter certeza que aquele lugar era tão amaldiçoado quanto a outra parte da Floresta das Sombras. Ele ainda não podia sentir o que era, mas tinha plena certeza de que alguma coisa estava muito errada ali e as sensações de desconforto e desconfiança em seu peito alertavam-no para um perigo iminente. Talvez fosse apenas impressão, mas algo lhe dizia que aquele local não era o melhor lugar para se estar. Após algum tempo, ele começou a

ouvir ruídos na floresta. Prestou atenção, não pareciam passos de algum animal, pois possuía um ritmo estranho. Contudo, sua certeza era de que, fosse lá o quê que se aproximasse, não estava sozinho. Inesperadamente, inúmeras cordas voaram em sua direção, algumas não o alcançaram, mas outras o laçaram e o homem caiu imóvel no chão. De cima de uma árvore pulou uma criatura que, com olhar nada amigável, disse:

- Identifique-se, e dê um bom motivo para estar aqui, senão morrerás antes de um piscar de olhos!

- Por favor, não me façam nenhum mal, não tenho nenhuma má intenção. Meu nome é Magnus e só estou aqui por que estava fugindo de alguns homens que me perseguiam.

- Hum... Homens? E como eram esses homens?

- São uns desgraçados que se vestem com peles de lobos por cima de couraças de couro e metal, eles vivem na outra parte da Floresta das Sombras...

- Idiota! Achas que não sabemos quem são eles? Pare de explicações estúpidas e inúteis! Quantos estavam atrás de ti? - perguntou a estranha criatura.

- Sinceramente não parei para contar, não tive tempo, pois estava correndo...

- Tu estás me fazendo perder a paciência! Pare de gracinhas e perda de tempo, quantos eram mais ou menos? Tu não podes ser tão burro, apesar de seres apenas um homem. Diga-me rápido!

- Desculpe se me expressei mal, não era minha intenção fazer piadas. Sinceramente não sei lhe precisar o número, mas eram muitos, talvez uns cem homens ou mais.

- Cem? Minha nossa! O que foi que fizestes, rapaz? Bom, certamente eles não estão muito felizes contigo para mandarem essa quantidade tão grande de homens atrás de ti. Se é assim, certamente não és inimigo, mas não penses que já estás livre da morte. Teremos ainda muito que averiguar.

Apontando para os outros seres que o acompanhavam ele continuou:

- Os dois, peguem suas equipes e saiam pela floresta para ver se conseguem matar alguns daqueles malditos lobos.

- Obrigado por poupar-me a vida. - disse Magnus. - Asseguro-lhe que não há nenhuma maldade em meu coração, nem más intenções.

- Ah, já ia me esquecendo. Aqui não é a Floresta das Sombras, mas a Floresta de Morgrom, terra dos morgrotes. - disse aquele que parecia ser o líder.

- Sim, já ouvi falar deste lugar... Porém, sempre imaginei tratar-se apenas de lendas. *A Floresta encantada que, de frente para trás ou de trás para frente pode ser nomeada*. Jamais conheci alguém que tivesse passado por aqui.

- Certamente isso é raro. Tu mesmo só conseguiste entrar aqui por uma pequena falha nos encantamentos que protegem esta floresta. Não fosse isso, terias morrido ao cruzar a fronteira. Por que achas que os homens deixaram de seguir-te quando alcançaram este lugar. Eles sabem da existência deste lugar, mas como são relegados do mundo dos homens, não têm para quem contar este segredo. Sabem quem somos, pois já cometeram o grande erro de tentar explorar estas terras.

- Bom, pois pode confiar em mim, jamais revelarei este segredo a ninguém.

- Não estou preocupado com isso, tenho absoluta certeza de que jamais irás dizer a qualquer um onde moramos... Se quiseres continuar vivo será aqui entre nós. – o líder dos Morgrotes deu uma grande gargalhada.

- Mas, mas... Tenho que voltar para minha esposa, ela precisa de mim e também meu filho, ele é tão pequeno, precisa do pai...

- Sinto muito, a segurança de meu povo está acima dos teus interesses. Esta é minha palavra final.

Magnus ficou calado, não sabia o que pensar ou dizer, ele não podia ficar ali, essa não era uma opção. Ele começou então a observar as criaturas que o cercavam. Eram seres estranhos, de cor esverdeada, orelhas pontudas, grandes olhos amarelos e tinham longos braços, apesar do corpo mediano. Tinham cerca um metro e meio e todos aparentavam atingir exatamente a mesma estatura. Possuíam um sorriso assustador em seus lábios, se é que se podia chamar aquilo de sorriso. Era estanho, pois não possuíam dentes e sim uma espécie de placa que ia de um canto a outro, como se possuíssem duas lâminas dentro da boca. Certamente criaturas muito esquisitas e nada agradáveis de serem vistas.

Magnus passou a pensar em como faria para escapar dali. As chances de êxito não pareciam ser muito grandes, mas pelo menos havia conseguido permanecer vivo e isso já era um excelente começo. Passado algum tempo, as duas equipes que haviam saído, retornaram. Traziam as cabeças de Homens-lobo que mataram. Pulavam e gritavam muito excitados com a caçada do dia. Os que haviam ficado responderam com gritos e gargalhadas e, pegando Magnus pelo braço, seguiram floresta adentro.

A tropa de Morgrotes seguiu numa marcha contínua e acelerada sempre tomando o cuidado de manter o intruso sob constante vigilância. Apesar da impressão inicial que Magnus tivera, a floresta lhe parecia cada vez mais sombria, as copas das árvores estavam cada vez mais fechadas, mas ao menos era possível ver raios de sol na mata e saber que era dia. Agora ele percebera que a diferença era exatamente a presença do sol na floresta. Foram tantos dias na Floresta das Sombras e nas cavernas dos Homens-lobo que Magnus havia se esquecido de que o sol existia.

Depois de um bom tempo caminhando, chegaram a uma aldeia onde havia uma comunidade enorme daqueles seres esquisitos, os Morgrotes. Magnus não podia acreditar no que seus olhos estavam enxergando. Havia centenas e centenas de casinhas feitas de troncos e palha, uma ao lado da outra de forma ordenada. Por mais incrível que parecesse, havia casas de dois pisos que, apesar do material rústico usado para sua construção, pareciam muito firmes. Havia também pequenas casinhas em topos de árvores e milhares de Morgrotes circulavam tranquilamente.

Na verdade, aquele lugar era muito parecido com uma aldeia de homens. Existia, inclusive, um lugar onde muitas mercadorias eram negociadas e a base do comércio parecia ser o escambo. Algumas daquelas coisas pareciam ter sido feitas por homens, mas como isso seria possível se os Morgrotes não tinham contato com seres humanos? Apesar de esquisitos, sua organização era excitante para Magnus, era muito interessante o modo como eles viviam.

Até mesmo o chão onde estavam pisando parecia ter sido trabalhado, havia uma espécie de cimento e mesmo onde o chão era de terra, ele havia sido batido e estava perfeitamente liso. Certamente aquela raça tinha contato com outras, eles não haviam descoberto tudo aquilo sozinhos ali naquela floresta isolada, isso não seria possível. Apesar da admiração com o lugar, Magnus ainda tinha em mente a necessidade de sair dali o quanto antes, precisava voltar para sua casa.

Magnus reparou que o líder daquele povo entrou em uma cabana e logo em seguida um pequeno pássaro foi solto. Ele não compreendia o que aquilo significava, mas assim que o líder morgrote saiu, Magnus aproveitou-se da oportunidade e aproximando-se dele perguntou:

- Com licença, qual é mesmo seu nome?

- Porque quer saber? - perguntou ele com certa aspereza.

- Gostaria de conversar rapidamente com o senhor e preferiria dirigir-me a alguém cujo nome me é conhecido. Como te chamas?

- Meu nome é Zaya.

- Nome interessante! Muito bem, senhor Zaya, queria novamente pedir-lhe que me libertasse para retornar ao meu lar. Acho que até aqui provei que não tenho más intenções. Seus homens constataram que fui perseguido pelos homens das cavernas e que vim parar aqui por acidente. Além disso, não lhes causei nenhum problema até a entrada deste espantoso povoado. Não pretendo fazer-lhes mal algum, não é de meu interesse dizer onde vivem para ninguém. Peço mais uma vez, por favor, e por tudo o quanto lhe é mais sagrado que me deixe voltar para minhas terras e para junto de minha esposa e filho.

- Seu discurso me comove, sinto por sua família. Se eu estivesse em seu lugar, certamente faria o mesmo pedido, mas se estivesses na mesma situação em que me encontro, negarias este pedido assim como o estou negando a ti. Sinto muito.

Pela primeira vez, Magnus percebia algum sentimento em uma daquelas criaturas, mas ele também sentia algo, raiva, muita raiva. Por um momento pensou em avançar sobre Zaya e tomá-lo como refém para fugir dali, mas teve lucidez suficiente para perceber que este não seria um ato muito inteligente, pois não teria a mínima chance de escapar dos Morgrotes e também dos feitiços e encantamentos de sua floresta. Decidindo agir de forma cautelosa ele prosseguiu:

- Bom, se é essa a sua decisão, por hora aceitarei de modo submisso, mas insisto em lhe perguntar se não haveria alguém mais a quem pudesse recorrer.

- Não, não há ninguém a quem recorreres, nesta floresta quem dá a palavra final sou eu. Sinto muito, se pudesse te soltaria, mas até mesmo eu sou submisso às leis deste povo. Lamento decepcioná-lo. Se quiseres permanecer vivo, deves ficar conosco e para tal é necessário que trabalhes e ajudes a manter a ordem desta comunidade, assim como qualquer outro que aqui vive. - respondeu Zaya.

- Bom, se é o melhor que podes fazer por mim. Fico-lhe grato!

- Fico contente que compreendas a minha situação, por melhor que me pareças, não posso colocar em jogo a segurança de meu povo.

Um pouco consternado, Magnus resolveu deixar a questão de lado e decidiu dar mais tempo ao tempo para ver como as coisas seriam dali por diante. Sua maior frustração era que, certamente, ninguém poderia encontrá-lo naquela floresta e ajudá-lo. Se quisesse sair dali, teria que resolver a situação sozinho, mas como? Além disso, ainda que alguém pudesse alcançá-lo naquele fim de mundo, quem viria à sua procura? Certamente ninguém... “Espere!” - pensou ele. - "Existe uma pessoa, Pistorius! Como não pensei nele antes? Onde ele estará? Será que ainda está vivo? Será que conseguiu sair das cavernas? Espero que sim, pelo menos alguém estará em situação melhor do que eu...”.

Magnus passou a observar o movimento dos morgrotes, que espécies de atividades eles faziam. Já que estava ali, procurou alguém que lhe dissesse algo que deveria fazer para ajudar, logo foi incumbido da tarefa de cuidar de alguns animais que estavam no pasto. Não era a tarefa mais agradável do mundo, mas pelo menos dava a Magnus o tempo necessário para colocar o cérebro em funcionamento. Imaginando maneiras de sair dali, até mesmo as coisas mais absurdas lhe ocorreram, como se disfarçar de morgrote, tentar passar despercebido entre os habitantes da aldeia e, assim, encontrar um meio de sair. Magnus sorriu: “Com certeza conseguiria se passar por um morgrote com aquele tamanho. Ideia estúpida.” - pensou imediatamente.

Após alguns dias naquela situação, ele começou a se desesperar, cada vez menos via uma um raio de esperança, suas expectativas de sair dali se esgotavam rapidamente, pois a menos que um milagre acontecesse, ele não teria a mínima chance de escapar de um povo astuto, desconfiado e vigilante como os morgrotes. Foi nesse estado de profunda angústia que Magnus percebeu uma movimentação incomum no povoado. Morgrotes animados pulavam e outros, com ar preocupado, corriam. Magnus não ficou para trás e correu com um grupo para o centro da vila de modo a descobrir o que estava acontecendo. Após

passar entre aglomerados daquelas curiosas criaturas, Magnus teve uma surpreendente visão:

- Um humano! - sussurrou por entre os dentes. - É sem dúvida um ser humano, mas como?

O prisioneiro observou Zaya se aproximar do visitante, e perguntou para um velho morgrote ao seu lado:

- O que é isso? O que está acontecendo? Pensei que seres de outras raças não pudessem entrar livremente nesta aldeia!

- Ora, meu rapaz, não compreendes? Este não é um homem qualquer, oh não, ele é amigo dos morgrotes e da Floresta de Morgrom, de fato foi ele quem nos ensinou como proteger nossa floresta, ele é um grande homem, sim, um grande amigo. Este homem, meu bom jovem, pode ir onde e quando quiser na Floresta de Morgrom, sim, grande homem, grande homem este homem, de fato um homem de valor, grande, grande homem... - começou a divagar o velho numa admiração histérica pela figura que chegara à aldeia.

- Compreendo... Que curioso! - Magnus falou consigo mesmo.

Nesse instante uma pequena mão verde se erguia e apontava na direção de Magnus que, absorto em seus pensamentos, não percebeu que as atenções se dirigiam para si. O visitante da floresta ergueu a cabeça e observou o rapaz que conversava sozinho. Fez-se um silêncio repentino, Magnus notando o silêncio levantou a cabeça e encarou o olhar do homem que chegara à aldeia. Era um velho, usando uma roupa preta comprida que lhe cobria até os pés. Embora a roupa visivelmente não estivesse muito limpa, conservava um brilho estranho como se o velho estivesse emanando energia. Tinha na mão direita um grande cajado que ia do chão até a ponta de seu nariz. Devia ter aproximadamente 1,85 metros de altura. O velho tinha também olhos negros e profundos que contrastavam com seus cabelos grisalhos. Era sem dúvida uma figura muito imponente e, pelo visto, alguém muito respeitado pelos habitantes locais.

O velho homem começou a andar na direção de Magnus e, conforme ele dava um passo, todos saíam de seu caminho. Seguido por Zaya ele continuou nessa direção até se aproximar o suficiente para falar:

- Qual seu nome, meu rapaz?

- Magnus, senhor!

- Muito bem Magnus, quem quer que sejas, siga-me! Precisamos ter uma conversa. - completou o velho com tom autoritário.

- Sim, senhor! - respondeu Magnus resolutamente. Certamente esse seria o raio de esperança que ele tanto aguardara.

Após caminharem para longe da multidão, o velho virou-se para Zaya e disse com voz branda:

- Querido amigo, gostaria de pedir-lhe a gentileza de deixar-me a sós com este rapaz. Precisamos ter uma conversa e certamente ele estará mais à vontade sem a presença de qualquer outra pessoa. Espero que compreendas!

- Pois não, velho amigo, esteja à vontade e se precisardes de alguma coisa, lembra-te que estás em casa, é só me chamar ou a um de meus homens.

- Muito grato pela sua bondade. - finalizou o velho.

O líder dos morgrotes virou-se, após cumprimentar o velho homem e após dar uma boa olhada em Magnus como quem diz: “Tenha cuidado com o que estás pensando em fazer, tenho homens suficientes para te fazer em pedacinhos”. Magnus compreendeu o recado e decidiu por realmente não tentar forçar sua escapada. Se queria sair dali sabia que, mais do que nunca, aquele era o momento de agir com cautela.

- Não sou tão desconfiado como meu amigo, Zaya, mas devo avisá-lo que sou muito mais enérgico. Este povo me é querido, e sua segurança é de extrema importância. Farei perguntas simples para as quais esperarei respostas convincentes, se não for assim, sua sorte estará lançada ao vento.

- Pois não, senhor, responderei como tenho feito até agora, com a mais absoluta sinceridade de coração.

- Muito bem, assim espero... Magnus, não é isso?

- Sim. E se não for muita ousadia, posso saber como o senhor se chama?

- Pois não, isso não é segredo para ninguém. Meu nome é Kitle.

- Que coisa estranha, já ouvi seu nome em algum lugar. - Magnus estava pensativo.

- Isso é bem provável, pois muitas pessoas me conhecem em todas as partes desta região e muito além daqui. Porém, não estamos falando sobre mim, mas sobre ti. Como viestes parar aqui?

- Como já falei para Zaya, eu era um prisioneiro nas cavernas dos homens que se vestem como lobos. Estive lá por um bom tempo, mas depois de muito esperar apareceu a oportunidade para minha fuga. Fui perseguido por muitos desses homens até que, sem saber para onde estava indo, acabei entrando nesta floresta. Eu nem sabia que este lugar existia. Estava apenas fugindo, não tenho nenhuma má intenção, apenas quero voltar para minha casa e rever minha esposa e meu filho, saber se estão bem. Apenas quero retomar minha vida tranquila. Há algo de mal nisso?

- Não, na verdade é um desejo bem digno, mas já devem ter lhe explicado que é imperativo que a localização desta floresta permaneça no mais absoluto sigilo.

- Sim, já estou sabendo disso. Dei minha palavra de honra de que não revelaria a localização deste magnífico povo a ninguém, nem mesmo à minha tão amada e querida esposa que é de grande confiança, nem mesmo a ela...

- Diga-me, como fostes parar naquela caverna?

- Oh! Essa é realmente uma longa história, perderíamos um dia ou mais para poder contar-lhe, mas em resumo eu estava fazendo uma espécie de exploração. Dizem que existem muitas riquezas na Floresta das Sombras e um homem me contratou para localizar algo de valor para ele. Estava realizando esse trabalho que ajudaria muito minha família, somos muito humildes, e fui apanhado pelos Homens-lobo. Compreende? Não estava fazendo nada de errado, nunca pretendi prejudicar ninguém.

- Sim, percebo, mas por que me respondes com tanta ansiedade? Por que estás tão apreensivo e medindo tanto as palavras? Buscas justificardes até mesmo o que não foi posto em dúvida. Esta atitude é um pouco estranha. O que achas disso? O que me dizes?

- Desculpe, senhor. Tente por um instante compreender-me, estou cansado, longe de minha família, não fiz e nem pretendo fazer nada de errado, mas todos me julgam, me impedem de retornar ao meu lar... - Magnus começou a chorar nesse momento. - Se ao menos tivesse quem me defendesse, se pelo menos o homem que estava comigo nas cavernas estivesse aqui para ajudar-me a confirmar a verdade, mas não pude continuar lá, ele seria descoberto no canto desmaiado, seria morto... Se pelo menos Pistorius estivesse aqui...

- Como?! - berrou Kitle, espantado. - O que estás dizendo? Como era o nome do homem que estava contigo?

- Pistorius, meu senhor, o nome dele era Pistorius.

- Como isso é possível? Pistorius estava nas cavernas dos Homens-lobo? Por isso está há tanto tempo fora e não retorna, pensei que ele tivesse fugido... - pensou alto o velho Kitle.

- Então vejo que conheces meu amigo Pistorius. Sim! É isso, por isso eu sabia que já havia escutado seu nome, Pistorius pronunciou seu nome enquanto delirava desmaiado no chão. O pouco que pude escutar... “Kitle, preciso levar até ele...”. Não entendi nada, mas certamente o senhor sabe do que se trata.

- Vejo então que ele permanece fiel à sua palavra...

- Oh sim! Seja lá o que for que ele lhe tenha prometido, ainda se mantém fiel. Não o conheço muito bem, mas sei que é um homem de caráter. Um bom rapaz certamente.

- Não duvido disso, especialmente agora, sabia que não havia me enganado com esse rapaz. Bom, isso já é o suficiente para mim... Estás livre!

Magnus não pôde acreditar nas palavras que acabara de ouvir, ele ergueu a cabeça e um novo brilho lhe iluminou o olhar. Caiu de joelhos diante do homem em sinal de profunda humildade e agradecimento, então ergueu-se e, ficando de pé, preparou-se para partir quando foi interrompido por Kitle.

- Espere, mas há duas condições para tua liberdade. Devo confiar que cumprirás com a promessa que me farás agora?

- Sim, senhor, pode ter certeza!

- Em primeiro lugar, deves prometer jamais falar sobre os morgrotes e a Floresta de Morgrom a ninguém. Não deves voltar aqui e não deves indicar o caminho a ninguém. Prometes-me isso?

- Com certeza que sim, nunca foi minha intenção revelar este magnífico lugar a quem quer que fosse, digo que até mesmo à minha esposa.

- Bom, julgo que assim será melhor para todos. Porém, ainda há uma segunda condição. Antes de retornardes ao teu lar, deves procurar Pistorius onde quer que esteja e lhe entregar isto. - o velho estendeu uma bolsinha para Magnus. - Não deves abri-la, nem tentar descobrir o que há aqui dentro. Não deves usar o seu conteúdo em momento algum. Apenas Pistorius tem permissão para abrir esta bolsinha. Tu me prometes fazer isso?

- Mas, isso significa que empreenderei mais uma viagem sem destino nem fim prévios, talvez nunca o encontre, jamais poderei retornar ao meu lar.

- Como ousas? - gritou Kitle furioso. - Preferes antes a morte a esta incumbência que lhe dou?

- Não, claro que não! Estou apenas dizendo que demorarei muito para rever minha esposa, ela pode pensar que morri e casar com outro, faz muito tempo que não volto para casa.

- Sinceramente, este assunto é muito mais importante que uma mulher. Não compreendes, mas até mesmo a segurança dos que te são queridos depende de que tu encontres Pistorius o mais rápido possível.

- Sim, se não me resta outra opção farei o que for necessário, mas gostaria de lhe pedir melhores botas e também um cobertor, além de uma espada e um pouco de comida. Não será nada fácil empreender essa busca e será ainda pior sem as coisas que lhe peço.

- Está certo! Terás o que me pedes, providenciarei para que até o final do dia as coisas estejam preparadas e tu possas partir na proteção da escuridão. Deves, portanto dormir agora e estar descansado para partires hoje à noite.

Terminada a conversa, Kitle e Magnus foram juntos falar com Zaya e acertar os últimos detalhes. Foi providenciado um local para Magnus dormir, e seus pedidos foram preparados. Kitle parecia nervosamente preocupado, sentia que algo ruim estava para acontecer. Apesar da felicidade e alívio por saber que eu permanecia fiel ao acordo, a demora em cumprir com minha missão o estava deixando apreensivo. Ainda faltava muito para encontrar o cristal e muitos imprevistos poderiam surgir, além das dificuldades naturais.

Assim o dia se passou e quando a escuridão dominava o céu Magnus foi acordado e preparou-se da melhor forma que pôde para enfrentar seu mais novo desafio. Embora se sentisse ainda um pouco frustrado, ele procurava colocar na mente que aquilo seria melhor do que permanecer até o fim de seus dias naquela floresta com seus estranhos habitantes.

- Meu jovem, não sei o que Kitle lhe pediu, mas dou-te um aviso, é bom que te esforces e faças o melhor que puderes para cumprires com sua palavra. - Zaya tinha um tom áspero na voz e um olhar desaprovador.

- Não precisas te preocupar, nunca foi minha intenção fazer o contrário. Sois um povo bom, porém mais desconfiados do que o necessário. Precisam aprender a confiar mais nas pessoas que demonstram ter caráter. - respondeu Magnus rudemente.

- Não estás em condições de nos julgar, meu caro. Se soubésseis e tivésseis vivido pelo menos parte do que nosso povo viveu, compreenderias nossos motivos. Contudo, isso não interessa, não estou preocupado com sua opinião, apenas faça sua parte.

- Pois fique tranquilo desde já. Cumprirei com minha palavra, como aliás, sempre fiz. Passar bem.

Dizendo essas palavras e terminando de recolher as coisas que levaria em sua campanha, Magnus pegou a bolsinha que lhe havia sido dada por Kitle e, observando-a por um instante, conferiu o nó que a amarrava e guardou-a junto ao peito. Não fazia ideia do que seria aquilo, mas estava firme na decisão de entregá-la a quem lhe fora mandando. Saindo da tenda, Magnus encarou uma última vez os habitantes daquela espantosa floresta e deu um sorriso. “Não é um povo tão ruim afinal de contas” - pensou. Olhou mais uma vez para a pequena vila e para a vegetação ao redor, foi a última vez que Magnus viu aquele lugar para nunca mais ali retornar. Alguns anos mais tarde, encontraria Zaya outra vez, mas não fariam nada mais do que dar um aceno de cabeça um para o outro.

Encarando a difícil tarefa que lhe havia sido imposta, Magnus ergueu a cabeça, caminhou com passos firmes por entre os pequenos e dirigiu-se novamente à Floresta das Sombras.

Capítulo 7 – Reencontro

Após Angillus ter carregado Miriam por um tempo e ter localizado Barukz, ele a colocou levemente no chão e tratou de procurar saber o que acontecera com o Ogro. Sua primeira reação foi de espanto, pois não esperava encontrar aquele ser, contava tratar-se de um humano. Sentiu repugnância porque ogros não eram suas criaturas preferidas, mas afinal ele sentia que devia esse favor à moça que acabara de salvar sua vida. Angillus percebeu que Barukz estava com uma cor azulada, o que certamente não era um bom sinal. Tinha grandes olheiras e a respiração estava muito fraca. Caso não recebesse os cuidados necessários com urgência, morreria dentro de pouco tempo. Após terminada a avaliação, Angillus colocou a mão no bolso esquerdo e pegou uma bolsinha com algumas ervas. Eram das mais variadas espécies, com todas as cores e aromas, tudo misturado.

Como quem tinha absoluta certeza do que fazia, sem muito pensar Angillus separou três grupos de ervas, esmagou-as e começou a aplicá-las em Barukz. Algumas ele passou em seu rosto, outras nos edemas que se formaram nos braços e pernas. Com um pequeno punhal, abriu um corte no pulso esquerdo do doente e colocou também algumas ervas. “Sim, estas devem entrar na circulação.” – o velho sussurrou. Pegando o terceiro grupo de ervas que separara, desta vez não as esmagou, mas as colocou por inteiro na boca do Ogro.

Ao seu lado, Miriam começava a dar os primeiros sinais de recobrar a consciência. Ela gemia um pouco por causa da dor pelo golpe que sofrera, mas no momento Angillus estava mais preocupado com o estado de Barukz que, apesar dos remédios, não parecia melhorar muito. Angillus começou a achar aquilo um pouco estranho, pois a maioria daquelas ervas possuía efeito quase imediato. Começou a refletir se os efeitos em criaturas de outras raças não seriam diferentes, realmente ele nunca havia pensado nisso. Certamente a moça não mentira, pois os sintomas apresentados realmente eram os de alguém que havia sido picado por mosquitos-vampiros. Angillus passou a mão no queixo repetidas vezes enquanto pensava no que deveria fazer para resolver aquela situação. Talvez, pela primeira vez em sua vida, ele estava muito confuso.

Poucos sabiam a respeito da existência e da vida de Angillus, porém ele não era um homem qualquer. Apesar de não aparentar, tinha mais de uma centena de anos e havia sido criado, educado e ensinado por um dos magos mais poderosos que já existiu, mas não somente isso, a linhagem de Angillus era muito pura e incomum. Ele podia ser considerado como um ser humano, mas possuía características extraordinárias, até mesmo incompreensíveis para a maioria das pessoas. Se havia alguém na face da Terra a quem Kitle respeitava e por que não dizer, temia, esse alguém era Angillus.

No exato momento em que ele começava a elaborar uma solução para o problema de Barukz, Miriam acordou.

- O que aconteceu? Onde estou? - ela estava confusa e não se lembrava do que havia acontecido.

- Não se preocupe, minha filha, tudo está bem. Encontramos seu amigo e já estou fazendo todo o possível para que ele se recupere o quanto antes. - respondeu Angillus calmamente.

- Oh! Barukz! - Miriam correu ao encontro do amigo.

Ao levantar-se apressadamente sentiu uma forte tontura e caiu no chão novamente, Angillus correu ao seu encontro e ordenou-lhe que ficasse deitada, pois precisava também descansar e recuperar-se. Miriam concordou prontamente, afinal ela sentia fraqueza, uma forte dor de cabeça e também dor no estômago. “Parece que fui atropelada por uma manada de mamutes.” - pensou ela.

Pegando mais uma de suas ervas e dando-as a Miriam, Angillus pronunciou algumas palavras que a moça não foi capaz de compreender. Deitando-se próxima a Barukz para poder observá-lo, ali ela ficou

pelo resto da noite que já ia longa e sossegada. Aquele impressionante homem ficou acordado ao lado dos dois amigos durante todo o tempo de modo a velar-lhe os sonhos e garantir que nada de mal lhes acontecesse, ao menos durante aquela noite de descanso tão merecida. Além de Barukz não estar consciente, a febre e a doença lhe corroíam o corpo.

Ao término da madrugada, quando parecia que tudo correria normalmente, Angillus mal teve tempo de desviar-se para ver alguém ou alguma coisa pular em cima dele. Debatendo-se muito a criatura parecia ensandecida e disposta a acabar com o velho.

- Quem és tu, maldito?! - Angillus desvencilhou-se da criatura que o atacava e sacou uma pequena espada. – Seja lá quem fores tu, espero que estejas preparado para morrer, pois é isto que vou fazer contigo agora! Como ousas enfrentar-me de tal forma? Afinal não sabes quem sou eu?

- Arg! Não me importa, não me importa, nada me importa... Não vai acontecer de novo, não vão me pegar de novo! - gritava o homem alucinadamente como se estivesse falando com algum espírito. - Saiam de perto de mim... Saiam, saiam... Eu vou acabar contigo, eu vou acabar com todos vós, com cada um de vós... Aaaaaaahhhhhhh...

Sem compreender nada do que estava acontecendo e sem saber do que aquele homem falava a única opção de Angillus foi lutar. O homem que o atacava possuía um machado e tinha sobre o corpo um manto que lhe cobria completamente, além de um capuz que se lhe impedia definir as feições. Estava visivelmente consternado com alguma coisa e se apresentava num estado de loucura e alucinação jamais vistos por Angillus, exceto nas cavernas onde se trancafiam os loucos.

Antecipando-se a um golpe desferido por Angillus, o encapuzado desviou-se para a esquerda e acertou com o cabo de seu machado o braço do velho que deu um grito de dor. O encapuzado passou então a desferir pesados golpes e chegou a acertar a perna de do velho mago de raspão. Parecia incrível que estivesse apanhando naquela luta, aquele homem que parecia indestrutível e invencível não conseguia superar alguém claramente louco, mas a loucura é também uma forte arma, pois afasta o temor e um homem sem temor torna-se extremamente perigoso e difícil de lidar.

Muito enraivecido, o sujeito de capuz continuava gritando que iria destruir a tudo e a todos e que jamais seria capturado novamente. “Malditos! Malditos!” gritava incessantemente num tom cada vez mais alucinado e assustador. Angillus teve que, pela primeira vez, admitir seu medo e que estava sendo vencido. Ele ficou impressionado no momento em que seu oponente conseguiu arrancar-lhe das mãos a pequena espada que usava, mas ainda mais impressionado ficou ao perceber, no momento em que o home enlouquecido girou o corpo, que este possuía apenas um braço.

Pulando como um macaco à sua frente, o homem sem braço adiantou-se mais uma vez num ataque que derrubou o surpreso Angillus no chão. Quando o agressor estava prestes a desferir o golpe fatal, sentiu um forte impacto na cabeça e desmaiou. O velho mago abriu os olhos (pois os fechara, sentindo que a morte se aproximava) e encarou o belo sorriso de Miriam, que tinha um tronco de árvore partido ao meio em suas mãos. Respirando aliviado, foi auxiliado por ela a se levantar e, após recompor-se, ouviu de uma sorridente e debochada Miriam:

- Parece que está ficando cada vez mais comum que eu lhe salve a vida, não acha?

Franzindo a testa e com expressão de poucos amigos, Angillus virou de costas e respondeu em tom ríspido:

- Não fizeste mais do que tua obrigação! Se não fosse por sua culpa eu não estaria aqui, não teria passado por esses apuros e... - virando-se com um largo sorriso, completou.- jamais teria conhecido uma jovem tão maravilhosa e valorosa como tu, obrigado! - adiantando-se deu um abraço em Miriam.

Ainda espantada por achar que levaria uma enorme bronca, Miriam surpreendeu-se com a atitude do

velho, mas após recompor-se do susto, retribuiu ao afetuoso abraço que recebera. Angillus afastou-se, pegou o machado do homem sem braço e estava prestes a matá-lo impiedosamente, mas foi interrompido por Miriam que disse não permitir que alguém fosse morto de forma tão covarde. Ela então resolveu tirar o capuz do homem desmaiado no chão e, levando as mãos à cabeça, exclamou ao ver o rosto dele:

- Modiat! Minha nossa, não acredito que ainda esteja vivo!

- Espere, quer dizer que tu conheces esse homem? Não compreendo mais nada, como podes conhecê-lo? Afinal de contas, o que está acontecendo aqui?

- Calma, posso explicar-lhe tudo, Angillus. Como te falei, vim para esta floresta com um grupo de amigos e este é mais um deles. Havíamos nos separado, pois pensamos que os Homens-sombra, na entrada da floresta, o haviam matado. Tentamos procurá-lo, mas as circunstâncias não nos permitiram efetuar uma busca mais detalhada. Certamente, pela situação em que se encontra, ele foi levado pelos Homens-sombra e algo de muito ruim aconteceu lá, pois Modiat está visivelmente perturbado.

- Compreendo, mas querida Miriam, vou perguntar apenas mais uma vez e espero ouvir a história toda, sim?

- Sim, Angillus, acho que lhe devo isso.

- Muito bem, quantos são e quais os nomes das pessoas que entraram junto contigo em minha floresta?

- São apenas esses dos quais já falei. Pistorius, filho de Marcus, Barukz, o Ogro doente e Modiat, este homem sem braço que está caído no chão, além de mim é claro!

- Muito bem, e o que traz esse grupo para esta floresta?

- Na verdade, não sei muito bem, esse homens vieram até aqui com uma missão, eu apenas os encontrei no caminho e, sem ter companhia e destino certo, resolvi que seria melhor acompanhá-los, pois não tinha nada a perder. Prometo ao senhor, que seja qual for a missão deles, não estão aqui para fazer nada de errado. Eles sequer estão aqui por vontade própria, mas seguem ordens de outra pessoa.

- E quem seria essa pessoa?

- Sinto muito, senhor, não sei de quem se trata.

- Bom, espero que dessa vez tenhas me contado tudo, mas agora vamos ver como estão Barukz e o tal... Como é mesmo o nome do aleijado?

- Modiat. – respondeu Miriam.

Encarando Miriam uma última vez, Angillus voltou sua atenção para Barukz e orientou a moça a amarrar Modiat, pois estava louco. Pegando o manto do próprio homem, Miriam o rasgou em tiras e amarrou o amigo. Após atá-lo, voltou para junto do Ogro e o ficou observando ao lado de Angillus.

- Será que ele irá melhorar? – perguntou Miriam.

- É cedo para dizer qualquer coisa, mas acho que as providências necessárias foram tomadas a tempo, agora a única coisa que podemos fazer é esperar. Porém, nunca testei essas ervas em outras criaturas além de seres humanos antes. O medicamento já deveria ter surtido algum efeito, mas até agora infelizmente não percebo mudança alguma.

- Pois é, esperemos então!

***

Passando através da cachoeira, Lulika ia à frente seguida por Nikola e eu. Andando por uma estreita trilha na encosta do morro, descemos sem parar e, finalmente, alcançamos a base da montanha. Fiquei

extremamente feliz e respirei fundo, mais fundo do que qualquer outra vez em minha vida. Senti o cheiro indescritível das plantas, da terra molhada, das quedas d'água... Depois de passar tanto tempo no interior das cavernas.

- Para onde deveremos seguir agora? – perguntei.

- Pistorius, nós tomaremos a direção norte, pois pretendemos ir para casa. Nos diga para onde pretende ir e lhe indicaremos um caminho. – respondeu Lulika.

- Bom, na verdade não tenho destino exato, agora preciso mesmo encontrar alguns amigos que estão em algum lugar por aqui. Estávamos juntos até que parti em busca de comida e vi um homem ser atacado pelos Homens-lobo. Sem saber exatamente o que se passava, resolvi ajudar o homem e acabei me tornando prisioneiro...

- Espere! – gritou Nikola. – Então foste tu que tentaste me ajudar na floresta? Era eu quem estava sendo atacado pelos Homens-lobo naquela ocasião.

- Por isso eu sabia que te conhecia de algum lugar, pensei que fosse apenas a semelhança física entre tu e tua irmã, mas é isso mesmo, vi-te na floresta, tentei te ajudar mas infelizmente não consegui.

- Ora, mas o que importa é que com sua ajuda estamos todos livres e bem. Seria um prazer se nos acompanhasses, certamente estás muito cansado e faminto. O lugar onde fui atacado fica a caminho de nossa casa, podes nos acompanhar até lá e talvez até consigamos encontrar seus amigos pelo caminho.

- Certamente aceito seu convite. Sua cidade fica à que distância daqui?

- Bom, não estou bem certa, mas creio que estejamos a uns cinco dias de caminhada. – respondeu Lulika.

- Está certo! Sigamos adiante então, para nós será de muito bom grado a sua companhia, meu caro amigo Pistorius. – Nikola abriu um sorriso.

Outra vez começamos a caminhar pela floresta numa jornada que parecia interminável. Eu já não sentia o mesmo medo daquele lugar como da primeira vez. A floresta já não me parecia ser tão sombria e estranha. Na verdade, quanto mais permanecia ali, mais sentia como se estivesse num local comum. Apesar de tudo o que havia presenciado, não tinha certeza de que a floresta estava tão cercada de magias e era tão perigosa como se costuma contar nas histórias. O mais estranho do lugar era a ausência de animais pelo caminho. Como uma floresta tão grande possuía tão poucos animais? Porém, minha preocupação na verdade era outra: Encontrar meus amigos, o maldito cristal de Kitle e, finalmente, ir morar com meu tio, se é que ele ainda estava vivo.

Enquanto andávamos pela floresta procuramos algo para comer, havíamos bebido um pouco de água no rio, aproveitávamos também para beber água em algumas nascentes que encontrávamos pelo caminho. Estávamos também sempre atentos, pois no primeiro lugar que julgássemos seguro, pararíamos para descansar e seguir a viagem mais facilmente. Enfrentamos uma dura escapada e uma dura jornada até ali. Eu estava bastante preocupado, pois cada dia naquele lugar parecia ser uma grande aventura. Será que eu não teria nem um dia de tranquilidade naquele paraíso esquecido?

No caminho eu desejava mais que tudo poder passar uma boa noite de sono. Ainda não conseguia distinguir o dia da noite muito bem, mas Lulika e Nikola estavam mais acostumados e, através de pequenos detalhes, podiam calcular as horas. Caminhamos incessantemente e conversávamos sobre diversos assuntos a fim de esquecermos o que estávamos passando. Após uma longa caminhada, finalmente encontramos um lugar que parecia seguro o suficiente.

Na base de uma montanha havia uma pequena cavidade que não chegava a ser uma caverna, mas cobrindo com folhas conseguiríamos o disfarce necessário para dificultar que nos encontrassem. Foi o

que fizemos, escondemos o lugar com folhas e com galhos de árvore que estavam caídos no chão e depois nos abrigamos abaixo de tudo a fim de dormir. Deliberamos um pouco sobre algum de nós ficar de vigia e chegamos à conclusão de que não seria necessário afinal, cansados como estávamos, quem quer que ficasse responsável pelas primeiras horas, infalivelmente acabaria adormecendo. Confiando que o Senhor nos protegeria, deitamo-nos e dormimos.

***

Até chegar ao fim da Floresta de Morgrom, Magnus foi acompanhado por alguns homens da guarda dos Morgrotes. Apesar de sentir-se protegido pela presença daqueles pequeninos num lugar tão estranho, sentia-se também incomodado, pois eles não andavam ao seu lado, mas seguiam-no do alto das árvores como se ao invés de escoltá-lo o estivessem vigiando. Contudo, Magnus não estava preocupado com aquilo, na verdade não se importava nem um pouco com aqueles pequeninos, haviam sido muito rudes desconfiados. Será que outras pessoas já haviam permanecido ali para sempre? Certamente, se houve outros capturados, não encontraram a mesma sorte que ele. “Querido amigo Pistorius, até mesmo longe de mim consegues proteger-me e livrar-me das encrencas” - pensou Magnus. Sim, apesar da pouca convivência nós nos considerávamos amigos, até mesmo pelo fato de não nos conhecermos e um ter feito tanto pelo outro durante a escapada das cavernas. Aquele episódio uniu nossas vidas para sempre.

- Muito bem, estranho, ali na frente termina nossa floresta. Deves fazer o juramento solene de que jamais retornarás por estes caminhos e jamais o revelarás a ninguém. Juras? – perguntou um dos morgrotes que o acompanhava.

- Ora, eu já fiz todos os juramentos que deveria fazer. Quem julgas que és para inquirir-me novamente a este respeito? Sinceramente, sei que estou em vosso território, mas estou cansado de vossa desconfiança, deixem-me em paz e os deixarei também! – Magnus tinha um tom irritadiço.

- Pois bem, vá e não retorne. Quando o dia amanhecer, enviaremos uma tropa para rondar nossas fronteiras, se estiveres nas proximidades serás morto, estás avisado. Parta e não torne nem mesmo a olhar nesta direção. – o morgrote completou num tom frio.

- Pois fique avisado, que se alguém tentar algo contra mim será morto com esta espada feita por vós mesmos e podem ter certeza que não estou blefando. Confiem em mim assim como estou confiando em vós e seremos todos amigos.

- Não queremos sua amizade, foi por causa da amizade com os homens que nosso povo acabou sofrendo muito. Apenas desapareça, esta conversa termina aqui.

Dizendo isso, os morgrotes viraram as costas para Magnus, subiram nas árvores e partiram, deixando-o sozinho. Ele se sentiu muito bem por estar livre daquele povo, realmente não gostava nem um pouco deles agora. “Agem assim, pois estou sozinho. Gostaria de ver se seriam tão arrogantes se eu estivesse com um grande exército de homens. Covardes!” - Magnus estava irado com a audácia e prepotência demonstradas por aqueles pequenos.

Desviando seu pensamento da raiva que sentia daquele povo, Magnus novamente pôs-se a imaginar como faria para me encontrar. Dera sua palavra a Kitle e, certamente, se não a cumprisse, de algum modo seria encontrado e pagaria caro por isso. Sua maior dificuldade em retornar, era devido ao fato de que, durante a correria da fuga, não pudera prestar atenção no caminho que fizera até encontrar a floresta de Morgrom. Por esse motivo, não sabia qual direção tomar, pois a primeira possibilidade de encontrar-me seria procurar nas cavernas onde ficara prisioneiro e onde Magnus me vira pela última vez.

Ele então olhou para trás com o intuito de encontrar algum morgrote que lhe indicasse o caminho para as cavernas, pois imaginou que seres tão desconfiados não o deixariam sozinho enquanto não estivesse numa distância segura. Retornou os poucos metros que andara até a divisa das florestas e

descobriu que suas suspeitas estavam corretas, pois ao pisar novamente em território morgrote uma flecha passou sobre sua cabeça e foi cravar-se no tronco de uma árvore.

- Não me ataquem! – Magnus abaixou-se.

- Nós avisamos que não devias retornar, agora serás morto! – Magnus ouviu uma voz dizer.

- Caso me matem, precisarão prestar contas à Kitle, seus imbecis. Retornei apenas para pedir uma informação.

- Então diga logo o que queres!

- Para que lado ficam as cavernas dos Homens-lobo?

- Por que eu deveria dizer-te?

- Porque Pistorius está preso lá, seu idiota! Não queres que eu parta logo? Então responda-me e sairei o quanto antes. Além disso, se Kitle souber que me atrapalhaste na busca a Pistorius as coisas não serão muito boas para ti.

- Muito bem. Estás no mesmo lugar em que te capturamos. Basta seguir em linha reta até aquele conjunto de árvores esbranquiçadas e depois virar em direção ao norte. Quando avistares algumas montanhas, basta seguir em direção a elas e chegarás lá.

- Bom, acho que entendi. Adeus!

- Adeus!

Magnus olhou uma última vez para trás, engoliu a saliva e, com rapidez, partiu dali. Apesar de enfrentar os morgrotes com firmeza, a verdade era que sentia calafrios ao vê-los. Aqueles eram seres muito estranhos e pouco confiáveis. Anos mais tarde, Magnus diria que eles certamente eram tão desconfiados por serem pouco confiáveis. Ao contrário do que possam estar pensando, Magnus jamais quebrou sua promessa. Apenas me revelou a posição da Floresta de Morgrom porque o povo morgrote já não existe mais. Desse modo, não há motivos para se ocultar essa informação. Vez ou outra se ouve dizer que um morgrote foi avistado, mas é o mesmo que se dizer que um dragão estava nos céus. Todos sabemos que o último dragão foi morto por Heliasur, um grande guerreiro há, aproximadamente, sessenta anos.

Voltando à sua trajetória, Magnus partiu o mais rápido que pôde. Ao contrário de mim, Lulika, Nikola e dos outros, ele estava muito bem disposto depois de um dia inteiro de sono e de uma boa alimentação. Caminhou bastante, ganhou um bom terreno e percebeu o que acontece com um homem em situações extremas de apuro, pois após tanta caminhada, ele ainda não conseguia ver as montanhas e imaginou por quanto tempo ele deve ter corrido e qual distância teria percorrido para fugir dos Homens-lobo. Com certeza em circunstâncias normais ele não teria conseguido correr tal distância e por tanto tempo. Ter conseguido fugir dos Homens-lobo e ainda estar vivo fora realmente um milagre.

***

- Miriam, venha, veja, Barukz está reagindo! – gritou Angillus emocionado.

- Que ótima notícia! Nem posso acreditar, ele parecia morto. Muito obrigada, Angillus, nós dois lhe devemos a vida! – Miriam tinha os olhos cheios de lágrimas.

- Não foi nada, minha jovem, também tenho muito que lhe agradecer.

- Não tanto quanto eu a ti, meu bom senhor. Disseste bem quando afirmaste que só passaste por algumas situações difíceis por minha causa, se eu não o tivesse encontrado e pedido para me acompanhar estarias tranquilo e seguro em sua cabana.

- Ora, minha jovem, um velho como eu também precisa de um pouco de exercício às vezes, meus

ossos estavam começando a ficar enferrujados e eu já havia me esquecido do suave sabor de uma aventura, isso tudo me fez reviver... Tanto que decidi que, a partir de agora, irei acompanhá-los em toda sua jornada daqui para frente.

- Não! – Miriam deu um sobressalto, deixando transparecer seu nervosismo. – O senhor não pode! – completou.

- O que é isso, minha jovem? Algum problema em que eu os acompanhe?

- Não, quer dizer, claro que não, senhor Angillus, mas jamais poderia fazer isso com contigo. O senhor deve ter muitos afazeres e não tem tempo a perder conosco, além do mais não sei quanto demoraremos, pois ainda precisamos encontrar Pistorius. Eu não poderia permitir que o senhor se submetesse a tamanha provação.

- Ora, o que é isso? Por acaso achas que não sou capaz de me aventurar um pouquinho? Que estou muito velho para isso? Pois estás muito enganada e já decidi, irei acompanhá-los em sua jornada daqui por diante!

- Bom, se é isso mesmo que o senhor deseja, serei eu quem irá impedi-lo?

- Esplêndido, esplêndido, querida Miriam. Já que chegamos a um acordo, assim que Barukz melhorar, partiremos em busca de Pistorius.

Miriam ficou preocupada com o desejo de Angillus, pois ele poderia descobrir o real motivo de sua estada naquela floresta e pôr tudo a perder. Embora já gostasse muito do velho e fosse grata por sua ajuda, ela precisava se livrar dele, pois sua inesperada vontade em buscar aventuras não estava nos planos de Miriam.

A verdade é que Angillus não havia tido nenhuma súbita vontade de buscar aventuras, mas estava desconfiado de Miriam e dos reais propósitos de sua comitiva estar naquela floresta. Como guardião do local, decidira seguir junto com Miriam e os outros e vigiá-los bem de perto. Certamente ele possuía outros assuntos importantes para resolver, mas aquele se tornara o mais emergencial e Angillus não estava disposto a perdê-los de vista, tendo que resolver maiores problemas depois. Além disso, ele realmente se afeiçoara a Miriam e não queria que nada de mal lhe acontecesse.

Barukz realmente melhorara e começava, cada vez mais, a dar sinal de vida. Sua cor melhorara muito embora ele estivesse um pouco abatido e bem magro, pois passara muitos dias sem comer nada além das coisas que lhe eram postas pela boca abaixo por Miriam. Angillus e Miriam estavam muito animados com sua recuperação e mal podiam esperar que Barukz melhorasse para que pudessem partir dali. Nesse mesmo tempo, Modiat acordou e, percebendo que estava atado, começou a gritar alucinadamente, ordenando que o soltassem. A moça tentava conversar com ele e fazê-lo voltar à lucidez, mas todos seus esforços pareciam ser em vão. Nada o fazia voltar à realidade e cada vez ele se mostrava mais furioso e violento, chegando inclusive a cuspir no rosto de Angillus quando este tentou lhe dar um remédio feito com suas ervas naturais.

- Miriam, acho que não existe outra maneira, teremos que aplicar em Modiat um tratamento de choque!

- Tratamento de choque? Como isso funciona?

- Quando algo extremo acontece com uma pessoa, ela pode ficar muito abalada, louca na verdade... A única esperança de recuperá-la, é fazendo com que outra coisa extrema aconteça, mas veja bem, não é garantido que a pessoa se recupere, nem tampouco que ela sobreviva. Porém, se não tentarmos, ou teremos que matá-lo ou deixá-lo para trás. A segunda coisa eu não farei, pois ele poderia se libertar e se tornar uma ameaça para os habitantes da floresta e talvez até das vilas.

- Mas, Angillus...

- Escolha, Miriam. Tratamento de choque ou a morte, não podemos perder mais tempo com ele.

- Bom, que seja o tratamento de choque então. Antes tentar do que simplesmente matá-lo!

- Muito bem, afaste-se e não se intrometa por mais assustador que possa parecer, é muito importante que isso seja feito sem interrupções. Entendeu bem?

- Sim.

- Então vá para longe, agora.

Ao ouvir estas palavras, Modiat parecia saber o que o esperava, pois começou a urrar desesperadamente como um animal selvagem acuado. Após certificar-se de que Miriam estava longe o suficiente, Angillus fechou os olhos, entrelaçou os dedos e começou a falar numa língua que ela não conseguia compreender. O guardião da floresta começou a falar cada vez mais alto até que começou a gritar. No chão, o aleijado se contorcia desesperadamente e começava a gritar também. Miriam estava horrorizada e não compreendia nada do que estava acontecendo.

Estendendo as mãos na direção de Modiat, Angillus abriu os olhos, estavam vermelhos como o fogo vivo, parecia haver outra pessoa ali. O homem amarrado arregalou os olhos e escondeu o rosto no chão como se esperasse levar um golpe fulminante. E foi isso o que aconteceu.

Com alguma força mágica, Angillus ergueu o homem e começou a girá-lo no ar. Raios de energia circundavam o lugar, o velho mago começou a bater com o corpo do outro nas árvores ao redor deles e o *chicoteava* com raios coloridos de magia. Miriam espantada tentou impedir, mas ao sair de trás da árvore onde se pusera, foi atingida também por um raio e caiu para trás com os olhos arregalados e os braços e pernas formigando.

O espetáculo de luzes e cores não parava. A essa altura, Modiat estava desacordado e, consequentemente, parara de gritar o que aliviava um pouco a cena. Contudo, a visão do corpo sendo jogado de um lado a outro não deixava Miriam em paz, pelo contrário, ela estava cada vez mais desesperada, pois nunca havia visto nada semelhante em sua vida.

Quem seria aquele velho? O que mais ele seria capaz de fazer que ainda não havia revelado? Como poderia existir alguém tão incrível na face da Terra? Miriam começou a pensar se Angillus não seria algum deus que descera no meio dos humanos a fim de cumprir alguma missão especial. Ela simplesmente não podia acreditar no que os seus olhos estavam presenciando. Enfim, após alguns minutos angustiantes, a moça viu o corpo de seu amigo parar no chão, o mago fechou novamente os olhos, colocou as mãos no rosto e abaixou a cabeça.

- Está feito...

***

Não sei exatamente que horas seriam, mas acordamos depois de uma boa noite de sono. Tudo correu tranquilamente, o único incidente da noite foi quando Nikola acordou com uma cobra se enrolando em suas pernas, mas ele rapidamente pegou uma espada que trouxera da caverna dos Homens-lobo e decepou a cabeça da serpente. Tirando os mosquitos e outros insetos que incomodaram no início do sono, tudo foi melhor até do que esperávamos.

Dormimos encostados uns nos outros a fim de nos aquecermos e dessa forma não sentimos frio. Os galhos, troncos e folhas também nos protegeram um pouco. Apesar da boa noite de sono, acordei com uma forte dor de cabeça, parecia que tinha levado uma paulada. Meu corpo ainda doía devido aos maus tratos sofridos nas cavernas, mas sentia-me muito melhor.

Procuramos algo para comer, achamos alguns frutos silvestres e os devoramos, estavam bons, mas tinham um gosto que eu não soube identificar, certamente eu nunca provara daquele fruto antes. Água não era problema, pois estávamos andando próximo a um riacho de águas claras.

- Ainda falta muito para chegarmos? – perguntei.

- Bom, ontem não caminhamos tão rápido como eu queria, mas acredito que dentro de mais alguns dias estaremos em casa. Calculo que daqui um dia ou um pouco menos estejamos passando próximo ao local onde tu e Nikola foram atacados. – Lulika respondeu.

- Quem bom, espero que Miriam e Barukz não tenham se afastado muito de lá. – respondi.

- De qualquer forma, Pistorius, se não os encontrarmos, penso que seria prudente se nos acompanhasses até nossa cidade e tivesses alguns dias de descanso. Além do mais, se teus amigos forem inteligentes, eles procurarão um vilarejo para se abrigar. Não acredito que depois de tantos dias ainda estejam à tua procura, devem pensar que estás morto. – disse Nikola.

- Sim, talvez pensem que estou morto, mas não creio que tenham desistido de me procurar... Se bem que, se forem como eu, certamente já desistiram! – lembrei que houvera desistido de procurar Modiat.

- Bom rapazes, de qualquer jeito, paremos de fazer suposições e andemos o mais rápido que pudermos e assim teremos maior chance de encontrá-los. Existe uma trilha para nosso vilarejo. Talvez eles a sigam para evitar perigos, mas provavelmente a estarão beirando. Andaremos na trilha e iremos vasculhando ao redor dela certo? Então vamos, pois temos muito caminho pela frente e estou ansiosa para voltar para minha casa e, principalmente, rever meus pais, que a essa altura já mandaram fazer nosso enterro simbólico supondo que fomos mortos pelos Homens-lobo. – concluiu Lulika.

Ela estava com a razão, precisávamos nos mover o mais rápido possível, assim como toda minha jornada até ali, o tempo era um oponente vigoroso e incansável, ele não descansa e costuma ser cruel com os fracos. Ergui-me, pois estávamos sentados em círculo conversando, e ajudei Lulika a se levantar também. Olhei mais uma vez para o horizonte, prestei atenção no ruído do rio descendo e escutei o cantar de um pássaro, tudo parecia irreal, ainda me custava crer que aquilo era a realidade e não um sonho bizarro.

Em todos os momentos eu me lembrava de agradecer por terem aparecido pessoas tão boas em minha vida, eu sempre mantinha meus novos amigos em minha mente e isso me deixava feliz. Durante aquela jornada, parecia que nós três estávamos muito compenetrados e por um bom tempo andamos em absoluto silêncio. Nesses instantes de solidão interior, lembrei-me mais uma vez de minha mãe, fazia algum tempo que não me recordava dela, senti-me mal por isso, como eu pudera esquecê-la assim? Porém, os últimos acontecimentos não haviam me permitido pensar em outras coisas a não ser em manter-me vivo. Além do mais, eu evitava ter lembranças tristes para que não desviasse meu pensamento do trabalho e não me desanimasse. Pensei um pouco em meu pai também e em quem ele seria, quem seriam meus tios. Essas ideias começaram a me torturar e, para esquecê-las, comecei a cantar algumas velhas canções de cavaleiros que eu havia aprendido em minha infância.

A estrada parecia infindável, mas ao menos depois de algum tempo em silêncio, voltamos a conversar e a contar histórias, coisas engraçadas. Apesar das dificuldades, procurávamos conversar sobre assuntos alegres a fim de esquecer o que havíamos passado naquelas cavernas infernais e nos perigos que poderíamos encontrar dali pra frente. Com isso a caminhada tornou-se um pouco mais agradável.

- A quanto tempo estamos andando? – perguntei.

- Creio que já andamos bastante, ao que me parece o dia está terminando, mas não tenho muita certeza, a floresta está quieta demais para o meu gosto. – respondeu Nikola.

- Esperem! Escutem! Conseguem ouvir o que eu ouço? – perguntou Lulika.

- Bom, eu não consigo ouvir nada. – respondeu Nikola.

- Sim, acho que escuto algo. O que será? – indaguei.

- Não sei, mas tenho a impressão de que alguém ou algo está nos seguindo. – finalizou Lulika com uma expressão preocupada.

- Não deve ser nada, não se preocupem, seus tolos. – disse por fim Nikola.

Contudo, ao dizer isto, as árvores acima de nossa cabeça chacoalharam e uma pequena cobra caiu à nossa frente, arrastou-se na direção de Nikola e tentou picá-lo. Ele deu um salto para trás e a cobra o seguiu. Lulika pôs-se à frente do irmão, mas a cobra desviou-se dela e investiu mais uma vez em Nikola.

- Que droga! Outra cobra! – ele sacou a espada e cortou a cabeça da cobra que o atacava.

- Não! – gritou Lulika. – Tu a mataste! Porque tu a mataste?

- Espere! – falei. – O que queres dizer com, outra cobra? Essa é a primeira que vejo...

- Sim, a outra só eu vi. Estava se enrolando em meu corpo na última noite enquanto dormíamos, eu acordei e a matei.

- Fizeste o quê? – perguntou Lulika num tom de espanto. - Não podias ter feito isso. Não sabes que não podes matar nenhum animal nesta floresta? Nossos pais nos disseram isso centenas de vezes!

- Ora, mas uma cobra é só uma cobra... Não me diga que acreditas naquelas velhas histórias que nosso pai contava?

- Esperem, esperem os dois! Posso saber do que estão falando? Posso saber ao menos o que está acontecendo aqui? – falei sem compreender sobre os dois conversavam.

- É que nesta floresta há algo estranho com os animais. Quando um deles é morto, a menos que seja acidentalmente ou em defesa própria, os outros da mesma espécie aparecem para se vingar do *assassino*. Porém, o pior é que alguns animais como as cobras, por exemplo, possuem uma mãe. Um animal gigantesco que carrega os demais para ser executada a vingança e eles só param o ataque quando matam sua vítima ou quando essa grande mãe é morta. Contudo, a mãe não se põe em combate a menos que seja atacada.

- Ora, Lulika! – interrompeu Nikola. – Não coloques coisas na cabeça de nosso amigo, foi apenas uma infeliz coincidência. Não existe essa história de vingança dos animais.

- Ah não? E porque aquela cobra que acabaste de matar estava atacando unicamente a ti? E se esta cobra está aqui, isso significa...

- Que as outras também estão... – completei.

Nesse instante ouvimos uma movimentação intensa nas árvores e centenas, talvez milhares de cobras caíram ao nosso redor. Coloquei minha espada em punho, mas Lulika advertiu-me:

- Não faça nada, Pistorius! Elas estão aqui atrás unicamente de meu irmão, não nos farão mal algum. Deixe-nos aqui e lutaremos com elas, ajudarei meu irmão enquanto tu deves sair e procurar a cobra mãe, só assim poderemos nos livrar deste perigo.

- Não posso simplesmente deixá-los aqui sozinhos, além do mais como vou saber qual é a cobra mãe?

- Não se preocupe Pistorius, com certeza saberás que é ela assim que a vires. Não se preocupe conosco, estaremos bem. Na verdade, tu que precisarás de ajuda se encontrares a cobra mãe. Boa sorte!

Milhares de cobras atiravam-se em Nikola que se defendia como podia, ainda não atacavam Lulika,

pois ela ainda não havia matado nenhuma. Porém, como Nikola não conseguiria se livrar sozinho de tantas serpentes, sua irmã começou a matar várias delas até que as outras passaram a atacá-la também. Eu estava muito confuso, pois achava estranho que eu pudesse passar no meio de tantas serpentes e ser ignorado, mas a verdade é que passei sem incomodá-las e elas nada me fizeram, o seu único objetivo era chegar até os dois irmãos. Comecei a prestar atenção na direção de onde as cobras vinham, pois todas deveriam partir de um mesmo ponto: A cobra mãe! Porém, elas pareciam vir de todas as direções.

Escolhi um caminho para seguir e comecei a correr, evitava pisar nas cobras para que elas não ficassem irritadas e não resolvessem me atacar também. Conforme eu corria, ouvia uma espécie de gemido que parecia vir da terra. Corri até que, em determinado ponto, não havia mais nenhuma cobra, imaginei que a serpente mãe não estivesse ali e voltei. Em alguns pontos os gemidos ficavam um pouco mais altos, mas eu não conseguia entender o que estava acontecendo.

Finalmente parei para escutar. Havia algumas cobrinhas minúsculas que andavam em círculos em uma pequena porção de terra. Continuava ouvindo o gemido, mas não conseguia definir exatamente de onde ele vinha. Coloquei o ouvido no chão e percebi então que o ruído não “parecia” vir da terra, ele vinha realmente dela! Prestei mais atenção e vi a terra se mexer levemente. Sem pensar e sem hesitar pus-me de pé, peguei a espada com as duas mãos direcionando a lâmina para o solo e a cravei com toda a força na terra.

Um forte urro de raiva e dor se fez ouvir, a terra começou a se revoltar e eu fui lançado para trás. Caí sentado no chão e uma grande nuvem de poeira se formou, não sei por que, mas tive a impressão de que havia encontrado a cobra mãe, talvez fosse pelo fato de uma serpente gigante surgir diante de mim. Ela era tão grande que eu não podia ver sua cabeça nem onde seu corpo terminava. Ela começou a deslizar velozmente e a se debater. Peguei a espada que havia caído no chão quando fui jogado para trás e comecei a dar alguns golpes no gigantesco animal.

Quando pensava que seria muito difícil matá-la, percebi que a situação poderia piorar. Todas as outras cobras vieram em minha direção para defender a cobra mãe e até se esqueceram de Nikola e Lulika. Comecei a matar as inúmeras serpentes que se atiravam contra mim ao mesmo tempo em que golpeava o corpo da cobra mãe. Eu esperava matá-la antes que ela pudesse chegar com sua cabeça ao local onde eu estava.

Pouco depois os irmãos chegaram e me ajudaram a matar aqueles animais detestáveis. Havia cobras de todos os tipos e cores, pequenas e grandes e até mesmo cobras com asas que tentavam nos atingir no pescoço e braços, precisávamos ter um cuidado redobrado com estas últimas, pois eram espantosamente ágeis e venenosas. Eu já não sabia o que fazer, comecei a me concentrar para tentar desenvolver mais uma vez aquela enorme força que me ajudara outras vezes, mas nada do que eu fazia parecia despertá-la dentro de mim. Concentrei-me em meu ódio, minha dor, meus sofrimentos, tentei me imaginar realizando feitos grandiosos.

Senti uma dor em minha perna esquerda, olhei para trás e uma cobra me picara. Virando-me, cortei-a ao meio e felizmente vi que não se tratava de uma cobra venenosa, mas de qualquer forma a mordida doía muito, comecei a chorar, meus olhos estavam inundados de lágrimas, mas eu não chorava pela dor... Chorava pelo fato de que eu perderia meus amigos a quem eu aprendera a dar muito mais valor, também por saber que eu morreria sem saber como seria meu pai, eu tinha esperanças de que, ao encontrar meu tio, ele me dissesse quem realmente havia sido meu pai.

Foi nesse momento de profunda angústia e amargura que tudo começou novamente, senti meu sangue ferver, mais do que nas outras vezes, eu não conseguia enxergar nada, mas podia sentir o poder fluir em minhas veias, foi como se uma nova esperança brotasse dentro de mim. Enquanto me encontrava nesse estado, havia me desligado do resto do mundo, mas finalmente pude ouvir Nikola gritar desesperado:

- Oh, por tudo que nos é mais sagrado, olhem aquilo!

- Pistorius, cuidado! – gritou Lulika. – A cobra mãe chegou!

Enxugando as lágrimas dos olhos, pude ver a enorme cabeça de serpente se aproximando. Nada do que eu já vira em minha vida se comparava àquilo, nesse instante lembrei-me de que Kitle havia falado sobre uma besta que deveríamos enfrentar para pegar o cristal, poderia no mundo existir uma besta maior do que aquela? Eu esperava que não. Coloquei minha espada em punho e gritei:

- Lulika, Nikola, afastem-se, pois tenho medo de feri-los, saiam agora! Se eu morrer, que o Senhor me perdoe...

Dizendo isso, meus olhos novamente brilharam, as cobras pressentiram que algo estava errado e algumas até recuaram, mas não a cobra mãe, ela jamais recuaria diante de suas “filhas”, era esse seu dever. Num giro cortei em pedaços algumas víboras que ainda insistiam em me rodear, a cobra mãe aproximou-se com sua enorme cabeça e parou ameaçadora diante de mim, os olhos faiscando de ódio e a língua silvando. Ela avançou para cima de mim, consegui me desviar e aproveitei para pular em cima dela, mas isso não foi uma atitude muito inteligente, pois ela era muito escorregadia e acabei caindo para o lado. Quase caí em cima de minha própria espada o que teria sido o fim da luta. Olhei para o lado, meus amigos continuavam lutando bravamente contra as serpentes que ainda insistiam em defender a mãe.

Parecia que não seria tão fácil derrotar essa cobra quanto havia sido com meus oponentes humanos, mas isso não significaria que não conseguiria. Comecei a correr ao redor da enorme serpente e a golpeá-la em diversas partes de seu corpo o que a deixava cada vez mais enfurecida, apesar de os golpes não penetrarem muito devido à sua espessa camada de pele. Bom, se eu matasse aquela cobra ao menos teríamos bastante couro para vender, pensei. Continuei a golpeá-la cada vez mais, mas a maldita não parecia desistir de forma alguma.

Minha raiva começou a aumentar e minha força também, foi nesse momento em que, mais uma vez, fiquei frente a frente com a cobra mãe. Ela me encarou como se quisesse me dizer alguma coisa como: Tu és bom, mas ainda sou melhor! Encarei-a e gritei:

- Não Mesmo! Eu vou acabar contigo de uma vez por todas!

Parti ainda mais furioso para cima da cobra que correspondeu ao meu ataque, tentou me abocanhar, mas cruzei minha espada com uma das suas enormes presas que acabou se partindo ao meio. Eu pensava que a víbora estava furiosa, mas após sua presa se partir eu vi o que era uma cobra realmente furiosa. Ela começou a gemer e a silvar, a mexer seu corpo com mais fúria e uma enorme nuvem de poeira se formou, a terra começou a tremer e mais uma vez temi por minha vida quando ela atacou novamente. Porém, no meio daquela neblina de poeira eu vi o ponto fraco daquela maldita serpente...

Capítulo 8 – Doce e Amarga Vingança

Nesse ponto Magnus já havia caminhado muito e progredira rapidamente. As cavernas não ficavam tão longe quanto dissera o pequeno morgrote, afinal. Ele havia caminhado incessantemente durante boa parte da noite, durante a manhã e a tarde já começava. Finalmente, parou para comer algo, pois estava, além de cansado, bastante faminto. Caminhar tanto tempo não era uma tarefa fácil. Ele ainda não compreendia como correra tanto sem parar, nem imaginava por quanto tempo havia corrido até chegar à floresta de Morgrom, mas o importante era que ele estava vivo e poderia, assim que me encontrasse, retornar para seu lar.

Ali mesmo, Magnus decidiu descansar um pouco. Precisaria estar com forças suficientes para enfrentar alguns Homens-lobo e me resgatar. Descansou um pouco, mas a ansiedade não lhe permitiu ficar muito tempo parado, logo tornou a se levantar e a seguir seu caminho. Já podia avistar mais claramente a entrada das cavernas, havia uma fumaça vindo daquela direção, o que facilitava sua localização. Porém aquela fumaça lhe causou muita estranheza, pois os Homens-lobo jamais facilitariam tanto para que os localizassem, algo errado estava acontecendo. Entretanto, acontecesse o que acontecesse, Magnus tinha que me encontrar. Arrumando suas coisas e certificando-se mais uma vez de que a bolsinha confiada a ele por Kitle ainda estava junto de seu peito, ele continuou sua caminhada em direção às cavernas.

As lembranças que tinha daquele lugar não eram as mais agradáveis, ele estivera ali por muito tempo, muito antes de eu chegar. Havia sofrido muitas torturas e humilhações. Ao que parece, fora capturado enquanto viajava pela floresta a fim de fazer negócios com habitantes de uma vila próxima à vila Neoland, onde eu havia conhecido Kitle e os outros. Ele tentava realizar um grande negócio de ouro, que lhe renderia uma pequena fortuna e garantiria a comodidade de sua família. Durante sua captura, Magnus matou um dos principais comandantes dos Homens-lobo, o que lhe rendeu algumas torturas a mais.

A raiva e revolta que Magnus sentia em relação àquele povo eram inomináveis e indescritíveis. Por causa daqueles malditos seres, ele estava distante de sua casa havia muito tempo. Constantemente sonhava com sua esposa e seu retorno. Temia que, depois de tanto tempo ausente, ela já estivesse com outro e esse pensamento o torturava mais que tudo, mais que qualquer sofrimento físico que lhe houvessem imposto. Magnus era um homem muito bom, respeitado em sua vila e nos arredores, era corajoso, de pulso firme e, devido à sua honra e justiça, era amado por todos. Na verdade ele era uma espécie de líder em sua aldeia.

“Durante essa aventura tive a oportunidade de conhecer grandes homens como Magnus, Nikola, Barukz e, até mesmo, Modiat. Homens que dão um motivo especial para a existência da raça humana e de outras na Terra. Além é claro das mulheres que conheci, foram pessoas que me ensinaram o valor da amizade e o poder da união”.

Ele continuava andando e procurava afastar os pensamentos ruins de sua cabeça, porém em determinados momentos isso era inevitável. Ao mesmo tempo em que pensava, caminhava e as cavernas se aproximavam cada vez mais. Magnus se sentia vazio, solitário, os últimos dias haviam sido os melhores em muito tempo, mas ainda assim, horríveis. À medida que se aproximava, a fumaça na direção das cavernas parecia aumentar cada vez mais, mas ao passar por uma pequena colina Magnus percebeu que ele não estava tão próximo como imaginara anteriormente. A noite já estava caindo segundo seus cálculos, ele não podia enxergar o céu, pois naquele ponto a floresta era realmente muito fechada. Resolveu procurar um lugar aconchegante, se é que existia tal lugar ali, e parar para dormir um pouco mais.

Não foi preciso procurar muito para encontrar um abrigo entre as árvores. Havia três delas que formavam quase um círculo completo. Magnus pegou algumas folhas para forrar o chão, além de plantas e um pouco de mato. Desenrolou um pequeno cobertor por cima de tudo e deitou-se o mais confortável possível. Já acomodado, comeu alguma coisa que trouxera, fechou os olhos para dormir e descansar seu corpo exausto...

Mal adormeceu, foi acordado por alguma coisa batendo em seu peito. Magnus abriu os olhos espantado e pegou sua espada, mas para seu alívio era apenas um galho que havia caído da árvore. Ele colocou a espada novamente ao seu lado e tornou a dormir, porém mais uma vez foi acordado por algo o acertando nas pernas, desta vez. Outra vez abriu os olhos e pegou a espada, decidiu, porém, levantar-se e ver o que estava acontecendo. Era outro galho, mas aquilo não estava normal, alguém estava atirando aqueles galhos nele.

O homem olhou ao redor mais de uma vez, mas não viu nada nem ninguém. Decidiu outra vez deitar-se para dormir. O sono demorou um pouco mais para chegar, e novamente algo caiu sobre seu corpo. Magnus se enfureceu e, levantando-se, pegou alguns galhos, duas pedras e pôs-se a fazer fogo. Conseguiu fazer com que o fogo acendesse. Pegando um galho mais grosso e um pedaço de pano, improvisou uma tocha. Começou a averiguar o que afinal de contas estava acontecendo ali. Olhou e procurou, mas não encontrou nada até que, finalmente, resolveu olhar onde ainda não havia procurado, devido ao sono talvez, havia se esquecido de checar nas próprias árvores. Postando-se no meio das três árvores, começou a gritar:

- Quem está aí? Vamos, apareça agora, pois se eu tiver que procurar eu o matarei sem piedade alguma.

O silêncio foi a resposta que obteve. Magnus endireitou-se e disse:

- Muito bem, estou subindo, se alguém estiver aí em cima, desça agora ou descerá morto! Não estou brincando, este foi meu último aviso.

Magnus começou então a subir em uma das árvores quando ouviu uma voz:

- Não, por favor! Não faça isso, eu não quero morrer, não quero lhe prejudicar, só não quero morrer.

- Quem és tu? O que estás fazendo aí em cima dessa árvore? Há quanto tempo estás aí? Desça! O que estás esperando?

- Por favor, não faça nada comigo, eu já estava aqui em cima quando chegaste. Não queria te incomodar, pretendia ficar aqui quieto até sua partida, não esperava que alguém aparecesse. Por favor, deixe-me ir!

- Estás sozinho?

- Aqui sim, mas há alguns amigos meus por aí, porém não sei onde estão. Algumas pessoas estão tentando nos matar e estamos nos escondendo.

- Por que querem te matar? O que tu e teus amigos fizeram?

- Bom, é que nós morávamos nas cavernas ali abaixo e...

- O quê? – interrompeu Magnus. – Quer dizer que tu és um deles? És um dos malditos Homens-lobo?

- Espere! Não é bem assim...

- Não é bem assim, desgraçado? Eu fui um de vossos prisioneiros, seu maldito. Ainda bem que te encontrei, pois ao menos poderei me vingar de um de vós, malditos! Morra! – Magnus sacou sua espada e a empunhou com ambas as mãos.

- Espere, por favor, não faça isso! Eu não tive culpa, não fui o responsável por isso... Não

compreendes que não podes fazer isso?

- E porque eu não poderia? – perguntou Magnus.

- Por quê? Queres saber o porquê? Simplesmente porque se tu olhares para trás, verás cinco de meus amigos com espadas nas mãos para matar-te... Idiota. Ataquem! – gritou o homem.

Girando o corpo com a espada apenas na mão direita, Magnus decepou a cabeça do homem com quem conversava e um corpo inerte foi de encontro ao solo, caindo entre as folhagens, uma cabeça rolou alguns metros à frente. Atrás de Magnus, os outros cinco homens estavam armados com espadas e, ao verem a cabeça do amigo cair no chão e rolar para longe, partiram furiosamente para cima do seu algoz. O ex-prisioneiro se defendeu como pôde, começou a lutar contra os cinco ao mesmo tempo. Com chutes, socos e golpes de espada, Magnus conseguia repelir seus inimigos, mas estes logo o atacavam novamente. Meu amigo contou um pouco com a sorte, pois ao tentarem acertá-lo, dois dos oponentes acabaram se ferindo mutuamente. Quando Magnus desviou-se do golpe, ambos deixaram suas armas caírem e se tornaram presas fáceis e tiveram suas cabeças decepadas. Restavam apenas três, mas a luta permanecia muito dura.

Os três resolveram atacar separadamente para que a mesma situação não se repetisse. Então, apesar de ser uma luta covarde, ao menos tornou-se uma luta menos difícil para Magnus. O primeiro homem aproximou-se com olhar furioso, era alto, negro e forte, tinha as narinas dilatadas e respirava ofegante e rapidamente. Magnus se assustou com a figura que tinha diante de si, mas em momento algum sentiu o desejo de fugir, pois sua ira era maior que o seu medo. Sem esperar pela iniciativa do oponente, partiu com um grito para cima do Homem-lobo e desferiu ferozes golpes de espada. O homem defendia-se como podia e, assustado com a fúria de Magnus, recuou. Outro homem entrou no combate, mas logo tombou morto no chão. Restavam apenas dois. O último homem se aproximou e atingiu Magnus de raspão no braço esquerdo, mas igualmente foi atravessado pela espada de Magnus e teve seu pescoço quebrado pelas mãos de seu algoz. O valente viajante, retirou sua espada, cravada no corpo do inimigo, empurrando seu corpo com um dos pés, enquanto puxava com força a sua arma. O Homem-lobo restante tentou fugir, mas ao virar as costas e correr, pôde-se ouvir o som de uma lâmina cortando o ar e logo a espada de Magnus estava cravada nas costas daquele homem negro e forte. Num baque surdo seu corpo foi de encontro ao chão. Estava morto o último Homem-lobo.

Magnus caminhou até o corpo caído no solo e retirou novamente sua espada. A fim de certificar-se de que o Homem-lobo estava morto, cortou-lhe a cabeça e chutou-a para o lado. Voltando até as árvores, pegou suas coisas e caminhou mais alguns metros à frente. Se antes ele estava cansado, agora ele estava realmente exausto e, mais do que nunca, precisava de algumas boas horas de sono. Andando um pouco mais, embrenhou-se na mata densa e resolveu dormir ali mesmo. Recostado a uma rocha, colocou um pequeno cobertor em cima do mato e adormeceu.

***

...Após alguns minutos angustiantes, Miriam viu o corpo de Modiat parar no chão, Angillus fechou novamente os olhos, colocou as mãos no rosto e abaixou a cabeça.

- Está feito.

- Angillus, o que pensas que estás fazendo? – perguntou Miriam desesperada.

- Fiz o que foi necessário e nada além disso. – disse Angillus num tom fúnebre. – A única coisa que espero é que tenha valido a pena, pois estou extremamente cansado e fraco agora. Preciso descansar.

- E depois o que faremos? – perguntou Miriam mais uma vez.

- Droga! Que dor de cabeça, onde estamos? – fez-se ouvir uma voz por trás de Miriam.

Ao virar-se para trás, a moça viu Barukz com a mão na cabeça, levantando-se do chão. Ele havia ficado curado graças às plantas e ervas que Angillus usara. Miriam não se conteve e correu para abraçar o Ogro que olhou para Angillus com estranheza. Após retribuir ao abraço de Miriam, ele perguntou:

- Quem é este velho que está conosco?

- Oh! Essa é uma longa história, não há tempo para que eu a conte agora. O importante é que este homem salvou-te a vida e vem me ajudando muito, há alguns dias.

- Dias? Por quanto tempo estive desacordado? – Barukz estava confuso.

- Oh! Muitos dias, Barukz, muitos dias.

- Muito bem, fico feliz que tenhas melhorado, mas agora precisamos descansar para partir logo. Deixem os detalhes para depois. – Concluiu Angillus.

- Concordo. Após descansarmos o que faremos? – perguntou Miriam.

- Rumaremos para o leste e depois para o norte, a fim de encontrarmos a aldeia mais próxima. É um lugar bem acolhedor, um povoado chamado Vila do Sol. É sem dúvida um ótimo lugar para passarmos algum tempo e recuperarmos as energias totalmente.

- Está certo, mas e quanto a mim? Estive desacordado todo esse tempo, não preciso dormir, mas de alguma atividade, pois meus ossos estão duros e tenho dificuldade em mover-me. – disse Barukz.

- Bom, tu podes ficar na guarda enquanto dormimos. – respondeu Miriam.

Durante a conversa, Barukz não reparara no corpo que estava inerte no chão um pouco mais à frente e, ao enxergar Modiat caído no chão desmaiado, teve um grande susto, pois assim como Miriam e eu, supunha que o aleijado estivesse já morto. Boquiaberto, perguntou o que aquilo significava, se realmente Modiat fora morto pelos Homens-sombra ou se apenas havia sido um de seus sonhos enquanto estivera entre a vida e a morte. Miriam estão explicou-lhe tudo o que havia acontecido desde a hora em que ele havia sido picado pelos mosquitos-vampiros.

Contou-lhe que eu havia saído para procurar alimento e desde então não voltara, que ela havia saído para procurar-me, mas que não me encontrara e ainda acabara se perdendo. Relatou o papel de Angillus em seu tratamento e no de Modiat que reaparecera inesperadamente. Enquanto os dois conversavam, o velho mago adormeceu recostado ao pé de uma árvore. Miriam aproveitou-se da situação para contar a Barukz que Angillus era uma espécie de guardião da floresta e que pretendia acompanhá-los no restante da viagem. Porém, se ele fizesse isso, seus planos estariam arruinados.

- Não podemos deixá-lo trás abandonando-o à própria sorte. Além do mais, pelo que você me contou, ele nos ajudou muito. – disse Barukz.

- Eu sei disso muito melhor do que tu, mas ele é um habitante desta floresta, conhece cada canto dela e tem poderes que nem podes imaginar. Pode acreditar em mim quando digo que ele não estaria correndo nenhum perigo estando sozinho neste lugar. Não compreendes que ele não nos deixará agir livremente e alcançar nosso objetivo?

- Miriam, não compreendo o que dizes, em minha opinião nosso único objetivo no momento é encontrar Pistorius. O cristal não é problema nosso, não devemos nada a Kitle, não prometemos nada a ele. Estou aqui unicamente para proteger Pistorius, pois tenho uma dívida de honra com ele, nada mais além disso. E ademais, tenho agora também uma dívida com este homem que vês dormindo ao canto da árvore. Esqueceste que ele também me salvou a vida?

- Exatamente! Precisamos encontrar Pistorius, mas se continuarmos com Angillus ele não nos permitirá caminhar livremente na mata em busca de nosso amigo. Precisamos nos separar dele e assim

alcançarmos nosso objetivo. E muito te enganas, pois é nossa também a responsabilidade de levar o cristal a Kitle, pois se Pistorius estiver já morto, honraremos sua memória por mantermos a sua palavra de que o cristal seria entregue são e salvo. – respondeu Miriam persuasiva.

- Bom, olhando por esse lado, creio que tens razão. Porém, como faremos para despistar o velho? Se ele é assim tão esperto não será nada fácil...

- Ora, Barukz, tu és uma besta ou o quê? Não percebes que Angillus está dormindo? Por mais esperto que um homem seja, não é capaz de suportar tamanha exaustão como ele tem enfrentado. Basta que carregarmos Modiat e poderemos deixar Angillus dormindo na mata, ele estará bem, posso garantir.

- Se é assim como dizes...

- É claro que sim, pare de falar e ande logo! – Miriam foi taxativa.

Virando-se e dando o assunto por encerrado, Miriam caminhou na direção de Angillus e certificou-se de que este realmente dormia. Após isso, foi até Modiat e com os olhos ordenou que Barukz o pegasse. O Ogro decidiu não discutir mais e, sem nenhuma palavra, abaixou-se e ergueu o homem do chão. A moça atou as mãos de Modiat apenas como medida de segurança caso o tratamento do mago não surtisse efeito.

- Para onde vamos? – Perguntou Barukz.

- Vamos para a Vila do Sol! Lá poderemos descansar um pouco, repor as energias e, quem sabe, conseguir algum material que nos auxilie em nossa busca.

- Essa tal vila fica dentro desta floresta? – indagou o Ogro.

- Bom, pelo que entendo, a aldeia não deve ficar no interior da floresta, mas sim nos limites dela. Acredito que apenas beire a floresta das Sombras.

- Ah! Isso seria ótimo, não vejo a hora de sair daqui, esse lugar não me parece nada bom, nada bom mesmo!

- Não se preocupe, Barukz, a única coisa que precisamos temer é nosso próprio medo e nossa falta de cuidado e atenção. Se formos cautelosos, chegaremos são e salvos. A floresta é traiçoeira, mas somos capazes de superá-la.

- Espero que esteja certa.

Encerrando mais uma vez a conversa, Miriam pegou um galho e escreveu no chão ao lado de Angillus: Muito obrigado por tudo, mas precisamos partir. Virou-se mais uma vez para Barukz e fez um gesto apontando a direção que deveriam seguir. Ajeitando o aleijado em seus ombros, o Ogro começou a seguir a moça. No início, eles andaram rápida e silenciosamente, pois tinham receio de acordar Angillus Após algum tempo, voltaram a conversar. Miriam explicou melhor a Barukz as coisas que haviam acontecido. Do modo como ela havia se perdido na floresta e de como as árvores mudavam de lugar para brincar com as pessoas e fazê-las pensar que estão loucas a fim de nunca mais encontrarem o caminho de volta para casa.

Barukz estava impressionado com tudo aquilo e como ele havia ficado tanto tempo desmaiado, como nada lhe acontecera enquanto estivera sozinho embaixo daquela árvore. Ambos deliberaram a respeito do modo como Modiat havia reaparecido e como poderia ter fugido dos Homens-sombra, aquilo tudo não parecia ser possível. Uma coisa eles tinham em comum: O desejo profundo de encontrar a mim e ao cristal e sair dali o mais rápido possível. Pelo menos estavam felizes por quase todos estarem reunidos novamente, agora só faltava saber onde e como eu estava.

***

... Parti ainda mais furioso para cima da cobra que correspondeu ao meu ataque, tentou me

abocanhar, mas cruzei minha espada com uma das suas enormes presas que acabou se partindo ao meio. Eu pensava que a víbora estava furiosa, mas após sua presa se partir eu vi o que era uma cobra realmente furiosa. Ela começou a gemer e a silvar, a mexer seu corpo com mais fúria e uma enorme nuvem de poeira se formou, a terra começou a tremer e mais uma vez temi por minha vida quando ela atacou novamente. Porém, no meio daquela neblina de poeira eu vi o ponto fraco daquela maldita serpente.

A serpente mãe avançou em toda sua fúria. Pude escutar os gritos estridentes de Lulika chamando meu nome e também de Nikola dizendo para eu ter cuidado. Quando a imensa cobra tentou me abocanhar, dei um salto para trás e para a esquerda (que era o lado onde eu havia quebrado a presa da serpente), caí de costas no chão e sob a enorme boca da besta. Lulika viu-me ser engolido pela cobra, mas em seguida o enorme corpo revolto da fera tombou no chão. Nikola aproximou-se, cutucou o animal e seu corpo começou a se contorcer em movimentos involuntários. Lulika e seu irmão pensaram que a cobra ainda estivesse viva e começaram a golpeá-la freneticamente, a fim de tentar matá-la antes que ela me digerisse.

Dentro da boca da serpente, os golpes dos dois irmãos ecoavam como fortes trovões num dia de tempestade. A cobra ainda se mexia e aparentava dar sinais de vida, mas em meu subconsciente eu sabia que ela estava morta. Comecei a gritar para ver se os dois do lado de fora poderiam me escutar. Gritei repetidas vezes, mas tudo o que podia escutar eram os baques surdos dos golpes furiosos e desesperados. Comecei a golpear a serpente pelo lado de dentro de sua boca, até que os dois percebessem o que estava acontecendo. Depois de alguns segundos de silêncio, ouvi a voz da garota:

- Pistorius, tu estás bem?

- Sim. – respondi. – Porém, estou preso na boca da serpente, ajudem-me a levantar a cabeça dela para que eu possa sair.

- Não se preocupe, logo o tiraremos daí! – respondeu Nikola aos gritos. – Mal posso crer em meus olhos, tu conseguiste, Pistorius, não imagino como, mas conseguiste, mataste essa enorme desgraçada. – o rapaz estava ainda mais emocionado e excitado.

- Tirem-me daqui e logo poderei lhes explicar o que fiz, mas, por favor, andem o mais rápido que puderem pois não é nada agradável estar do lado de dentro de uma cobra gigante. Mesmo que ela esteja morta.

Com esforço conjunto, os dois do lado de fora e eu do lado de dentro, conseguimos erguer a cabeça da cobra o suficiente para que eu pudesse sair. Soltamos então a cabeça da fera, que fez um estrondo ao bater novamente no solo. Exaustos, caímos de costas no relvado e respiramos ofegantes em silêncio por alguns instantes. Enquanto estávamos assim, olhei para os rostos ainda espantados dos irmãos e comecei a dar gargalhadas. Os dois olharam para mim com rostos surpresos e, repentinamente, desataram a rir também. Posso dizer que foi um momento muito feliz, poder ver aquele monstro morto ao nosso lado e outros milhares de serpentes fugindo de nós, assim como outros milhares de cobras mortas no chão.

Finalmente, depois de uma pequena pausa, Nikola se manifestou e perguntou-me:

- Afinal de contas, como foi que conseguiste matar esse monstro? Ele parecia invencível, seu coro grosso impedia que nossas espadas surtissem qualquer efeito fatal. Ainda não compreendo. O que vi foi a serpente te engolindo e no instante seguinte ela já estava morta no chão...

- Exatamente! Disseste a palavra chave. – respondi.

- O que significa isso? Ainda não compreendo! – rebateu Nikola desconcertado.

- A pele da cobra era espessa demais para que pudéssemos matá-la por fora, porém, seu interior é macio como o de qualquer um de nós.

- Ah! Compreendo. – disse Lulika. – Assim tu pudeste feri-la e matá-la!

- Não é apenas isso. – respondi. – Enquanto duelava com a serpente, notei certa fragilidade entre suas duas enormes presas. Sendo assim, deixei que ela me atacasse e, no momento em que a cobra me abocanhou, cravei minha espada entre suas presas, o que a fez, digamos, desmaiar de dor. Então, dentro de sua boca, atravessei minha espada atingindo seu cérebro.

- Nossa! Muito bem Pistorius, eu mesma não poderia ter pensado em algo melhor. – disse Lulika saltitante.

- Bom, chega de conversa. Precisamos recolher nossas coisas e partir, mas antes tenho algo a fazer...

Peguei uma pequena adaga que Lulika carregava e caminhei até a cobra mãe. Eu não podia deixar para trás a oportunidade de retirar seu couro, se não pudesse vendê-lo por um bom preço, ao menos teria um prêmio em minhas mãos para mostrar aos demais. Levei algum tempo nesse trabalho enquanto Nikola e Lulika repousavam. Concluído o serviço, arrumamos nossas coisas e partimos em direção à casa de meus novos amigos.

Atravessamos a floresta ainda mais apressados do que antes. O que eu mais queria era poder parar e recuperar-me da intensa batalha pela qual eu passara diante das cobras, especialmente da cobra mãe. Jamais vira e especialmente enfrentara uma criatura como aquela antes. O que mais me incomodava é que Kitle havia mencionado uma besta a qual eu deveria enfrentar para recuperar o cristal, mas se aquilo não era uma besta, o que seria então?

Carregava a pele da cobra enrolada e presa em minhas costas, era realmente grossa e pesada, não sabia por quanto tempo eu conseguiria carregá-la, mas enquanto pudesse eu o faria. A essa altura não devíamos estar muito longe de nosso objetivo e, assim que chegasse à aldeia, poderia vendê-la. Enquanto caminhávamos, eu observava atentamente todos os cantos a fim de encontrar um lugar adequado e seguro o suficiente para descansarmos um pouco, mas naquele lugar nada parecia ser seguro o suficiente.

- Ainda falta muito? – perguntei com tom exausto após algum tempo em silêncio.

- Creio que não mais que um dia e meio ou dois. – respondeu Nikola com um sorriso reconfortante nos lábios. Lulika fez um sinal positivo com a cabeça confirmando a informação dada pelo irmão.

- Vamos parar aqui mesmo, estou muito exausto e não consigo mais continuar sem algum descanso. Como não parece um lugar muito seguro, teremos que nos revezar na vigilância. Desculpem-me, mas não tenho a menor condição de cobrir o primeiro turno da vigília. Aliás, se fosse possível eu gostaria de ser o último a vigiar... Se não se importarem, o que me dizem?

- Por mim está tudo bem, posso ser o primeiro e mina irmã a segunda, o que achas Lulika? – disse Nikola.

- Por mim está bem. Aliás, em minha opinião tu não deverias vigiar em turno nenhum, Pistorius, eu e meu irmão nos revezaremos, tu mereces mais do que ninguém um bom descanso. Portanto, podes dormir que nós tomaremos conta de tudo. – ela respondeu.

- Bom, na verdade aceitarei sem nenhuma cerimônia, pois estou realmente muito cansado e certamente não conseguiria nem ficar acordado durante meu turno, dividam da melhor maneira que conseguirem, descansaremos por oito horas aproximadamente.

- O que achas, Nikola? Como faremos? Quatro horas, cada um, intercaladas de duas em duas?

- Para mim parece bom!

- Bom, façamos assim, então. Bom descanso, Pistorius, não se preocupe com nada.

- Quase ia me esquecendo. Este é o lugar onde fomos capturados, mas pelo que pude ver, seus

amigos não estão mais aqui, pois andamos por todos os lados matando as serpentes e enfrentando a cobra mãe e não os vimos.

- Droga! Onde estarão eles afinal? Não sei se ainda restam esperanças de os encontrarmos, talvez nunca mais os veja novamente e tudo isso por minha culpa.

- Ora, mas o que é isso, Pistorius? Não é culpa sua, tu só fizeste o que julgavas ser o mais correto e se não fosse por ti meu irmão não seria salvo. Imagino que eles estejam se dirigindo para a Vila do Sol, pois aquele lugar é muito conhecido. É o caminho natural a ser tomado. Não desanimes. – Lulika tentou me reconfortar.

- Espero que estejas com a razão, jamais me perdoarei se algo de ruim acontecer aos dois. Já basta ter perdido Modiat logo no início da jornada.

- Quem é Modiat? – perguntou Nikola.

- É mais um de meus amigos que estava conosco nesta expedição, mas ele foi morto logo na entrada da floresta pelos Homens-sombra. Essa é uma história demasiado longa e agora realmente preciso dormir, outra hora contarei tudo com mais detalhes.

- Está certo!

Da forma como estava cansado, nada naquela noite poderia interferir em meu sono. Nunca havia passado por dias tão duros e até mesmo eu me surpreendia com as coisas que havia sido capaz de fazer. Nikola e Lulika não imaginavam quão grandiosos haviam sido meus feitos, pois há apenas pouco tempo eu era um simples rapaz de aldeia. Eles me viam como um grande guerreiro, mas eu sabia que a verdade era outra: Eu não passava de um pobre rapaz desesperado para encontrar o que havia restado de minha família, sem casa, sem dinheiro e sem muita esperança. Apesar disso, estava reconfortado, pois de um modo ou de outro agora eu tinha uma família e sempre teria pessoas queridas para recordar e que se recordariam de mim em qualquer lugar que estivesse.

Penso que Magnus, Nikola, Lulika e talvez até Miriam e Barukz imaginassem até aquele ponto que eu devia ser um homem de grande fama e reconhecimento em algum lugar remoto, mas apenas Modiat e eu sabíamos realmente quem eu era. Entretanto, naquela ocasião não podia decepcionar pessoas tão importantes e queridas, eu devia ser aquele líder e guerreiro que eles imaginavam a fim de manter-lhes a fé naquilo que procurávamos, um meio de reconforta-los em meio a tanta turbulência e dificuldade. Pensei em muitas coisas naquela noite, tantas que nem me recordo agora, até que adormeci...

- Olhe para ele. É sem dúvida alguma um grande homem. Tem uma aparência tão jovem, mas ao mesmo tempo tão séria e adulta. Foi muita sorte encontrarmos alguém tão bravo e valente... – disse Lulika olhando para mim.

- Ih, minha irmã! Parece que alguém está se apaixonando aqui! – Nikola abriu um largo sorriso.

- Deixe de ser idiota! Apenas o admiro pela pessoa que é, pela forma como me ajudou nas cavernas e como ajudou a libertá-lo e aos outros, é sem dúvidas um homem revolucionário, que será lembrado com honra e grandeza entre os homens e toda raça de criatura por longas e longas gerações. Pense no modo como ele lidou com aquela enorme serpente, será que haveria outro homem capaz de realizar tal feito do modo como ele realizou?

- Tudo bem, minha querida irmã, não precisa ficar se explicando. Concordo que seja um grande homem e sou grato por tê-lo encontrado em meu caminho. Graças a ele estou salvo e voltando para casa, não se preocupe, não é estranho que estejas te apaixonado por homem de tal grandeza.

- Ora, mas o que é isso? Eu já disse que não é o caso. – Lulika avançou e bateu no irmão, que ria às gargalhadas.

- Bom, façamos silêncio antes que o acordemos. Quem fará as duas primeiras horas do turno? Se quiseres dormir, afinal tu és mulher, mais frágil, precisas repousar...

- Ah, seu idiota, sempre achando que os homens são melhores que as mulheres. Nada disso! Só para mostrar-lhe que nós mulheres não temos nada de frágeis podes dormir que cuidarei da primeira parte da vigília. – Lulika tinha um ar revoltado.

- Bom, se preferes assim! Eu queria era dormir mesmo, só falei isso para que tu quisesses ficar de plantão primeiro, boa noite. – Nikola rindo e deitou-se para dormir.

- Ah, seu idiota, e eu ainda caio nessas suas brincadeiras.

Nikola desatou numa risada histérica e virando-se para o lado adormeceu. As horas se passaram rapidamente, logo era Nikola quem estava vigiando e depois tornaram a destrocar de lugar. Depois de aproximadas oito horas, acordei e, devido às circunstancias, decidi que meus companheiros deveriam dormir mais duas horas enquanto eu vigiava. É lógico que as horas eram relativas, pois não tínhamos a exata noção do tempo. Apenas sabíamos que estava escuro e que estávamos exaustos. Velei as últimas horas de sono de meus dois amigos antes de retomarmos nosso caminho, depois de muito tempo, finalmente tivemos uma noite tranquila de sono. A cada dia que se passava, a floresta parecia menos perigosa para mim, mas ainda permanecia muito misteriosa. Menos perigosa talvez pelo amadurecimento que ia adquirindo a cada obstáculo superado, parando para refletir, essa foi talvez a mais importante experiência em minha vida, pois foi um início, uma descoberta, um achado grandioso de minha vida e personalidade, algo que me marcou e mudou-me para sempre.

Capítulo 9 - A Caminho da Vila do Sol

As horas de sono de Magnus passaram rápidas e geladas, ele quase não conseguiu dormir direito, pois tremia muito. O inverno devia estar se aproximando rigoroso e, caso ele não conseguisse cumprir logo sua missão e retornar para casa, certamente acabaria morrendo de frio. Meio a contragosto ele se levantou, pois sabia que precisava se apressar se não quisesse perder totalmente minhas pistas.

Ergueu-se com dificuldade e olhou mais uma vez na direção das cavernas, a fumaça não estava mais lá, havia perdido um pouco a referência, mas ainda se recordava do rumo que deveria tomar. Recolheu suas coisas, enrolou-se no cobertor e começou a caminhar apressado. Enquanto andava, pegou um pedaço de pão que trouxera consigo e começou a comer aos pouquinhos, pois a comida estava ficando escassa e logo ele ficaria sem ter o que comer.

De acordo com seus cálculos, se ele andasse bastante rápido, conseguiria chegar às cavernas em poucas horas, mais ou menos umas seis horas de caminhada talvez, pois a descida era um pouco íngreme e deveria descê-la com cautela de modo a não se machucar e piorar ainda mais as coisas. Tudo o que ele menos precisava agora era de um braço ou uma perna quebrada.

Magnus caminhava cabisbaixo, pensativo. Imaginava se aquela era a vida que ele queria, se valia à pena passar tanto tempo longe de sua família a fim de obter maiores lucros. Ele decidiu que, se voltasse são e salvo para sua casa, nunca mais abandonaria sua família, que ficaria ao lado de seu filho para vê-lo crescer e acompanhar cada passo de sua vida, que ficaria sempre ao lado da amada esposa e passaria a dar mais atenção a ela e às suas necessidades. O homem refletiu em quanto tempo havia passado fora de casa em viagens de negócios e, agora que estava longe, nada daquilo fazia sentido. Apesar do cansaço, ele havia agora encontrado um novo ânimo, um novo motivo para prosseguir até o fim, sem parar para descansar, sem se desviar de seus objetivos, não haveria adversário capaz de atrapalhá-lo a voltar para seu lar.

Reanimado, ele se esqueceu da fraqueza e dores no corpo devido às lutas e noites mal dormidas e começou a correr tanto quanto fizera durante a escapada dos Homens-lobo. Quanto mais se aproximava do local das cavernas, mais ele estranhava, pois sinais na mata densa demonstravam haver passado por ali uma grande multidão. Havia também sinais de luta e, prestando um pouco mais de atenção, manchas de sangue ressecado nas folhas.

“Teria havido aqui uma grande batalha?” – pensou ele – “Ou seriam marcas de um passado que insistia em não se afastar da floresta? Provavelmente as marcas foram feitas quando fugi e os Homens-lobo me perseguiram, lógico, vários deles passaram por aqui atrás de mim, mas as marcas de sangue não se encaixam nessa história, algo aqui está muito estranho”. Ele ainda não descobrira que muitos Homens-lobo haviam sido perseguidos e mortos pelos ex-prisioneiros das cavernas.

Sem dar muita atenção aos próprios pensamentos, Magnus continuou rumando o mais rápido que pôde para chegar às cavernas que ele tanto odiava. Tinha que ter certeza que eu não estava lá e se fosse possível, mataria também mais alguns Homens-lobo a fim de saciar um pouco mais sua sede por vingança.

- Amigo! Por favor, amigo, ajude-me!

Magnus estava tão compenetrado que mal pôde perceber a voz que falava com ele. Porém, insistindo novamente aquela voz, Magnus então olhou para aquele que o chamava. Havia um velho sentado no chão, recostado a uma enorme pedra. Era um sujeito muito estranho, feio realmente. Ele não conseguia definir à qual raça aquele ser pertenceria e, se não fosse pelo fato de o velho tê-lo chamado, certamente passaria direto sem perceber que não estava sozinho ali. Pensou então que deveria tomar mais cuidado, pois

algum ladrão ou inimigo poderia estar ali e ataca-lo pelas costas. O sujeito aparentava estar bem cansado, mas ao mesmo tempo tinha no rosto uma expressão serena. Usava roupas cinza, sujas e velhas, rasgadas em vários lugares. No rosto exibia uma barba rala e acinzentada. Tinha também os olhos acinzentados como a cinza de uma fogueira e cabelos longos caídos pelo ombro. Voltou-se para o velho e, sem saber o motivo, falou num tom de reverência:

- Pois não, caro senhor. Como posso servi-lo?

- Oh! Muito obrigado por parar, estou cansado e faminto. Poderia, por favor, dar-me algo para comer?

- Meu senhor, não possuo mais do que o suficiente para minha sobrevivência por cerca de dois ou três dias. Como poderia eu, nada tendo, ceder-lhe meu próprio sustento?

- Existem momentos na vida, meu filho, que é melhor se privar de algum conforto em favor de outros do que estar com a barriga cheia e a consciência pesada. Peço-te, dê-me um pouco de sua comida e nada lhe faltará.

- Muito bem, senhor, concordo contigo, não sei o que me levou a ser tão mesquinho, talvez as inúmeras privações pelas quais tenho passado afetaram meus valores e reais sentimentos.

- Muito obrigado, poderia confortar-me com um pouco de pão?

- Pois não, senhor, antes não lhe darei só o pão mas também meu cobertor, pois o senhor é já avançado em idade e certamente padece, além da fome, de muito frio.

Falando essas palavras Magnus, abriu a pequena mochila que carregava consigo e pegou metade da comida que trazia, tirando-a, entregou de bom grado ao velho que lhe pedia e, desenrolando-se de seu cobertor, cobriu o velho e lhe afagou a cabeça.

- Meu senhor, espero ter sido de alguma valia, mas não posso permitir que me tome muito o tempo, pois tenho que correr a fim de cumprir uma promessa e, após isso, retornar para minha casa.

- Muito obrigado, meu filho, certamente serás recompensado por tal ato de bondade, mas se queres realmente ajudar-me, dê-me essa bolsinha que carregas contigo e nada mais te pedirei. – o velho suplicou.

- Sinto, senhor, mas isto que no peito carrego não me pertence e faz parte da promessa que devo apressar-me em cumprir, gostaria de ser-lhe um pouco mais útil, mas no momento isso é tudo que posso lhe oferecer. Espero que consigas chegar aonde pretendes.

- Muito bem, rapaz, vejo que tens valor e boa intenção, seja abençoado pelo Senhor dos céus e que teus caminhos sejam certos e tuas veredas retas e iluminadas, obrigado pela ajuda, podes ter certeza que não a esquecerei.

Despedindo-se do velho e ainda sem saber por que agira daquela forma diante dele, Magnus virou-se e começou a correr, agora com mais frio, pois estava sem o seu cobertor. O velho sentado no chão olhou profundamente para Magnus que se afastava e fez um sinal de positivo com a cabeça, levantou-se, enrolou-se no cobertor que ganhara e partiu.

Apesar de sentir-se estranho com aquele encontro, Magnus sentia-se feliz por ter sido útil a alguém, por ter encontrado alguém em seu caminho com quem não tivera que lutar por algum motivo, já fazia um bom tempo que isso não acontecia. Além do mais, o velho homem havia lhe parecido ser uma pessoa de boa índole e um real necessitado, apesar de sua estranha aparência. Pensando na solidão daquele pobre homem, Magnus pensou em retornar e convidá-lo a andar junto consigo, afinal aquele lugar era muito perigoso, poderia haver Homens-lobo vagando por ali. Porém, ao mesmo tempo em que pensava nisso, estava ansioso por me encontrar. Por fim, decidiu prosseguir sozinho, além do mais, alguém com idade

tão avançada atrasaria sua jornada.

Mais uma vez ele caminhou e até, por alguns momentos, correu o máximo que pôde e que o frio, que agora sentia, o permitiu. Cada vez mais perto, ele sentia o cheiro fétido das cavernas, passara tanto tempo ali que reconheceria o odor mesmo estando a muitos quilômetros das cavernas. Começou a bolar um plano sobre como agir, uma vez que chegasse ao local, como faria para entrar e me procurar sem ser notado e, especialmente, sem ser capturado. Sem dúvida, chegou à conclusão que não seria nada fácil.

Quando Magnus finalmente pôde visualizar com clareza seu objetivo, resolveu parar ali e comer um pouco, além de repousar e recuperar as energias gastas. Visto que precisaria lutar com alguns Homens-lobo, era melhor que fizesse isso descansado. Procurou o melhor lugar para se abrigar e não ser visto pelos vigias que sempre ficavam na entrada, se o descobrissem antes de agir tudo estaria perdido.

Aquela situação era muito estranha para ele, apesar da vasta experiência e de outras pequenas *aventuras* em que se metera, jamais havia lhe passado pela cabeça a possibilidade de enfrentar sozinho centenas de guerreiros armados e muito violentos. Magnus sacudiu a cabeça com força, definitivamente aquilo tudo não era um sonho nem mesmo um pesadelo ou uma miragem, era algo real, algo que ele deveria enfrentar com a coragem de um dos históricos guerreiros cantados nas canções de geração em geração. Num momento de sincera humildade, o homem ajoelhou-se e proferiu uma oração ao deus de sua fé, pediu por sua família, pediu para que pudesse cumprir essa missão tão difícil e que, se fosse possível, que houvesse algum caminho preparado desde antes de sua chegada às cavernas.

O frio tornou-se mais intenso, causava calafrios em Magnus que chegava a sentir dor nos ossos. Ele começou a sentir seus músculos enrijecerem, os movimentos tornavam-se cada vez mais difíceis. Certamente seria noite, pois com o cair da noite vem também o cair da temperatura. Porém, desta vez era pior que da outras, pois ele havia cedido seu cobertor ao pobre velho que encontrara no caminho.

“Fiz bem!” – pensou. “Certamente se não tivesse dado meu cobertor ao pobre homem, agora ele estaria congelando de frio até a morte”. Mais uma vez ele se sentiu reconfortado e sentiu um ardor em seu peito, mas ao mesmo tempo o vento aumentava e tornava-se cada vez mais insuportável, a floresta estava úmida. Magnus encolheu-se, cobriu-se com sua bolsa e deitou-se o mais próximo possível a algumas pequenas rochas a fim de que o vento não o atingisse diretamente. Tremendo muito e pensando que talvez fosse morrer congelado, finalmente dormiu.

Com o sono incomodado pelo frio cortante e incessante, ele não fazia ideia de que esse era apenas o começo de uma das piores noites de sua vida. Logo após adormecer, começou a se sentir sem ar, como se estivesse sufocando ou se afogando, um enorme estrondo ecoou pela floresta e, assustado, ele acordou todo ensopado. Percebeu então que estava caindo uma forte chuva, sim, na verdade um temporal como nunca havia visto em sua vida. “Era só isso que faltava” – pensou – “Não bastasse estar morrendo de frio, agora estou ensopado”.

Muito contrariado ele se levantou e começou a arrumar suas coisas. A chuva ficava cada vez mais forte e ele imaginava como o temporal estaria por sobre as árvores, pois estava forte o suficiente para atravessá-las e chegar à floresta com imensa força e pavor. Novos estrondos de trovões podiam ser escutados repetidamente a cada minuto. Magnus começou a entrar em desespero, olhava em volta e não conseguia encontrar um lugar mais seguro para se abrigar, aliás, com a escuridão e a chuva forte, mal conseguia ver cinco ou seis passos para os lados.

Um novo estrondo ecoou pela floresta, mas dessa vez, um raio atingiu uma árvore próxima de onde estava Magnus, o tronco caiu e quase o atingiu, mas ele conseguiu desviar a tempo. Era uma noite muito tenebrosa, e lá se ia seu descanso mais uma vez. Foi num estado de temor muito grande que Magnus viu uma chama andando pela floresta em meio à chuva.

“Como será isso possível? Como pode uma chama estar acesa em meio a este terrível temporal? Quem será o portador dela?” – pensou Magnus confuso. A fim de não ser visto, pois não sabia se quem se aproximava era amigo ou inimigo, o homem atirou-se no meio da lama que já estava formada no chão e ficou em silêncio absoluto. Apesar do silêncio podia-se ouvir sua respiração ofegante. Seu coração parecia estar batendo na boca e sua cabeça doía intensamente. Tantas noites mal dormidas certamente o estavam prejudicando muito mais do que aparentava.

A chama começou a se aproximar cada vez mais, um suor frio saía dos poros de seu corpo e se misturava com a chuva, certamente seria seu fim, Magnus estava cansado, não estava disposto a lutar nem resistir a quem quer que estivesse se aproximando com o fogo aceso. Ele chegou a pensar que fosse algum bruxo, por ser capaz de manter a chama acesa por tanto tempo em meio à tremenda ventania e temporal, mas recobrando a lógica pensou que pudesse simplesmente ser uma lanterna muito bem vedada. O medo crescia cada vez mais dentro de si, meio acordado, meio dormindo, castigado pela fome, frio e falta de descanso, Magnus não resistiu. Dominado pelo medo e por um momento de insanidade desmaiou ao ver de pé em sua frente um homem com o fogo na mão.

***

As horas estavam passando rápido, decidi que era tempo de acordar Nikola e Lulika e nos prepararmos para seguir viagem. Aproximei-me com cautela dos dois irmãos e os acordei. Ainda com muito sono eles se levantaram e começaram a arrumar as poucas coisas que tínhamos para partir.

- Pistorius, tenho fome. – disse Lulika.

- Eu também, que haveremos de fazer agora? – acrescentou Nikola.

- Bom, não sei ao certo. Também estou faminto, vejamos se conseguimos encontrar alguma árvore frutífera pelo caminho, andemos atentos. O primeiro que avistar algo comestível ou algum pequeno animal que possamos caçar deve avisar aos outros. Enquanto isso, continuemos andando, pois a jornada é longa e dura, ainda mais nas condições que nos encontramos, cada minuto perdido tornará nossa caminhada ainda mais difícil.

- Penso que estás certo! – disse Lulika. – Creio que, se apertarmos bastante o ritmo da caminhada, poderemos reduzir algumas horas preciosas em nossa jornada.

- A caminho de nossa vila existe um lugar chamado Vila do Sol. Se conseguirmos acelerar, poderemos chegar lá em pouco mais de um dia. Temos amigos que poderão nos dar abrigo e algum alimento. – completou Nikola.

- Partamos então! Estou ansioso por ver novamente alguma civilização, devo admitir que esta floresta torna-se cada vez menos agradável para mim e anseio por deixá-la o quanto antes. – falei.

- Ah não Pistorius, esqueci-me de dizer que a Vila do Sol ainda é dentro da Floresta das Sombras, ela recebe esse nome por ser justamente o único lugar na floresta onde o sol bate. Contudo, apesar de ser no interior da floresta é uma vila bem aconchegante.

- Embora os assaltos pelo caminho tenham se tornado mais frequentes. – anunciou Lulika.

- Sim, mas sendo que acabamos com os Homens-lobo, creio que as pilhagens nesse caminho diminuam um pouco. – respondeu Nikola.

- Bom, assim espero! – disse eu. – Porém, antes que morramos aqui, partamos logo.

Retornamos ao nosso duro trajeto, a pele da cobra parecia-me cada vez mais pesada, mas não faltava muito para chegarmos à Vila do Sol e, afinal de contas, eu não era rico, muito pelo contrário, e precisava do dinheiro que aquele couro me proporcionaria. Decidi que era na hora de pensar um pouco mais em mim, pois quando essa aventura terminasse, se é que iria terminar, eu precisaria de algum

dinheiro para encontrar meu tio e para estabelecer minha vida. Pensando bem, apesar da dificuldade, aquela *cobrona* tinha chegado numa hora muito apropriada.

- Nikola, Lulika, sabem de uma coisa?

- O que foi, Pistorius? – responderam em uníssono.

- Estou cansado e disposto a arriscar tudo, o que acham?

- Do que estás falando, Pistorius?

- Refiro-me a esta caminhada sem fim, todos esses apuros no interior da floresta. Temos procurado os caminhos mais secretos, mais seguros e de que isso tudo nos adiantou até agora? Continuamos tendo problemas em sequência. Estou disposto a arriscar tudo por um pouco mais de conforto.

- Ainda não compreendemos aonde queres chegar.

- Lulika, qual o caminho mais curto para a Vila do Sol?

- O caminho mais curto, logicamente, seria pela estrada. Achas prudente?

- Ora! Prudência, prudência! Quem se importa com prudência? Olhem para mim, para vós mesmos! Estamos cansados e famintos, roupas gastas e sanidade no limite. É meu voto que sigamos pela estrada o mais rápido que pudermos de modo a economizarmos horas de caminhada até a cidade. Que me dizem?

- Eu não concordo! Não acho nem um pouco prudente! Devemos seguir pela floresta, demoraremos um pouco mais, porém estaremos a salvo de salteadores e assassinos. – respondeu Lulika como se eu houvesse falado o maior absurdo que ela já ouvira.

Por outro lado Nikola respondeu:

- Isso mesmo, concordo contigo, Pistorius! Temos que chegar logo, abaixo à prudência e à caminhada maior. Quero tomar um bom banho e vestir roupas limpas, dormir em um belo colchão de palha em frente a uma lareira quentinha e acolhedora. Pelos meus cálculos, se formos pela estrada chegaremos seis horas antes do previsto pelo caminho alternativo. No estado em que nos encontramos, seis horas é uma considerável diferença. Digo que devemos ir pela estrada. Perderemos uma hora de início, mas recuperaremos outras sete, chegando assim seis horas antes.

- Os dois só podem estar loucos ou brincando comigo! Seis horas valem o sacrifício da vida de um ou de todos nós? Pois esse poderá ser nosso fim caso encontremos grupos de larápios na beirada das estradas! – Lulika estava furiosa.

- Sinto muito, minha irmã, nessa tu perdeste. São dois contra uma e não te deixarei prosseguir a viagem sozinha. Lembra-te que ainda sou teu irmão mais velho e, portanto, responsável por ti.

- Bom, basta! Não discutiremos mais o assunto, vamos pela estrada e pronto! Nikola, que caminho devemos tomar?

- Por aqui! – Nikola apontou o caminho.

Com novo ânimo e novas esperanças, seguimos Nikola pelo caminho que nos levaria até a estrada, apenas Lulika não estava satisfeita com a ideia, mas devo confessar que na época achei que a opinião dela nesse assunto era pouco relevante. Se havíamos passado por tantos obstáculos e ainda vivíamos para contar as histórias, o que mais poderia nos atrapalhar? Se encontrássemos algum bandido pelo caminho seria até bom, pois eliminaríamos alguns seres repugnantes do mundo. A única coisa que me passava pela cabeça era a diferença de seis horas que não teríamos para caminhar, o que, em minha opinião, justificava qualquer risco.

Até chegarmos à estrada, nada de estranho aconteceu. Tivemos um trajeto tranquilo, mas até então não havíamos ganho nenhum tempo. Havíamos caminhado por volta de uma hora, como Nikola previra e,

pra dizer a verdade, acabamos andado um pouco para trás porém, segundo as palavras de Nikola, valeria o sacrifício.

- Silêncio! Ouço vozes e passos, alguém vem pela estrada. – disse Lulika.

- Sim, ouço também. Não deve ser nada demais, apenas moradores ou comerciantes da Vila do Sol se dirigindo para lá. Por via das dúvidas fiquemos aqui escondidos e quietos até que eles estejam distantes. – falei.

- Pistorius, se esperarmos que passem teremos que seguir atrás no mesmo ritmo. E se prosseguirem lentamente? Perderemos muito tempo. Sou a favor de corrermos um pouco dentro da floresta beirando a estrada para que saiamos num ponto mais acima e assim possamos caminhar rapidamente à frente deste grupo que se aproxima. – disse Nikola.

- Muito bem pensado, meu irmão, eu mesma não pensei nisso! Façamos desse modo.

- Os dois estão corretos. Sigamos então pela beira da estrada, não percamos mais tempo.

Corremos como loucos margeando a estrada, tomamos a decisão de continuar correndo até que não pudéssemos mais escutar barulho algum vindo da caravana que se dirigia também à vila. Não sei por quanto tempo corremos, mas sem dúvida isso também nos ajudou a ganhar algum tempo na caminhada.

Num dado ponto da estrada, decidimos que já havíamos nos distanciado o suficiente e resolvemos então caminhar pela estrada, pois o solo era mais plano. Enquanto prosseguíamos, os dois irmãos calcularam o tempo para chegarmos à Vila do Sol em cerca de oito horas. Isso me animava e me deixava ainda mais ansioso, nem lembrava a última vez em que tivera um teto e um lugar sossegado para comer, descansar e dormir.

Até Lulika começava a achar boa a ideia de termos seguido pela estrada, ela começou a perceber que o ganho de tempo seria muito grande e que nos pouparia um bom esforço até chegarmos à vila. Além do mais – ela pensava – Nikola tinha razão, os Homens-lobo não mais existiam e as estradas estavam muito mais seguras a partir de então, pois, sem dúvida, aqueles malditos eram responsáveis por grande parte das maldades feitas aos viajantes.

A essa altura conversávamos distraidamente, estávamos felizes, famintos e cansados, mas felizes. Foi num momento de grande distração e descontração (pois brincávamos para fazer o tempo passar mais despercebidamente e para desviar nossas mentes de nossos estômagos) que o inevitável aconteceu:

Enquanto passamos por uma das partes mais estreitas da estrada, parte essa que beirava um precipício, alguns ladrões apareceram e nos ordenaram que lhes déssemos tudo o que possuíssemos. Soltei uma risada frenética, os ladrões se entreolharam sem compreender o que estava acontecendo. Um deles se irritou e, puxando sua espada, gritou:

- Do que estás rindo, idiota? Dê-me imediatamente tudo o que possuis e talvez eu o mate rapidamente!

Nikola, meio confuso, deu um passo à frente e colocou-se entre o bandido e eu. Puxou sua espada e colocou-se em posição para lutar. Os ladrões mais uma vez se entreolharam. Estavam à nossa frente três homens. Os três tinham um aspecto sinistro, olhos profundos, eram fortes e pareciam uma estranha mistura de seres humanos com Ogros. Um deles era mais alto do que todos, mas os outros dois eram até um pouco baixos, e o menor deles era o que mais falava e ameaçava. Apesar da aparência bizarra, os três estavam bem trajados e tinham belas armas, pareciam estar com alguma comida e até dinheiro, pois observei que carregavam algumas bolsas cheias. Olhei bem para eles e para as bolsas, um brilho sinistro passou por meus olhos e instintivamente berrei:

- Idiotas! Quem vós pensais que sou? Sou o maior ladrão desta região e estes dois são parte do meu

bando. Passem imediatamente para cá tudo o que possuis, a menos que queirais travar uma luta feroz com o mais temido grupo de guerreiros que já caminhou nestas terras.

- Ora, não me venha com tolices! – bradou o ladrão mais alto. – Nunca antes soubemos nada a vosso respeito. Quem sois vós então?

Pensei um pouco em que nome deveria dizer, mas como estava absolutamente sem ideia comecei a rir novamente como um lunático, como daqueles que são excluídos para habitar em cavernas desertas a fim de não perturbarem os demais seres vivos. Olhando para Nikola eu disse:

- Eles não sabem quem somos, meu rapaz! Pois bem, diga-lhes! – fiz um gesto com as sobrancelhas.

Nikola pensou uns segundos e disse, meio gaguejando:

- Não sabeis quem somos? Como isso é possível? Somos o famoso bando conhecido como, como... Os Mutiladores! – disse sem pensar.

- Mutiladores? – indagou o maior deles. – Nunca antes ouvi que existisse um bando de ladrões chamado de Mutiladores e muito menos que fossem perigosos e cruéis assim como dizes. Porém, isso pouco me importa, não passa de baboseiras. Sejam lá quem forem, aqui mandamos nós. Passem logo tudo o que tiverem.

- Seu imbecil a única coisa que vos darei será um corte na barriga de cada um. Ataque Nikola! – gritei.

Dizendo isso, saquei minha espada e parti para cima de um dos ladrões. Na realidade eu não estava preocupado em me defender daqueles bandidos, mas estava interessado em tirar-lhes o que possuíam. Certamente possuíam algum alimento, além do dinheiro que nos seria muito útil quando chegássemos à Vila do Sol.

Quase que instintivamente Nikola e Lulika partiram para cima de nossos adversários. Não fiquei muito satisfeito por Lulika lutar, pois certamente, apesar de corajosa, ela não era uma guerreira. Ao menos ela teve o bom senso de partir para cima do menor. Normalmente os que mais falam são os que menos sabem agir, tanto é que o baixinho foi o primeiro a ser derrotado apesar de enfrentar uma jovem moça sem experiência de combate.

Meu duelo ainda continuava com o maior deles, ele era muito forte e seus golpes eram pesados e difíceis de serem defendidos. Fui recuando até dar de costas com Nikola, que também enfrentava alguma dificuldade contra seu adversário. Lulika havia derrotado o baixinho usando de muita astúcia. Ela se deixou ser acuada até próximo ao precipício e dava a falsa impressão de que seria uma presa fácil.

Duelava com alguma habilidade e até chegou a desferir bons golpes em seu oponente, mas quando ele tentou acertá-la de modo fatal, a moça se desviou e o empurrou precipício abaixo. Enquanto isso, Nikola e eu continuávamos passando dificuldades com os dois monstros que nos atacavam impiedosamente.

- Lulika, corra e pegue as bolsas que estão no chão! Elas certamente possuem comida suficiente para nós três. – gritei.

Ao ver que Lulika lhes roubaria as bolsas, o homem que lutava com Nikola saiu da luta e correu na mesma direção, mas isso não os ajudou muito pois assim meu amigo e eu lutamos juntos contra o grandão. Desse modo não tivemos muita dificuldade para derrotá-lo. Continuei frente-a-frente com o ladrão enquanto Nikola se afastou um pouco, abaixou-se, pegou uma pedra no chão e atirou-a com toda a força que pôde. A pedra veio de encontro à cabeça de nosso adversário e este, atordoado, tornou-se presa fácil para minha afiada espada.

Vendo que ficara sozinho, o terceiro bandido deixou Lulika e todas as suas coisas e precipitou-se

floresta adentro. Nikola deu uma gargalhada e correu para junto de sua irmã. Os dois começaram a revirar as bolsas dos bandidos e logo alguma comida foi encontrada, era como se houvéssemos encontrado água fresca num deserto, comemos e nos fartamos. Enquanto mastigava um pedaço de pão gritei:

- Sejam bem-vindos bandidos e malfeitores, a área é nossa, somos Os Mutiladores!

Novamente soltei uma enorme gargalhada no que também me acompanharam meus dois companheiros. Afinal de contas, encontrar alguns bandidos pelo caminho não havia sido tão mal. Além de comida, encontramos nas bolsas algumas roupas, dinheiro e especiarias, além de algumas joias que algum pobre viajante havia *perdido*.

- Vamos, prossigamos, pois sinto no ar que logo estaremos na Vila do Sol e, se dermos sorte, encontraremos ainda pelo caminho alguns *bons* ladrões que nos forneçam mais algumas coisas!

Dizendo essas palavras, peguei uma das bolsas, coloquei nas costas e pus-me a caminhar à frente dos dois irmãos. Eles vieram lentamente atrás de mim, Nikola também com uma mochila e Lulika com duas espadas que pegamos de nossos oponentes. Enquanto caminhávamos dessa forma, travou-se o seguinte diálogo entre Nikola e Lulika em voz baixa, quase que sussurrante.

- Tu achas que estamos realmente seguros andando com Pistorius? – perguntou Lulika.

- E por que não estaríamos? Não percebes que ele é um homem valente e de valor, que ao seu lado enfrentamos grandes perigos e, graças à sua audácia, sobrepujamos todos os nossos oponentes? Até mesmo aquela gigantesca serpente!

- Não sei, não me sinto muito tranquila ao lado dele, não mais. Pensei que ele fosse um grande guerreiro, mas começo a crer que ele está tomado pela loucura. Não se faz esse tipo de coisa num estado normal, creio que tantas dificuldades mexeram um pouco com a cabeça de nosso amigo. Onde já se viu? Desejar que encontremos mais alguns ladrões. Será que ele se esquece que sou apenas uma moça? Não hesitei em enfrentar aquele bandido unicamente por que fui tomada de súbito e agi sem muita consciência do que fazia. Já imaginou se tivéssemos perdido aquela luta? Estaríamos mortos agora!

- Ora, não se preocupe Lulika, ele é um homem valente, nada além disso, não creio que sua sanidade esteja comprometida por qualquer coisa que seja, ele apenas não teme o perigo, só isso! Vês algum mal em ser um homem destemido? Considero isso uma virtude dos grandes homens, quisera ser tão destemido quanto Pistorius.

- Não precisa se preocupar, Lulika. – interrompi. – Não estou nem um pouco louco, nem tão pouco sou assim tão destemido, amigo Nikola. Afirmo que tenho tanto medo, cansaço e ansiedade quanto vós, apenas procuro afastar de minha mente todos os pensamentos que me desviem de meu objetivo final. Não me tomes por louco, pois posso te garantir que não o sou, assim como também não sou nenhum herói.

Corando de vergonha por julgar-me precipitadamente, Lulika baixou a cabeça e num tom de profundo arrependimento disse-me:

- Desculpe, Pistorius, não quis duvidar de ti, apenas estou assustada com tudo. Não toquemos mais nesse assunto. Apenas sigamos nosso caminho o para a Vila do Sol.

Capítulo 10 – Vagas Lembranças

Poucas vezes a Floresta das Sombras esteve tão agitada desde a época das grandes guerras que ali foram travadas. A natureza dessa imensa floresta estava mudando, o ar não estava mais tão carregado, ela já não parecia tão assustadora como antes, mas ainda era muito perigoso andar por aquela mata fechada. A escuridão era a rainha da floresta, mas desta vez podia-se escutar grilos e cigarras, o serpentear de alguns répteis, aparentemente uma estranha mudança estava ocorrendo naquela floresta, ela parecia estar ficando mais VIVA!

Os dois caminhavam mais tranquilamente pela mata, não podiam acelerar muito o ritmo, pois não era nada fácil andar carregando um homem em seus ombros. Barukz estava muito cansado, os efeitos da mordida dos mosquitos-vampiros não havia acabado completamente, embora ele já se sentisse. O Ogro não se sentia muito satisfeito em ter deixado o homem que o salvou sozinho para trás e constantemente voltava nesse assunto com Miriam. Contudo, ela estava certa, eles precisavam me encontrar o mais rápido possível, encontrar o tal cristal e voltar para casa. Sua dívida comigo estaria paga e, após isso, ele teria uma grande aventura nesta mesma floresta a fim de encontrar o outro homem que o salvara e prestar-lhe seus serviços: “Um de cada vez, um de cada vez” – pensava consigo mesmo.

Refletindo enquanto andavam em silêncio, Barukz achou muito estranha a disposição de Miriam não só em encontrar-me, mas também ao cristal. “Teria ela algum interesse além de ajudar Pistorius?” Ela parecia ter um interesse extremamente pessoal em cumprir essa missão. “Ou estaria ela apaixonada por Pistorius?” - Barukz estava muito confuso com tudo o que acontecera, nunca antes em sua vida havia enfrentando tantos perigos e passado por tantas aventuras em tão pouco tempo, aquilo tudo era muito novo. Ele não era um guerreiro, mas apenas alguém que devia um favor para outra pessoa que lhe havia salvado a vida.

Miriam caminhava cabisbaixa, já havia relatado os últimos acontecimentos a Barukz e estava cansada e sem ânimo para prolongar a conversa. Ela era uma mulher muito misteriosa, possuía muitos segredos e não costumava falar muito de si mesma. Miriam era uma mulher corajosa, parecia ter muitas habilidades de combate, sabia lidar perfeitamente com arco e flecha (uma habilidade não muito fácil de aprender), a história dela não fazia muito sentido.

Essa moça havia nascido num lugar chamado Naidraug Dnilb, não era uma vila, mas sim uma imensa cidade, uma das poucas na época. Era um lugar estranho, muito movimentado e rota de muitos viajantes distantes. Essa cidade estava localizada perto de um lugar chamado Vale das Almas, pois havia ali um enorme cemitério onde os restos mortais de quase todas as pessoas daquela região eram depositados. Ali encontrava-se os sepulcros de muitos grandes guerreiros que já pisaram neste Terra.

Decididamente, Miriam não era nenhuma mocinha indefesa, certamente ela estaria mais preparada para uma guerra do que Modiat, Barukz e até mesmo eu. Porém, ela não falava muito de seu passado, era fechada e concisa, media bem as palavras, e falava com clareza e desenvoltura, o que mostrava que havia sido bem instruída. Daí a impossibilidade da história que ela contara ser real.

Entretanto, naquele momento ela era essa Miriam que conhecemos e estava andando com um Ogro ao seu lado. Essas caminhadas em meio às florestas desertas são interessantes para que possamos refletir em nossas vidas. Assim como eu pensara e reavaliara a minha, o mesmo estava acontecendo com Miriam num raro momento de caminhada em paz dentro daquela floresta maldita.

- Miriam. – Barukz quebrou o silêncio.

- O que foi?

- O que tanto pensas? Estás tão quieta...

- Oh! Não é nada, caro amigo, apenas estou pensando em minha vida, se tudo o que tenho feito tem valido a pena e tem sido bom pra mim.

- Não compreendo o que queres dizer.

- Barukz, quantos amigos tu tens?

- Vários! – o Ogro abriu um sorriso.

- Quando partistes, avisaste a alguém?

- Claro! A toda minha família, não queria que ficassem preocupados comigo.

- É exatamente sobre isso que estou falando! Quando parti não avisei ninguém, não me despedi de nenhum amigo...

- Ora, teus amigos devem estar muito preocupados então, não achas?

- Não, Barukz, tu não compreendes. Não me despedi de meus amigos, simplesmente porque não tenho nenhum. Não possuo parentes nem nenhuma pessoa que se preocupe comigo. Sou indiferente e ninguém sabe que existo, não há ninguém para se preocupar comigo. – Miriam começou a lacrimejar.

- Ora, como não tens nenhum amigo? E eu, Pistorius e Modiat? Certamente Pistorius está preocupado contigo agora, deve estar pensando em nós, onde e como estamos. Tenho certeza disso. Se quiseres, quando voltarmos poderei te apresentar a toda minha família e aos meus amigos, terás muitos amigos também.

- Oh, Barukz! Muito obrigada, ficarei honrada em conhecer seus amigos.

Enquanto os dois conversavam, ouviram um gemido produzido pelo homem que Barukz carregava. Na verdade eles haviam se emocionado tanto com aquela conversa que ambos haviam se esquecido de que transportavam mais uma pessoa. Modiat gemeu mais uma vez. Os dois pararam de caminhar e o Ogro colocou o aleijado no chão.

- Veja, Miriam, parece que ele está acordando.

- Sim, mas não se aproxime muito, se ele não tiver sido curado por Angillus poderá ser ainda muito perigoso. Lembre-se que te contei que ele estava completamente louco. Olhe parece que está abrindo os olhos.

- Fique atrás de mim, Miriam, se houver risco eu a protegerei.

Num salto, Modiat acordou e colocou-se de pé. Tinha os olhos arregalados, com enormes olheiras, os cabelos desarrumados e as roupas amassadas, rasgadas e sujas. Era uma figura realmente assustadora. Ele começou a gritar, parecia estar ainda louco, os braços amarrados davam maior segurança aos outros dois, mas enfureciam muito aquele que estava imobilizado. Miriam e Barukz se assustaram, temeram ter que matar o amigo que, aparentemente, estava ainda louco.

O aleijado jogou-se no chão e começou a se contorcer violentamente, até que finalmente parou. Miriam, tomando coragem, aproximou-se mais do homem que agora parecia dormir novamente, olhou de cima a baixo examinando-o. Tudo parecia estar normal, certamente aquilo seria algum efeito do *tratamento* de Angillus. Por fim, Barukz decidiu pegar novamente o amigo nos ombros e seguir viagem, mas ao aproximar-se para recolher o amigo do chão, este novamente acordou e começou a resmungar.

O Ogro deu um salto para trás, estava muito assustado, mas dessa vez Modiat parecia estar tranquilo. Reclamava apenas que o corpo todo doía, que estava cansado, com sede e com fome. Seus olhos ardiam, pois haviam se desacostumado com a claridade (que apesar de ser pouca o incomodava). Barukz resolveu pegar o machado que haviam trazido e começou a derrubar várias árvores ao seu redor, a fim de conseguir um pouco mais de luz, mas ao começar foi bruscamente interrompido por Miriam:

- Pare, estás maluco? Esqueces que esta floresta tem vontade própria? Que estas árvores podem voltar-se contra nós a qualquer momento?

O Ogro parou e voltou para perto de Modiat que ainda resmungava no chão. Miriam aproximou-se dos dois e tentou conversar com o amigo que acordara.

- Modiat, consegues me ouvir? Estás bem?

- Lógico que consigo ouvir-te, estou com fome e com sede, não fiquei surdo. – resmungou ele de forma impaciente.

- Está certo, dar-te-emos algo para comer e beber, mas não se mexa.

- Por que estou amarrado? Desamarrem-me!

- Ainda não, precisamos primeiro ver se está tudo bem contigo. – respondeu Barukz.

Ora, no caminho que haviam percorrido até ali, Barukz e Miriam haviam recolhido algumas frutas para comerem durante a travessia da floresta. A moça havia também encontrado algumas raízes e outras coisas comestíveis que agora lhes serviria muito bem. Enfim, o mais importante é que, naquele momento, eles possuíam víveres e assim poderiam continuar sua jornada. Terminando de dar o que comer para Modiat ambos sentaram-se para descansar um pouco mais. A travessia, especialmente para Barukz, não estava sendo nada fácil. Coçando a cabeça e fazendo uma expressão de dúvida, ele virou-se para o aleijado e perguntou:

- Modiat, algo me deixa extremamente intrigado.

- O que o preocupa?

- Não me entenda mal, mas fico imaginando... Bom, na verdade... É que eu te vi ser puxado para a terra e ser levado pelos Homens-sombra entende? Não compreendo...

- Claro! – interrompeu Modiat. – Não consegues compreender como consegui escapar? Para lhe dizer a verdade, nem eu sei como escapei, lembro-me apenas que...

***

(Relato de Modiat, segundo suas próprias palavras, de como escapou dos Homens-sombra).

Naquela tarde, apesar de não haver nenhum vento e as árvores estarem completamente paradas, muitas sombras se moviam pelo chão criando um espetáculo de formas que ao mesmo tempo nos deixava admirados e assustados.

- Sim, disso nós sabemos, estávamos junto contigo. – interrompeu Miriam que se achegara mais para perto dos dois a fim de escutar o relado de Modiat.

- Fique quieta, não o atrapalhe, apenas ouça uma vez na vida! – Barukz estava impaciente.

Como tenho um bom conhecimento a respeito do assunto, eu tentava explicar, especialmente a Pistorius, os estranhos mistérios e feitiços que faziam da Floresta das Sombras um lugar tão sombrio. Contei um pouco mais a respeito das lutas que haviam sido travadas ali há muitos anos, disse que aquela floresta inóspita fora um dia na verdade o centro da civilização que agora a margeava, mas que a quantidade de feitiços lançados tornara impossível as pessoas continuassem vivendo ali. Por isso a floresta tornara-se tão temida, pois além da magia que a permeia, muitos diziam que os espíritos dos mortos continuavam rondando por ela.

Foi nesse momento que Pistorius falou:

- Esperem, fiquem todos em silêncio! Parece-me que vi alguém ou alguma coisa mover-se atrás daquela rocha!

As sombras continuavam se mexendo e se agitando ininterruptamente e pareciam ainda mais excitadas. Foi quando Miriam deu um grito:

- Aaahhh! Alguma coisa me pegou! Socorro! Estou afundando na terra!

Pistorius perguntou-me o que estava acontecendo, mas eu não conseguia responder, pois fora pego de surpresa. Havia me esquecido de mencionar aquelas estranhas criaturas. Fiquei desesperado, caí de joelhos no chão e pedi ao Senhor que tivesse piedade de nós! Barukz perguntou-me o que estava acontecendo e tudo o que consegui fazer foi continuar pedindo clemência e orar por nossas almas. Muitos homens haviam encarado os Homens-sombra antes, mas muito poucos voltaram para contar a história.

Nesse momento, vi Pistorius correndo para junto de Miriam e, sem saber o que fazer para enfrentar aquele inimigo invisível, começar a bater com sua espada ao redor dos pés dela. Porém, Miriam continuava afundando na terra. Enquanto isso, também vi Barukz girar seu machado desesperadamente cortando árvores, plantas e tudo o que estivesse ao seu alcance. Temi muito, pois isso certamente deixou os Homens-sombra ainda mais irados. Esta floresta é a casa deles e eles não gostam muito quando qualquer pessoa a destrói.

Muitas coisas estranhas aconteceram naquele momento, algumas árvores pareciam gemer e gritar, a mata agitou-se intensamente, alguns animais correram e se esconderam, mais alguns Homens-sombra apareceram do nada. Desculpem, mas eu simplesmente não consegui reagir. Eu poderia ter feito algo, mas pouco ou nada adiantaria. Eu já estive nessa floresta antes e passei por muitas dificuldades, coisas que nem podem imaginar. Não cheguei a lhes contar isso antes, mas perdi meu braço esquerdo nesta maldita floresta.

Miriam e Barukz apenas observavam a história boquiabertos, eles estavam recebendo uma nova visão dos acontecimentos, haviam sentido rancor e ódio contra Modiat, julgaram-no inútil e medroso, mas jamais tomaram conhecimento de tais circunstâncias. Barukz lembrou-se de suas palavras naquele momento e se arrependeu muito: - Modiat! O que estás fazendo? Como podemos acabar com esses monstros? Levante-se e faça alguma coisa, seu imbecil!

Vi quando, de repente, algo se materializou em frente a Pistorius. Tinha forma humana, mas era completamente escuro, não era possível ver suas feições, nem sequer os olhos. Logo tive certeza de que realmente éramos vítimas dos ataques dos Homens-sombra. Aquela criatura estendeu a mão e pegou uma sombra no chão que se transformou em uma espada ou coisa parecida e partiu para cima do rapaz. Eu queria fazer algo, mas simplesmente meus músculos não obedeciam à minha vontade. Enquanto Pistorius duelava com aquele estranho ser, outros seis ou sete homens das sombras também se materializaram e partiram para cima de nós três.

Enquanto os via lutar ferozmente contra aquelas criaturas, eu tentava dizer-lhes a maneira de vencer aquele temido inimigo, mas um homem-sombra se apoderou de mim e me impediu de falar. Assim como Pistorius, vi que Barukz fazia tudo o que podia para acabar com os Homens-sombra, mas seu machado não parecia fazer muito efeito. Tudo o que Miriam podia fazer era correr e tentar ficar longe do alcance dos inimigos que a atacavam, pois seu arco e flecha não poderiam nem ao menos mantê-los afastados.

Nesse instante consegui reunir algumas forças e livrei-me do Homem-sombra que me dominava, tentei levantar-me, mas ele continuou me puxando pelas pernas. Lembro-me que consegui chamar por Pistorius e ainda consegui escutar sua resposta:

- Pistorius, Pistorius! Onde estás?

- Aqui Modiat, erga-se do chão e lute!

- Não posso, não adianta! Enquanto for dia, eles estarão aqui... Aaaahhh!

- Modiat, responda! O que houve? O que tem o dia? Modiat!

Ouvi ainda Miriam pedir que tu, Barukz, me ajudasses, mas dissestes que não podias...

- Desculpe Modiat, eu simplesmente não sabia, se...

- Não te preocupes, compreendo a situação. Na verdade não poderias fazer muita coisa, pois eu já começava a ser enterrado no solo. Ao menos fiquei contente ao perceber que Pistorius havia compreendido como poderiam escapar daqueles malditos Homens-sombra quando o escutei dizendo:

- Modiat, Miriam, Barukz... Vamos correr para a mata fechada onde não haja luz do sol! Corram, corram.

Cheguei a vê-los correndo rapidamente floresta adentro. Senti-me tão só e ao mesmo tempo tão desesperado. Quando vós fugistes, um homem-sombra continuou me arrastando para dentro da terra até cobrir-me a cabeça. Estava pronto para morrer quando fui novamente puxado para baixo e encontrei-me num grande vão embaixo da terra. Como podem imaginar, estava muito escuro lá. Eu não conseguia ver praticamente nada, o buraco por onde meu corpo havia passado fechou-se instantaneamente tão logo caí no subsolo.

Naquele lugar sombrio, podia sentir os vermes passando e se esfregando em mim, pequenos animais que caminhavam e furavam a terra. Ninguém pode imaginar o que é estar num lugar como aquele. Ouvi ruídos como se fossem vozes que se aproximavam cada vez mais de mim. Eu não mais temia os Homens-sombra, pois naquele lugar eles não poderiam mais existir em virtude da necessidade da luz.

Comecei a ouvir passos se aproximando junto com as vozes. Nesse instante, temi muito, pois não fazia ideia de que espécie de ser poderia estar habitando um lugar como aquele. Tudo o que pude fazer foi encolher-me o máximo possível, prender a respiração e esperar que o que estivesse se aproximando de mim, passasse sem perceber ou sentir minha presença. Porém, esse pensamento foi muita tolice de minha parte visto que as criaturas que se aproximaram tinham a capacidade de enxergar perfeitamente na escuridão. Aliás, se não o pudessem, certamente não viveriam ali.

Senti uma pequena mão tocar-me o ombro e outra tocando-me nas pernas. O medo espalhou-se dentro de mim de tal forma que desmaiei. Acordei num lugar estranho, certamente ainda estava embaixo da terra. Era uma espécie de sala muito mal iluminada por uma pequena lâmpada de óleo de oliva. Sei disso, pois pude distinguir o cheiro do óleo que queimava. Estava com uma forte dor de cabeça e, no início, pensei que estivesse sonhando.

Tornei a olhar na direção da luz e vi pequenas criaturas caminhando. Vale ressaltar que, embora largos, os túneis eram muito baixos e eu só conseguia me deslocar andando de joelhos. Apesar disso, aqueles bichos, ou sei lá o quê, andavam eretos normalmente e com muita agilidade. Eu já ouvira a respeito de povos subterrâneos antes, mas jamais tivera uma confirmação de que as histórias eram realmente verdadeiras. Contudo, eles estavam ali, à minha frente e eu os podia ver.

Como já disse, eles eram muito baixos. Reparei que tinham o corpo coberto de pelos, embora estivessem devidamente vestidos. Pareciam ter afiadas garras, como se fossem animais, embora falassem e eu pudesse compreender o que diziam. Eles não utilizavam nosso idioma, mas o idioma dos antigos, demonstrando ser um povo muito antigo. Não consegui compreender bem toda a conversa em virtude de estar ainda um pouco zonzo, mas pareciam deliberar a respeito do que iriam fazer comigo, não aparentavam hostilidade embora não parecessem ser também muito amigáveis. Um deles se aproximou de mim e disse, com muita dificuldade, em nossa língua:

- Como chegaste até aqui? O que desejas?

- Os Homens-sombra! – respondi. – Eles me puxaram para cá, não foi minha intenção...

- Homens-sombra? Compreendo, não precisas te preocupar, pois conosco estarás à salvo deles. Bem sabes que onde não há luz eles não existem. Parece que te deixaram enterrado para morreres asfixiado, mas um de nossos sentinelas te viu e resolveu puxar-te pelas pernas, após o que fechou o buraco rapidamente.

- Muito obrigado, não tenho palavras para agradecê-lo, realmente salvaram minha vida, apesar de quase terem me matado de susto chegando daquela forma no escuro.

- Desculpe, mas foi necessário!

- Não tem problema, o que importa é que me ajudaram. Porém, a curiosidade impede-me a indiferença... Quem sois vós? Nunca havia ouvido falar deste povo que habita embaixo da terra.

- Meu nome é Zordan, sou o principal chefe deste povo muito antigo, mas preferimos evitar o convívio com os demais devido ao fato de sermos muito sensíveis à luz. Por isso habitamos em túneis subterrâneos. Somos um povo lendário conhecido como Charmingans.

- Claro! – exclamei. – Charmingans, já escutei histórias sobre vós, mas jamais pensei que pudessem ser verdadeiras, afinal, viver sob a terra não parece lá muito possível. Porém, tenho uma pergunta, por acaso deixar-me-ão partir ou pretendem me manter prisioneiro?

- Ora, nós Charmingans jamais fazemos prisioneiros, tu estás livre para partires à hora que bem desejares, se quiseres permanecer aqui um pouco mais e descansar, fique o quanto quiser.

- Sou muito grato pela ajuda e por toda a bondade, mas se quiseres realmente ajudar um pobre homem, dê-me algo que comer.

Zordan riu mostrando enormes dentes serrilhados:

- Amigo, quem sou eu para negar comida a quem tem fome? Contudo, creio que não te fará gosto a comida que comemos, tens certeza que a queres experimentar?

- Bom, não fará mal experimentar. Se porventura não me agradar será pecado diante de ti não terminar de comer o que me deres?

- De forma alguma, fico até satisfeito em ver tua coragem. Com minha advertência outros certamente nem quereriam ver o que ofereço, volto já, espere aqui.

Enquanto aguardava pela comida que me seria trazida por Zordan, senti fortes tremores e, repentinamente, surgiram buracos acima de mim. Um bloco de terra caiu sobre minha cabeça e cobriu-me parcialmente. Rapidamente vários charmingans apareceram armados e iniciou-se uma dura batalha entre eles e os Homens-sombra. Na realidade, os Homens-sombra haviam se revoltado com o fato de seus oponentes terem salvado a minha vida e, sendo eles inimigos mortais durante anos, isso era motivo de grande ofensa.

Não sei lhes explicar, caros amigos, mas de algum modo os charmingans sabiam como lutar contra os Homens-sombra, pois na verdade chegaram a matar alguns. É claro que muitos deles foram mortos também na batalha que se estendeu por um bom tempo. Eles não estavam brigando por minha causa, na realidade arranjam qualquer motivo para que possam guerrear entre si.

Fiquei atônito assistindo àquela batalha, escondi-me atrás da cama em que eu estava e apenas observei. Por fim, os charmingans foram rechaçados e a luta terminou. Vi-me repentinamente diante de um enorme homem-sombra que havia se materializado. Ele me agarrou e me levou para algum lugar que não sei lhes explicar onde fica.

Era um lugar ainda mais escuro e úmido que os túneis subterrâneos dos charmingans. No início, não compreendi o que estava acontecendo, pensei em como os Homens-sombra poderiam existir num lugar

onde não houvesse luz, mas aprendi que não devemos subestimar a inteligência de outras raças, pois eles andavam com candeeiros que produziam suficiente luminosidade para que se formassem as sombras e assim pudessem estar ali.

Ninguém faz ideia das torturas e maus tratos a que fui submetido naquele lugar. Sofri tanto que acabei perdendo a lucidez. Não tenho a mínima ideia de como consegui escapar daquele lugar, tenho apenas vagas lembranças. Tudo o que sei é que agora estou acordado aqui ao vosso lado. Afinal, o que aconteceu, como me encontraram?

- Bom, eu estava com um novo amigo na floresta quando tu apareceste completamente insano e começaste a lutar contra ele. No início ele queria te matar, mas quando percebi que se tratava de ti, pedi que não o fizesse. Tu estavas completamente louco e esse amigo aplicou-te um tratamento que te fez voltar a seres o que eras. – respondeu Miriam.

Após isso, ela contou como tudo havia acontecido nos mínimos detalhes, desde que eles haviam entrado na floresta das sombras e colocou Modiat a par de todos os acontecimentos. Barukz, Modiat e Miriam resolveram parar para descansar e comer um pouco das provisões que levaram. Estavam muito cansados em virtude da longa caminhada, ainda mais Barukz que carregara Modiat por boa parte da jornada.

- O que acham de pararmos por aqui e descansarmos um pouco? – sugeriu Barukz fazendo extremo ar de cansaço.

- Por mim parece muito bom, meus pés estão mesmo doendo muito, já faz algum tempo que estamos caminhando. Acho que, a essa altura, Angillus não nos alcançará mais. – respondeu Miriam.

- Quem é Angillus? – perguntou Modiat.

- É o amigo ao qual me referi anteriormente, foi ele quem fez que tu recobrasses a tua consciência. – esclareceu Miriam.

- Se ele é amigo, não compreendo qual a razão de não quereres que ele nos encontre. – Modiat estava confuso.

- É meio difícil explicar, mas Miriam acha que ele nos impediria de andar livremente pela floresta e de procurar Pistorius e o cristal. – disse Barukz.

- Acho não, tenho certeza absoluta. Ele jamais permitiria que saíssemos explorando a floresta a nosso bel prazer. Ele se julga uma espécie de dono ou guardião da floresta, acha que tem poder e autoridade em todo este vasto território e que apenas ele pode decidir quem aqui entra e quem daqui sai.

- Bom, se é assim acho que é melhor nos escondermos para repousar, pois poderemos ser surpreendidos se ficarmos aqui no meio do caminho. – concluiu a conversa Modiat.

Dito isto, os três puseram-se a escolher o melhor lugar para repousar um pouco. Na procura, Modiat encontrou uma árvore com pequenos frutos avermelhados, os quais foram devorados com muito gosto pelos amigos. Finalmente encontraram o lugar que julgaram mais adequado e ali resolveram ficar.

Miriam estava feliz por ter reencontrado Modiat e por, finalmente, estar tudo bem com ele, por Barukz ter se recuperado da doença transmitida pelos mosquitos-vampiros, mas ainda estava muito preocupada comigo. Os três resolveram que ali era seguro o suficiente e que não havia necessidade que alguém ficasse de guarda, assim todos poderiam descansar e aproveitar ao máximo a parada para descanso.

Havia ainda uma longa jornada pela frente...

Capítulo 11 – Rumando Para Casa

Andávamos pela estrada que nos levaria à Vila do Sol, abri a mochila que pegara dos bandidos e retirei alguma comida. Peguei o suficiente para mim e dei o restante para Lulika e Nikola que, assim como eu, estavam famintos. A caminhada foi muito dura, jamais imaginaria sofrer tantos desafios, mas finalmente eu tinha a esperança de passar uma noite tranquila.

A floresta começou a ficar menos densa, e cada vez mais podíamos ver o sol que começava a desaparecer no horizonte. Fazia tanto tempo que eu o não via que fiquei emocionado. Descendo um pouco mais a colina, lá estava ela, a Vila do Sol. Que visão maravilhosa eu tive. Havia um imenso clarão na floresta e logo abaixo estavam os portões. Podia-se ver muitas casas lado a lado, tudo muito bem planejado. As ruas traçavam retas perfeitas.

- Aí está! A bela Vila do Sol que tanto ansiávamos por encontrar. – disse Lulika.

- Logo passaremos por aqueles portões, não vejo a hora em deitar em uma cama de verdade e poder fazer uma refeição digna, além de tomar um bom e relaxante banho. – falei entusiasmado.

- Sim, Pistorius, mas não te animes muito. Ainda falta aproximadamente meia hora para que possamos chegar. Os portões estão descida a baixo, o que nos dá a falsa impressão de estarmos perto. – explicou Nikola.

- Além do mais, assim que chegarmos, teremos que nos apresentar ao governador. A Vila do Sol é extremamente organizada e só poderemos permanecer lá com o consentimento de seu líder. – completou Lulika.

- Para mim parece bom. No máximo em duas horas estarei tomando um relaxante banho. Existem algumas pessoas conhecidas que moram lá, certo?

- Sim, temos muitos amigos nossos e de nossos pais. A Vila do Sol e Argna têm relações muito boas. Não teremos dificuldades em encontrar um bom abrigo lá por um ou dois dias.

- Apenas um dia, espero. Preciso leva-los até sua família, que já deve estar desesperada, e depois partir em busca do cristal e de meus amigos.

- Ora, Pistorius, deixe disso. Diga que passarás alguns dias conosco em nossa casa. – pediu Nikola.

- Espero poder visitar-vos um dia e conhecer vossa família, mas isso terá que ficar para depois que eu cumprir minha missão aqui. Além do mais, meus amigos podem estar passando por grandes dificuldades e talvez precisem de minha ajuda, não posso decepcioná-los, pois afinal, eu os trouxe para esta floresta.

- Compreendo seus motivos, Pistorius, não mais insistirei para que fiques conosco, mas se for possível, ao menos conheça nossa família. – falou finalmente Nikola.

- Será o meu prazer poder conhecer a família... – olhei com expressão de interrogação para os dois irmãos que estavam ao meu lado.

- Brumz. – completou Lulika.

- Muito bem, será um prazer conhecer a família Brumz.

Mantivemos o ritmo de nossos passos e, quando nos demos por conta, estávamos de fronte aos grandes portões de madeira da Vila do Sol. O sol já havia se posto há algum tempo e estava um pouco escuro. Ao nos aproximarmos das fortificações, fomos interpelados por uma voz que vinha do alto de uma torre:

- Quem sois vós e o que quereis aqui?

Nikola adiantou-se e falou:

- Cale-se, seu imbecil, não reconheces Nikola o grande? – ele desatou a rir.

Assustei-me com a atitude de meu companheiro de viagem e adiantei-me, mas quando ia falar, Lulika também começou a rir. Olhei para os dois, demonstrando claramente que eu não estava entendendo nada do que estava acontecendo e Lulika, após tomar algum fôlego, disse-me:

- Não te preocupes, Pistorius, esse é Odomus, um amigo nosso de infância.

Fiquei mais aliviado e, em seguida, os portões foram abertos. O homem que estava no alto da torre desceu e nos cumprimentou, fazendo com que entrássemos rapidamente a fim de o portão ser devidamente fechado novamente. Odomus aproximou-se de Nikola e deu-lhe um abraço, fez o mesmo com Lulika e, após isso, apertou a minha mão.

- Ouvi dizer que os dois haviam sumido, estava preocupado. – Odomus tinha uma expressão séria.

- Tivemos alguns problemas, mas Pistorius – Nikola apontou para mim – nos ajudou e agora finalmente estamos de volta.

- Seus pais estão muito preocupados.

- Sim, imagino. Gostaria de pedir-lhe que, se fosse possível, enviasse um mensageiro para Argna para que nossos pais soubessem que estamos bem. A viagem foi muito cansativa e não pretendemos seguir viagem sem antes descansarmos um pouco aqui. – disse Lulika.

- Bom, tu sabes quais são os procedimentos. Para que possam permanecer na cidade com este estrangeiro, será necessário pedir permissão ao governador. Quanto ao mensageiro, providenciarei que amanhecer.

- Certo, mas vamos logo, pois temos urgência em descansar, comer, dormir e assegurar-nos de que um mensageiro foi enviado. – falou Nikola.

- Muito bem, sigam-me.

Seguimos Odomus através da Vila do Sol. Caminhamos por algumas ruas e não pude deixar de reparar naquele magnífico lugar. Na verdade, o lugar ainda era chamado de vila apenas por tradição. Aquela era, na verdade, uma grande cidade fundada há muito. As casas eram perfiladas numa precisão espantosa. Todas tinham as frontes muito bem cuidadas e limpas. Podia-se perceber uma perfeita harmonia reinando ali. O governador chamava-se Trevorus, mas devido à sua bondade e à maneira como dirigia aquele povo, era chamado de Trevor o Bom. Ele havia sido um dos maiores guerreiros que o planeta já conheceu, tendo lutado em todos os grandes exércitos da história recente da humanidade, sempre como um dos principais comandantes ou subcomandantes e era, sem dúvidas, um homem espetacular além de um grande líder. Isso pude notar logo que chegamos em sua presença.

Paramos numa casa tão simples como as outras, mas também tão bem cuidada quanto. Poder-se-ia imaginar que o governador de uma grande cidade como aquela morasse numa enorme casa com todo o conforto e mordomia, mas Trevor o Bom era diferente. Ele tinha seu trabalho e levava uma vida simples como qualquer outro.

Fomos recebidos por sua esposa, uma pessoa muito querida na cidade. Ela fez com que entrássemos e aguardássemos. Sentamo-nos e esperamos por poucos instantes quando, finalmente, Trevorus apareceu. Era um homem alto, forte e seu semblante transmitia muita paz e segurança. Sentou-se à nossa frente e olhou-nos por alguns instantes. Finalmente dirigiu-nos a palavra:

- Muito bem, o que posso fazer para ajudá-los?

- Gostaríamos de pedir autorização para ficarmos um ou dois dias em sua cidade e para que nos

cedesses um mensageiro que enviasse uma mensagem a nossos pais. – disse Nikola.

- Bem sabeis que tendes livre acesso à Vila do Sol uma vez que pertenceis à cidade de Argna, que é nossa aliada. Quanto ao mensageiro será providenciado.

- Sim, bem sabemos que podemos ficar, mas pedimos autorização em nome de nosso amigo estrangeiro, que muito nos tem ajudado inclusive livrando-nos da morte e sendo principal responsável pelo extermínio da raça dos Homens-lobo.

Trevorus arregalou os olhos e sentou-se na ponta da cadeira. Fitou-me os olhos profundamente e falou:

- Deixe-me ver se entendi bem. Dizes que este é o homem responsável pela libertação de centenas de prisioneiros, inclusive homens de nossa cidade que há muito se achavam desaparecidos? Como é possível? Tens certeza disso?

- Toda a certeza do mundo, senhor, inclusive eu era um dos homens reclusos pelos Homens-lobo e vi este homem aqui sentado ao meu lado iniciar a revolução que pôs um fim definitivo àquela horda de ladrões e assassinos.

- Pois então, deixe-me dar um abraço neste valoroso guerreiro.

O líder da Vila do Sol ergueu-se e me abraçou com força. Retribui meio sem jeito ao abraço e agradeci-lhe pela ótima recepção. Sentamo-nos e conversamos um pouco mais. Lulika pediu desculpas e disse que precisávamos procurar a casa de alguns amigos a fim de tomarmos um banho e descansarmos de nossa longa viagem. Trevorus, porém, fez questão de que, após tomarmos banho, voltássemos à sua casa para uma janta especial. Nos despedimos e fomos conduzidos até a rua. Enquanto caminhávamos pela cidade, tive uma estranha sensação e cheguei a comentar com meus amigos.

- Pode parecer estranho, mas tenho a nítida sensação que conheço Trevorus de algum lugar. Porém, agora não consigo recordar-me de onde.

- Ora, Pistorius, deve ser apenas uma impressão. Talvez já tenhas ouvido histórias a respeito dele, tenhas visto alguma pintura ou algo assim.

- É, deve ser...

Fiquei com uma ótima impressão daquele bom e justo homem. Chegamos à casa de alguns amigos dos dois irmãos onde nos deixaram tomar banho e nos cederam algumas roupas limpas. Ofereceram-nos também a janta, mas agradecemos e explicamos que Trevorus estava nos aguardando. A madrugada já começava a avançar e eu estava bastante cansado, tudo o que eu queria, na realidade, era dormir.

Tivemos uma janta muito agradável, Trevorus quis saber cada detalhe de nossa viagem. Explicamos como tudo ocorrera, cada um contando as coisas segundo seu ponto de vista e partindo do início de sua jornada. Trevor o Bom ficou muito impressionado com nossa bravura e disse que faria questão de anunciar ao povo as bem-feitorias que havíamos realizado. Agradecemos e, mais uma vez, dirigimo-nos à casa onde deveríamos dormir.

Foi como um sonho para mim. Poder finalmente deitar e dormir num lugar confortável e quentinho com um teto sobre a cabeça. Um lugar realmente seguro, onde não havia necessidade de revezamentos para vigiar e, o melhor, não precisaríamos acordar cedo para partir, pois decidimos que passaríamos ali ainda mais um dia.

Dormi muito bem e acordei com meus anfitriões me chamando para a hora do almoço. Como foi bom poder sentir aquele agradável cheiro de comida caseira feita na hora. Fiquei com água na boca e comi como se não o fizesse há anos. Estávamos na casa dos Hollaux, uma família que há muito habitava naquela região. Como eu estava grato por existirem na Terra pessoas como aquelas. Pessoas tão boas e

capazes de ajudar aos outros sem nenhum interesse em receber nada em troca.

Lulika e eu saímos para dar uma volta pela cidade. Nikola decidiu ficar e descansar um pouco mais. A moça me mostrou todos os lugares e apresentou-me a alguns bons amigos. Tivemos um dia muito agradável, como há tempos não via. Em certo lugar, existia um pequeno rio que cortava uma parte da cidade, aproveitamos para nadar um pouco e nos refrescar, além de tomar um pouco do sol que não víamos fazia dias.

- E então, que pretendes fazer daqui por diante? Quer dizer, depois que fores conosco até Argna? – perguntou Lulika.

- Ainda não sei bem que rumo tomar, mas devo retornar pelo caminho que fizemos para ver se reencontro meus amigos, não vejo a hora de tudo isso acabar, já não aguento mais andar perdido pela floresta e enfrentar estranhos inimigos. Estou farto de tudo isso.

- Eu sei como tu te sentes. Pelo pouco que passei, não gostaria de passar de novo jamais.

- Obrigado por tudo o que tens feito por mim, Lulika. Se eu não os tivesse encontrado naquelas cavernas não sei o que seria de mim agora.

- Ora, o que é isso, Pistorius, não precisa agradecer por nada. Tu fizeste muito por mim e meu irmão. Livraste-nos das cavernas, mataste aquela enorme serpente, superaste os bandidos da estrada e tens nos liderado nesta jornada.

Após proferir essas palavras, Lulika aproximou-se de mim e me abraçou. “Muito obrigada” – repetiu ela. Ficamos abraçados por um tempo e então a moça se afastou um pouco e olhou-me profundamente nos olhos. Percebi que ela estava querendo dizer algo com aquele olhar, quando menos percebi, nós nos beijamos.

***

Magnus acordou e, de um salto, pôs-se de pé. Assustado, olhou para todos os lados em desespero. Na sala havia três homens com espadas nas mãos e ele estava, além de desarmado, descalço e sem camisa. Percebendo que nada poderia fazer contra aqueles três homens, além de ferir-se, usou o bom senso e sentou-se novamente na mesa onde estava deitado.

- Quem és tu? – perguntou um dos homens.

- Ora, vós não deveis ter uma memória tão curta assim. Ainda há pouco fui vosso prisioneiro.

- Não compreendemos o que dizes, pois nunca fizemos prisioneiros. Nós sim, fomos prisioneiros durante muito tempo.

- Do que estais falando? Vós não sois os malditos Homens-lobo que me aprisionaram por tanto tempo nestas cavernas imundas?

- Estás louco? Nós não somos e jamais fomos Homens-lobo. Éramos prisioneiros deles e estamos aqui para tomar conta das cavernas e garantir que não voltem.

- Não compreendo. Ainda há poucos dias saí daqui fugitivo e perseguido por dezenas de Homens-lobo que tentavam recapturar-me. – Magnus estava confuso.

- Ora, como é o destino! Então foste tu que fizeste os Homens-lobo te perseguirem.

- Sim, mas o que tem isso a ver?

- Aperte aqui a minha mão, amigo. – disse outro dos homens que estava na sala.

- Ainda não compreendo. – Magnus apertou a mão à sua frente, e assim fez com os demais.

- Bom, quando fugiste uma grande tropa saiu em teu encalço e as cavernas ficaram desguarnecidas.

Não sabíamos disso até que um rapaz chamado Pistorius nos avisou e...

- O quê? Espere! Qual o nome do rapaz?

- Pistorius. – repetiu o homem.

- Tens certeza disso?

- Absoluta, meu bom homem. Como eu ia dizendo, Pistorius nos ajudou a combater e a derrotar os Homens-lobo que ainda permaneciam nas cavernas. Conseguimos dominá-los e matá-los com poucas baixas do nosso alado. Quando os outros retornaram, estávamos preparados esperando-os para matá-los.

Os homens contaram sobre a tomada das cavernas com todos os detalhes, o que Magnus ouviu com toda a atenção. Percebendo que o visitante realmente era um homem de bem, deram-lhe o que comer, devolveram suas roupas e as coisas que trazia consigo, exceto suas armas, as quais disseram que entregariam no momento de sua partida.

- O que aconteceu comigo? Como vim parar aqui dentro novamente?

- Bom, na verdade estávamos fazendo uma ronda pela floresta para ver se encontrávamos ainda alguns Homens-lobo e, num determinado lugar, vimos um estranho homem com uma lâmpada na mão. Quando nos aproximamos ele fugiu, então vimos que tu estavas caído no chão sob a chuva. Resolvemos trazê-lo e averiguar se eras mesmo um Homem-lobo para depois matá-lo.

- Compreendo, mas algum de vós chegou a ver quem era o homem que estava comigo?

- Não, quando nos aproximamos ele mexia em tua roupa, parecia procurar algo.

Lembrando-se da bolsinha, Magnus pôs a mão no peito assustado e, desesperado, exclamou:

- A bolsinha! Onde está a bolsinha que eu trazia comigo em meu peito?

- Sinto muito senhor...

- Magnus.

- Sinto muito senhor, Magnus, não havia bolsinha alguma com o senhor quando o encontramos, senão a teríamos devolvido.

- E agora, o que irei fazer? Estou perdido, perdido.

- Calma, senhor, talvez a bolsinha possa estar lá caída no chão.

- É claro! Como não pensei nisso! Voltarei lá. Porém, antes diga-me, sabes para onde foi Pistorius?

- Desculpe, não sei e acho que ninguém aqui sabe. Enquanto lutávamos, eles desapareceram.

- Eles? Quem são eles?

- Havia outro rapaz e uma moça com ele quando partiu.

- Poderia pedir-lhe um imenso favor?

- Se estiver ao meu alcance...

- Terias um cavalo que pudesses me emprestar para eu procurar a bolsinha e depois realizar uma viagem urgente?

- Pois não. Afinal sua fuga ajudou a proporcionar nossa liberdade. Mandarei que lhe devolvam a espada na saída e lá estará também um cavalo te esperando.

- Muito obrigado, jamais esquecerei o que fizeram por mim. Partirei imediatamente.

Após despedir-se de seus novos amigos, Magnus pegou sua espada e o cavalo que lhe foi dado e partiu em disparada na direção do local onde desmaiara. Cavalgou como um louco e, como o lugar não

era muito longe, logo chegou. Pulou do cavalo e o prendeu junto a uma árvore. Caiu no chão desesperado, vasculhando e apalpando. Estava chorando de desespero e raiva por ter perdido o que se lhe havia sido confiado. Desconsolado, Magnus sentou-se no chão e começou a lamentar sua má sorte. Como aquilo poderia ter acontecido?
Quando estava prestes a desistir, olhou em direção ao tronco de uma árvore e, numa parte oca do tronco, viu um pó muitíssimo branco. Aproximou-se e ali estava sua bolsinha. Magnus então se lembrou que, na véspera, quando ele viu que estava prestes a ser atacado, com medo de perder a bolsinha a escondeu no tronco oco da árvore e logo em seguida desmaiou.

Ele olhou aquele pó mais branco que a mais pura neve e o apreciou por um instante. Até aquele momento, não soubera o que estava carregando, pois seguindo as ordens de Kitle, jamais havia aberto a bolsinha para ver ou usar seu conteúdo. Com muito cuidado, recolheu tudo o que pôde, amarrou-a novamente junto ao peito e soprou o pouco pó que havia se misturado à poeira e areia da árvore.

Magnus estava confuso. Agora ele sabia que eu estava vivo, mas não fazia ideia de onde eu estaria. Lembrou-se mais uma vez de sua querida esposa e dessa vez não hesitou. Olhando fixamente para a direção onde ficava sua casa, decidiu: Aquele não era um problema seu. Sua única preocupação era saber se eu estava vivo e bem. Ao que tudo indicava, parecia que eu não tinha mais problemas. Kitle não era de seu interesse, ele não devia nada àquele maldito velho que o queria meter em mais problemas. Sem pensar nem mais um instante, Magnus montou novamente em seu cavalo e tomou o rumo de sua casa.

***

Uma forte trombeta foi soada e pôde ser escutada em toda a cidade. Mesmo não sendo morador daquele lugar, aquele barulho não deixava dúvidas: Tínhamos problemas! Deixando Lulika, corri rapidamente na direção da cidade para ver o que se passava. Havia muitas pessoas correndo pelas ruas, vários homens saindo com armaduras, espadas, lanças, seus arcos munidos de muitas flechas. Ao que tudo indicava, a cidade estava sendo atacada.

Corri para a casa dos Hollaux a fim de encontrar Nikola. Era difícil passar no meio da multidão que se alvoroçava cada vez mais. Se ainda restava alguma dúvida, ela se dissipou, enquanto eu corria numa rua próxima aos muros da cidade, uma flecha inflamada em fogo passou a centímetros de minha cabeça e cravou-se na parede de uma casa. Parei e peguei um balde para jogar água na flecha e apagá-la, fiz isso e continuei correndo.

Ao chegar à casa dos Hollaux, nem Nikola, nem o senhor Hollaux e seus filhos estavam mais lá. Sua esposa, Hellen Hollaux, disse-me que eles havia seguido para os portões a fim de defender a principal entrada da cidade. Sem pensar, corri também para lá. No caminho parei em uma pequena loja que possuía armas e armaduras para vender. Entrei na loja, expliquei minha situação para o dono e logo saí com tudo o que precisava, com a promessa de pagá-lo mais tarde.

Lá peguei uma longa cota de malha, arco com várias flechas, espada e punhal, além de um pequeno escudo e um capacete. As ruas tornavam-se cada vez mais difíceis de cruzar. Muitas mulheres corriam com suas crianças para dentro das casas ou para algum outro lugar mais seguro. Os homens se apressavam a pegar em armas e a correr para os muros da cidade. Grandes troncos de madeira foram cruzados no portão através da força de muitos homens, escadas foram colocadas para dar acesso aos muros. Através de uma dessas escadas subi no muro oeste da cidade e tive uma visão assustadora.

Um grande exército de homens com peles de lobos sobre seus corpos atacavam furiosamente. Eu não pude acreditar, mas eram os Homens-lobo os responsáveis por tão terrível situação. Assim como todos, eu supusera que os Homens-lobo não mais existissem, mas como podia ver bem diante de meus olhos, havíamos nos enganado. Tempos mais tarde ficamos sabendo que eles haviam destruído algumas vilas ao

redor antes de chegarem e atacarem a Vila do Sol. Ao que parece, após terem sido derrotados em suas próprias cavernas, os Homens-lobo esconderam-se pela Floresta das Sombras e passaram a realizar pequenos saques. Logo invadiram algumas vilas menores e conseguiram o armamento de que precisavam para atacar cidades, vilas e povoados maiores. Ao que tudo indica, a intenção seria acabar com as cidades vizinhas e, após isso, voltar para as cavernas e expulsar de lá os homens que faziam sua guarda.

Apesar de numeroso, o exército dos Homens-lobo não era tão superior à quantidade de homens que havia para defender aquela cidade. Talvez por um erro de cálculo ou por um total desconhecimento da situação, eles julgavam-se muito superiores e capazes de vencer com facilidade os habitantes da Vila do Sol. Talvez por isso não tenham se intimidado com as grandes muralhas que estavam à sua frente no momento em que atingiram a cidade.

Do modo como eles atacavam com flechas em chamas, não haveria outro jeito a não ser sair e enfrentá-los diretamente, pois caso contrário, a cidade seria inteiramente incendiada. Porém, quando menos se esperava, ouviu-se o barulho de homens correndo pelas ruas. Ao virar-me para trás, vi uma tropa dos Homens-lobo que, de algum modo, havia superado os muros da cidade e nos atacava pela retaguarda. Muitos foram atingidos por flechadas nas costas e podia-se ver vários corpos despencando do enorme muro.

Desci rapidamente por uma das escadas e, junto com vários outros homens, parti para cima dos adversários. Não compreendíamos como eles haviam conseguido penetrar pelo lado sul da cidade, mas o fato é que, fosse como fosse, teríamos que enfrentá-los frente a frente, querendo ou não.

Comecei a preocupar-me em saber onde estariam Nikola e Lulika, porém a situação não me permitia procurá-los, mas apenas lutar. Aquela foi a batalha mais sangrenta que eu já havia presenciado em minha vida. Membros decepados voavam pelos ares e rolavam pelo chão, a cada instante novas poças de sangue se formavam e cada vez mais cadáveres se amontoavam. O que nos consolava era que a maioria dos corpos no chão estavam recobertos com pele de lobos, o que significava que estávamos em vantagem.

Pouco tempo depois o portão frontal foi aberto, após matar os guardas daquele local, alguns Homens-lobo retiraram as pesadas travas do portão que foi empurrado com grande fúria pelos que estavam de fora. Se antes a cena já era dramática, a partir desse momento não é mais possível nem agradável descrever tudo o que presenciei, mas esses fatos jamais serão apagados de minha memória, até mesmo porque eu me sentia um pouco responsável pelo que estava acontecendo. Se eu não tivesse causado aquela rebelião nas cavernas, jamais aquela linda cidade estaria sendo atacada de modo tão brutal.

Para meu alívio, pouco tempo depois apareceram Trevorus e Nikola, ambos ficaram também felizes em me ver, combatemos lado a lado. O que me tranquilizou ainda mais foi o fato de que Nikola havia encontrado Lulika e a encaminhara para um local seguro junto com a mulher de Trevorus. Muitos homens caíram através de nossas espadas naquele dia, mas também muitos dos nossos homens tombaram.

A noite começou a ficar cada vez mais escura, mas as flechas inflamadas dos inimigos iluminavam a escuridão. As casas e comércios da cidade começaram a ser consumidos pelo fogo e não havia quem pudesse apagá-lo. A luta se encaminhou para outros pontos da cidade e junto com ela a destruição se espalhava. A essa altura eu já havia sofrido pequenos ferimentos assim como Nikola. Meus braços doíam muito devido aos vários golpes que dera e eu sentia cada vez mais minhas forças se esgotarem.

Sem dúvida, estávamos perdendo aquela batalha. Os Homens-lobo lutavam sem ter nada a perder, mas os homens da Vila do Sol temiam o fato de deixarem suas mulheres e filhos desamparados caso viessem a perecer. Isso fez com que muitos debandassem e tornassem a defesa ainda mais ineficiente.

Porém, quando parecia que não havia mais escapatória, os ventos da sorte sopraram a nosso favor. Sim, sopraram tanto que trouxeram nuvens carregadas e um imenso temporal se iniciou.

As pesadas gotas de chuva começaram a abaixar o fogo que consumia a cidade, isso dificultou a visão dos dois exércitos, mas além disso, a chuva encharcou as peles de lobo que nossos inimigos traziam sobre si. Ora, fixado àquelas peles estava um couraça que era o que os impedia de serem mortos e, por isso, muitas vezes era difícil acertar-lhes um golpe fatal. Contudo, com a chuva caindo e as peles encharcas, os movimentos necessários para manipular pesadas espadas, tornou-se ainda mais difícil de ser executado. Eles se viram entre duas escolhas: ou tirar as peles e, portanto, as couraças e ter novamente a liberdade necessária para lutar de igual para igual, ou permanecer com as peles e as couraças e levar alguma desvantagem no duelo com as espadas.

Logicamente, os Homens-lobo não seriam suficientemente estúpidos a ponto de retirarem suas couraças, desse modo começamos a levar alguma vantagem nos duelos corpo a corpo e assim mais inimigos caíram através de nossas espadas, machados, cimitarras e adagas.

Porém, quando supúnhamos que a sorte já havia gasto todas as suas surpresas, eis que uma nova luz brilhou. Chegando pelo lado leste, pôde-se ver um exército formado por vários homens montados em seus belos cavalos, e também suas tropas a pé, com armas de todos os tipos, além de ótimos arcos e flechas especialmente preparados para serem disparados de longas distâncias. Esse era o exército da cidade de Argna.

Ao ser enviado para Argna, a fim de dar a notícia aos pais de Nikola e Lulika de que eles estavam bem, o mensageiro, Victor, percebeu uma grande movimentação. Assustado escondeu-se e esperou até que todo o exército de Homens-lobo passasse. Vendo que eles rumavam em direção à Vila do Sol, não teve dúvidas em pedir o auxílio do povo de Argna que, preparando-se o mais rapidamente possível, pôs-se em marcha a caminho da cidade atacada.

Ao verem o novo exército que se aproximava, os Homens-lobo temeram muito por sua vida e bateram em retirada na direção oposta. A cidade foi rapidamente evacuada, os homens da Vila do Sol correram atrás dos inimigos e mataram tantos quanto puderam. Filas de arqueiros se formaram e várias linhas de bandidos que corriam, foram ficando caídas no chão. Vendo que os inimigos fugiam floresta adentro, os homens de Argna avançaram velozmente e começaram a intercepta-los. Mais uma vez cabeças, braços e pernas começaram a se separar de seus corpos. Homens partidos ao meio por pesados machados caíam no chão, ainda vivos, e imploravam por um golpe fatal que os livrasse daquela imensa dor.

Os Homens-lobo foram perseguidos pelos exércitos de Argna e da Vila do Sol, até que se tivesse certeza de que mais nenhum deles restava vivo. Vendo que aqueles seres repugnantes haviam sido derrotados e destruídos para sempre, os exércitos vencedores bradaram em altas vozes e, gritando, agradeceram a Deus pela vitória que lhes havia sido conferida, reconhecendo que se não houvesse a intervenção divina, seus lares não poderiam ter sido protegidos e a paz deixaria de existir naquela região.

Uma forte corneta foi tocada, mas desta vez com um som diferente da primeira vez em que a ouvi. Era o toque da vitória, estava selada novamente a paz naquela terra, pelo menos por algum tempo. As mulheres começaram a sair de seus abrigos. Muitas caíam de joelhos no chão ao lado de seus maridos e filhos e pranteavam sobre seus corpos. Algumas crianças começaram a mutilar raivosamente cadáveres de Homens-lobo que estavam pelo chão, no que foram severamente repreendidas por suas mães.

A batalha havia sido vencida, mas havia ainda muita coisa a ser feita antes do amanhecer. Os soldados que ainda dispunham de alguma força, especialmente os de Argna, passaram a recolher

primeiramente os corpos dos invasores, que foram amontoados do lado de fora da cidade e, por fim, queimados. Os corpos dos habitantes da cidade foram devidamente empilhados próximos aos muros, para que fossem enterrados no dia seguinte. Todas as armas e couraças foram recolhidas e adicionadas ao arsenal de defesa da cidade. Ao menos aqueles malditos vermes invasores, deixaram suas armas que poderiam ser usadas caso fossem vítimas de novos ataques.

A senhora Hellen Hollaux perdeu seu marido e dois de seus cinco filhos naquela terrível batalha. Senti-me muito mal por isso, de bom grado trocaria de lugar com o marido da senhora Hollaux, pois eu não tinha ninguém nessa vida e ele tinha uma família para cuidar. Retornamos para as casas e nos arrumamos o melhor que pudemos. Os homens de Argna se responsabilizaram por fazer a segurança na cidade devido ao fato de estarem mais descansados.

Aquela noite eu deitei, mas não consegui dormir, não saíam de minha cabeça as terríveis cenas que eu havia presenciado naquele dia. Por fim, vencido pelo cansaço, adormeci. A cidade levantou-se trabalhando, vários túmulos foram cavados a fim de enterrar todas as vítimas daquela guerra sem motivos pela qual haviam passado. Eu permaneci dormindo e só fui despertado por Lulika, chamando-me para comer algo.

- Lulika! – chamei e ela virou-se para mim.

- Sim, Pistorius? – respondeu-me docemente.

- Por que isso tudo tinha que acontecer? – perguntei.

- Não sei, Pistorius, eu também não sei. – em seguida, ela virou-se e saiu.

Fiquei no quarto um instante, ainda pensando e revendo as cenas da noite anterior. De súbito comecei a chorar. Eu havia lembrado do ataque sofrido por minha aldeia, de como minha mãe havia sido morta e de como, de algum modo, eu havia sido responsável pela morte de muitos que estavam sendo sepultados naquela cidade. Nikola entrou no aposento e vendo-me chorar disse:

- Não fique assim, Pistorius, não entendo esse teu choro. Lutaste tão bravamente na defesa de uma cidade onde não moras, onde ninguém é teu conhecido. Foste um herói não percebes?

- Não é isso, Nikola, sinto-me responsável pela morte de todas essas pessoas. Se não fosse por minha causa os Homens-lobo não teriam saído por aí atacando as cidades.

- Tens razão, e se não fosse por sua causa, eles ainda existiriam, se não fosse por sua causa, eu e muitos outros estaríamos ainda presos naquelas cavernas como escravos, se não fosse por sua causa os Homens-lobo continuariam com suas artimanhas e roubos e pilhagens amedrontando a vida de todas as pessoas, especialmente os viajantes. Repito, caro amigo, foste um herói, um grande herói. É melhor terem perecido alguns agora, do que várias gerações serem fustigadas por esses malditos. Que o inferno os tenha!

- Porém, veja quantas viúvas choram por seus maridos e filhos, sinto-me um miserável.

- Pistorius, Lance Feath, um dos maiores homens e filósofos que já existiu, senão o maior, disse certa vez uma frase que ficou gravada na história da humanidade. Ele falou o seguinte: “A vida de um homem só fez sentido se ele alguma vez fez a diferença na vida de alguém, se esse homem passou por esta Terra e não tornou a vida de alguém melhor devido à sua presença, viveu em vão”. Tu Pistorius, tu fizeste a diferença para estas pessoas, tu fizeste a diferença para mim e farás a diferença para muitos outros. Sinto que sou um homem melhor agora que te conheci.

Enxuguei minhas lágrimas, instintivamente abracei Nikola com força e o agradeci pelas palavras e por toda a ajuda que já havia me dado desde a nossa partida das cavernas. Ele retribuiu meu abraço, mas nada falou. Depois, chamou-me até a sala dizendo que queria apresentar-me a alguém. Lá estava seu pai,

Nicanor Brumz. Ele apertou-me a mão, agradeceu por ter salvo a vida de seus filhos, uma vez que já estava a par do que acontecera nas cavernas, e disse que o que eu havia feito, não havia dinheiro que pagasse e que também o povo da Vila do Sol e de Argna estavam agradecidos por tudo. Ao seu lado estava Trevor o Bom, que fez das palavras de Nicanor as suas.

Uma grande reunião na cidade foi organizada. O povo saudou seu governador Trevorus e, após isso, Trevor o Bom agradeceu publicamente a ajuda prestada pelo povo de Argna. Contou ao povo a respeito dos acontecimentos nas cavernas e de como eu havia auxiliado muitos dos homens da cidade a poderem retornar para seus lares. Todos bradaram meu nome, o de Nikola e até mesmo o de Lulika. Estavam gratos pelo bem que havíamos feito não só àquele povo, mas a todas as pessoas.

Após isso, arrumamos nossas coisas para partir. Consegui vender na cidade o couro da cobra que eu havia matado por um bom preço. Fui à loja de armas pagar o que havia pego, mas o dono tinha morrido e seu filho não quis aceitar o pagamento, dizendo que o que eu fizera pela cidade já pagava tudo. Agradeci e encontrei-me com Nikola, Lulika e seu pai para partirmos finalmente para a cidade de Argna.

Capítulo 12 – O Livro da Genealogia

A viagem para Argna transcorreu tranquilamente, afinal estávamos acompanhados por um grande exército. Quem se atreveria a fazer alguma coisa contra nós? Fui galopando silenciosamente ao lado de Lulika. Ela olhava para mim, mas não se atrevia a falar comigo. Desde que havíamos nos beijado, não pronunciamos uma palavra sequer um para o outro, talvez pelo constrangimento ou pela situação em que estávamos, não sei. Nikola ia mais à frente, ao lado de seu pai, montado num belo cavalo e os dois conversavam bastante sobre os últimos acontecimentos.

Os homens do exército ainda comemoravam a esmagadora vitória sobre os Homens-lobo, eles riam do modo como o inimigo saíra correndo ao vê-los aproximar-se pelas colinas, mas a satisfação era maior porque eles haviam ajudado a livrar o mundo daquela maldita praga. Eu estava apenas escutando as conversas quando Nicanor, o pai de Lulika, me chamou para cavalgar ao seu lado.

- Venha galopar um pouco conosco, meu rapaz.

- Pois não, senhor, para mim é uma honra andar ao lado do pai de tão grandes pessoas como Lulika e Nikola.

- Muito bem. Qual é mesmo seu nome filho?

- Pistorius senhor.

- De qual família?

- Dantillus, meu senhor.

Nicanor quase se engasgou ao ouvir-me pronunciar meu sobrenome. Arregalou os olhos e disse num tom espantado:

- Estás falando sério, garoto?

- Sim, senhor, falo sério! Não compreendo o motivo de tamanho espanto por sua parte. Por ventura já ouviste falar esse nome antes?

- Se eu já ouvi falar? Estás brincando? Dantillus era o sobrenome de minha esposa, antes de nos casarmos.

Foi minha vez de olhar espantado para Nicanor, Nikola também escutava aquilo tudo com muita surpresa e exclamou:

- Somos parentes, então?!

- Agora sou eu quem tem que perguntar: O senhor não está brincando, está? – falei quase ao mesmo tempo em que Nikola.

- Claro que não filho. O nome de solteira de minha esposa era Lídia Dantillus, agora chama-se Lídia Brumz.

- Então ela deve ser parente de meu pai.

- Qual o nome dele, meu filho?

- Marcus Dantillus!

- Bom, então tu és meu sobrinho, garoto, porque Marcus era irmão de minha esposa.

- Isso quer dizer que nós somos primos! – exclamou Nikola mais uma vez excitadíssimo. E dizendo isso fez sinal para que Lulika se aproximasse de nós.

Fiquei ainda mais ansioso para chegar em Argna. Eu andara tanto tempo ao lado de meus primos

sem saber. Foi uma ótima notícia descobrir que éramos parentes, pois eu já amava Lulika e Nikola como se assim o fossem. Durante a cavalgada, conversamos mais sobre o assunto. Lulika ficou espantada ao saber de tudo e, ao contrário do resto de nós, seu semblante se entristeceu um pouco. Fiz algumas perguntas, mas nenhum deles soube me dar muitas explicações, eu teria mesmo que esperar para que minha tia pudesse, talvez, responder algumas de minhas dúvidas.

Para minha felicidade, a caminhada não era muito longa e, em pouco tempo, chegaríamos ao nosso destino. Não podia mais esperar, não via a hora de estar com minha tia, conhecer todos os meus parentes que eu jamais vira. Talvez eu obtivesse algumas respostas até mesmo sobre os estranhos poderes que eu possuía.

Apesar de estarmos a cavalo, muitos homens estavam a pé, tornando a marcha um pouco mais lenta. Como Nicanor e outros oficiais do exército não queriam que ninguém se separasse, tínhamos que andar no ritmo dos mais lentos. Isso me corroía cada vez mais, era bom estar ao lado de meus primos e meu tio, mas eu queria muito tirar minhas dúvidas.

Finalmente, algum tempo depois, chegamos a Argna. Diferente da cidade da Vila do Sol, Argna não possuía grandes muralhas ao seu redor, apenas um pequeno portão protegia a sua entrada. Parecia ser um lugar pacato, havia belas casas ao redor, embora a cidade não fosse tão bem planejada como o lugar de onde vínhamos. Havia muitas crianças brincando nas ruas e vários animais pastando. Aquela vila sim se parecia com Aukazland, e até mesmo fez-me lembrar mais uma vez de minha mãe, minha pobre mãe que havia morrido de forma tão brutal.

Após passar rapidamente em casa, meu tio disse-me que sua esposa não estava em casa, pois fora ao campo apanhar algumas flores para deixar ao lado de sua irmã, Tera que estava muito doente e que também não poderia falar comigo, pois estava dormindo. Sendo assim, acomodei-me na casa de meus tios e tomei um bom banho, comi um bom almoço e, após isso, deitei-me para dormir um pouco. Porém, a ansiedade não me permitia cerrar os olhos, eu precisava falar com alguém sobre minhas dúvidas ainda naquele dia.

Estava ainda deitado quando alguém bateu na porta. Pedi que entrasse e, qual não foi minha surpresa, quando vi que era Lulika. Ela entrou calada e sentou-se ao meu lado, fitou-me por alguns instantes e afagou-me os cabelos. Disse que eu devia estar muito cansado e com sono, mas que ela precisava conversar comigo o quanto antes, pois a angústia a consumia. Respondi que não estava conseguindo dormir então que poderíamos conversar naquele momento. Com alguma dificuldade, ela falou:

- O que pretendes fazer daqui pra frente?

- O que queres dizer?

- Ainda pretendes voltar para procurar teus amigos e o tal cristal?

- Isso é lógico, minha prima.

- Por favor, não me chame assim?

- Assim como? De prima?

- Isso, por favor, não me chama de prima.

- Não compreendo...

- Essa foi a pior notícia que recebi nos últimos tempos, detestei saber que sou sua prima.

- Não compreendo. Não gostarias que eu fizesse parte de sua família?

- Sim, é lógico que eu gostaria de fazer parte da sua família, mas não como priminha!

- Ora, vamos Lulika, o que é isso?

- Estou apaixonada por ti, Pistorius, completamente, gostaria de me casar contigo, mas agora não sei se meus pais permitirão e se mesmo tu irias querer casar com tua própria prima. Isso não é justo! – ela começou a chorar.

Aproximei-me de Lulika e lhe dei um abraço bem apertado e ela o retribuiu. A moça começou a chorar ainda mais e a pedir que, por favor, eu não partisse, que se eu não quisesse casar-me com ela que ao menos ficasse em Argna para que pudesse ver-me todos os dias e imaginar como seria nossa vida juntos. Eu absolutamente não sabia o que fazer, Lulika havia me pego de surpresa com aquele beijo, mas na realidade creio que também queria que aquilo tivesse acontecido.

Enquanto estávamos assim abraçados Nikola entrou correndo no quarto e disse:

- Magnus, corra! Minha mãe está chegando, sei que tu desejas conversar com ela, então é melhor te apressares.

Olhei para Lulika, ela fez um sinal com a cabeça como se dissesse: “Está tudo bem”. Corri aflito e ansioso para encontrar finalmente alguém que pudesse me ajudar a saber um pouco mais à respeito de meu passado e também de meu pai. Saí da casa e vi uma senhora se aproximando com algumas flores nas mãos. Não me contive e corri na direção daquela mulher.

Tia Lídia já sabia que eu estava ali e, logo que me viu, calculou que fosse eu seu sobrinho há tanto tempo desaparecido. Ela largou as flores e correu em minha direção dando-me um abraço emocionado. Ficamos por um tempo abraçados, sem falar nada. Nenhum dos dois acreditava que aquilo realmente estivesse acontecendo. Finalmente minha tia falou:

- Como temos esperado pelo momento de rever-te, meu sobrinho, não podes imaginar como meu coração se enche de alegria neste dia.

- Sim, tia. Minha tia. – repeti emocionado. – Posso imaginar como está seu coração, pois o meu certamente vive essa mesma profunda felicidade.

- Temos muito que conversar, Pistorius, muito mesmo...

- Sim tia, eu preciso saber muitas coisas a respeito de meu pai e de nossa família. Não fazes ideia de quanto tempo venho sonhando com isso. Durante toda minha vida, tive tanta curiosidade sobre meu pai, mas estranhamente minha mãe nunca falou-me muito a respeito dele.

- Ah sim, sua mãe. Pistorius, existem muitas coisas que tu deves saber e que precisam ser esclarecidas, mas não precisamos conversar sobre tudo agora. Vamos comer alguma coisa, pois estou faminta, assim poderemos falar durante uma boa refeição. Venha, entre comigo.

- Claro, minha tia. – eu estava muito emocionado.

Viramo-nos e caminhamos de braços dados até a entrada frontal da casa. Conversamos um pouco sobre minha vida, pois minha tia queria saber sobre cada detalhe do que havia acontecido comigo nesses meus dezenove anos de vida. Conversamos até tarde. Tia Lídia explicou-me sobre minha tia Tera, disse que ela estava muito doente e que certamente não iria sobreviver por muito mais tempo. Tia Lídia levou-me até o quarto de tia Tera, mas ela estava dormindo. Apenas a observamos por alguns instantes e saímos. Desde que eu chegara ela ainda não havia sido avisada de minha presença.

Tia Lídia contou-me também muitas coisas a respeito de sua vida, de seu marido e filhos. Explicou-me o fato de alguns irmãos terem se separado da família e que nunca mais foram vistos. Falou-me ainda sobre alguns problemas que haviam enfrentado em Argna e explicou um pouco sobre tudo, de modo geral.

Enquanto conversávamos, Lulika entrou na sala e disse que tia Tera havia acordado e que estava

chamando por tia Lívia que pediu licença e, levantando-se, seguiu para o quarto da irmã. Mais uma vez, fiquei sozinho com Lulika, nos olhamos, abaixei a cabeça e falei:

- Por favor, não me pergunte mais nada. Já tomei uma decisão. Retornarei para a Floresta das Sombras para procurar meus amigos e também ao cristal, cumprirei com minha parte no acordo que fiz com um homem chamado Kitle. Retornarei à Aukazland a fim de terminar alguns assuntos e realizar alguns negócios pendentes...

Lulika tinha uma expressão muito triste e estava prestes a chorar, pois eu estava falando para ela que iria embora de Argna, mas continuei:

- Após resolver tudo que preciso em minha viagem, então, e só então, retornarei definitivamente para Argna.

Os olhos dela encheram-se de luz e brilho. Lulika levantou-se num salto e correu para abraçar-me.

- Obrigada, Pistorius, muito obrigada. Serei a mulher mais feliz do mundo somente pelo simples fato de poder vê-lo todos os dias e por saber que estás bem e que estás perto de mim. Quanto tempo demorará teu retorno a Argna?

- Isso não lhe posso dizer com certeza. Talvez demore algumas semanas, mas pode ser que leve até um ano ou mais. Tudo vai depender de quanto tempo precisarei para encontrar meus amigos e cumprir minha missão. Certamente isso não levará muito tempo, mas minha ida até Aukazland e os negócios que lá tenho para resolver devem demorar um pouco mais.

- Bom, não importa! Serei paciente, saberei esperar.

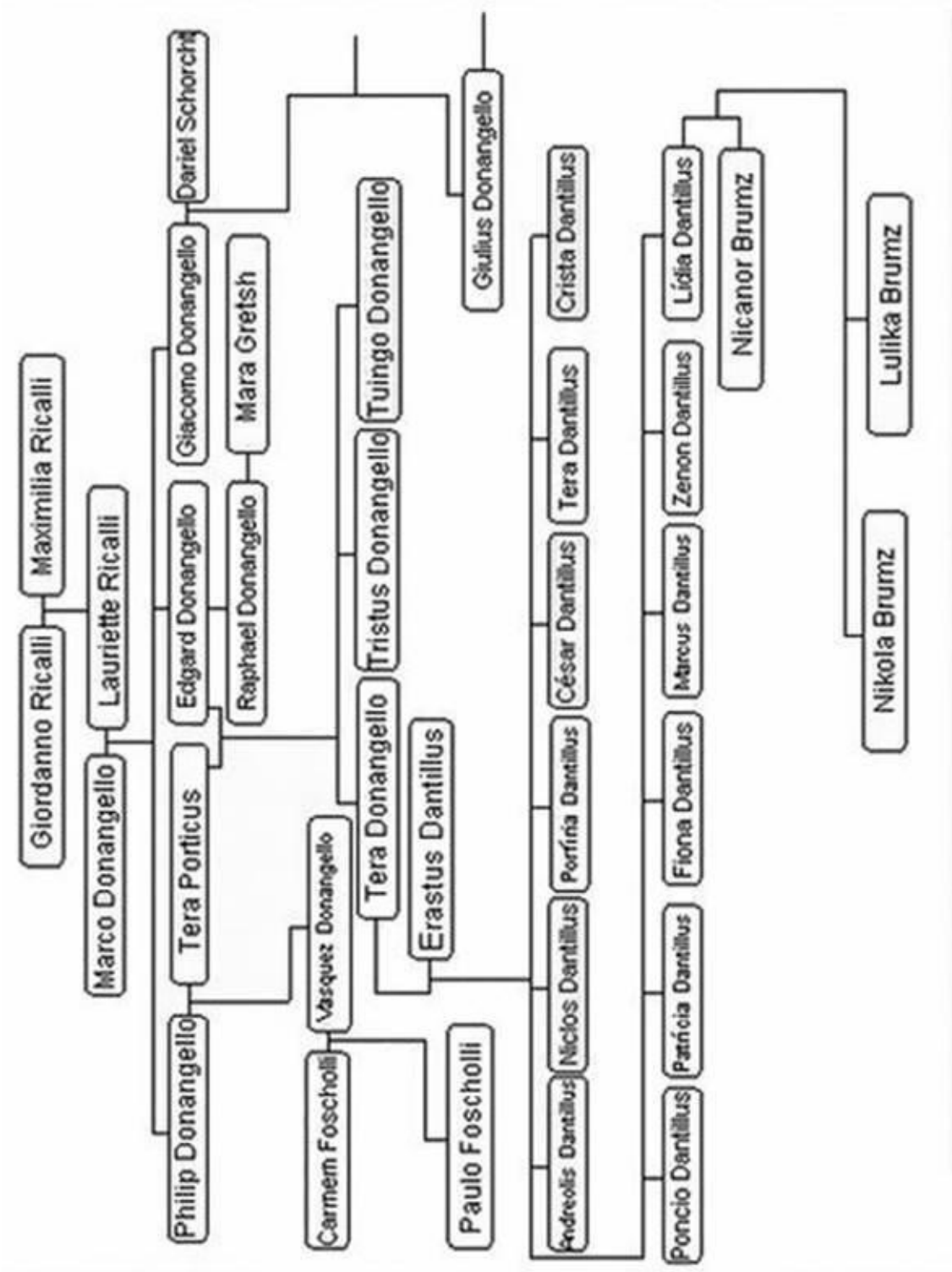
Quando estávamos encerrando nossa conversa, tia Lídia retornou para a sala e em suas mãos trazia um pequeno caderninho vermelho. Aproximando-se de mim, entregou-me o caderninho e disse:

- Conversei com Tera agora e ela gostaria que tu lesses este caderninho antes de conversarem. Os dois têm muito que falar, mas primeiro leia o que está aqui, com atenção.

- Não compreendo, tia...

- Apenas leia!

Peguei o caderninho e fui para o quarto de Nikola. Segurei-o com cautela e abrindo-o, vi um pequeno gráfico de linhagem. Após examiná-lo um pouco, comecei a ler.



A história das famílias Ricalli, Donangello e Dantillus, de acordo com meus conhecimentos e informações obtidas através de escritos antigos e amigos das famílias citadas acima. Registro esse que realizo com meu próprio punho e a quem interessar, afirmo que as informações contidas nesta genealogia tratam-se da mais absoluta verdade. Selo minhas palavras deixando meu nome.

César Dantillus.

Giordanno e Maximilia eram primos e, portanto, seu amor era impossível. Os dois enfrentavam séria resistência de suas famílias em conceber o casamento. Era do interesse, tanto dos pais de Giordanno como dos pais de Maximilia, que ambos se casassem com pessoas de outras famílias influentes da região e, assim, aumentassem seus domínios, tal qual os costumes da época. Os dois, percebendo que suas famílias estavam irredutíveis e não permitiriam de modo algum sua união, partiram numa noite fria de inverno para nunca mais serem vistos por seus parentes.

Andando por vários quilômetros, os dois chegaram a um pequeno, mas aconchegante vilarejo e ali passaram a se apresentar como marido e mulher, mudando secretamente seus sobrenomes para Ricalli. Tiveram ali bons anos de paz e uma próspera vida, conseguiram algumas terras e viraram pequenos comerciantes. Não possuíam uma vida cercada de luxos, mas tinham o suficiente para viverem e serem felizes.

Da união de Giordanno e Maximilia foi gerada apenas uma semente, a bela Lauriette Ricalli. Desde seu nascimento, Lauriette era uma bela criança. Conforme crescia, o tempo mostrou-se ainda mais generoso com a beleza da moça. Além dos dotes físicos, Lauriette era extremamente educada, gentil, inteligente e agradável. Portanto, chamava a atenção de todos os homens que a conheciam.

Como era de se esperar, a moça despertava o interesse não apenas dos homens da vila, mas também dos inúmeros comerciantes que por ali passavam. Aos dezessete anos possuía um belo corpo, perfeitamente formado. Com olhos claros, uma pele tão branca quanto a neve e suaves cabelos loiros, que de tão loiros chegavam a ser esbranquiçados e brilhosos.

Um homem atraiu-se pela linda moça, mas não se tratava de um sujeito qualquer. Tratava-se do maior, mais bem sucedido e mais influente comerciante de todas as regiões circunvizinhas. Até aquela data, Lauriette não havia demonstrado interesse em nenhum dos rapazes e senhores que a haviam cortejado. Impetuosa, estava decidida a casar-se com o homem pelo qual se apaixonasse.

Esse rico comerciante que se sentira pela beleza de Lauriette chamava-se Marco Donangello. Era filho de estrangeiros e havia herdado o negócio do pai, mas sua riqueza não se devia ao fato de ter recebido essa herança, pois junto com o negócio do pai herdou também muitas dívidas. Foram sua extrema habilidade em negociar e sua grande inteligência que o elevaram ao status que possuía.

Apesar de bem mais velho que a moça, contando trinta e cinco anos na data em que a conhecera, Marco resolveu declarar seus sentimentos aos pais da jovem e estes, respeitando as decisões da filha, disseram que ele deveria conversar com a própria menina. Embora mais velho, Marco era um homem muito bonito, muito interessante e atraente. Logo a moça demonstrou estar também interessada em casar-se com ele e assim o matrimônio ocorreu menos de um ano mais tarde.

Do casamento de marco e Lauriette nasceram Philip, Edgard e Giacomo Donangello. Philip, sendo o mais velho, casou-se com uma bela moça da região chamada Tera Porticus, moça pela qual era também apaixonado seu irmão Edgard. Após o casamento de Philip e Tera, Edgard jurou jamais casar-se com qualquer outra mulher. O irmão desconhecia os sentimentos de Edgard por sua esposa, mas Tera fora advertida por uma amiga a respeito do amor que seu cunhado.

Apesar de resolver não casar-se com mulher alguma, Edgard possuía muita vocação para a paternidade e, desse modo, decidiu criar o filho de um amigo que estava muito doente e próximo da morte. Foi assim que o jovem Raphael herdou o sobrenome dos Donangello e passou a habitar com Edgard. Do casamento de Philip e Tera nasceu Vasquez Donangello. Logo após o nascimento do filho, Philip foi morto por bandidos que o atacaram em uma de suas viagens de negócios. Até hoje suspeita-se que, na realidade, Edgard o tenha matado ou mandado fazê-lo.

Sozinha e com um filho pequeno, Tera acabou entregando-se a Edgard e casou-se com seu cunhado. Do casamento dos dois, foram gerados mais três filhos: Tera, Tristus e Tuingo Donangello. Os dois irmãos juntaram-se aos exércitos bárbaros e nunca mais foram vistos, Raphael chegou a alistar-se junto com eles, mas logo em seguida retornou por não achar que aquilo era vida para qualquer ser humano. Casou-se com uma respeitada viúva do vilarejo, Mara Gretsh e, devido à avançada idade dos dois, não tiveram filhos.

Giacomo Donangello, irmão de Philip e Edgard, casou-se com uma mulher chamada Dariel Schorcht, filha de imigrantes distantes. Tiveram vários filhos, mas os registros só conservaram o nome de Giulius Donangello, sabe-se que ele casou com uma das filhas dos nômades que circundam toda a terra e decidiu partir com sua família, nunca mais se teve notícias de sua existência. Boatos dizem que Giulius foi visto acampado com os nômades nas Terras do Leste perto do grande mar.

O único filho da união de Philip e Tera, Vasquez Donangello casou-se mais tarde com uma mulher muito poderosa e influente, Carmem Foscholli. Ela era uma mulher decidida, metida nos negócios com os homens, muito sabida ela conseguia ganhar até dos mais vorazes negociantes. Sendo filha única, muito ligada à família e voltada às suas raízes, Carmem tinha um interesse muito grande em perpetuar o sobrenome de seu pai. Desse modo ao saber que estava grávida, armou planos com um de seus mais fiéis criados até a data do nascimento da criança.

O criado tinha a instrução de que caso o filho de Carmem fosse um menino, ele deveria matar seu marido e caso fosse uma menina ele não deveria agir. Nasceu então o belo menino Paulo e, sendo assim, o criado cumpriu com o plano, secretamente matando o patrão, Vasquez. Alegando que o pai abandonara a criança, Carmem então colocou o sobrenome de sua família no filho, que passou a chamar-se Paulo Foscholli. De Paulo nada se sabe, pois passou a não fazer mais parte desta família e, portanto, não permanece nesta genealogia.

Única sobrevivente da família, Tera, a filha, casou-se então com um homem muito respeitado. Era capitão dos exércitos da guarda das fronteiras a noroeste da vila de Oldland, que havia sido uma das primeiras povoações criadas na região. Esse homem chamava-se Erastus Dantillus. Da união de Erastus e Tera nasceram doze filhos e filhas que se espalharam por todas as regiões da Terra e criaram novas vilas e povoados, sendo os doze: Andreolis, Niclos, Porfiria, César, Tera, Crista, Pôncio, Patrícia, Fiona, Marcus, Zenon e Lídia Dantillus.

Pouco se sabe a respeito do paradeiro da maioria dos doze filhos de Erastus e Tera. Sabe-se apenas que, por causa de disputas territoriais, alguns deles tornaram-se inimigos e isso tem perdurado até hoje, passados cerca de trinta anos. Entre os filhos mais novos, persiste a paz e a amizade, mas nem todos estão vivos. Trataremos aqui dos já falecidos, pois os vivos ainda tem história para escrever.

Dos doze filhos do casal Dantillus sabe-se que ao menos três estão mortos: Andreolis, Porfíria e Marcus. Dos demais, ao menos seis estão vivos: Eu, César Dantillus, Lídia, Tera (a neta), Zenon, Patrícia e, por fim, Fiona. Dos outros três, se estão vivos ou mortos, nada se sabe.

Andreolis foi o primeiro filho de Erastus e Tera. Foi recebido com muita alegria por ser o primogênito do casal e pelo fato de ser um menino. Após a divisão da família, ele partiu para o sudeste, teve esposa e filhos, mas nenhum registro se fez. Andreolis tornou-se um fazendeiro de renome e até mesmo destacou-se nas regiões circunvizinhas de sua morada. Devido a disputas de terra com seu irmão Niclos, acabou sendo morto e sua família perdeu tudo o que possuía. Até onde se sabe, Andreolis teve três filhos.

Sobre a história de Porfíria não há muito que se dizer. Moça desajeitada e sem formosura, jamais atraiu a atenção de nenhum pretendente. Conformava-se em viver pelos campos e cuidar de algumas

ovelhas que sua família possuía. Quando tinha a idade de dezenove anos, por descuido ou desgosto, não se sabe, acabou caindo de um penhasco quando cuidava de um dos rebanhos da família. Seu corpo nunca foi encontrado e o real motivo da queda nunca foi esclarecido, mas de acordo com o triste semblante que possuía, supõe-se que Porfíria perdera o gosto pela vida.

Marcus Dantillus foi um dos maiores guerreiros que o mundo já conheceu. Uniu-se às hordas rebeladas contra os governos das cidades e vilas que existiam na região do rio Abiarap, um enorme e volumoso rio que corta uma grande região das terras do centro. Após sair das hordas rebeladas, Marcus, sempre sedento por batalhas, uniu-se à legião dos bárbaros e passou a ser um conquistador de territórios. Devido à sua imensa grandeza, tornou-se líder e capitão de muitas tropas de guerreiros e passou a ser temido e respeitado em todas as regiões da Terra.

***

Nesse ponto passei a prestar ainda mais atenção à leitura. Aquela parte da genealogia de minha família tratava mais especificamente a respeito de meu pai do que nunca e talvez aqueles escritos ajudassem-me a descobrir quem ele realmente era e o que acontecera.

***

Sendo homem de muitas viagens e batalhas, não havia parte da Terra que Marcus não conhecesse como a palma de sua mão. Ele chegou a criar seu próprio reino, pois o exército que o seguia e o tinha por líder era maior que muitas das nações da Terra. Tanto, que todo esse poder começou a incomodar os magos que detinham o poder sobre as pessoas das terras próximas às suas casas.

Numa noite chuvosa e fria, treze anciãos do conselho dos magos reuniram-se secretamente, combateram Marcus e, desse modo, acabaram o matando. Terminou assim uma era de grande força e dominação que homem algum jamais obteve sozinho. Dessa forma foi morto o maior guerreiro da história conhecida, Marcus Dantillus.

Como homem de exércitos, Marcus Dantillus jamais chegou a casar-se e nem mesmo teve filhos...

***

Nessa parte não pude crer no que estava lendo, aquele livro de genealogias afirmava que meu pai não fora casado... Afirmava que meu pai não era meu pai. Eu não podia acreditar no que meus olhos estavam vendo, aquilo tudo não parecia ser possível. É lógico que ele havia casado e lógico que ele havia tido ao menos um filho: EU! Enxugando as lágrimas, que começavam a rolar por meu rosto, continuei a leitura daquele caderno.

***

Como homem de exércitos, Marcus Dantillus jamais chegou a casar-se e nem mesmo teve filhos, pois não julgava seguro ter e apegar-se a uma família a quem seus inimigos pudessem ameaçar e machucar. Levava então uma vida solitária, mas não menos cercada de mulheres que o animassem e amigos que o apoiassem.

Meus pais, Erastus e Tera viveram juntos até a idade de...

***

A história do caderno parava assim, bruscamente naquele ponto. Comecei a chorar como nunca antes em minha vida, eu não podia crer no que estava escrito diante de meus olhos. Li e reli aquelas passagens várias vezes e não conseguia compreender o que estava acontecendo. Como seria possível meu tio César escrever aquelas coisas e afirmar com certeza que tudo aquilo era a verdade? Marcus teve um filho, eu sou seu filho!

Comecei a angustiar-me profundamente e meu coração começou a bater apressado. Teria eu sido enganado durante todos esses anos? E o que significaria aquele sonho que eu tivera afinal? Repentinamente, escutei um barulho atrás de mim e ao virar-me vi minha tia Tera, a neta, aproximar-se e falar mansamente:

- Percebo que já acabaste de ler as genealogias.

- O que significa isso tudo? Por favor, me responda sem rodeios! – falei desesperado.

Tera começou a chorar copiosamente. As palavras pareciam não conseguir sair de sua boca, estava, sem dúvida, muito emocionada. Por fim, recompondo-se, ela finalmente conseguiu falar:

- Tens certeza que desejas saber toda a verdade?

- Mais certeza do que nunca. – respondi.

- Tu és meu filho! – disse ela finalmente.

Não pude acreditar naquelas palavras, seria mesmo possível que aquela mulher doente e à beira da morte fosse mesmo minha mãe? Se isso era verdade, já bastava ter perdido uma mãe, eu iria agora perder outra? Tia Tera, ou melhor, minha mãe, olhou-me profundamente como se estivesse realizando o maior desejo de sua vida. Aproximou-me de mim e nos abraçamos.

- Como isso é possível? – perguntei.

- É uma longa história, meu filho, uma longa história. – falou minha mãe com a voz muito fraca e, virando-se, sentou-se em uma cadeira.

- Estou aqui para escutá-la, conte-me.

- Perdoe-me, meu filho, mas tudo aconteceu de maneira tão rápida. Eu não era casada e me envolvi com um homem muito interessante, bem, era o que eu pensava na época. Esse homem se chamava Petro Portirius. Era um homem grande, forte e bonito. Para a desonra de nossa família, acabei engravidando desse homem, mas na verdade ele nem chegou a saber que eu esperava um filho seu. Nossa família achou que seria melhor assim, pois ele era um cavaleiro e logo teria que partir. Recolhi-me dos olhos do mundo e, enquanto estive grávida, passei meus dias trancada em uma cabana um pouco distante de onde morávamos na época. Então tu nasceste, meu filho. Contudo, eu não podia retornar com um filho nos braços e então...

- Então me abandonaste, me deste para qualquer pessoa. – completei, abaixando a cabeça, desapontado.

- Não é nada disso, meu filho. Marcus achou por bem levá-lo junto consigo e assim prepará-lo para ser um guerreiro. Disse que depois que crescesses, poderias voltar e habitar conosco como se fosses filho de algum amigo morto em combate. Como eu estava desesperada e sem alternativas, permiti que ele procedesse dessa maneira. Porém, para minha infelicidade, recebemos notícias da morte de Marcus logo em seguida, procurei saber de ti mas ninguém sabia dizer-me onde estavas. Desde essa época tenho pensado em ti todos os dias. Estou doente, quase morta. Minha doença se deve ao fato de tê-lo perdido para sempre, mas agora finalmente pude reencontrá-lo.

- Então é isso! Agora posso compreender melhor! – falei.

- O que, meu filho? O que compreendes?

- Foi um sonho que tive há algum tempo, mas não deve ser nada demais.

- Não, meu filho, não pense assim. Conte-me o seu sonho.

- Houve uma ocasião em que fui atacado por um Elfo. Fiquei desacordado e, por alguns instantes, tive uma visão de algo que estava escondido dentro de mim, algo que eu não sabia o que era. Comecei a

olhar ao redor de um lugar meio estranho, mas depois de algum tempo o lugar tornara-se mais familiar para mim, parecia ser a minha aldeia, mas da forma como era antes de ser atacada por uns malditos ladrões. Comecei a ver meus medos, meu passado, meus sentimentos. Vi um homem estranho aproximar-se, dar ordens a muitos soldados montados em seus cavalos. Todos estavam com máscaras, mas dentre o tumulto formado vi um deles descobrir o rosto e tomar um gole de água. Vi uma mulher correndo com uma expressão muito grande de sofrimento. Ela gritou, mas não pude discernir o que dizia. Fiquei desesperado e comecei a correr na direção daquela mulher que me parecia muito familiar. Eu corria, gritava, tentava alcançá-la, mas todos os meus esforços eram em vão. Aquela imagem apagou-se de repente da minha frente. Vi um homem. Eu não sabia quem ele era. O sujeito estava sozinho, tinha uma criança no colo e caminhava apressadamente, parou, olhou ao redor como se esperasse alguém ou como se não quisesse que alguém o visse. Ele colocou a criança no chão, pronunciou algumas palavras que, mais uma vez, não pude discernir e fez um círculo ao redor dessa criança. Como aconteceu quando vi a mulher, aquela criança também me parecia familiar. Após fazer esse círculo o homem olhou novamente para os lados, parecia estar muito preocupado. Vindo de algum lugar, outro homem chegou, eles apertaram as mãos e o segundo homem pegou a criança, montou em seu cavalo e partiu. Uma nova imagem turva formou-se à minha frente, fiquei confuso. Uma colina apareceu na minha frente, vi um menino correndo sozinho. Não parecia estar fugindo, não, definitivamente não estava fugindo, estava brincando, pois dava saltos e parava para brincar com algumas borboletas. Mais uma vez, formou-se um borrão e vi tudo escuro novamente. Acho que tudo o que aconteceu nesse sonho diz respeito a mim, estou certo?

- Sim, meu filho, não estou a par de tudo, mas posso explicar-lhe algumas coisas desse seu sonho. Na realidade, tu não viste tua aldeia apenas por acaso. Na verdade estive lá contigo e com meu irmão Marcus. O homem que viste dar ordem aos muitos outros homens, como podes imaginar era Marcus, pois como lestes nesse caderninho (disse referindo-se à genealogia), ele era um líder de grandes exércitos. Naquele momento meu irmão estava decidindo que tu deverias ficar ali com uma de suas concubinas e como tu já deves saber, a mulher que correu chorando em sua direção era eu que não me conformava em abandonar-te, mas deves compreender meu filho, deves compreender. Eu não queria deixar-te, se dependesse de minha vontade terias passado cada minuto de tua vida ao meu lado, mas minha família não me permitiu ficar contigo. Compreendes, não é?

- Sim, minha mãe, compreendo, não te preocupes. O que aconteceu depois. Quem foi o homem de quem vi o rosto?

- Pelo que se sabe, um dos homens dos exércitos de seu pai, ou melhor, de seu tio, o traiu contando para os magos que o mataram quem ele era e onde estaria. Dizem que um dos magos estava infiltrado nos exércitos de teu tio e o sinal para ele saber com certeza quem era Marcus era esse, o traidor beberia água ao seu lado.

- Bom, mas e o homem com a criança colocando-a num círculo? O que significa tudo aquilo? O outro homem chegando, levando-a e depois essa criança correndo alegremente por uma colina?

- Marcus era um homem muito místico. Há quem afirme até hoje que ele era também um mago ou aprendiz. Entre os magos existem alguns rituais de consagração. Quando teu tio te colocou no interior do círculo estava cumprindo um ritual de benção e maldição.

- Benção e maldição? Como pode ser isso?

- O círculo que foi feito ao seu redor serve para dar-te proteção contra teus inimigos e a maldição é para que fracasses em todas as tentativas de agires a favor do mal. Desse modo ele te consagrou para o bem e cada vez que te ligas a ele em favor do bem, tuas forças são redobradas. Contudo, se em algum momento agires com más intentos em teu coração, serás uma presa fácil para teus oponentes.

- Então é isso! – exclamei repentinamente, fazendo com que minha mãe desse um salto para trás com o susto.

- É isso o quê, meu filho?

- Por isso eu tenho essa estranha força. É devido a esse ritual que meu tio fez quando eu era ainda pequeno. Se em algum momento de dificuldade eu desejo que meu tio estivesse ao meu lado para ajudar-me, ele realmente estará e, se for um ato bom e digno, sua extrema força será unida à minha e assim serei praticamente invencível! Finalmente, agora compreendo tudo.

- Não sei muito bem a que te referes, meu filho, mas isso tudo é apenas crença de um grupo de homens que se julgam especiais, magos e essas coisas. Esses homens são enganadores, esses rituais não possuem efeito algum.

- E se eu te disser que isso é verdade, mãe? Tu acreditarias?

- Bom, não sei. Na verdade nunca parei para pensar nessas coisas, para mim não passavam de histórias.

- Continue, mãe, quem era o homem que me pegou após o ritual realizado por meu tio?

- Bom, daí pra frente eu não posso mais te responder. Na realidade não faço ideia do que aconteceu depois disso, pois havia retornado para minha casa. Eu não podia mais suportar a dor de te perder e passei muito mal. Assim fui carregada para cá.

- Não te preocupes, mãe, o mais importante já me disseste, agora compreendo muitas coisas que não podia compreender antes e isso me traz um alívio muito grande. Fico ainda muito mais feliz por saber a verdade dessas coisas enquanto ainda continuas viva para que eu pudesse ter te conhecido. Porém, uma coisa ainda não compreendo.

- Diga, meu filho.

- Se este é o livro da genealogia de nossa família, porque ela começou pelo lado de minha avó e não de meu avô que seria o mais lógico a ser feito?

- Por que depois de muitas pesquisas, teu tio César descobriu através de fontes confiáveis que o sobrenome original dos Ricalli era Dantillus. Por coincidência ou por puro capricho do destino a família uniu-se novamente tornando-se mais uma vez uma só.

- Que coisa curiosa, mas tem mais uma coisa que agora me intriga, o homem de quem vi o rosto no sonho, que certamente foi o homem que traiu meu tio Marcus. Não sei por que, mas tenho a estranha sensação de que já vi esse rosto em algum lugar e não faz muito tempo, mas também pode ser impressão minha, pois não me recordo muito bem do rosto do sonho.

- Não te preocupes com isso, o homem que traiu teu tio já deve ter morrido em uma das inúmeras batalhas que já foram travadas nesta terra.

- É, a senhora deve estar com a razão.

Conversei ainda muitas outras coisas com minha mãe por um bom tempo, após isso ela precisou retornar para seu quarto, pois ainda estava muito frágil e sem forças. Eu jamais iria esperar que essa maldita viagem terminasse num emocionado encontro não só com meus tios e primos, mas também com minha mãe, minha verdadeira mãe.

Voltei para o quarto de Nikola e este já dormia. Cuidadosamente deitei-me e tive a melhor noite de sono talvez em toda minha vida, pois um enorme peso acabara de ser retirado de minhas costas.

Capítulo 13 – Caminhos Cruzados

- Acordem os dois! – disse Modiat.

Miriam e Barukz abriram os olhos com alguma dificuldade e se depararam com o aleijado em pé à sua frente, pronto para continuar a caminhada. Ele havia arrumado todas as coisas, preparado um pequeno desjejum para os dois que ainda dormiam e colocou o resto das coisas dentro da bolsa que Miriam trouxera.

- Levantem-se, já perdemos tempo demais. Dei uma vasculhada aqui por perto e, pelo visto, tomamos algum caminho errado, teremos que andar muito depressa para recuperarmos o tempo perdido.

- O que queres dizer? – perguntou Miriam.

- Ora, onde estamos querendo chegar afinal?

- Na Vila do Sol. – retrucou Barukz.

- Bom, se é lá que queremos chegar temos que nos apressar, pois estamos longe. Deveríamos ter descido a floresta e não subido.

- Droga, bem que eu estava achando um pouco estranho o lugar para aonde íamos, nem um sinal sequer de um caminho ou viajantes transitando. Que faremos agora? – Miriam levantou-se e começou a comer.

- Não precisam se preocupar tanto assim. Podemos continuar daqui mesmo ao invés de voltarmos. Teremos que dar uma volta um pouco maior, mas será melhor do que voltarmos tudo o que andamos até agora. Além do mais, se seguirmos por aqui poderemos passar por uma vila chamada El Passajero, é uma vila de estrangeiros muito cordial, estive lá uma ou duas vezes.

- Muito estranho isso. – disse Barukz. – Por que afinal de contas tu já estiveste nesta floresta tantas vezes, Modiat? Isso me parece um tanto estranho.

- Negócios, caro Barukz, apenas negócios.

- Bom, deixemos de conversa e sigamos em frente. – interrompeu Miriam. – Se tomamos um caminho mais longo teremos muito para andar ainda e não estou disposta a perder mais tempo para encontrar o que estamos procurando.

- Sigamos então! – responderam Modiat e Barukz em uníssono.

Os três arrumaram as poucas coisas que ainda faltavam e deram sequência à sua viagem. Na pressa em fugir de Angillus, Miriam e Barukz haviam tomado a direção errada para a Vila do Sol e isso iria custar-lhes um dia a mais de caminhada para chegar a seu objetivo. Eles insistiam em passar pela Vila do Sol, pois a possibilidade de encontrar-me numa cidade grande era um pouco maior, embora, na verdade, não fizessem a mínima ideia de onde eu estaria.

Os três caminharam por algumas horas sem encontrar maiores problemas, passaram por muitos lugares de difícil travessia, mas todos concordavam que enquanto os obstáculos que aparecessem continuassem sendo apenas os naturais, tudo estaria bem. Miriam não estava com um sentimento muito bom e chegou a comentar algumas vezes com os amigos que tinha a sensação de estarem sendo seguidos, mas os outros dois sempre diziam que não devia ser nada de mais. A parte mais estranha do caminho foi quando os três passaram próximo a uma parede natural formada por pedras muito antigas. Havia desenhos e coisas escritas nas pedras e eles se aproximaram para ler o que estava escrito.

- É o antigo idioma. – disse Modiat, que o conhecia bem.

- O que diz aí? – perguntou Barukz.

Modiat perdeu algum tempo olhando para os escritos, fazia caretas à medida que ia lendo, até que Miriam não se conteve:

- Ande logo, homem, traduza o que está escrito para nós! Vais perder quanto tempo olhando aí parado?

- Não se mexam, é só isso que lhes digo, não se mexam e não façam Barulho.

- O que está acontecendo afinal, homem? Fale-nos! – Barukz estava preocupado.

- Estamos no território sagrado dos kuazmalitas.

- Kuazma... O quê? – perguntou Miriam.

- Quem são esses? – perguntou Barukz.

- São de uma tribo muito antiga. Homens selvagens que habitam esta região e não se relacionam com nenhuma outra espécie de civilização. Sinto que nosso fim está próximo. Corram!

Dizendo isso, o aleijado começou a correr desesperadamente. Miriam e Barukz vacilaram por um instante devido ao susto, mas logo em seguida, começaram a correr desesperadamente através da mata. Ouviram vários gritos e muitos homens começaram a aparecer de todos os lados.

Miriam corria desesperada e começou a chorar, era a primeira vez que ela demonstrava a fragilidade de uma mulher, até então agia como se não tivesse sentimentos nem medo de nada, mas diante daquela circunstância até ela fraquejou. Barukz era o mais lento dos três por não possuir características tão atléticas e por isso começava a ficar um pouco mais para trás.

Centenas de homens vestidos apenas com peles de tigre e outros animais selvagens partiam com suas lanças, arcos e flechas feitos de madeira, além de pequenas facas. Eles corriam e gritavam como loucos. Estavam muito enfurecidos, pois os três viajantes haviam pisado em seu solo sagrado e haviam contaminado o lugar com sua presença.

Os kuazmalitas eram um povo muito antigo, acredita-se que foi um dos primeiros a habitar na Terra. Eles tinham muitos bruxos e feiticeiros entre seus ancestrais e o maior deles, Kwzbaal, fora morto justamente naquele lugar. Como seu sangue havia sido derramado ali, ninguém podia pisar sobre aquele terreno sob pena de morte. Infelizmente Miriam, Modiat e Barukz haviam pisado em terras proibidas.

Não havia mais o que fazer, eles já estavam correndo há muito tempo e não existia a menor possibilidade de deixarem os kuazmalita para trás. O ogro ficou cada vez mais para trás e estava quase sendo pego pelos inimigos. Miriam, vendo aquilo, parou e voltou para junto do amigo. Modiat, sem opções, fez a mesma coisa. Nesse momento os kuazmalitas chegaram até eles.

Barukz e os outros dois pegaram em suas armas e começaram a lutar freneticamente. A maior vantagem é que as armas dos inimigos eram muito ultrapassadas, então no corpo a corpo os três invasores levavam muita vantagem. Porém, de qualquer forma, eram muitos homens para serem vencidos e certamente eles não conseguiriam eliminar uma tribo inteira.

Miriam lutava bravamente contra dois oponentes quando sentiu uma forte dor e caiu para frente. Cravada em suas costas estava uma flecha inimiga. Em seguida, outra seta se cravou em seu braço esquerdo. Novamente ela chorou caída no chão. Os outros dois não podiam fazer muito, pois estavam cercados de inimigos ansiosos por arrancar-lhes o couro.

Com o machado de Modiat, Barukz desferia pesados golpes em seus oponentes. Cada vez que ele dava um forte giro, membros mutilados e muito sangue espalhavam-se para todos os lados. Isso intimidava muitos dos kuazmalitas, mas a maioria deles permanecia firme na luta e não parecia demonstrar a mínima intenção de desistir.

A situação ficava cada vez mais desesperadora e foi a vez de Modiat tombar. Ele enfrentava cinco ou seis homens ao mesmo tempo quando sentiu uma pontada na altura do rim esquerdo, olhou desesperado para o lado e viu um punhal cravado em sua carne. O sangue começou a jorrar pela ferida e, desesperado, o homem caiu no chão. No momento em que Modiat caiu, vários kuazmalitas avançaram sobre seu corpo e começaram a espancá-lo. Parecia que dessa vez seria o fim dos três.

O Ogro ainda não percebera que o aleijado havia tombado e que estava sendo espancado covardemente. Ele era o último dos três que permanecia firme na luta. Heroicamente, Barukz enfrentou uma centena daqueles homens sem ser derrotado, ele possuía uma extrema força e estava decidido a não permitir que tudo terminasse ali. Usava seu machado, dava socos e pontapés, cotoveladas e fazia tudo o que era possível para acabar com o maior número possível de inimigos.

Quando se deu por conta, Barukz percebeu que lutava sozinho contra uma tribo inteira de homens selvagens. Entre um golpe e outro, olhava para os lados para tentar enxergar seus amigos, mas tudo era em vão. Tomado de extrema ira, ele começou a gritar como um demônio e avançou com mais raiva para cima dos malditos inimigos. Muitos se assustaram e afastaram-se do Ogro que desferia golpes ainda mais certeiros e violentos. Foi quando ele viu Miriam caída no chão e, desvencilhando-se de alguns homens, correu para ajudá-la. Parecia que ela estava morta e que não teria mais jeito. Barukz sentiu também alguma coisa o acertando, mas para seu alívio era apenas uma pedra que alguém havia jogado e não havia maiores consequências.

Quando Barukz fazia uma rápida avaliação da situação de Miriam para ver como ela estava, foi atacado por trás por um homem que segurava uma corda e tentava enforcá-lo. O Ogro tentou de todo jeito, mas não conseguia livrar-se do homem que o asfixiava e já começava a perder os sentidos quando, subitamente, sentiu a corda afrouxar, caiu de costas no chão e começou a puxar o ar com toda a força para seus pulmões.

Ele estranhou bastante que o kuazmalita o tivesse soltado sem nenhum motivo aparente, mas quando olhou novamente para trás, o lugar estava completamente deserto. Permaneciam ali apenas ele, Miriam, Modiat e vários corpos espalhados pelo chão. Ele se levantou e olhou para todos os lados sem nada entender, correu para perto de Modiat, mas não havia mais nada a fazer, ele estava morto. Carregou seu corpo para junto de Miriam, retirou as flechas que estavam cravadas nela e, para sua alegria, viu que ela ainda respirava.

Ele começou a chorar, pois novamente perdiam Modiat. Porém, dessa vez parecia ser sem volta, desesperado começou a gritar:

- Malditos! Irão me pagar, malditos!

- Por que te irritas tanto? – veio uma voz por trás de Barukz.

Virando-se e olhando para trás, Barukz arregalou os olhos e disse:

- Tu? Estás aqui?

***

O galope veloz de um cavalo cortava a Floresta das Sombras que estava completamente silenciosa e tranquila. Toda aquela tranquilidade deixava Magnus ainda mais preocupado, pois normalmente quando tudo estava muito sossegado era sinal de que alguma coisa não estava muito bem. Contudo, ele estava decidido, nada o faria parar ou recuar. Já tinha tudo planejado em sua cabeça: Iria até sua casa, encontraria sua esposa, ficaria um dia ou dois com ela e depois partiria à minha procura por mais uns dias. Se dentro de duas semanas não me encontrasse, voltaria para sua casa e que se danasse o tal Kitle.

Dessa forma, Magnus decidiu não parar para descansar ou dar descanso ao cavalo. Ele estava tão

ansioso que seria capaz de qualquer sacrifício para chegar à sua casa mais rapidamente. Já havia passado tempo demais longe, sim, tempo suficiente, aliás, muito além do suficiente e até mesmo do suportável. Não parava de pensar em Cínthia, sua bela esposa. Será que ela estaria bem? Estaria ainda esperando por ele?

Magnus cavalgava num ritmo frenético quando, de trás de uma grande árvore, surgiu um cavalo negro enorme, com um homem encapuzado montado nele. O sujeito deu um assobio e Magnus olhou para trás, quase caindo de sua montaria. O belo e negro cavalo foi atiçado a correr e o homem de capuz segurou-se ainda mais junto ao dorso do animal, pois dessa forma poderia ganhar mais velocidade.

Vendo aquilo, Magnus fez com que seu cavalo corresse ainda mais rápido, mas o cavalo negro e seu cavaleiro misterioso se aproximavam cada vez mais. Eles correram por muitos metros floresta adentro, cada vez num ritmo mais frenético, numa velocidade assustadora. Os cavalos, especialmente o de Magnus, começavam a ficar cada vez mais cansados e a diminuir o galope.

Magnus continuava animando seu animal para que corresse mais rápido, mas logo chegaram à beira de um rio e o animal parou. Diante dessa situação, ele tentou fazer a volta, mas logo foi alcançado pelo cavaleiro encapuzado. Magnus conferiu se a bolsinha que deveria me entregar ainda estava no devido lugar e, descendo do cavalo, puxou sua espada preparando-se para lutar.

O encapuzado misterioso não desceu do cavalo, mas parou a certa distância. Observou por um instante e depois se aproximou um pouco mais. Fazendo um carinho em sua montaria, olhou para frente tornando possível ver o brilho de seus olhos e de seus dentes sorrindo.

- O que queres? O que pensas que estás fazendo, imbecil? – perguntou Magnus.

- Cala-te! Não me faças ficar irritado. Não quero nada de ti, quero apenas a bolsinha que carregas contigo.

- O quê? Como sabes a respeito da bolsinha? Quem és tu, miserável?

- Quem sou eu não é do teu interesse. Já disse que não quero feri-lo, passe-me a bolsinha e deixar-te-ei partir em paz.

- Caso contrário? – Magnus falou em tom desafiador.

- Bom, caso contrário, terei que fazer o que não gostaria: Tirá-la a força de ti.

- Pois pode tentar a sorte.

O homem misterioso tirou o capuz que lhe cobria o rosto, estralou o pescoço para os dois lados e girou os olhos. Magnus logo reconheceu o homem a quem ajudara no caminho, embora estivesse um pouco diferente. O homem jogou seu sobretudo em cima de seu cavalo, dando um sorriso lambeu os dentes e com um grito estridente partiu para cima do oponente.

Quando Magnus desviou-se para se defender do ataque, o homem mudou de direção e, com um golpe rápido e certeiro, matou o cavalo que Magnus havia pego emprestado com os atuais guardiões das cavernas. Aquilo era algo pelo que ele não esperava e, vendo o cavalo tombando morto, se encolerizou muito. O homem, agora sem capuz, correu para trás e, com um salto, montou em seu cavalo. Virando-se para Magnus disse:

- Cuidado enquanto andas e cuidado quando fores dormir, estarei de olho em ti. – o estranho homem lambeu mais uma vez os dentes e deu um sorriso amarelo.

Virando-se e fazendo o cavalo empinar as patas dianteiras o homem começou a cavalgar e, quando já estava se afastando, disse:

- Se mudares de ideia e preferires não morrer, deixe a bolsinha ao lado de sua cabeça quando

dormires e eu saberei que poderei pegá-la sem lutas ou mortes.

- Fique esperando! – berrou Magnus irado.

“Droga, agora terei que continuar o trajeto a pé e ainda mais, terei que dormir com o olho aberto, pois agora um maluco a quem ajudei está querendo me matar”. Pensou Magnus. Ele foi até seu cavalo e certificou-se de que estivesse morto, não havia mais nada a fazer, deveria continuar caminhando o mais rápido que pudesse, pois afinal sua vila não estava tão longe assim. O maldito bandido o havia atrapalhado, mas nem tanto como supusera na verdade. É certo que indo a cavalo, Magnus levaria aproximadamente sete ou oito horas, mas ele calculava que em, aproximadamente, um dia estaria chegando aos arredores de sua fazenda.

Desse modo retomou a caminhada, mas controlando-se para não se cansar demais e precisar dormir, pois sabia que se adormecesse correria o risco de ser atacado pelo estranho, sem contar outros perigos que aquela floresta ainda oferecia. Revirou o fundo da bolsa para ver se ainda lhe restava alguma coisa para comer, mas encontrou apenas farelos. Procurou pelas árvores enquanto caminhava e, quando encontrava qualquer coisa, ia comendo enquanto caminhava, pois havia decidido não parar nem mesmo para comer.

Vez ou outra, Magnus escutava barulhos entre as folhagens e sentia estar sendo seguido. O maldito homem não havia blefado, mas seguia cada passo que ele dava. Se queria realmente chegar vivo em casa, teria que ter extrema cautela, pois poderia ser atacado de surpresa em qualquer instante.

***

- Estás surpreso em ver-me aqui? Deveria eu estar em outro lugar que não tomando conta de minha floresta?

- Como sabias que estávamos aqui? Deixamos-te num lugar tão distante, jamais imaginava que nos alcançarias.

- Ora, julgais que sou tão burro ou tão inocente assim? Em nenhum momento estive mais do que cinco ou seis metros de distância de vós. Apenas fingi que estava dormindo para ver qual atitude tomariam e, como eu suspeitava, abandonaram-me. Diga-me agora o que pretendeis nesta floresta e não os ferirei. – disse Angillus.

- Fique calmo, senhor Angillus, jamais foi nossa intenção prejudicá-lo ou fazer qualquer coisa de ruim nesta floresta, apenas o deixamos para trás pois imaginávamos que não era adequado tomarmos mais do seu tempo e colocá-lo numa travessia tão perigosa pela floresta a fim de procurar nosso amigo...

- Mentiroso! Pare com as mentiras agora, diga a verdade ou deixarei que Miriam morra com os ferimentos das flechas. Neste momento, apenas eu tenho poder suficiente para ajudá-la a se recuperar, e veja que ela não tem muito tempo de vida se continuar do modo como está.

- Está certo. Realmente o deixamos para trás, pois não considerávamos prudente levá-lo conosco nesta dura travessia, mas também porque temos uma importante missão para cumprir assim que encontrarmos Pistorius. Miriam achou que o senhor não nos permitiria trabalhar livremente, mas garanto-lhe que não queremos fazer nada de ruim ou de prejudicial a esta floresta ou a qualquer habitante dela.

- Bom, agora me parece que estais sendo mais sincero. Que missão tão importante é essa?

- Não sei ao certo, senhor, mas temos que encontrar um cristal. Por favor, cuide de Miriam e veja se pode fazer algo por Barukz. Prometo contar-lhe tudo o que sei.

- Está certo, fique atento para ver se nenhum inimigo se aproximará.

- Aliás, por falar nisso. Porque aqueles homens foram embora do nada?

- Eles me conhecem bem, filho, eles me conhecem bem... – Angillus tinha um leve sorriso nos lábios.

Abaixando-se ao lado de Miriam, o velho mago tirou algumas de suas ervas medicinais e, pronunciando algumas palavras em tom baixo, passou-as nos ferimentos da moça. Quase que imediatamente ela tornou a abrir os olhos, mas ainda não tinha forças suficientes para levantar-se. Deixando Miriam à espera, Angillus foi então até Modiat ver se ainda havia alguma coisa a fazer para salvar-lhe a vida, mas só de se aproximar, concluiu que para ele não haveria mais esperanças.

Pouco tempo depois, Miriam já estava se levantando e então recebendo a notícia da morte de Modiat, ela não pôde acreditar e começou a chorar copiosamente. Apesar de não gostar muito de Modiat no início, com o passar do tempo ela se afeiçoara mais a ele e não estava nem um pouco contente com a morte do amigo. Além do mais, se já estava difícil atravessar a floresta com sua ajuda, quanto mais difícil se tornaria sem ele. Angillus conversou com os dois sobreviventes por algum tempo enquanto o Ogro cavava um buraco para enterrar Modiat. Com lágrimas nos olhos ele fazia esse trabalho.

Miriam resolveu, com apoio de Barukz, contar a Angillus todos os detalhes de sua aventura e o real motivo que os trouxera até ali. O mago não compreendeu o motivo daquela busca e concluiu que, se havia realmente um cristal, qualquer um era livre para procurá-lo. Prometeu não interferir nos planos dos dois, mas com a condição de acompanhá-los a fim de se certificar que não haveria nada além disso, pois ainda não confiava plenamente na palavra deles. Miriam e Barukz concordaram e, de fato até se alegraram por saber que alguém tão poderoso estaria caminhando ao seu lado.

Mesmo extremamente cansados, os três decidiram sair daquela terra amaldiçoada e, após enterrarem Modiat, partiram a fim de chegarem a El Passajero. Desta vez o caminho para chegar a essa vila seria muito mais fácil, pois contavam com a companhia e a ajuda do mago que conhecia muito bem o caminho. O plano estava traçado: Eles seguiriam até El Passajero, ficariam por lá no máximo um dia e meio, depois rumariam para a Vila do Sol a fim de se rearmarem da melhor maneira possível e então seguiriam para oeste, caso não me encontrassem na Vila do Sol, na tentativa de me localizar.

O grande problema de toda aquela empreitada é que nenhum deles fazia a mínima ideia de onde estaria o cristal e para que lado seguir, não imaginavam a espécie de monstro que deveriam enfrentar para conseguir pegar o cristal e, além desses problemas, eu poderia estar em qualquer lugar. Eles precisavam urgentemente de notícias concretas a meu respeito a fim de completarem essa dura jornada de uma vez por todas. Havia já muitos dias que tínhamos saído de casa e isso fazia com que os ânimos diminuíssem cada vez mais. Não sabíamos a quanto tempo estávamos fora, mas certamente já se passava de um mês.

Decididos a saírem do território dos kuazmalitas, Angillus, Barukz e Miriam caminharam rapidamente em direção a El Passajero. Segundo calculava Angillus, não faltava muito para eles chegarem a essa vila, talvez mais cinco ou seis horas de caminhada, o que para eles não era muita coisa. Barukz e Miriam estavam muito tristes pela morte do amigo e caminhavam silenciosamente. Pelo caminho, o velho mago pegou três folhinhas. Ficou com uma e, oferecendo as outras duas a cada um de seus acompanhantes, disse:

- Mordam estas folhinhas, elas ajudam a relaxar os músculos do corpo, farão com que se sintam bem melhores.

- Obrigado. – disseram os dois em uníssono e pegaram cada um sua respectiva folhinha.

- Espero que tenhamos uma caminhada tranquila até El Passajero. – disse Barukz. – Já estou cansado de lutas e aventuras, eu não nasci para essas coisas.

- Também espero. – falou Miriam desanimada. – Já estou cansada de ver meus amigos morrerem ou

desaparecerem, quem sabe talvez eu seja a próxima.

- Ora, andem e parem de falar bobagens. Nada vai acontecer conosco até chegarmos a El Passajero, esta estrada não é via comum de assaltantes, pois por aqui passam apenas fazendeiros pobres e sem nada de valor, nem mesmo a própria vida lhes é preciosa. – falou Angillus para tranquilizá-los.

- Espero que estejas certo, espero mesmo... – disse Barukz.

Os três continuaram caminhando num ritmo fúnebre, mas ainda assim ganhavam bastante terreno e as expectativas para a chegada em El Passajero eram das melhores. Angillus dissera que segundo seus cálculos, em duas ou três horas eles estariam transpassando os portões da cidade. A menos é claro que eles encontrassem mais algum obstáculo, mas conforme as horas passavam, eles progrediam sem maiores problemas, o que parecia ser um bom sinal.

***

A floresta estava agitada naquele dia, justo quando Magnus precisava prestar atenção a cada detalhe ao seu redor. Havia muitos animais fazendo barulho e um forte vento soprava as matas, o viajante estava com frio. Porém, agora não faltava muito para chegar em casa, ele não via a hora de poder rever e abraçar com carinho sua querida esposa Cínthia e seu filho Manolo.

Seus olhos estavam pesados, ele estava muito cansado e com sono, a viagem tornava-se cada vez mais angustiante, e aquele maldito homem encapuzado seguia firme em seu encalço. Não se atrevia sequer a se deixar ser visto por Magnus, mas esperava a primeira oportunidade para matá-lo e tirar-lhe a bolsinha. Sim, esse era seu plano, para correr riscos numa luta homem a homem tal esforço não valeria a pena, precisava esperar, somente esperar. E se havia alguma coisa que aquele estranho homem sabia fazer era esperar, ele esperara durante anos, sim, durante muitos anos. Essa era a chance que ele precisava e poderia tornar-se alguém importante, alguém de respeito e não apenas um simples serviçal.

- Estou de olho em ti! – uma voz ecoou pela mata. – Não te esqueças que estou aqui. – disse novamente a voz seguida de uma risada.

- Estás tentando aterrorizar-me inutilmente, seu desgraçado, covarde. Apareça e lute, vejamos quem é o melhor! – berrou Magnus furioso e desesperado.

- A mim não interessa saber qual de nós é melhor, apenas quero a bolsinha, dê-me e poderás partir em paz! – Magnus ouviu em resposta.

Nesse instante, uma forte chuva começou a cair. Uma daquelas chuvaradas que não deixa nada em pé pela frente. Uniu-se a ela o forte vento que já antes soprava, muitos galhos de árvores começaram a voar e então a água veio realmente sem tréguas. Um rio de lama começou a correr e Magnus aproveitou-se da situação, atirando-se em meio à lama e, disfarçando-se, tornou-se quase que invisível aos olhos do misterioso cavaleiro.

Ele bebeu um pouco da água limpa da chuva que caía em grandes gotas, isso e o banho ajudaram a reanimá-lo, pois o calor estava insuportável. O viajante então começou a correr, não estava mais preocupado em manter-se no seu curso, mas sim em despistar seu algoz.

Enquanto corria, Magnus olhava para trás para ver se estava sendo seguido. Quando menos esperava, bateu em alguém ou alguma coisa que estava parada à sua frente e caiu para trás no chão. Meio desconcertado e com muita lama em seu rosto ele mal podia ver o que estava à sua frente, enxergava apenas um grande vulto parado. Então, colocando os braços à frente de seu rosto exclamou:

- Por favor, não me mate, tenho uma família para cuidar e um filho para criar.

- Estás louco? Quem disse que irei matá-lo? Estás bem?

Limpando o rosto, Magnus arregalou bem os olhos para poder enxergar melhor e, em pé à sua frente, estava um grande Ogro com o olhar confuso.

- Quem é que está aí? – perguntou uma voz por trás do Ogro.

- Apenas um homem sujo de lama e aparentemente faminto, não parece ser uma ameaça.

- Miriam, venha, não precisa se preocupar. – disse a outra voz finalmente.

Miriam e Angillus saíram de trás de uma árvore e ficaram ao lado de Barukz observando o homem que estava caído no chão. Ajudando Magnus a se levantar, o mago perguntou:

- Que fazes aqui, rapaz? Para aonde vais?

- Estou a caminho de minha casa, verei minha esposa novamente depois de muito tempo, senhor. – respondeu Magnus humildemente.

- Onde moras?

- Em El Passajero senhor.

- Hum, curioso. Também estamos rumando para lá, por que não nos acompanhas?

- Ficaria muito grato, senhor, porém devo advertir-lhe que não é seguro que estejam acompanhados por mim.

- Por que não, o que fizeste de errado?

- Eu, de errado não fiz nada, mas um homem muito estranho está me perseguindo pela floresta com o intuito de matar-me e roubar-me.

- Pois bem, se é assim, então com certeza não podes caminhar sozinho por aí. Além do mais, falta muito pouco para chegarmos a nosso destino, não será problema se vieres conosco, creio que em duas horas ou menos de caminhada poderemos lá chegar.

- Fico muito grato senhor, pois tenho que chegar em segurança para rever minha mulher e meu filho e depois tornar à estrada para encontrar urgentemente um amigo.

- Amigo, que amigo seria esse? – perguntou Miriam. – Estamos também procurando um amigo nosso que há alguns dias se perdeu de nós.

- Como se chama ele? – perguntou Magnus.

- Pistorius. – respondeu Barukz. – Tu o conheces?

- Não acredito! Sois vós, sois vós a quem ele procurava.

- Então tu conheces esse rapaz? – Angillus olhou de lado para Miriam.

- Se eu o conheço? Devo minha liberdade a ele!

- Sabes onde ele está? – perguntou Miriam ansiosa.

- Infelizmente não faço ideia, também preciso encontrá-lo para entregar-lhe esta bolsinha. – Magnus mostrou a bolsinha de couro que carregava em seu peito.

- Bom, não percamos tempo aqui parados, pois precisamos chegar o quanto antes a El Passajero. – disse Miriam.

- Sim, poderemos conversar no caminho e depois podeis alojar-vos em minha casa, seria uma honra para mim.

- Nós é que agradecemos, mas sigamos agora. – concluiu o mago.

O caminho a ser percorrido já não era mais tão longo, apenas mais um pouco e já estariam chegando

a El Passajero. Essa vila havia sido fundada muitos anos antes das grandes guerras na Floresta das Sombras terminarem. Homens refugiados de grandes batalhas com suas famílias foram os primeiros a ocuparem aquelas terras. A vila já foi vítima de inúmeros ataques e massacres durante toda a história, mas permanece de pé demonstrando sua honra e glória.

E lá estavam Miriam, Barukz, Angillus e Magnus a caminho desse formoso lugar, a fim de descansar e, no caso de Magnus, rever sua tão amada família. Faltava agora menos de uma hora para o grupo chegar ao seu destino e Magnus ficava cada vez mais nervoso por temer que sua mulher estivesse entregue aos braços de outro homem. Sabendo de sua situação, Miriam tentava consolá-lo e ajudá-lo a pensar positivo a fim de que sua angústia se dissipasse um pouco.

- Faltam só mais alguns passos. – disse Magnus nervoso.

- Fico feliz, pois não aguentava mais de dor nos meus pés. – reclamou Barukz.

- Lá está ela! – Magnus apontando para um belo portão. – Lá está minha querida vila.

- O que estamos esperando, então? – disse Angillus. – Vamos entrar.

Aquele pequeno, mas valente grupo, após muitas horas de caminhada, muitos obstáculos ultrapassados, finalmente tinha a oportunidade de descansar como merecia e todos estavam muito animados com isso. Miriam e Barukz ainda se lembravam da morte de Modiat e se entristeciam muito por isso, mas agora eles precisavam me encontrar e ter certeza de que eu estava vivo.

Ao pararem em frente ao portão uma voz se fez ouvir.

- Auto! Quem se aproxima? Identifiquem-se, por favor.

- Posso ver que, mesmo com o passar do tempo, a cordialidade permanece a mesma. – disse Magnus num tom de voz baixo.

- Espere, conheço essa voz, não pode ser... – disse a voz por cima do muro. – Abram os portões imediatamente!

Os portões foram abertos e alguns homens vieram até o grupo que chegava, um dos homens parou bem de fronte a Magnus e, olhando-o um pouco, disse:

- Meu pai do céu, és tu mesmo! Não posso crer, julgávamos que estavas morto!

- Pois como podes ver, Jonas, sou eu mesmo.

Magnus e Jonas se abraçaram e muitos outros homens o circundaram, todos queriam ter mesmo certeza de que o grande Magnus estava de volta, uma pequena confusão logo se formou à entrada da vila, pois todos queriam cumprimentá-lo. A surpresa de todos era tanta que mal notaram outras três figuras que estavam por trás de Magnus, mas logo a confusão diminuiu.

- Estes são meus amigos.

- Angillus. – apresentou-se o velho.

- Barukz. – apresentou-se o Ogro e fez um cumprimento com a cabeça

- Miriam. – apresentou-se finalmente a moça.

- E Cínthia, minha esposa, como está?

- Ela está bem, muito bem. Certamente com muitas saudades suas, mas está bem.

- Quer dizer que...

- Sim, ela ainda está te esperando. Sabes bem que ela o ama com o amor mais profundo que pode existir.

- É claro, sim, é claro que eu sei. – Magnus deu um salto e um soco no ar. – desculpem-me, mas quero correr para encontrá-la.

Ele passou pelo meio da pequena multidão que havia se formado em torno de si e correu em direção à sua casa. Os outros três o seguiram. Logo chegaram em frente a uma bela casa, havia um menino brincando na terra, era Manolo. O menino, ao ver o pai, não acreditou e começou a chorar. A felicidade era tanta que, ao invés de correr para os braços do pai, correu para dentro da casa chamando por sua mãe.

Com um olhar incrédulo, Cínthia saiu de casa e, ao ver seu marido há tanto tempo desaparecido, correu para abraçá-lo. Os dois ficaram ali um tempo abraçados sem pronunciar palavra alguma, somente chorando e se acariciando. Os outros três viajantes olhavam a cena em silêncio, aquele era um momento que pertencia somente aos dois e por que não, também ao filho que chegou e abraçou-se a seus pais.

Capítulo 14 – Recomeços

Mais um dia se iniciou em Argna, já fazia dois dias que eu chegara naquela bela e aconchegante vila. Com meu reaparecimento, minha mãe, Tera, demonstrou melhoras significativas. Aparentemente ela estava doente devido ao fato de eu estar desaparecido há tantos anos, pois logo no primeiro dia de meu retorno ela já ficou mais bem disposta.

Com o dinheiro que consegui com a venda do couro da cobra gigante, comprei algumas roupas novas e outras coisas de que precisava, além de uma nova bolsa, alguns mantimentos que durassem muito tempo e mais algumas armas de tamanho pequeno. Por esses dois dias, Nikola me acompanhou durante todo o tempo, estava muito feliz e orgulhoso por sermos parentes. Em compensação, quase não estive com Lulika, mas a maior parte do tempo eu passava com minha mãe e minha tia.

Após realizar os últimos preparativos, comuniquei a todos que no dia seguinte logo cedo eu partiria e que deveria retornar depois de algum tempo. Sob vários protestos, todos acabaram finalmente concordando, mas quem mais se inconformava na verdade, pelo menos que se expressava de tal forma, era minha mãe. Expliquei-lhe que o que eu tinha para fazer era muito importante, mas que o quanto antes eu retornaria para casa.

Pedi a meu tio Nicanor que autorizasse Nikola a acompanhar-me até a Vila do Sol, pois eu não estava bem certo do caminho e não queria me perder mais uma vez. Meu tio permitiu que seu filho mais velho me acompanhasse nessa jornada, mas advertiu-me que não deveria permitir que ele continuasse comigo além da Vila do Sol. Nikola não gostou muito da ideia, pois tinha planos de continuar comigo e ajudar-me a cumprir a missão que me fora designada, mas eu também não julgava ser prudente que ele me acompanhasse.

Naquele dia, andei mais uma vez pela cidade, porém sozinho, queria refletir um pouco e preparar-me mental e espiritualmente para a jornada que me aguardava, afinal eu não tinha a mínima ideia de quanto tempo isso duraria. Estava bastante ansioso por partir, mas mesmo antes de ir eu já ansiava por estar de volta. Definitivamente não queria abandonar minha família mais uma vez. Tudo o que eu esperava era que quando eu voltasse, eles ainda estivessem ali, prontos para me receber.

- Finalmente estás só para que possamos conversar. – disse uma voz atrás de mim.

Virei-me assustado, pois estava completamente absorto por meus pensamentos e não prestava atenção aos acontecimentos ao meu redor.

- Nossa, tu me assustaste! – exclamei.

- Desculpe, não foi essa minha intenção.

- Bom, não nos falamos antes porque não quisestes. Ninguém te impediu de falar comigo, Lulika.

- Ora, sabes bem que não é conveniente que conversemos determinados assuntos diante de meus pais ou de meu irmão.

- Por favor, Lulika, não vamos começar com essa mesma conversa, já te disse o que pretendo fazer e prometo que não falharei com minha palavra.

- Não te preocupes, não insistirei mais que fiques, mas peço-te apenas uma coisa; enquanto estiveres longe, procure pensar em mim, mas não pense em mim como sendo sua prima, pense em mim como mulher, estarei aqui te esperando, Pistorius, tu bem sabes disso.

- Sim, eu sei. Não se preocupe, pensarei com carinho no assunto.

- Isso já me deixa muito feliz, obrigada!

Lulika acompanhou-me até sua casa onde Nikola já me esperava ansioso para partir, ele mesmo havia se encarregado dos últimos detalhes para nossa jornada, inclusive arrumando minhas coisas em minha bolsa nova. Agradeci-lhe e depois recolhemo-nos para dormir. Apesar da ansiedade, naquela noite tive um sono bem tranquilo e descansei o suficiente para partir logo cedo. Acordamos antes de o sol raiar, chamei Nikola e despedi-me de todos, peguei minha espada e coloquei-a em minha cintura, agora não faltava nada. Lulika aproximou-se e, abraçando-me, deu-me um beijo no rosto sem nada dizer. Após isso minha mãe deu-me inúmeras recomendações para que tomasse cuidado e evitasse confusões. Cumprimentei meus tios, virei-me em direção à porta e chamei Nikola para partimos. Recomeçava minha aventura.

***

Após o encontro emocionado entre Magnus e sua família, Barukz, Miriam e Angillus foram convidados a entrar na casa junto com a família. Magnus apresentou os três visitantes para sua esposa e lamentou não poder falar muito deles por não conhecê-los muito bem. Porém, isso não foi um problema, pois cada um pôde falar um pouco de si e assim tiveram uma agradável conversa durante o fim daquele dia.

Depois de tomarem um bom e demorado banho e fazerem uma boa refeição, todos recolheram-se aos seus aposentos, Miriam dormiu no quarto de Manolo, os outros dois e o menino ajeitaram-se na sala. A paz reinava naquela casa e podia-se sentir a felicidade permeando cada partícula de ar. Por um instante, todos se esqueceram das dificuldades que haviam passado e das que se seguiriam adiante.

A primeira metade do dia já se havia passado, foi difícil para Magnus convencer a esposa de que precisava partir mais uma vez tão pouco tempo depois de ter chegado, mas deixou claro que não demoraria mais de duas semanas para retornar e que, caso não me encontrasse, deixaria a bolsinha com os outros três, retornando para sua casa para os braços de sua querida esposa e seu tão amado filho. Cínthia ainda não estava muito satisfeita, mas era submissa ao marido e se este dizia que precisava ir, ela não o impediria. Além disso, Magnus comentou sobre todas as coisas que pensara durante a jornada que enfrentara e que se decidira a não mais sair de casa para fazer negócios em vilas e cidades distantes, ainda que isso lhes trouxesse um grande beneficio financeiro, pois nada era mais importante do que estar junto com sua família para sempre. Contou do medo que havia sentido por pensar que talvez ela houvesse se cansado de esperar e tivesse arrumado outro marido e que não queria ter que sentir essas coisas novamente.

O dia seguinte, na vila de El Passajero, foi um dia também de preparativos. Angillus era conhecido por muitos, embora não por todos, e tinha algum prestígio entre eles. Desse modo pegou armas e mantimentos, dando sua palavra de que tão logo retornasse à sua casa, iria para El Passajero honrar seus compromissos. Magnus também providenciou alguns mantimentos e armas que seriam necessárias na viagem. Mantinham o cronograma de passar pela Vila do Sol, pois lá poderiam trocar as armas que tinham comprado por melhores, além de talvez buscar informações sobre meu paradeiro e depois se embrenhariam na floresta para procurar o cristal. Magnus conversou com os três visitantes e disse-lhes que só me procuraria por duas semanas e que depois voltaria para casa. Todos concordaram.

Tudo pronto, Magnus foi mais uma vez até sua casa e despediu-se de sua mulher e filho, disse que não se preocupassem, pois logo, muito antes que eles percebessem, ele estaria de volta. Com lágrimas nos olhos, virou-se sem olhar para trás e partiu com os outros três para mais uma aventura. No momento da partida, muitas pessoas amontoaram-se para vê-los deixar a vila e, ao passarem pela multidão, foram saudados e aplaudidos, pois todos sabiam que estavam saindo para realizar algo importante, embora ainda não soubessem do que se tratava.

Mais uma vez Miriam, Barukz e Magnus viam-se caminhando por aquela estranha floresta, mas ao

menos dessa vez eles tinham um rumo definido e Angillus, que saberia como guiá-los com certeza devido ao fato de morar, explorar e conhecer muito bem aquele lugar. No caminho Miriam conversava com Barukz:

- Então, o que achas?

- Acho do quê?

- De tudo isso, de Angillus e Magnus nos acompanhando, será que nenhum dos dois nos atrapalhará em nossa missão? O mago pode estar fingindo não se importar, mas na verdade pode estar querendo pegar o cristal para si e talvez Magnus tenha também alguma má intenção, não pensaste nisso?

- Bom, na realidade não havia pensado nisso. Sou diferente de ti, Miriam, não sei de sua história nem de seu passado, mas sou um sujeito de boa índole e tenho por costume confiar nas outras pessoas a menos que elas demonstrarem não ser dignas de confiança. Por que te preocupas tanto, afinal?

- Ora, sabes o poder que Angillus tem, pois o vistes fazer muitas coisas e nem vistes a metade das coisas que eu vi. Se ele resolver voltar-se contra nós, será um inimigo terrível. Além disso, Magnus pode fazer algo de errado e nos prejudicar também, não pensas nisso?

- Bom, é como eu disse, até agora não me deram motivos para desconfiar, se isso acontecer, passarei então a tomar mais cuidado, pois também não sou tão inocente para confiar cegamente nas pessoas.

Enquanto os dois conversavam, os metros iam ficando para trás e a noite avançava, pois resolveram sair à noite para chamar menos atenção. Barukz não gostou muito da conversa que teve com Miriam, na verdade, se havia alguém para se desconfiar, esse alguém era ela, por algum motivo ele se sentia assim, embora não entendesse o porquê.

- Angillus, falta muito ainda para chegarmos à Vila do Sol? – perguntou Barukz.

- Um pouco, meu filho, mas não muito. Já caminhamos um bom pedaço e antes da hora do almoço certamente estaremos na Vila do Sol.

- Fico feliz, pois já estou com fome e não trouxemos nada para comer visto que a viagem não seria muito demorada.

- Não te preocupes, logo estaremos fazendo uma boa refeição na Vila do Sol.

- Escutem! – falou Magnus.

Miriam sacou sua espada por medida de precaução embora não houvesse escutado nada. Barukz também se abaixou e tirou a espada da cintura (pois havia vendido o machado e comprado botas e uma boa espada). Angillus pôs-se a escutar, mas nada ouvia. Todos olharam para Magnus sem entender.

- Ele está aqui, prestem atenção!

- Ele quem, Magnus, estás ficando louco? – falou Miriam.

- O homem esquisito, aquele que eu disse que me perseguia.

- Ah sim! Acreditas que ele ainda esteja seguindo teu rastro? Parece-me um pouco improvável que ele tenha conseguido seguir-te durante o temporal que caiu.

- Pode ser, mas ainda acho que ele é quem está nos seguindo...

Nesse instante uma flecha passou cruzando o ar e foi cravar-se numa árvore, bem ao lado de Magnus. Todos pularam para trás de galhos, árvores, plantas ou o que estivesse mais perto a fim de se proteger. Alguém falou de um ponto mais alto da trilha:

- Essa foi só para dar um aviso, a próxima será para matá-lo, e tenho outras para cada um de seus

amigos que tentar interferir.

- Viram? Eu disse que ele está aqui! – falou Magnus assustado.

- Tens uma bela esposa, Magnus... É esse teu nome, não é? Magnus! Tens uma bela casa, esposa e filho. Sabia que o garoto parece muito contigo e é bem educado, pois recusou-se a vir comigo quando o chamei. Amas tua família, Magnus? São importantes para ti? Mais importantes que uma simples bolsinha? Pense bem nisso meu rapaz.

- Droga! O maldito nos seguiu, como pudemos ser tão inocentes? Ele estava na vila o tempo todo. Maldito! O que vamos fazer agora? – Magnus pediu conselho.

- O que vamos fazer? Vamos pegá-lo! – Barukz saiu correndo na direção em que o estranho homem encapuzado estava.

- Espere, Barukz, não faça isso! – gritou Miriam tarde demais, pois o Ogro já corria estrada acima, sem prestar atenção no que os outros diziam.

Sem opção, os outros três correram na mesma direção de modo a capturar o homem encapuzado. Uma flecha veio certeira em direção ao Ogro, mas ele, com muita habilidade, conseguiu se defender com a espada. Ao ver que os quatro se aproximavam muito, o homem misterioso montou em seu cavalo e desapareceu gritando:

- Vou pegar todos vós, vou pegar tua família, Magnus, se não me entregardes a bolsinha, eu te pegarei.

Miriam, intrigada com tudo aquilo, voltou-se para Magnus e perguntou:

- Afinal de contas, o que há de tão especial dentro dessa bolsinha?

- Não sei. – respondeu Magnus.

- Como não sabes? Estás levando algo para Pistorius e não sabes o que é? Como levas isso então? – perguntou Barukz intrigado.

- Um homem, um senhor na verdade, me ordenou que levasse esta bolsinha até Pistorius e que eu jamais olhasse o que tem dentro dela.

- E não tiveste curiosidade para olhar? – perguntou Miriam.

- Na verdade, não!

- Vamos ver o que há de tão importante aí. Será um tesouro? Uma pedra preciosa? Vamos, olhe o que tem aí dentro! – Barukz aproximou-se.

- Não, de jeito nenhum! Prometi ao homem que não ousaria sequer abrir a bolsinha.

- Quem é esse homem, afinal? – perguntou Angillus.

- O nome dele é Kitle, mas não o conheço realmente.

- Kitle? – perguntaram os três espantados.

- Sim, vós o conheceis?

- Claro que o conhecemos! – respondeu Miriam. – Foi ele quem mandou Pistorius realizar essa missão. Ele precisa encontrar o cristal.

- Esperem! - interrompeu Angillus. – Meu jovem, onde Kitle te entregou essa bolsinha?

- Entregou-me na floresta secreta de Morgrom.

Mais uma vez todos ficaram boquiabertos.

- Rapaz, tu queres me fazer crer que tu sabes onde fica a floresta secreta, que Kitle esteve lá e te

entregou essa bolsinha?

- Sim, senhor!

- Por favor, isso já é demais para mim! Como querem que eu acredite nessa história? – falou Angillus em tom desdenhoso.

- Eu juro que é verdade! Agora o que devo fazer? Se eu for entregar a bolsinha para Pistorius minha família correrá perigo, se eu não entregá-la, falharei com minha promessa e se Kitle aparecer estarei perdido!

- Creio que devas primeiro proteger tua família antes que qualquer outra coisa. Minha opinião é que deves retornar e tomar conta de teu lar a fim de que nenhum mal aconteça a tua mulher e a teu filho. Deves, portanto confiar em nós de modo a nos entregares a bolsinha, e esteja certo de que a faremos chegar até Pistorius. O que achas? – falou Barukz.

- Bom, creio que seja o mais acertado a ser feito. Deixarei então a bolsinha aos teus cuidados, Barukz. – ele retirou a bolsinha e pendurou-a no pescoço do Ogro.

- Fico muito agradecido pelo voto de confiança que me deste e podes ter certeza que, a menos que eu morra, a bolsinha chegará ao seu destino.

- Assim espero, obrigado por tudo e, quando encontrarem Pistorius, digam-lhe que me visite quando tiver uma oportunidade.

- Tudo bem. – disse Miriam.

Desse modo Magnus despediu-se. Por mais que precisasse cumprir com sua palavra e assim manter sua honra, muito mais importante era sua família que corria perigo. Dando as últimas recomendações a Barukz, Magnus virou-se e desatou a correr no sentido contrário.

- Tome muito cuidado! – gritou Barukz.

- Tomarei. – respondeu Magnus.

***

Nikola e eu caminhamos por algum tempo sem pronunciar uma palavra sequer, embora muito animado, meu primo estava tão apreensivo quanto eu, mas após algum tempo de caminhada passamos a conversar sobre diversos assuntos. Discutimos sobre as grandes guerras da história, sobre acontecimentos em nossa vida, mas o assunto que mais me interessava era a respeito de minha família, que eu finalmente encontrara.

- Espero que não enfrentemos maiores problemas. – disse Nikola num momento.

- Não haverá problemas, meu primo, até o fim do dia estaremos chegando à Vila do Sol.

- Ainda acho que deveríamos ter partido a cavalo, teríamos chegado lá muito mais rapidamente. Talvez estivéssemos já em frente aos portões da cidade.

- Não estou tão preocupado em ser rápido quanto estou em ser discreto. Desse modo podemos caminhar despercebidos em meio à floresta.

- O que temes tanto assim, Pistorius?

- Na verdade não sei!

A jornada até a Vila do Sol correu mais uma vez bem tranquila, aquela não era realmente uma terra de grandes problemas, aliás, antes da luta com os Homens-lobo fugitivos, havia já muitos anos que não ocorria uma batalha naquele lugar. Não havia também muitos assaltantes naquele caminho visto que os exércitos das duas cidades frequentemente transitavam por ali. O dia passou ligeiro e também a

caminhada. Quando menos esperávamos, podíamos já avistar os muros da Vila do Sol erguidos de forma imponente no horizonte.

- Lá está a cidade, preste bem atenção Nikola. Chegaremos da maneira mais discreta possível, não nos anunciaremos às torres, mas tentaremos entrar por algum ponto fraco da muralha e seguiremos sorrateiramente pela cidade. Por isso escolhi chegar aqui à noite e não de dia como seria de costume.

- Por que tudo isso, Pistorius?

- Saberás, meu caro primo, saberás! O mais importante é que preciso de tua ajuda e preciso que tu faças tudo da maneira como te pedir pois só desse modo poderemos obter êxito. Compreendes isso?

- Êxito em quê? Não consigo entender o que está acontecendo aqui.

- Apenas confie em mim!

- Tome cuidado com o que tu vais fazer, isso não está me parecendo boa coisa. Lembre-se que Argna e a Vila do Sol mantêm uma estreita relação de amizade, não podemos pôr isso a perder.

- Não se preocupe, tenho tudo planejado, as relações entre os dois povos não serão abaladas.

***

Magnus voltava pela trilha o mais rápido que suas pernas o permitiam, não estava muito longe de sua casa, mas a ansiedade e o medo de que algo de ruim acontecesse com sua família faziam parecer que El Passajero não chegava nunca. Ele estava ainda mais preocupado, pois o estranho homem que o quisera matar estava em seu cavalo e bem rapidamente poderia estar à beira de sua casa e a essa altura poderia já ter feito algum mal a Cínthia ou a Manolo.

Finalmente, após algum tempo ele chegou aos portões da cidade que, rapidamente, foram abertos para sua entrada. Muitos questionaram-no porque havia voltado tão rapidamente, mas Magnus estava tão preocupado que nem deu respostas aos curiosos, seguindo reto até sua casa. Quando se aproximava, viu seu filho do lado de fora vindo em sua direção, isso o tranquilizou um pouco, mas não durou muito.

- Que bom que estás bem meu filho, mas que cara é essa?

- Papai, tem um homem muito esquisito lá em casa, ele está com a mamãe. Disse para eu te pedir uma bolsinha... O que está acontecendo, papai?

- Fique aqui fora, meu filho, corra para casa do seu amiguinho, Lojan, e não se preocupe, papai resolverá tudo em um minuto.

Magnus correu desesperado até a entrada de sua casa e, quando ia abrir a porta, o homem encapuzado falou:

- Nem pense nisso, nem pense em entrar. Eu sabia que tu não resistirias, sabia que voltarias para salvar tua esposa. Ainda bem que vieste, pois se não aparecesses logo eu teria que matá-la e a seu filho para poder te seguir sem deixar testemunhas.

- Não faça nada, entendeu? Farei tudo o que quiseres.

- Ah Magnus, Magnus, Magnus, Magnus... Não compreendeste ainda? Eu não sou ruim, eu não quero machucar ninguém, apenas quero que tu me dês a maldita bolsinha. – o homem se exaltou.

- Sinto muito, mas eu não posso!

Cínthia arregalou os olhos, pois não podia crer no que seu marido estava falando. Seria uma bolsinha mais importante do que salvar-lhe a vida? Ao mesmo tempo o homem que a segurava começou a se exaltar.

- Como não podes dar-me a maldita bolsinha? Não percebes, seu imbecil? Se não me entregares

neste exato instante eu matarei tua esposa, teu filho e te deixarei aleijado, para que te tornes um imprestável e passes o resto de tua vida pensando que tua mulher e filho foram mortos por sua ignorância. – ele estava aos berros.

- Não é isso! Eu não posso lhe entregar a bolsinha simplesmente porque não está comigo! – Magnus colocou os pés dentro de casa calmamente

- Não compreendo... Mentiroso! Como não está contigo? Onde está afinal?

- Com aqueles outros três que me acompanhavam, tu podes procurar, se estiver comigo é tua, pode vir procurar, ficarei parado.

- Maldito! – berrou o invasor, passando uma adaga do pescoço de Cínthia, que caiu sangrando no chão.

Magnus deu um grito de desespero e correu para cima do estranho homem, mas este muito rapidamente saltou pela janela dos fundos, por onde havia entrado, montou em seu cavalo e partiu em disparada na direção de onde Magnus viera. Ao ver o corpo de sua esposa no chão, ele correu e, levantando-a, começou a chorar. Depois de tanto tempo longe, teria voltado apenas para ver sua esposa morrer em sua frente?

***

- Vamos andando, pois não temos tempo a perder, agora Magnus não é mais um problema nosso, precisamos encontrar Pistorius o mais rápido possível. – falou Miriam.

- O que será que tem nesta bolsinha? – perguntou Barukz curioso.

- Não sei e vamos continuar sem saber até encontrarmos Pistorius. Não ouse abri-la!

- Os dois podem parar com essa conversa e seguir adiante? – perguntou Angillus.

- Angillus, perdoe-me, mas deves te lembrar que estás conosco unicamente porque assim desejas. Embora tenhas feito muito por nós, e somos muito gratos por isso, não és parte desta missão e não cabe a ti decidir o que iremos fazer. – falou Miriam num tom autoritário.

- Olhe aqui, minha jovem, com quem pensas estar falando para agires dessa forma?

- Sei que não és qualquer um e quero que saibas que tens todo o meu respeito, mas não permitirei que te interponhas em minhas decisões. – falou ela mais uma vez.

- Espere um instante, e quem te denominou líder desta missão? – perguntou Barukz.

Por essa Miriam não esperava, do alto de seu orgulho ela havia se esquecido de que Ogros também possuem vontade própria. Como até aquele momento Barukz havia agido de acordo com suas instruções, Miriam passou a se considerar uma espécie de líder.

- Veja bem, não me interessa qual motivo trouxe Angillus até aqui, mas se ele está conosco, faz parte de nossa equipe. Todos têm que chegar às melhores decisões juntos e não admitirei que qualquer um se sobreponha aos demais compreendem? Só há um líder para esta expedição e esse líder é Pistorius que infelizmente não está aqui agora. Portanto, paremos de besteiras e disputas bobas e sigamos em frente, pois ainda temos muito que fazer daqui para frente.

Angillus e Miriam ficaram olhando boquiabertos para Barukz enquanto ele falava, jamais esperariam uma atitude dessas do Ogro. Como duas crianças repreendidas pelo pai, mantiveram-se calados e seguiram as ordens. Havia um bom pedaço de chão para caminhar até chegar à Vila do Sol, então voltaram à estrada e seguiram com passo firme e constante em direção à cidade.

***

Nikola e eu rodeamos os muros da cidade, mas não parecia haver falha alguma ali, era muito estranho. Deveria haver um buraco, uma fenda, uma maneira qualquer fácil de subir em uma parede, alguma coisa, pois o que explicaria a entrada tão fácil dos Homens-lobo pela retaguarda da cidade? Só havia três modos de acesso àquela cidade tão protegida, o grande portão frontal, o grande portão lateral e uma pequena porta que havia nos fundos da cidade. Eu tentara forçar a porta menor, mas ela era dura como uma rocha pois era feita de puro metal. Além de dura deveria ser extremamente pesada e certamente não abriria sem fazer barulho.

Só havia uma explicação para a entrada dos Homens-lobo pela retaguarda da cidade: Alguém havia permitido que eles entrassem, minhas suspeitas estavam corretas. Nikola continuava sem entender nada do que estava acontecendo e olhava muito preocupado para todos os lados a fim de ver se ninguém se aproximaria e nos pegaria ali. Sendo filho de um dos generais dos exércitos ele temia causar problemas políticos entre as duas cidades.

- Já sei como vamos entrar sem sermos notados!

Não havia meio fácil de subirmos as paredes, mas se fizéssemos algum esforço poderíamos chegar ao topo, pois o que ajudaria era uma árvore que havia crescido próxima ao muro e os soldados descuidadamente haviam se esquecido de cortar os galhos que se aproximavam da muralha. Subimos naquela árvore e, com toda a cautela, rastejamos por um galho mais grosso que quase tocava a muralha. Precisávamos realizar essa operação com extremo cuidado ou poderíamos ser vistos pelos atalaias e então meus planos estariam estragados completamente.

Do alto do galho, esperei até que o atalaia passasse e atirei-me sem medo em cima dele. O problema foi que, sendo o muro muito estreito, caímos do alto da muralha e nos espatifamos no chão do outro lado. Por sorte, caí em cima do vigia o que amorteceu minha queda. Levantei-me sentindo muitas dores, olhei o homem que havia ficado embaixo de mim, parecia morto, mas eu não tinha tempo para preocupar-me com ele. Arrastei seu corpo até um canto escuro e ali o deixei. Assobiei e fiz gestos para Nikola descer, embora ele não pudesse me enxergar muito bem devido à escuridão compreendeu o que eu queria.

- Muito bem, Nikola, agora não deves mais te envolver neste assunto. Como dissestes é importante que as relações entre as duas cidades permaneçam cordiais e se algo der errado daqui pra frente não quero que te comprometas. Vá para a casa de algum amigo de extrema confiança e peça para que te escondas lá, diga que te desentendestes com teu pai e chegastes até aqui escondido porque não desejas que ele saiba o teu paradeiro.

- Se é só isso, porque tive que entrar aqui contigo?

- Porque se houver algum problema, os guardas certamente rondarão a muralha procurando por suspeitos, se tu estivesses do lado de fora me esperando prender-te-iam. Compreendes?

Nikola respondeu com um aceno de cabeça e se dirigiu para a casa de amigos. Com alguma dificuldade para me localizar, esgueirei-me pelas sombras a fim de não ser visto por ninguém. Depois de procurar um pouco, finalmente lá estava ela, aquela era a casa. Atravessei uma rua correndo e comecei a rodeá-la. Havia velas acesas, ainda estavam acordados, mas isso não modificava muito o plano, apenas teria que agir mais rapidamente.

Rodeei a casa, não havia ninguém na cozinha, pois o escuro era total. Com muito cuidado forcei a janela, que na verdade não era muito resistente devido ao fato de a cidade ser bem protegida pelos muros que a rodeavam, e também por não existirem ladrões ali. Entrei e acabei esbarrando em algo que estava em cima de uma mesa. Ouvi passos vindo em direção de onde eu estava e escondi-me num canto.

Alguém passou por mim, eu avancei e segurei-lhe ao redor do corpo com um dos braços e com o

outro lhe tampei a boca. Era uma mulher, pois pude notar pelas suas vestes. Ordenei-lhe que ficasse em silêncio, pois nada lhe aconteceria se fizesse o que eu mandasse. Ela obedeceu e não mais tentou resistir. Fomos para a sala e lá estava o maldito homem sentado, muito bem acomodado e fumando um cachimbo. Quando ele me viu, arregalou os olhos e deixou o cachimbo cair no chão.

- O que tu fazes aqui? – perguntou Trevorus.

- Pensastes que ninguém descobriria, não é mesmo? – fiz com que a esposa de Trevorus sentasse ao seu lado.

- Não sei sobre o que estás falando, meu jovem! – respondeu Trevorus cinicamente.

- Eu estava lá, eu te vi, eu era muito pequeno, mas eu te vi, desgraçado, traidor!

Trevorus ajeitou-se melhor na cadeira, parecia estar ficando tenso.

- O que foi que tu viste, rapazinho? Vamos diga!

- Eu estava lá, maldito, eu estava lá dezoito anos atrás! Eu sei quem és tu, sei o que fizestes!

Trevorus começava a suar frio, ele sabia do que eu estava falando, mas não queria parecer culpado das acusações que eu fazia. Sua mulher virou-se para ele e perguntou:

- Do que esse rapaz está falando?

- Está falando asneiras, nada além de asneiras. Não faço ideia do que seja! – respondeu ele.

- Pois para mim, para um homem inocente parece que tu estás com cara de ser muito culpado, isso sim! – falou sua esposa novamente.

- Isso mesmo! – falei. – Esse maldito foi o responsável pela morte do maior guerreiro e maior chefe de exércitos que já caminhou sobre esta Terra. Tu, maldito, foste o traidor que entregaste Marcus Dantillus aos magos inimigos e deves pagar por isso, miserável!

Dizendo isso, saquei minha espada e aproximei-me do maldito traidor para matá-lo, parei bem em frente a Trevorus e olhei nos olhos dele com muito ódio. Sem muito pensar, ergui minha espada para lhe desferir o golpe fatal.

***

- Finalmente, posso ver os portões da entrada da cidade. Já estava começando a achar que não chegaríamos nunca, estou ficando velho demais para isso. – falou Angillus.

- Eu também já não aguentava mais, minha vidinha era muito tranquila antes de tudo acontecer. Maldito homem que construiu mal a chaminé daquela casa! – disse Barukz.

- Como? – perguntou Kitle, sem entender sobre o que o Ogro falava.

- Ah, é uma longa história, deixe isso para lá. – respondeu o Ogro.

- Como faremos para entrar na cidade? – perguntou Miriam.

- Basta chamarmos um dos guardas e explicarmos que somos viajantes, ele fará o resto para que possamos entrar livremente. – respondeu o mago.

Assim fizeram os três, chamando um dos homens que faziam a guarda da muralha, este desceu até eles e perguntou quem eram, de onde vinham, para onde iam e qual o objetivo de entrar na cidade. Cada um se apresentou e o motivo dado era óbvio: Já era noite e queriam um lugar para descansar. O guardião da muralha explicou-lhes que para tal precisariam apresentar-se diante do governador e que, se este concordasse em que ficassem, então poderiam passar a noite ali. Os três concordaram com as condições impostas e foram admitidos.

Desse modo, quatro homens do exército acompanharam os viajantes até a casa de Trevor o Bom, com o objetivo de que este avaliasse o seu pedido, pois era essa a ordem que tinham todos os homens da guarda. Independente do dia ou da hora, os visitantes interessados em ficar ali, deveriam apresentar-se diante dele para que decidisse a seu respeito pessoalmente.

***

Dizendo isso, saquei minha espada e aproximei-me do maldito traidor para matá-lo, parei bem em frente a Trevorus e olhei nos olhos dele com muito ódio. Sem muito pensar, ergui minha espada para lhe desferir o golpe fatal, quando ouvi alguém bater à porta da casa e uma voz falou do lado de fora:

- Guarda da muralha com alguns viajantes pedindo abrigo, senhor!

Distraí-me com esse acontecimento inesperado e Trevorus então pegou uma cadeira que estava ao lado da sua e a atirou em mim. Começou a gritar para os guardas que entrassem, mas ao conseguirem arrombar a porta eu já havia dominado Trevorus novamente e o tinha sob o alcance de minha espada, bastava apenas um movimento e ele estaria morto. Junto com os guardas entraram também Miriam, Barukz e Angillus. Quando os vi fiquei muito surpreso e também eles sentiram o mesmo.

- Pistorius! – exclamaram Lulika e Barukz.

- O que fazem aqui? - perguntei.

- Solte Trevorus imediatamente! - disse um dos guardas.

- Não, esse maldito é um traidor, ele traiu Marcus Dantillus e fez com que fosse morto, ele traiu a todos vós e permitiu a entrada pela via de acesso traseiro das muralhas, ele é um bandido, um impostor e merece morrer!

Os guardas ficaram desconcertados e olhando para a mulher de Trevorus disseram:

- Senhora, o que tem a nos dizer a respeito disso?

- Creio que o jovem esteja dizendo a verdade, Trevorus é um impostor. – disse ela.

- Espere, como o chamaste minha senhora? – perguntou Angillus.

- Trevorus, por quê? – falou ela.

Todos voltaram sua atenção para o velho que falava, o governador arregalou os olhos e inquietou-se ainda mais.

- Eu o conheço, sei quem tu és.

- Cale a boca, velho maldito, homens matem todos, isso é uma conspiração! – Trevorus se desesperou.

Porém, os guardas não atenderam ao seu comando, antes continuaram prestando atenção nos fatos, pois percebiam que Trevorus realmente agia como se fosse culpado e estivesse tentando esconder algo.

- Não vou perder mais tempo, vou matá-lo de uma vez! – falei.

- Tu – continuou o velho – Tu não te chamas Trevorus! És um impostor, Trevorus morreu faz já alguns anos, eu estava lá quando aconteceu. Tu pertencias aos exércitos de Marcus, eras um de seus comandantes. Tu és na verdade...

- Não! – Trevorus interrompeu.

- Petro Portirius! – falou Angillus finalmente.

Trevorus, ou melhor, Petro deu um grito estarrecedor, estava tomado de cólera, pois acabava de ser desmascarado. Sua esposa caiu no chão aos prantos e todos ficaram boquiabertos. Não pude acreditar,

soltei Petro e recuei.

- Esse verme maldito é meu... Meu... Meu pai?! – exclamei.

Todos olharam confusos para mim, inclusive Petro.

- O que disseste, Pistorius? – Barukz indagou.

- Esse maldito traidor é meu pai! – respondi sem acreditar nas palavras que eu mesmo pronunciava.

- Como isso é possível? – perguntou Miriam.

Expliquei-lhes resumidamente que eu, na verdade, era sobrinho de Marcus Dantillus e não seu filho como imaginava e que minha mãe era Tera Dantillus. Falei sobre o caso dela com Petro Portirius, sobre sua gravidez e sobre o fato de Petro não saber sobre isso, pois a família não permitiu que ela lhe contasse, visto que ele pertencia aos exércitos de meu tio e logo estaria indo embora. Disse que sabia que ele era o traidor de Marcus, pois tivera uma espécie de visão, sabia que o conhecia e quando minha mãe disse-me que o homem de minha visão era o traidor, tive certeza de quem Trevorus, ou melhor, Petro era. Todos me olhavam estarrecidos

- Meu filho! – Petro aproximou-se de mim.

- Saia de perto de mim, maldito traidor, eu não tenho pai, ao menos não tu! Tu não és meu pai e nunca serás, morra maldito!

Dizendo isso, ergui novamente minha espada e cortei a cabeça de Petro. Seu corpo caiu inerte no chão e, num movimento involuntário, suas mãos se agarraram às minhas pernas. Saí de perto dele e caí no chão chorando. Eu acabara de matar meu pai.

Os homens do exército recolheram o corpo e colocaram-no no centro da cidade. Alguns curiosos vieram vê-lo e ficavam estarrecidos ao descobrir o corpo de seu governador exposto ao público. Muitos ficaram apavorados e uma pequena confusão se formou, pois não sabiam o que estava acontecendo. **N**o dia seguinte, todos os habitantes da cidade ficaram a par do ocorrido. Uma carta foi escrita e lida ao lado do corpo ao meio-dia e todos os habitantes foram convocados a estarem presentes e saberem da verdade. Foi declarado que a cidade, a partir daquele momento, seria regida pelo exército, obedecendo-se os postos de cada um, mas não havendo centralização do poder nas mãos de uma só pessoa. Fez-se circular uma carta pela cidade oferecendo grandes recompensas a quem denunciasse os soldados que haviam sido cúmplices de Trevorus, ou melhor, Petro permitindo que os Homens-lobo penetrassem pelos fundos da cidade.

Anunciou-se também um estreitamento de relações entre a Vila do Sol e Argna, haja visto que eu havia contado sobre a ajuda que recebera de Nikola para desmascarar Petro. Havia a intenção de criar-se um governo unificado entre a Vila do Sol e Argemis, cidade vizinha, a fim de fortalecer as duas cidades e seus exércitos. Muitos progressos foram impedidos por Petro ao longo dos anos, e os generais dos exércitos muito se indignavam com isso. Porém, Petro ou Trevorus tinha o apoio do povo não sendo possível uma ação das tropas da cidade contra ele.

Após tudo esclarecido, a cidade logo voltou ao seu ritmo. Fomos convidados para almoçar novamente na casa da senhora Hollaux. Miriam, Barukz e eu conversamos muito e colocamos todos os assuntos em dia. Contei a eles o que havia me acontecido desde que deixara Miriam e Barukz na floresta e como havia chegado ali. Todos se emocionaram quando contei que encontrara minha família e que minha verdadeira mãe ainda estava viva. Após terminar minhas histórias, cada um contou também tudo o que se passara durante o tempo em que estivemos separados, foi de fato uma conversa muito agradável. Entretanto, fiquei muito triste quando disseram-me que Modiat havia conseguido escapar dos Homens-sombra, mas que morrera no confronto com os kuazmalitas.

Finalmente, após muito conversar eles se lembraram de falar-me a respeito de Magnus, que ele estava vivo e bem e que havia reencontrado sua família. Fiquei muito contente com a notícia e alegrei-me ainda mais por saber que tinha um novo amigo de verdade. Barukz mostrou-me a bolsinha, dizendo que não sabiam o seu conteúdo e que eu era o único autorizado a abri-la.

Abri então a misteriosa bolsinha de couro, a qual Magnus carregara por tanto tempo unicamente para fazê-la chegar até mim. Dentro havia um pó muito branco, mais branco do que a própria neve. Achei muito estranho Kitle mandar Magnus simplesmente trazer-me um pouco de pó branco. Coloquei a mão dentro da bolsinha e remexi. Senti algo diferente e percebi então que havia ali um pequeno papel. Retirei-o e o li. Era um bilhete de Kitle que dizia o seguinte:

Caro portador da bolsinha,

No interior desta, como podes ver, há um pó extremamente branco e fino. É o pó mais raro encontrado na face da Terra, portanto tenha o máximo cuidado. Este pó não possui nenhuma utilidade, nem mágica, nem curativa, mas tão somente serve para uma coisa. O cristal ao qual estás incumbido de procurar possui algumas propriedades que lhe são singulares, entre elas, sua limpidez e transparência são tão absolutas que nenhum olho humano é capaz de vê-lo. Daí a necessidade deste pó, pois ele é o único elemento existente na Terra capaz de aderir ao cristal tornando-o desta forma visível. Ao chegar no loca, deves borrifar um pouco deste pó ao redor, a fim de localizar o cristal e pegá-lo para que possas trazer-me.

Esse artefato encontra-se na Floresta das Sombras, no interior de uma montanha chamada, Monte Naor, em homenagem ao seu criador. Lá existe um guardião, uma besta cujas características não são conhecidas, podendo portanto ser homem ou animal. Deves combatê-la e não deves pegar o cristal antes de certificar-se que ela esteja morta, pois essa besta foi enfeitiçada de modo que pode pressentir onde está o cristal e assim segui-lo aonde quer que o levem.

Boa sorte em tua missão, e que as forças da natureza te protejam.

Kitle.

Todos acompanharam a leitura do bilhete boquiabertos, Angillus disse saber onde ficava o monte Naor, mas avisou que aquele lugar era extremamente perigoso e desconhecido. Falou que Kitle era um louco em mandar qualquer pessoa para lá e que encontrar esse cristal seria praticamente impossível. Agradeci pelas palavras animadoras e, despedindo-me de todos fui dormir.

Capítulo 15 - O Chefe do Conselho

Voltando um pouco no tempo...

Numa casa grande e bonita, no alto de uma colina, uma fumaça espessa saía pela chaminé. Fora havia um belo jardim repleto de árvores com flores e frutos de todos os tipos, cores e sabores. Uma relva de fazer inveja a todo e qualquer jardineiro, verde e viva, o que dava um tom ainda mais belo à morada. A casa tinha a parede toda recoberta por pedras polidas e bem trabalhadas, além de belas trepadeiras tão bem cuidadas quanto a grama, o que denotava certa riqueza. Não era comum haver casas daquele tipo nas vilas da redondeza. Entrando na casa via-se belos móveis, trabalho feito pelas mãos dos melhores artesãos que existiam na cidade, além de belas peças que adornavam um aconchegante lar. Pratarias, talheres de ouro, tapetes finos, especiarias estocadas em grandes armários na cozinha, uma porção de coisas que certamente nenhum dos camponeses da região jamais havia visto e que, certamente jamais veriam ao longo de toda sua vida. Reinava um silêncio absoluto apesar de se poder sentir o ar carregado naquela enorme casa. Cortando o silêncio, o barulho de passos constantes que ecoavam pelos quartos desertos.

Porém, o que chama a atenção não é a casa propriamente dita e sim o homem que ali habitava. Ele caminhava de um lado para outro, cabeça baixa, usando um longo vestido, não havia se trocado, nem se alimentado desde a hora em que se levantara. O homem, muito apreensivo, parecia estar muito preocupado com alguma coisa. Coçava a cabeça e fazia força para buscar um raciocínio. Soltava pequenas faíscas no ar, talvez para aliviar um pouco a tensão. Como poderia ter se esquecido de uma coisa tão importante? Ele não se perdoava de forma alguma. Em suas mãos havia uma pequena bolsinha, ele a olhava e não conseguia se conformar. Como poderia ter se esquecido? Como poderia? Um homem de sua experiência certamente não poderia nunca ter cometido um erro desses, era algo muito banal.

Nesse instante, mais um som cortou o pacífico silêncio que reinava, o homem ouviu apressadas e fortes batidas na porta da frente e, como um raio, correu para atendê-la. Ao abrir a porta, deparou-se com um pequeno homem. Era uma criatura um tanto bizarra, não era um anão, mas tinha a estatura de anão, não era um Ogro, mas tinha as feições de um Ogro, não era um Elfo, mas tinha as orelhas pontudas, enfim, até hoje não se sabe que espécie de aberração seria aquele homem, mas o que se sabe com certeza é que era um fiel e bom servo que há muito servia com toda a dedicação a seu senhor.

- Acho que o encontramos, senhor! – disse o baixinho.

O Homem de vestido sorriu e perguntou:

- Tens certeza?

- Bom, senhor, não tenho certeza, mas encontramos um homem e parece ser aquele que procuras. É melhor ir até lá para conferir do que ficar sem saber se realmente é o seu homem ou não.

- Tens razão, meu caro Arntrus, devo partir para lá imediatamente. Onde ele está afinal?

- Na floresta de Morgrom, meu senhor.

- Na floresta de Morgrom? Como ele foi parar lá?

- Bom, isso não sei lhe responder, meu senhor.

- Muito bem, deixe-me pensar. – o homem coçou a cabeça, pensou mais um pouco e finalmente falou a seu criado. - Arntrus, faça os preparativos, pois devo sair sem demora!

- Sim, senhor, farei isso o mais rápido possível. Irei encilhar os dois melhores cavalos, pois não pretendo deixar que o senhor parta sozinho.

- Se é assim que desejas, que seja, desde que não te demores mais.

- Não, senhor, não demorarei. Aguarde um instante que já preparo tudo e o chamarei.

- Muito bem, vá!

O homem voltou a sorrir, estava muito satisfeito, afinal poderia ter uma chance de reparar seu erro. Pegou um gavião e amarrou um bilhete em sua perna esquerda com o cuidado de certificar-se que o mesmo estava muito bem amarrado. Aquela era uma ave extremamente treinada, utilizada apenas para se comunicar com o povo da Floresta de Morgrom, jamais havia falhado, era extremamente obediente e confiável, aliás, todos os seres que cercavam aquele homem pareciam ter essa característica em comum: A extrema e irrestrita fidelidade! Havia ainda muitos outros gaviões e águias, todos com uso destinado às mais diversas partes da Terra, todos com o lugar de destino escrito sob a respectiva gaiola. Algumas gaiolas encontravam-se vazias, o que mostrava que outras mensagens haviam sido mandadas recentemente.

Após certificar-se que o bilhete estava bem preso, o homem afagou a ave e deu-lhe algo para comer em sua própria mão. O gavião olhou para o homem como se estivesse olhando com ternura e agradecimento, se é que é possível às aves demonstrar tais sentimentos. Após comer, a ave voou e partiu por uma enorme janela.

O bilhete carregado pelo enorme gavião dizia o seguinte:

Segurem o rapaz que está convosco até minha chegada. Tratem-no bem, mas façam com que ele se sinta prisioneiro, porventura não o maltratem e garantam que ele estará com saúde no momento em que eu chegar para que possa enfrentar dura jornada em seguida.

Sem mais,

Kitle.

Logo após Kitle terminar de escrever e enviar o bilhete para o povo de Morgrom, seu criado bateu novamente em sua porta.

- Tudo está pronto, meu senhor, partimos quando quiseres.

- Providenciaste algumas provisões, caro Arntrus?

- Por suposto, querido amo. Estamos preparados para a partida e temos provisões para cerca de cinco dias de viagem se preciso for.

- Partamos então.

Kitle e Arntrus montaram em seus cavalos e partiram em grande velocidade, não haveria nem um minuto sequer a perder. Seguindo dessa forma chegariam ao lar dos morgrotes em, no máximo, dois dias, exatamente um dia e meio após os morgrotes terem recebido o recado levado pelo gavião, afinal o caminho pelos ares era direto e livre.

Ora, era de se imaginar que durante o desenrolar dos fatos Kitle estivesse vigilante durante dia e noite. Ele possuía vários informantes espalhados em toda a parte e a cada um ou dois dias recebia informações a respeito de seus negócios. Antes mesmo de me enviar para encontrar o cristal, todos os seus informantes haviam sido advertidos a fim de, na medida do possível, ajudarem a realizar seus desejos.

Porém, daquela vez era um pouco diferente, a Floresta das Sombras era um lugar sombrio e nada seguro. Ninguém queria servir como informante de Kitle num lugar como aqueles, então ele podia contar apenas com seus aliados nativos. Como não havia tantos moradores na floresta, além de ladrões e todo tipo de pilantras, Kitle acabava ficando sem opções.

Se havia espécie de gente com quem Kitle não possuía negócios, essa gente eram os ladrões, assaltantes e enganadores, pois não se podia confiar neles. São capazes de, por uma ou outra peça de prata, trair o patrão para quem trabalhassem há anos. E confiança era a mais necessária ferramenta nos negócios do mago.

Era justamente isso que o preocupava, o fato de não ter muitos relacionamentos no interior da Floresta das Sombras. Pela primeira vez desde que assumira o status de Chefe do Conselho, ele cometera um erro. Havia se esquecido de deixar com Burlet uma bolsinha que deveria ser entregue a mim no início da missão com algumas recomendações a serem seguidas com respeito ao seu conteúdo.

Neste ponto é importante que saibamos como tudo realmente começou.

***

Uma noite chuvosa e fria, ambiente ideal para afastar os olhares dos curiosos. Várias carroças finas e robustas, devidamente cobertas e o mais confortável possíveis para a época, eram guiadas por seus cocheiros, homens silenciosos e com trajes negros. A única luz que se podia ver era a dos raios que cortavam o céu ainda mais enegrecido pelas carregadas nuvens. Havia um assunto extremamente importante a ser tratado e uma reunião de emergência fora convocada pelo chefe do conselho.

Era um conselho formado por homens muito influentes nas vilas e cidades onde habitavam, todos magos devidamente preparados ao longo de muitos e muitos anos. Uma *raça* que, de modo desconhecido, vive mais que a maioria das demais raças mortais, embora ainda sendo homens. O mais novo daqueles senhores tinha por volta de cento e trinta e quatro anos de idade, e a expectativa de uma longa vida pela frente.

O chefe do conselho aguardava a todos ansiosamente em uma pequena casa que, embora com proporções reduzidas, era muito aconchegante. A casa localizava-se numa das saídas mais isoladas da pequena vila de Kryan, na realidade uma das menores, senão a menor das vilas da redondeza, devidamente escolhida para que não houvesse testemunhas daquele encontro secreto. O próprio chefe do conselho recebia os demais integrantes daquele grupo um a um. Após descerem de suas carroças, seus empregados eram orientados a partirem e retornarem apenas dois dias depois, pois a reunião demoraria e não era prudente que um número tão grande de carroças estivesse ali parado chamando a atenção dos habitantes locais.

A noite avançava naquela escura madrugada e quase todos haviam chegado ao local combinado. Ficara acertado que entre uma chegada e outra haveria um pequeno intervalo de tempo. Faltavam apenas três homens para a reunião começar e não tardariam suas chegadas.

Estavam ali reunidos vinte e três homens, vinte e três magos que, direta ou indiretamente, decidiam o futuro das nações circunvizinhas. Eis, portanto a responsabilidade desses homens e a necessidade de se realizar as reuniões do conselho de modo secreto. Caso pessoas simples e comuns obtivessem algumas das informações confidenciais ali debatidas, muita coisa estaria envolvida, resultando em sérios riscos para a harmonia daquele lugar.

Kitle colocou-se diante dos outros vinte e dois senhores com uma séria expressão no rosto, algo não estava muito correto.

- Senhores, creio que já saibam qual é o assunto que trataremos aqui. Espero poder contar com a colaboração de todos.

Naquele instante o conselho era iniciado. Os homens do conselho deliberaram durante muito tempo. A conversa durou todo o resto da madrugada, pela manhã seguinte e durante a tarde. Por um momento eles pararam para realizar uma rápida refeição preparada e servida por Arntrus, o único criado ali presente além dos membros do digníssimo conselho.

Mais uma vez aqueles homens retornaram à sala da pequena casa. Um feitiço foi feito para se evitar que os sons se propagassem para além daquela singela residência, pois não era do interesse de nenhum dos presentes que pessoas intrometidas tomassem conhecimento de sua presença ali. Desse modo, acaloradas discussões poderiam ser abafadas e permanecer unicamente dentro das quatro paredes da sala daquela casa, e há que se lembrar que discussões eram comuns entre os membros do conselho. Todos os anos, uma vez por ano, o conselho se reunia a fim de verificar como estavam os negócios em toda parte da Terra e para discutir os melhores meios de manter seu poder e influência sobre os habitantes das devidas regiões onde moravam.

Não eram homens maus, mas cada um possuía seus próprios interesses e não estavam dispostos a deixá-los de lado. Procuravam defender, sempre que possível, esses interesses, mas dessa vez possuíam interesses em comum com o resto dos habitantes locais, embora estes ainda não o soubessem. Algo verdadeiramente grande estava para acontecer e alguma coisa precisava ser feita com a máxima urgência a fim de serem evitados danos ainda maiores.

Após debaterem muitos assuntos pelo resto da noite, dormirem um pouco e debaterem ainda o resto do segundo dia enquanto o sol brilhava, chegaram finalmente a um consenso final e ficaram determinadas as resoluções que seriam tomadas por cada um dos devidos conselheiros.

As tarefas ficaram divididas entre os Senhores do Norte, os Senhores do Sul, os Senhores do Leste e os Senhores do Oeste. Sendo seis Senhores do Norte a saber: Aashen Asbjorn, Luca Dinalli, Piero Varzaez, Pietro Varzaez (seu irmão), Trevor Treasure e Schia Donovux. Seis Senhores do Sul a saber: Yehio Druks, Wagtor Watliz, Dargo Speredom, Dudynky Dudzky, Marcus Olivestius e Aléxis Alexandrus. Oito Senhores do Leste (onde ficavam as fronteiras mais atacadas pelos inimigos) a saber: Kitle Andersen, os homens da família Aoux sendo Vagner (o pai), Andréas, Ananias, Ângelus e Alan (os filhos), além do nobre Philip Warg e Bruno Aladias. Finalmente, três senhores do Oeste, a saber: Alejandro Carrero, Pierre Bordeaux e Jedediah Javeñas.

Deste conselho, o que nos importa saber no momento é que Kitle foi um dos Senhores do Leste e ficou responsável por conseguir o cristal, o qual eu e os demais estávamos procurando na Floresta das Sombras. Essa foi talvez a tarefa mais difícil e, mesmo sendo o Chefe do Conselho, Kitle ficou assustado com a ideia. Deveria ser feito de modo discreto e rápido, pois constituía parte importante das resoluções determinadas pelo conselho e, sem ele, as medidas determinadas não poderiam ser completamente cumpridas.

Kitle começou a meditar sobre qual seria o guerreiro ideal para mandar realizar esse trabalho. Porém, não poderia ser um dos guerreiros renomados e conhecidos, pois quando um guerreiro desse nível se mobiliza para realizar um trabalho, pode-se ter certeza de que se trata de algo grande e muitos curiosos e bandidos são atraídos pelo rastro do cavaleiro. Deveria ser alguém desconhecido, alguém que não levantasse suspeitas e não despertasse o interesse dos curiosos. E alguém que não demonstrasse ter uma ganância desmedida a fim de não prejudicar a operação. Mas quem?

Kitle tomou uma decisão, seria alguém desconhecido, mas como ele poderia saber se essa pessoa seria a correta? Decidiu aplicar alguns testes em diferentes pessoas que cruzassem seu caminho e, desse modo, passou a agir. Todo jovem com bom porte físico e com boas possibilidades de, segundo uma primeira avaliação, realizar o serviço passaram a ser testados pelo mago das mais diferentes formas, mas sempre de modo que o *testado* não soubesse o que estava acontecendo.

E foi num desses dias em que ele realizava alguns testes que eu cruzei seu caminho. Naquele dia ele se disfarçou como mendigo e criou a cilada para ver como eu me sairia. Armou também a luta através de Modiat para testar-me mais uma vez, mas Kitle não contava com aquele estranho poder que eu possuía e assustou-se bastante quando o viu pela primeira vez. Por fim, após refletir um pouco, convenceu-se de

que eu seria capaz de realizar a tarefa.

Desse modo tudo estava preparado, seu plano teria sequência após apenas alguns dias de testes. Ele tinha muita pressa e mesmo que pudesse existir ainda algum guerreiro melhor do que eu, o que ele não acreditava pois nunca vira minha espécie de poder a não ser entre os mais poderosos magos, não havia tempo para esperar.

Nesse meio tempo, Kitle havia seguido até a Taverna dos Trolls, conversado com Burlet e cometido o maior pecado de sua vida: Esquecera-se de deixar a bolsinha com o homem que deveria passar as informações para mim. Tudo estava convenientemente preparado, eu seria testado, receberia as informações e o material necessário para empreender minha busca sem a necessidade dele se envolver diretamente e assim chamar a atenção dos habitantes de Neoland.

Apesar de tudo isso, Kitle precisava sentir pessoalmente se eu era o homem a quem ele procurava. Por esse motivo resolveu encontrar-se comigo e dar-me o elixir da vida. Naquele momento teve a confirmação de que necessitava, através de um ótimo pressentimento a meu respeito e não houve mais dúvidas.

Desde minha partida com Modiat e Barukz, Kitle passou a preocupar-se extremamente com o sucesso da expedição. Até entrarmos definitivamente na Floresta das Sombras, ele estava ciente de cada passo que dávamos, soube inclusive que havíamos sido atacados pelos Dorks no meio do caminho e sem perder tempo enviou-nos alguém para ajudar. Isso mesmo, Miriam!

Miriam, na verdade chamada Mairim (Miriam é Mairim escrito ao contrário) é uma jovem caçadora de recompensas que trabalha quando possível a serviço de Kitle e, a partir daquele momento, ficou responsável por garantir o sucesso daquela missão. Ainda que eu não chegasse até o fim, ela deveria ser a influência necessária para levar os outros até o cristal.

Kitle tomava todas as providências necessárias para garantir o sucesso de sua empreitada. Caso falhasse, além de comprometer seriamente a segurança dos povos vizinhos, poderia também ser expulso do conselho ou, na melhor das hipóteses, deixar de ser o chefe e, decididamente nenhuma das hipóteses o agradava. Porém, como falei anteriormente, nem tudo estava sob as vistas vigilantes de Kitle, pois na Floresta das Sombras a história era bem diferente. Ali estávamos entregues à nossa sorte e embora Mairim estivesse *supervisionando* os interesses do chefe do conselho, não era possível enviar-lhe um relatório sobre a situação.

Ao receber a notícia de que um homem havia sido capturado pelos morgrotes, seus amigos da floresta de Morgrom, Kitle imaginou que esse homem se tratasse de mim e não pensou duas vezes em partir pessoalmente a fim de que nenhum erro ocorresse dessa vez, pois o tempo estava se esgotando. Ele já havia recebido notícias de novos ataques realizados em vilas mais distantes como Aukazland e outras. Os inimigos estavam se aproximando rápido e cada segundo era de extrema importância.

Voltamos então ao ponto em que paramos, dois cavalos cortavam o caminho para a Floresta das Sombras em extrema velocidade, parecia que os animais tinham consciência da importância da missão que estavam cumprindo, pois se esforçavam ao máximo para engolir a distância que os separava da Floresta de Morgrom. Kitle ia à frente seguido bem de perto por Arntrus. Os dois estavam calados, o mago com uma expressão muito séria e preocupada no rosto, mas Arntrus estranhamente tinha um discreto sorriso nos lábios.

Na velocidade em que estavam nada foi capaz de detê-los, passaram pela trilha onde fomos atacados pelos Dorks, cortando a passagem como um raio e seguindo adiante. Atingiram finalmente a Floresta das Sombras e passaram pelo local onde havíamos sido atacados pelos Homens-sombra, mas tamanha foi sua velocidade que eles mal tiveram tempo de fazer qualquer coisa contra os dois viajantes.

Embora eu tenha certeza de que eles nada fariam quando descobrissem quem passava por ali.

Kitle conhecia muito bem o caminho para a Floresta de Morgrom, mas o maior problema era que a floresta constantemente mudava de lugar, como já sabemos, então isso tornou as coisas um pouco mais difíceis para Kitle e seu servo Arntrus.

Num dado momento, quando atravessavam a estranha floresta, ao passar por baixo de uma árvore, Arntrus acabou sendo atingido por um galho e caiu no chão. Ouvindo o barulho, o velho mago freou o cavalo e virou-se para trás, vendo o criado caído no solo passando a mão na perna esquerda que ficara machucada.

- Senhor, não se atrase por minha causa. – disse Arntrus. – Siga seu caminho que, assim que me recuperar, montarei novamente em meu cavalo e alcançá-lo-ei sem problemas, não se preocupe comigo!

- Arntrus, meu bom servo Arntrus. Sabes bem o quão importante é esta missão, de outro modo jamais seguiria adiante sem ti. Compreendes?

- Sim, senhor, já disse para não se preocupar, siga adiante e logo que for possível estarei contigo na floresta de Morgrom.

- Está certo, não se demore muito, por favor, ficarei preocupado esperando sua chegada.

- Chegarei senhor.

Acenando para o criado, Kitle seguiu a toda velocidade na direção da Floresta de Morgrom, pois não poderia perder tempo. Quanto antes chegasse, antes entregaria a bolsinha a mim e antes eu sairia da floresta para cumprir com minha missão. O mago só estranhava o fato de eu estar sozinho em Morgrom, teria Mairim abandonado seu propósito de acompanhar-me nessa missão? Ou algo mais grave teria acontecido?

A floresta estava deserta e silenciosa, tudo o que se podia escutar era o trote continuo das patas do cavalo que não parava por um instante sequer. Arntrus havia realmente preparado um ótimo animal para aguentar uma jornada tão dura ininterruptamente. “Preciso chegar, preciso chegar logo.” - pensava Kitle constantemente.

Após quase dois dias de cavalgada incessante, ele finalmente podia ver as divisas entre a Floresta das Sombras e a Floresta de Morgrom. Nesse ponto era necessária cautela, pois ele não poderia passar em disparada, com o risco de não ser reconhecido e acabar sendo vítima de alguma flecha.

Ao aproximar-se da entrada da floresta, Kitle parou seu fiel cavalo e chamou pelos morgrotes. Logo dez ou doze deles apareceram com lanças, espadas e arcos com flechas preparadas para serem disparadas ao mínimo sinal de perigo, mas ao avistarem o visitante abriram um grande sorriso e um deles disse:

- Zaya o estava esperando!

Sendo escoltado pelos guerreiros morgrotes, Kitle foi levado à aldeia onde foi recepcionado com todas as honras pelos moradores locais. Caminhou rapidamente até a cabana onde Zaya o aguardava e uma grande multidão ficou ali em frente, a fim de poder ver, mais uma vez, o homem que os havia ajudado mais que qualquer outro.

- Zaya, que satisfação em vê-lo novamente. Fico mais contente ainda em saber que o encontro gozando de boa saúde.

- Oh meu bom amigo, Kitle! – Zaya adiantou-se e cumprimentou o mago carinhosamente como se fosse seu próprio irmão. – Há quanto tempo não o via, estava pensando que havias esquecido este humilde povo, mas quando recebi seu recado, fiquei satisfeito em saber que receberíamos sua presença

novamente.

- Ora, meu amigo, jamais me esqueço de vós, mas infelizmente tenho muitos afazeres e responsabilidades, sabes bem que não vim aqui para passear, tenho um importante trabalho. Onde está o rapaz que está convosco?

- Está nos campos realizando alguns serviços para ajudar a aldeia, podemos sair e falar com ele agora mesmo. O nome dele é Magnus, certo?

- Magnus? Não, meu amigo, acho que estás confundindo, o meu rapaz chama-se Pistorius. – Kitle estava meio confuso.

- Hum, creio que não, esse não é o nome do prisioneiro, tenho certeza que este que está aí chama-se Magnus. A menos que o cão sarnento tenha mentido seu nome.

- Bom, só há uma maneira de descobrirmos se o prisioneiro se trata de meu homem ou não. Vamos agora falar com ele.

- Certo! Siga-me e o encontraremos lá fora.

Nesse momento houve uma grande agitação ao redor de Kitle quando este saiu da cabana. Atrás da multidão estava Magnus que viu o mago se destacando. Ele então se aproximou de Magnus e teve uma grande decepção ao ver que não era eu quem estava lá. Contudo, ao saber que Magnus me conhecia, suas esperanças se renovaram e travou-se então o diálogo que já conhecemos onde Magnus ficou incumbido da tarefa de localizar-me e entregar-me a bolsinha.

Decepcionado por não haver me encontrado e sim a outro homem, Kitle retornou para a tenda de Zaya onde descansou de sua longa viagem. “Onde estará Arntrus que não chega?” - pensou preocupado. “Espero que nada de mal tenha lhe acontecido senão jamais me perdoarei por tê-lo deixado sozinho no meio daquela floresta.”

***

Após Kitle distanciar-se um pouco, Arntrus levantou-se e limpou a sujeira em sua roupa. Mais uma vez deu uma risada e, ajeitando-se, montou novamente no cavalo. Acelerou um pouco o ritmo e depois seguiu mais vagarosamente atrás do patrão, observando atentamente os locais por onde este passava. Arntrus não queria alcançar o mestre novamente, mas sim segui-lo à distância de modo a não ser notado.

Cavalgou desse modo até a fronteira da floresta de Morgrom, onde parou na entrada e escondeu muito bem o cavalo. Chegou na entrada da floresta e deu um assobio imitando uma fênix, ave que, segundo a crença de alguns, é capaz de renascer das próprias cinzas. Um morgrote apareceu sorrateiramente.

- Tudo certo, então? – perguntou Arntrus.

- Sim, tudo como esperávamos. Kitle está agora conversando com Zaya a respeito do homem que capturamos na outra extremidade da floresta.

- Ótimo, sabes por qual lado sairá o rapaz?

- Pelo mesmo lado onde foi capturado, exatamente no ponto onde foi encontrado.

- Certo, façamos o seguinte, leve-me até a outra extremidade. Deixarei o cavalo amarrado aqui. Daqui um dia e meio virás aqui e o soltarás, levarás o cavalo até Zaya e Kitle, se ele ainda estiver aqui, e dirás que apareceu sozinho na floresta. – disse Arntrus.

- Certo, farei assim como dizes. Porém, se desejas ir até o outro lado da floresta, é melhor que façamos isso agora enquanto o povo está alvoroçado ao redor de teu amo.

- Já disse para não te referires a ele dessa maneira, ele não é meu amo.

- Sim, desculpe! Por favor, vamos logo, pois não quero ser descoberto. Se derem conta de minha ausência poderão desconfiar de algo no futuro.

- Vamos logo de uma vez, mostre-me o caminho.

Arntrus e o morgrote foram até o outro lado da floresta sorrateiramente e, após mostrar exatamente por onde Magnus sairia da floresta, o morgrote se retirou. O estranho homem aguardou pacientemente durante todo o dia enquanto Magnus se preparava para sair em sua missão. Arntrus aproveitou para recostar-se em uma árvore e dormir um pouco, embora estivesse preocupado em manter-se atento para não perder Magnus de vista quando este passasse por ele na saída da floresta. Desse modo poderia segui-lo até um local seguro.

***

Kitle começava a preocupar-se, pois seu servo não chegava. Ele foi até a casa de alguns outros amigos que tinha dentro da vila dos morgrotes. Pediu ao chefe do grupo que enviassem alguns homens a fim de procurar seu servo e ver se ele estava passando por alguma dificuldade, ele foi atendido prontamente e logo uma expedição foi organizada para procurar Arntrus na floresta.

O mago estava agitado e ansioso, ele devia estar ficando louco a ponto de confiar a bolsinha a um homem que nem conhecia, mas o desespero e a iminente necessidade o faziam tomar decisões mais arriscadas. Precisava confiar em Magnus agora, pois esta era a única esperança da bolsinha chegar até mim a tempo. E ainda mais Arntrus que não voltava. Kitle não poderia aguardar por muito mais tempo, se o seu servo não retornasse o quanto antes, teria que partir sem esperá-lo.

Chegada a hora de Magnus partir, Kitle encarregou-se de acordá-lo pessoalmente e certificar-se que tudo estava devidamente preparado. Providenciou junto a Zaya os últimos detalhes e certificou-se de que Magnus seria acompanhado até a saída da floresta para que nada lhe acontecesse, depois seria torcer para que tudo desse certo e para que o rapaz conseguisse cumprir seu objetivo.

Magnus despediu-se da aldeia e do povo, despediu-se também de Kitle que lhe deu algumas últimas recomendações dizendo que deveria tomar extremo cuidado com aquilo que carregava, pois o futuro de muitas nações dependia daquilo. Magnus na realidade não deu muita atenção às palavras de Kitle, pois julgava que ele só queria fazer as coisas para seu interesse e proveito próprios. Finalmente, após tudo pronto ele partiu.

Os morgrotes o acompanharam até a saída da floresta, após o que retornaram para a aldeia. Informaram a Kitle que o rapaz dizia estar a caminho das cavernas dos Homens-lobo, pois imaginava que eu estivesse lá. O velho mago não achou aquela possibilidade nada boa, pois se eu estivesse realmente em poder dos ladrões seria extremamente difícil escapar. Após receber as últimas notícias, ele se retirou do meio do povo e pôs-se a meditar muito num lugar mais isolado.

***

Arntrus estava dormindo quando começou a ouvir passos e vozes. Parecia que dois homens estavam discutindo alguma coisa. Era Magnus se irritando com um dos soldados dos morgrotes que, arrogantemente, exigia que ele fizesse novos juramentos quanto a não dizer a ninguém a localização da Floresta de Morgrom. Arntrus rapidamente escondeu-se no melhor lugar que pôde e ficou observando a cena até que finalmente Magnus partiu sozinho. Ele ainda viu quando meu amigo retornou para perguntar para que lado ficavam as cavernas dos Homens-lobo e o modo como foi ameaçado de morte pela guarda dor Morgrotes. Temeu muito que eles entrassem em conflito e Magnus acabasse sendo morto, mas sentiu-se mais aliviado quando viu que Magnus afastou-se da floresta e finalmente seguiu seu rumo.

Arntrus permaneceu escondido e deixou Magnus tomar uma pequena distância à sua frente, mas sem perdê-lo de vista. Passou a segui-lo por toda a trajetória até sua chegada próxima às cavernas onde

habitavam os temidos Homens-lobo. Ele deixou que chegassem ao alto de uma colina onde a visibilidade do lugar era melhor, a fim de certificar-se que ninguém se aproximava, pois, se fosse visto e entregue a Kitle estaria com sérios problemas.

Nesse momento do trajeto, quando Arntrus julgou estar numa distância segura tanto de Morgrom quanto das cavernas dos Homens-lobo, ele adiantou o passo e contornou a passagem de Magnus disfarçando-se e sentando-se recostado mais à frente como um pobre homem. A ideia seria atrair o viajante para perto de si, então matá-lo e pegar a bolsinha que ele carregava em seu peito.

Assim foi feito, ele se disfarçou e sentou-se encostado em uma grande pedra no caminho. Quando Magnus passou, ele o chamou. Magnus não pôde ver, mas Arntrus estava com um pequeno punhal na mão para matá-lo no momento em que se aproximasse. Porém o serviçal não foi capaz de fazê-lo devido à bondade demonstrada. Ninguém o havia tratado tão bem espontaneamente antes. Arntrus então se sentiu mal em matar um homem tão bom e prestativo e deixou que Magnus partisse, mas não sem antes pedir que ele lhe desse a bolsinha e, como sabemos, o pedido lhe foi negado, pois de fato a bolsinha não lhe pertencia e deveria ser entregue a mim assim que pudesse.

Apesar da bondade demonstrada por Magnus, Arntrus ainda precisava pegar a bolsinha de algum modo. Sendo assim esperou até que anoitecesse e resolveu roubá-la enquanto o homem estivesse dormindo. Naquela noite, entretanto, caiu um forte temporal o que certamente poderia atrapalhar os seus planos, mas ele viu onde sua vítima havia se abrigado e, improvisando uma lanterna de modo que não apagasse com a chuva, foi até o rapaz.

Quando Magnus o viu desmaiou de susto, mas antes disso, escondeu a bolsinha por medida de segurança. Qual não foi a ira de Arntrus ao vasculhar a roupa e as coisas de sua vítima e não encontrar ali o que procurava. Então apareceram os homens que faziam a guarda das cavernas e, vendo que Arntrus revistava Magnus, julgaram que fosse algum Homem-lobo e o atacaram, mas este sendo esguio como uma serpente desapareceu em meio à floresta.

Os homens ainda o perseguiram por algum tempo a fim de capturá-lo, mas Arntrus aproveitou-se da escuridão e da forte chuva que caía para se esconder no meio da mata. Os novos guardiões das cavernas voltaram até Magnus e revistaram suas coisas de modo a saber o que carregava e quem seria. Como ele não acordava, levaram-no para o interior das cavernas mais uma vez.

Nesse meio tempo, o servo de Kitle fazia mais uma vítima de sua crueldade. Enquanto pensava em como faria para pegar Magnus e tomar-lhe a bolsinha a sorte lhe sorriu, pois vindo pela estrada, estava sozinho um homem fazendo ronda pelo local e Arntrus pedindo ajuda a ele, dizendo que havia sido atacado por alguns Homens-lobo. Desse modo atraiu o vigilante para um lugar mais deserto e, partindo para cima dele, o matou, tomou seu cavalo e sua espada além de um pouco de comida que trazia consigo. Isso possibilitou que mais tarde atacasse Magnus novamente como já sabemos.

***

Após muito esperar, o velho mago montou novamente em seu cavalo e, quando estava de partida, um dos soldados dos morgrotes trouxe-lhe um cavalo ao qual Kitle logo reconheceu como sendo o de seu servo. Achou muito estranho que o cavalo tivesse aparecido ali sozinho, pois aquele em especial havia sido comprado recentemente e jamais havia feito uma viagem até a Floresta de Morgrom. Logo em seguida os homens que haviam saído para procurar Arntrus também voltaram, mas sem nenhuma novidade.

***

Arntrus mais uma vez esperou pacientemente até que Magnus fosse liberto das cavernas e, seguindo-o, viu onde havia escondido a bolsinha. Além disso, viu que a pegara novamente. Atacou meu amigo

próximo ao rio e matou seu cavalo, após cometer mais esse ato de crueldade, o seguiu até El Passajero.

Todos olhavam de modo estranho para aquele homem que andava calmamente nas ruas de El Passajero. Certamente era algum viajante vindo de longe, pois jamais haviam visto tão estranha figura por ali. O homem parou em uma pequena venda, colocou a mão em um dos bolsos de seu longo casaco e tirou uma bolsa que, pelo volume e pelo barulho, estava repleta de peças de ouro e prata.

- Dê-me um pouco disto, disto e daquilo. – disse com uma voz sombria.

Era Arntrus que não desistia de sua corrida atrás de reconhecimento através da bolsinha, se ele conseguisse pegá-la, transformaria os planos de Kitle em pó. Poderia vender o seu conteúdo para os inimigos dos magos Senhores do Norte, Sul, Leste e Oeste. Já estava cheio de ser deixado de lado, de ser tratado como um reles empregado, ou melhor, escravo! Era isso em que ele havia se tornado, um escravo, pois não fazia nada a não ser cumprir as ordens e defender os interesses de Kitle.

Sim, ele conseguira localizar Magnus novamente, mas havia permanecido encolhido enquanto o seguia, pois sabia que ele se dirigia para a cidade mais próxima e, enquanto pensasse que o havia despistado, não suspeitaria que ele estivesse preparando-se ainda mais para enfrentar uma dura jornada caso fosse preciso segui-lo por mais tempo. Ele agora sabia onde Magnus morava e poderia usar isso caso meu amigo permanecesse irredutível em sua decisão de não lhe entregar a bolsinha.

Após o incidente na casa de Magnus, onde cortou o pescoço de Cínthia com a adaga, Arntrus pulou pela janela dos fundos e desapareceu definitivamente na mata fechada, deixando para trás Magnus com a esposa nos braços.

Capítulo 16 – A Guerra dos Povos

A noite passou vagarosamente, estava muito ansioso e não consegui dormir logo que me deitei. Mal podia acreditar que, depois de tantas confusões e desencontros estávamos, apesar da perda de Modiat, novamente reunidos e decididos a cumprir nossa missão. Passei a noite pensando em tudo que havia acontecido até ali e dei graças ao Ser supremo por ainda estar vivo e bem, por ter encontrado minha verdadeira família e por ter conseguido tantos amigos ao longo dessa jornada. Quando dei por conta, o sol já batia em minha janela, era manhã.

Levantei-me e Miriam estava de pé à porta, observando o nascer de um belo dia. Aproximei-me e conversei um pouco com ela a respeito da melhor maneira para cumprirmos nosso objetivo. Trocamos algumas ideias, o que me ajudou a tomar uma decisão. Decididamente não havia tempo a perder e seria indiferente enfrentar a besta de dia ou de noite. Certamente não haveria muitos ladrões pelo caminho, pois o nossa fama já havia se espalhado em muitos lugares e, além do mais, tínhamos um grupo forte capaz de resistir a muitos perigos. Concordamos que deveríamos tomar nosso desjejum e partir logo em seguida.

Segundo Angillus, a montanha não ficava muito longe, então não precisaríamos carregar muitas coisas além de nossas armas, um pouco de água e talvez uma quantidade muito reduzida de comida. Fizemos os últimos preparativos e saímos.

- Espere um pouco, aonde pensas que vais, Nikola?

- Vou junto contigo!

- Sabes bem o que teu pai pensa disso e eu prometi não levá-lo, não posso quebrar minha promessa. Além do mais será muito perigoso.

- Ora, isso é um monte de besteiras, tu não és muito mais velho que eu, se podes ir eu também posso e, além do mais, não sou obrigado a te obedecer, basta dizer ao meu pai que fui contra sua vontade e pronto. Além disso, estive contigo em outras aventuras perigosas, se pudemos matar uma serpente gigante o que não poderemos enfrentar?

- Não deves fazer isso, Nikola, se tivesse um pai eu nunca o desobedeceria, mas como nunca tive um pai...

- Ora, e Petro? Ele era teu pai e tu o mataste!

- Não fales idiotices, ele não era meu pai! Nunca foi e nunca será. Se quiseres vir conosco, venha, mas que fique claro que por mim tu ficarias aqui. – falei irritado.

- Irei, portanto. – Nikola pôs um ponto final no assunto.

Nossa comitiva deixou a Vila do Sol com alguma dificuldade, pois a cidade inteira aglomerou-se nos portões para ver-nos partir. Todos queriam ver e saudar “aquele que havia livrado a cidade” e que “havia desmascarado o traidor dos exércitos de Marcus”. Enquanto passávamos, muitos me cumprimentavam e, saudando-me, queriam me abraçar e agradecer, mas não percebiam que aquilo tudo atrasava ainda mais nossa missão. Após muitos minutos tentando nos desviar da multidão, finalmente conseguimos sair dos muros da cidade. Do lado de fora havia alguns cavalos preparados para nós, pois seria muito mais rápido e fácil, até mesmo para voltar portando o cristal.

Segundo os cálculos de Angillus, deveríamos chegar à montanha que procurávamos em, aproximadamente, cinco ou seis horas de marcha ininterrupta, mas como havíamos conseguido cavalos, em duas horas, mais ou menos, estaríamos atingindo nosso objetivo. Para quem havia caminhado dias e dias (como era o caso de todos nós), poder estar montados em cavalos era algo maravilhoso e, desse

modo, a viagem não seriam grande obstáculo. Entretanto, Angillus havia se esquecido de mencionar um pequeno detalhe: quase toda a jornada era uma subida e, sendo assim, os cavalos não podiam dar tudo de si, até mesmo pelo risco de quebrarem uma pata, pois havia uma vegetação rasteira que se emaranhava facilmente nas patas dos cavalos.

Apesar de todas as dificuldades enfrentadas até aquele ponto, nada parecia ser capaz de nos desanimar e de nos impedir de chegar até a montanha Naor. O que parecia mais animado de nós cinco era Nikola, ele jamais havia se imaginado fazendo parte de uma comitiva disposta a enfrentar todo e qualquer perigo para atingir seu objetivo, um grupo capaz de enfrentar e vencer os mais temidos ladrões e bestas que existissem na face da Terra. Miriam continuava desconfiando das intenções de Angillus e mantinha seu olhar vigilante sobre o velho.

O trote dos cinco cavalos ecoava pela floresta. Cortávamos o ar como flechas, pois não pretendíamos dar a oportunidade de algum novo adversário aproximar-se. Pretendíamos chegar até a montanha sem enfrentar nenhuma batalha de modo que nenhum de nós se ferisse e para não nos demorarmos muito naquela missão.

- Vejam! Quem se aproxima? – falei apontando para o interior da floresta de onde vinha um homem montado a cavalo.

- Não faço a mínima ideia! – respondeu Nikola.

- Droga! – berrou Barukz.

- O que foi? – perguntei.

- Creio que seja o homem que estava seguindo Magnus pela floresta. – respondeu ele.

- O que faremos? – perguntou Nikola.

- Tomaremos cuidado com as flechas. – respondeu Angillus. – Ele é um covarde, jamais se aproxima. Fica atirando flechas de longe e fazendo ameaças. Creio que não precisemos nos preocupar, além do mais, o que aquele homem poderia fazer sozinho contra cinco de nós? Vamos apenas prosseguir em frente.

De fato, Angillus estava com a razão. A estranha figura nos seguiu durante todo o tempo, mas sem se atrever a nos atacar, pois também tínhamos arco e flechas, e nem mesmo nos dirigiu a palavra. Apesar de não me preocupar com ele, eu ficava bastante incomodado com sua presença, sentia que algo ruim iria acontecer por causa daquele homem.

Finalmente, após cerca de duas horas de viagem, chegamos ao pé do monte Naor e nos deparamos com uma grande fenda na montanha. Imaginamos que deveríamos entrar naquela fenda, pois o cristal certamente estaria ali dentro. “Mais cavernas não!”- pensei. Entramos na caverna ainda montados em nossos cavalos, mas visto que era um pouco escuro lá dentro, julgamos que não seria prudente continuar montados. Amarramos nossos cavalos em algumas pedras e seguimos a pé. Havia o barulho de gotas d’água pingando em algum rio ou lago subterrâneo, nossos passos ecoavam pela caverna parecendo o caminhar de um grande exército. O lugar estava muito tranquilo e isso me incomodava, se havia realmente uma besta, onde ela estaria?

- Quando deverei começar a borrifar o pó? Não posso gastá-lo senão não encontraremos o cristal. – falei para os outros.

- Não creio que seja logo na entrada, Pistorius, deve haver uma câmara ou lugar mais reservado onde o cristal esteja...

- Ora, ora, o que temos aqui? O que traz esse grupo até o monte Naor? – indagou uma voz muito sinistra em meio à escuridão.

- Quem está aí? – perguntou Angillus.

- Ora, ora, sou eu quem deveria perguntar, afinal os intrusos aqui sois vós! – disse a voz novamente.

- Apareça de onde estiver para que possamos conversar e nos apresentar. – falei.

- Ora, ora, sou apenas um, vós sois cinco! Porque eu deveria aparecer? – disse ele.

- Prometemos não lhe fazer mal algum se nos prometerdes o mesmo. – falei outra vez.

- Ora, ora, muito bem... Deixe-me pensar. Apenas um de vós poderá se aproximar para que conversemos, deve deixar suas armas com os outros e vir até aqui.

- Sim, e porque deveria eu confiar que tu estás desarmado? – perguntei, enquanto os outros permaneciam em silêncio apenas observando.

- Ora, ora, tens razão não é mesmo? Mas... Não sou eu quem quer entrar nesta caverna, eu já moro aqui, se não queres fazer do meu jeito, podes virar-te e partir. – disse a voz seguida de uma pequena risada. – És tu quem decides.

- Está certo, deixarei minhas armas aqui e aproximar-me-ei a fim de conversarmos, mas exijo ao menos que te mostres e que conversemos num local onde haja alguma iluminação.

- Ora, ora, creio que dessa forma esteja bom para mim, pode aproximar-se então.

Aproximei-me da criatura com algum receio, não caminhei nem rápido nem devagar demais, pois não queria demonstrar meu medo e minha ansiedade. Pouco a pouco uma fraca luz começou a aumentar em um canto da caverna. Logo podia ver a criatura que conversava conosco. Parecia ser um homem, mas bem pequeno, tinha os braços e as pernas bem curtos, mas fortes. Na realidade parecia mais um Troll pequenininho. A criatura ficou olhando enquanto eu me aproximava sem dizer uma só palavra.

Aproximei-me e ele fez sinal com a cabeça para que eu me sentasse em uma pedra à sua frente. Sentei-me e o observei um pouco mais, ele igualmente ficou me observando. Depois de uma pequena pausa, finalmente falou:

- Ora, ora, criaste coragem, afinal? O tu e teus amigos querem em minha caverna?

- Bom, não tenho tempo a perder com enrolações e mentiras então irei direto ao ponto. Estamos procurando um cristal em especial e precisamos dele urgentemente, não me pergunte porque, pois eu também não sei, tudo o que sei é que preciso pegá-lo o quanto antes. O que sabes a respeito desse cristal?

- Ora, ora, vejo que és também um rapaz decidido. Qual seu nome?

- Pistorius Dantillus, e tu como te chamas?

- Ora, ora, queres saber a respeito do cristal e ainda queres saber meu nome? Quem sabe tudo no mundo comanda, quem não sabe apenas segue. Escolha, preferes saber meu nome ou saber sobre o cristal?

- Prefiro saber teu nome, o cristal posso encontrar por mim mesmo se for necessário. – fitei firmemente o estranho ser nos olhos.

- Ora, ora, muito bem, muito bem... Meu nome é Luno. Agora que já nos apresentamos podemos conversar, eu não contaria nada a um homem que não soubesse com quem fala, não se pode confiar sem ao menos saber-se o nome, correto?

- Poupe-me de suas filosofias, apenas conte-me onde está o cristal!

- Ora, ora, o cristal... Um cristal é uma substância mineral solidificada. As moléculas que compõem essa substância, organizam-se segundo determinados padrões, ou seja, arranjos tridimensionais fixos.

Observa-se, na natureza a existência de seis desses padrões, existem, portanto diferentes cristais. Mas não esse cristal. Esse não foi composto pela natureza, esse não foi composto como os outros. Um homem chamado Naor, ele é o responsável pela sua existência...

- Desculpe-me, mas já disse que não tenho tempo a perder, dirás onde está o cristal?

- Ora, ora. – disse ele num tom irado. – Não me interrompa! Muito bem! Há muitos e muitos anos, houve um grande conflito, uma grande batalha entre os maiores povos existentes. Os exércitos do norte estavam sendo derrotados e, em pouco tempo, não restaria mais ninguém dessa região. Naor era um bravo guerreiro e era dado às ciências da natureza. Num ato de desespero surgiu a ideia que salvaria os povos do norte. Naor convocou os maiores magos existentes na terra do norte e, tendo sete deles diante de si, ordenou que todos lançassem seus poderes numa certa quantidade de mineral. Isso gerou um campo de magia muito forte naqueles minerais. Naor então trabalhou arduamente e constituiu um cristal com aqueles minerais repletos da mais poderosa magia. Esse cristal tornou-se tão poderoso que foi capaz de ajudá-los a reverter a batalha e expulsar os invasores. Porém, isso tudo gerou um grande problema: O detentor do cristal tornava-se um homem extremamente poderoso e logo todos passaram a disputar para ver quem seria o portador daquele cristal. Desse modo, Naor percebeu que quando se tem tanto poder em suas mãos é necessário saber controlá-lo. Ele passou a ser vítima de perseguição e atentados contra sua vida, entendeu então que o preço do poder era muito alto e que não estava disposto a pagá-lo. Desde então, o cristal tem estado nesta caverna sobre a proteção de um guardião.

- A besta! – interrompi.

- Ora, ora, chame como quiser, mas não acho besta um nome muito bom.

- Pare de enrolar, diga-me onde está o cristal ou eu mesmo terei que procurar! Não percebes que não tenho tempo a perder com sua conversa.

Levantei-me e comecei a andar na direção de meus amigos, pois vi que se dependesse de Luno nunca encontraríamos o cristal. Quando me aproximava dos outros, vi Barukz correr em minha direção. Dando um grito, pulou e caiu no chão, gemendo de dor. Abaixei-me ao seu lado sem entender o que estava acontecendo. Barukz olhou-me e disse:

- Paguei minha dívida, agora estou livre...

- O que estás falando? – perguntei.

Barukz olhou para baixo. Desvirei seu corpo e vi um enorme espinho cravado em seu peito, bem no meio. Seu sangue saía e escorria pelo chão. Fiquei muito assustado e olhei para o lado. Vindo do fundo da caverna, um enorme animal com o corpo coberto de espinhos avançava em minha direção. Levantei-me e corri gritando para os outros terem cuidado com o que se aproximava. Senti-me muito mal ao ver Barukz morto em minha frente, ele havia sido enganado e morrera para pagar uma dívida que não era sua, ele fizera isso por achar que eu havia salvo sua vida uma vez.

- Ataquem, a besta está vindo! – eu gritava desesperado.

Todos pegaram suas armas e prepararam-se para enfrentar o monstro que se aproximava, finalmente havíamos encontrado a besta guardiã do cristal.

- Lembrem-se, devemos ter certeza que a besta está morta senão ela nos seguirá onde quer que levemos o cristal! – gritou Miriam.

Mal ela acabou de falar e uma rajada de espinhos voou do corpo daquele enorme monstro que parecia uma espécie de urso gigante, mas a diferença era que ele tinha espinhos espalhados pelo corpo todo, especialmente pelas costas. O monstro dobrava-se para frente e, com um gemido, o que fazia crer que aquilo doía, lançava vários dos espinhos que estavam em suas costas. Angillus tentou atingi-lo com

alguma mágica, mas o monstro não parecia se intimidar com isso, a cada tentativa de nos aproximarmos, uma nova rajada de espinhos vinha em nossa direção. Tínhamos que usar nossas armas para nos defender, mesmo assim um espinho quase acertou a cabeça de Nikola que desviou no último instante.

A fera não parecia desistir por nada, Miriam pegou o arco e suas flechas e começou a disparar seguidamente contra o enorme animal, as flechas cravavam em seu corpo mas a besta não parecia ser afetada, ela simplesmente as arrancava com uma das patas dianteiras e continuava lançando seus espinhos. Resolvemos nos aproximar e atacar com nossas espadas, o bicho começou a recuar, mas ainda nos atacava e rebatia nossos golpes. Nikola tentou partir para cima com tudo, mas eu o impedi bem a tempo de evitar que ele fosse esmagado, pois a besta deixou seu enorme corpo cair em cima das patas da frente.

Lembrei-me da serpente que enfrentamos, dessa vez não havia jeito de entrar na boca do monstro que nos atacava e matá-lo por dentro. A cena tornou-se um tanto surreal para mim, pois comecei a refletir sobre uma maneira de matar a besta:

- É lógico! – gritei.

Por um segundo, todos, inclusive a fera, pararam para me olhar e meu grito ecoou pela caverna. Com toda aquela confusão, esquecera que eu havia descoberto como fazer para adquirir aquele estranho poder que me ajudara tantas outras vezes de modo misterioso. Bastava eu concentrar minha mente em meu tio (que antes julgava ser meu pai) e pedir que esteja comigo neste momento de aflição, pois sei que esta é uma causa nobre. Com esse pensamento e um firme propósito, concentrei-me o máximo que pude e pedi a meu tio que estivesse comigo, que nossas forças se juntassem e que, com a benção do Divino, eu pudesse vencer aquela criatura.

Alguns segundos depois de pensar com firmeza nisso, senti um ardor correr pelo meu corpo, senti aquele fogo correr em minhas veias novamente e, mais uma vez, meus olhos brilharam. Quando isso aconteceu, Angillus, que nunca havia presenciado esse meu estado, assustou-se muito e pensou tratar-se de alguma bruxaria. Puxando-o para trás, Nikola explicou o que se passava. Todos abriram espaço e eu fiquei frente a frente com a enorme fera novamente.

O monstro ficou muito assustado, pois sentira que algo muito ruim estava acontecendo. Começou a disparar seus espinhos mais rápida e enfurecidamente do que anteriormente, consegui desviar-me de alguns e defender outros e parti como um louco para cima da besta, pois estava disposto a acabar com aquilo o quanto antes. Peguei minha espada e atirei-a com toda a força contra o bicho. A arma ficou cravada em seu peito e ele começou a se debater freneticamente. Corri em sua direção e, com dois golpes, quebrei-lhe as duas pernas, o bicho caiu no chão. Arranquei a espada de seu peito e o sangue começou a jorrar. Eu estava muito irado, pois aquele monstro havia tirado a vida de Barukz e eu me sentia culpado por isso. Finalmente peguei a espada com ambas as mãos e cravei em seu peito atravessando-lhe o coração. A besta deu um suspiro profundo e caiu morta em minha frente. Havíamos conseguido matá-la.

- Vamos mais para o fundo da caverna e tentemos encontrar o cristal! – gritou Miriam.

Corri para perto de Barukz e verifiquei que ele realmente estava morto, isso deixou-me extremamente triste, mas precisávamos prosseguir. Assim que voltasse, levaria seu corpo e o enterraria com grande honra. Sem mais tempo a perder fomos mais fundo na caverna, ela se estreitava cada vez mais e parecia haver uma estreita passagem um pouco mais à frente. Seguimos o mais rápido que a escuridão nos permitia quando, repentinamente, algo passou em nossa frente e uma tocha se acendeu.

- Ora, ora, onde pensam que vão?

- Saia da frente, não temos tempo a perder contigo. - falou Nikola.

- Ora, ora, isso lá é jeito de falar comigo rapazinho?

Luno deu um salto à nossa frente e jogou a tocha que segurava no chão, fazendo com que se apagasse. Podíamos ver apenas um vulto mexendo-se rapidamente e, como que por mágica, logo ele estava aqui e ali e acertava golpes em todos nós numa velocidade incrível. Angillus caiu e machucou-se, mas ao cair encontrou a tocha apagada e com seu poder tornou a acendê-la. Luno passava por um e por outro, acertou-me um soco no rosto e derrubou também Miriam. Nós não podíamos fazer movimentos muito bruscos, pois poderíamos ferir-nos uns aos outros. Certamente Luno podia enxergar no escuro, pois movia-se com muita precisão, era realmente impressionante.

Nikola então correu para a saída da caverna e Luno o perseguiu. Meu primo esperou que ele se aproximasse o suficiente e quando aquele estranho ser achou que iria acertá-lo, Nikola jogou-se no chão de costas e deslizou por alguns centímetros. Porém, ao fazer isso, acertou-lhe ao mesmo tempo um golpe com a espada. Luno começou a sangrar e a gritar desesperadamente, parecia que nunca havia sido ferido antes, pois ficou muito assustado. Aproveitando-se da situação, Angillus levantou-se e, usando o fogo da tocha, lançou alguma espécie de magia no estranho ser da noite. Luno começou a se contorcer e a berrar muito, caiu no chão e ficou girando de um lado para o outro gritando palavras as quais não fui capaz de discernir. Logo em seguida, parou e ficou em silêncio. Parecia estar morto.

- Grande trabalho, garoto! – Miriam ajudou Nikola a se levantar.

- Muito obrigado, mas isso não foi nada, eu já ajudei a matar uma cobra gigante sabe...

Quando Nikola percebeu, já estava falando sozinho, pois Miriam ia novamente para o fundo da caverna. Angillus trouxe a tocha e, desse modo, pudemos enxergar o suficiente. Chegamos a uma pequena câmara onde havia dezenas de pedestais, o cristal poderia estar sobre qualquer um deles.

- Muito bem, esperem todos na entrada e tomem cuidado para garantir que mais nada se aproximará de nós. Entrarei sozinho, pois pode acontecer de um de nós esbarrar no cristal e derrubá-lo no chão, fazendo com que se quebre. Além do mais, tenho que jogar o pó e se todos ficarem mexendo não saberei onde joguei. – falei.

Desse modo, entrei sozinho na câmara e, pegando a bolsinha que ainda estava comigo, comecei a borrifar pequenas quantidades do pó em cima de cada pedestal. Porém, existiam muitos e eu tinha medo de que não desse para jogar em todos. Por esse motivo, procurava recolher um pouco do pó assim que verificava que o cristal não estava em determinado pedestal. Depois de tentar várias vezes, faltavam apenas mais três tentativas. Joguei um pouco de pó no primeiro pedestal e nada apareceu, joguei um pouco no segundo e nada encontrei também, só faltava um e certamente o cristal estaria lá.

Porém, qual não foi minha surpresa ao jogar o pó em cima do último pilar e ver que não havia nada lá. Eu tentara em todos os pilares e não havia encontrado o cristal, o que acontecera de errado? Será que o cristal estava em outro lugar? Peguei o bilhete que vinha na bolsinha e o reli: ...daí a necessidade deste pó, pois ele é o único elemento existente na Terra capaz de aderir ao cristal tornando-o desta forma visível. Ao chegar no local do cristal, deves borrifar um pouco deste pó ao redor, a fim de localizá-lo e pegá-lo para que possas trazer-me.

- Jogar ao redor, é isso! Estou procurando no lugar errado.

Comecei a espalhar o pó ao redor das pilastras num grande círculo e quando aproximei a tocha do chão, lá estava o cristal, preso à lateral de uma das pilastras. Peguei-o com toda a cautela e coloquei-o dentro da bolsinha prendendo-a novamente ao meu peito.

- Vamos embora daqui, não temos tempo a perder, já tenho o cristal.

- Dê-me a tocha, pois irei na frente. – falou Angillus.

Passei a tocha para o mago que começou a nos guiar para fora da montanha. Quando chegamos no local onde Barukz estava morto, recolhemos seu corpo e o levamos conosco. Pretendíamos colocá-lo em um dos cavalos, a fim de levá-lo e dar-lhe um enterro digno. Porém, quando chegamos à entrada da caverna, nossos cavalos não estavam mais lá.

- Maldição! – gritei. – Será que nunca vai dar nada certo? Eu não consigo acreditar nisso!

- Acalme-se, Pistorius, se desesperar não adiantará. – falou Miriam.

- Como posso ter calma? Precisamos voltar para a Vila do Sol e ainda seguir viagem pela Floresta das Sombras até Neoland. Não vamos fazer isso nunca sem nossos cavalos. Teremos que enfrentar ainda quantos inimigos até que possamos concluir nosso trabalho e nos livrar dessa incumbência?

- Vamos dar um jeito, não se preocupe. Na Vila do Sol certamente conseguirão outros cavalos para nós.

- Bom, enquanto isso, vamos correr! – falou Nikola.

- O que faremos com o corpo de Barukz? Não poderei carregá-lo até a Vila do Sol!

- Sinto muito, Pistorius, mas acho que teremos que deixá-lo aqui. – disse Miriam.

- Não podemos deixar o corpo dele largado para ser comido pelos animais.

- Cavemos então rapidamente uma cova rasa e depositemos seu corpo ali, mas não podemos demorar. – concluiu Angillus.

Nós quatro cavamos um buraco raso o mais rápido que conseguimos e enterramos Barukz. Depois disso recomeçamos nossa jornada pela floresta, mas o que nos consolava era que ao menos a volta seria toda morro abaixo o que facilitaria muito nossa caminhada. Estávamos andando por algum tempo, quando sentimos que alguém ou alguma coisa estava nos seguindo por cimas das árvores. No início pensamos que fosse o estranho homem encapuzado e começamos a tomar cuidado para não sermos atingidos por possíveis flechadas, mas para nossa surpresa, quem pulou à nossa frente foi Luno. Ele nos encarou por um minuto e disse:

- Ora, ora, porque essa cara de surpresa?

- Como nos encontrou aqui? – falei.

- Ora, ora, não pensastes que o guardião do cristal, ou a besta como tu disseste, era aquele animalzinho, não é mesmo? Aquele é só meu bichinho de estimação.

- Então a besta és tu? – perguntou Miriam assustada e surpresa.

Luno revirou os olhos e avançou para cima de Angillus, mas este conseguiu desviar-se do ataque inimigo, Miriam tentou atacá-lo, mas a besta desviou-se com grande habilidade e, com suas garras, arranhou profundamente o braço dela. Corri para ajudá-la, mas o inimigo deu um grande salto para trás. Quando estava no alto, por algum motivo, ele soltou um forte gemido e caiu com o rosto no chão. Em suas costas havia uma flecha cravada. Olhando para o lado, vimos Nikola com o arco e flecha em suas mãos. Enfurecido, ele se aproximou de Luno e disparou mais e mais flechas como se praticasse em um alvo. Já de pé, ao lado do inimigo, Nikola cheio de raiva disparou mais duas flechas e, pegando sua espada, arrancou a cabeça do maldito. Com um berro, ergueu a cabeça amputada pelos cabelos e depois atirou-a longe.

Ficamos atônitos com aquela cena, jamais poderíamos esperar uma atitude como aquela vinda de Nikola e, na verdade, nunca chegamos a saber o que o havia deixado tão enfurecido daquele modo, até mesmo porque ele próprio não soube nos explicar. Já livres desse perigo, seguimos viagem pela floresta escurecida pelo negror intenso da noite, o que nos deixava ainda mais apreensivos, pois tínhamos mais

quatro ou cinco horas para percorrer e ainda carregávamos o cristal. Eu estava muito preocupado com a história que Luno havia me contado sobre o cristal. Se ele podia tornar alguém tão poderoso, seria prudente entregá-lo a Kitle? E se ele o usasse com maus propósitos? Eu estaria entregando uma poderosa arma que lhe daria o domínio sobre muitos povos e isso não seria nada bom.

O resto da viagem transcorreu sem maiores problemas, não creio que houvesse mais tantos perigos na Floresta das Sombras depois de nossas aventuras por lá. Estávamos completamente exaustos e abatidos pela morte de Barukz e também pela de Modiat, mas estávamos satisfeitos por voltar à Vila do Sol com vida e com nosso objetivo cumprido. Quando fomos avistados na entrada da cidade, uma enorme multidão reuniu-se novamente para nos saudar. Fomos celebrados como verdadeiros heróis, ainda mais do que quando partimos.

De trás da multidão apareceu um homem que usava uma roupa preta comprida que lhe cobria até os pés, embora a roupa visivelmente não estivesse muito limpa, conservava um brilho estranho como se o velho estivesse emanando energia. Tinha na mão direita um grande cajado que ia do chão até a ponta de seu nariz, era Kitle.

- O que fazes aqui? – perguntei.

Ao ver Angillus, Kitle sentiu-se um pouco incomodado e evitou encará-lo diretamente, mas finalmente aproximou-se do outro mago, apertou-lhe a mão e disse:

- Muito obrigado, sabia que entenderias a gravidade da situação e nos ajudarias.

- Esperem, eu não estou entendendo nada. – falou Miriam

- Ora, pensas que só tu estavas me ajudando Mairim? – Kitle deu um sorriso.

- Esperem um pouco, agora quem entende menos ainda sou eu, que história é essa de Mairim? E vós já vos conhecíeis antes?

Kitle contou-nos como tudo havia acontecido, sobre como me escolhera para cumprir essa missão, falou a verdade sobre Miriam, ou melhor, Mairim. Contou-nos também que, devido a sua enorme preocupação, resolvera escrever uma carta para Angillus explicando que os bárbaros de outras terras estavam invadindo nossas vilas e cidades e que precisavam do cristal para defender-nos, pedindo assim que ajudasse. Nada daquilo havia sido por acaso, cada passo que dávamos era calculado friamente por Kitle, ele só não esperava que fôssemos sofrer tantos atrasos e também eliminar tantos problemas da Floresta das Sombras.

- Por que vieste até aqui Kitle?

- Não há mais tempo a perder, Neoland não é mais um lugar seguro e eu não poderia esperá-lo até que retornasse, portanto decidi vir até aqui ao teu encontro. Trouxeste o cristal?

- Sim, está aqui.

- Então entregue-me, pois preciso juntar-me aos outros magos o quanto antes.

Peguei a bolsinha para entregá-la a Kitle, mas uma flecha vinda do nada acertou-a em cheio e a atirou longe. Olhamos em todas as direções e, do alto de um dos muros, o homem encapuzado gritou:

- Não vais conseguir, maldito! Não vais conseguir o que pretendes!

- Quem és tu? – perguntou Kitle.

O homem tirou sua capa e atirou-a para longe.

- Arntrus! – exclamou Kitle surpreso.

- Isso mesmo, velho maldito, não vou permitir que consigas alcançar teus objetivos!

- Por que isso, Arntrus? Porque tu farias isso? Sempre cuidei de ti como a um filho.

- Ah! Não me faças rir, velho, tu me usaste como escravo esses anos todos e nunca fui nada além de um servo para ti.

- Não compreendo, poderias ter me falado algo ou até mesmo partido quando quisesses, és um homem livre, sabes bem disso. Lembre-se que tu bateste à minha porta e pediste para que eu te desse abrigo e nada te recusei. Porque nutres tamanho ódio por mim?

- Por que, velho maldito? Vou dizer-te o motivo. Lembras-te quando, há muitos e muitos anos, enfrentastes outro mago chamado Trizto? Ele era meu pai, sim seu maldito, ele era meu pai e tu o mataste. Porém, não contente com a morte de teu oponente tu tentaste matar a mulher dele, minha mãe, quando ela estava grávida, grávida de mim. Lançastes um feitiço horrível nela que não foi capaz de matá-la, mas transformou seu filho num monstro, uma aberração da natureza e aqui estou eu! Tu me transformaste nisto, seu maldito, nunca te perdoarei e agora destruirei seus planos e matar-te-ei, só assim minha vingança será completa. Prepare-se para morrer!

Ao dizer essas palavras, Arntrus pegou seu arco e uma flecha e, enquanto mirava em Kitle, caiu de cima do muro e morreu. Todos olharam espantados. Nas costas de Arntrus, na altura do pescoço, havia uma machadinha cravada. Uma voz veio de fora das muralhas.

- Eu jurei para mim mesmo que te mataria, maldito, mesmo que tivesse que ir ao inferno para te encontrar, mas vejo que foi bem mais fácil.

Corri para a entrada da cidade e lá estava Magnus com a mulher e o filho montados em cavalos. Ele contou-nos que Arntrus havia ferido sua esposa e que ela parecia ter morrido. Porém, quando menos esperava, ela reagiu e foi possível evitar sua morte. Como a notícia de que eu estava voltando para a Vila do sol se espalhou, os dois vieram me receber e aos meus amigos.

Kitle foi até a bolsinha em busca do cristal, mas quando a abriu, deu um grito desesperado:

- O cristal! Não pode ser, o cristal está quebrado!

- Como? Isso é impossível! – falaram várias pessoas ao mesmo tempo.

- Eu não acredito, eu falhei, eu falhei! – gritou Kitle desesperado. – O que direi aos outros membros do conselho? Não pode ser verdade...

Kitle, desesperado, juntou os pedaços do cristal e, montando em seu cavalo, saiu em disparada floresta afora, talvez com a intenção de arrumar um modo de consertá-lo. Quanto ao resto de nós, passamos dois dias na Vila do Sol descansando. Angillus e Miriam foram os primeiros a partir, mas logo iríamos nos reencontrar, pois o mundo já não era mais o mesmo, o fracasso de Kitle na missão do cristal iria render muitos prejuízos. Quanto a mim e Nikola, voltamos para Argna logo depois que Miriam partiu, Magnus resolveu partir conosco, levando sua mulher e o filho. Ele havia decidido que Argna ainda era o lugar mais seguro para morar, criar sua família, cuidar da recuperação de sua esposa e construir um lar muito feliz.

Todos nos aguardavam ansiosamente. O reencontro foi muito emocionante e todos se alegraram com as histórias que contamos. Nicanor ficou um pouco bravo no início quando soube que Nikola o desobedecera, mas depois de saber que seu filho havia sido um herói ficou muito feliz e orgulhoso.

Após conversar sobre o assunto com toda a família reunida, decidi casar-me com Lulika. Nem é preciso falar sobre sua felicidade ao receber a notícia. Ao contrário do que imaginávamos, todos fizeram muito gosto de que nos casássemos e logo a data foi marcada. Resolvemos continuar vivendo em Argna com nossos parentes. Nikola juntou-se finalmente aos exércitos da cidade e realizou seu sonho de preparar-se para um dia ser general de grandes exércitos assim como seu pai.

Segundo me consta, Kitle teve sérios problemas com o conselho dos magos e uma votação para que o cargo de Chefe do Conselho ficasse vago se iniciou. O mago corria o risco que tanto temera, ser rebaixado ou expulso, mas a decisão ficou adiada por tempo indeterminado devido a assuntos de emergência e maior importância.

Com a perda do cristal, foi impossível deter o avanço dos exércitos inimigos que fustigavam os habitantes da região. Desse modo, todos os homens pegaram em armas e foi travada a maior guerra da história da humanidade, guerra na qual também lutei, guerra essa conhecida até hoje como “A Guerra dos Povos”...

Mas essa é outra história...

Fim.

Table of Contents

Sinopse
Sobre o Autor
Capítulo 1 - O Nascer de Um Guerreiro
Capítulo 2 - Rumo ao Desconhecido
Capítulo 3 - Cavernas e Corredores
Capítulo 4 – Um Estranho Habitante
Capítulo 5 - Inesperada Companhia
Capítulo 6 - A Floresta Secreta
Capítulo 7 – Reencontro
Capítulo 8 – Doce e Amarga Vingança
Capítulo 9 - A Caminho da Vila do Sol
Capítulo 10 – Vagas Lembranças
Capítulo 11 – Rumando Para Casa
Capítulo 12 – O Livro da Genealogia
Capítulo 13 – Caminhos Cruzados
Capítulo 14 – Recomeços
Capítulo 15 - O Chefe do Conselho
Capítulo 16 – A Guerra dos Povos